



TAVARES BASTOS

(AURELIANO CANDIDO)

— 1839 — 1875 —

2069

Série 5.^a

BRASILIANA

Vol. 136

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

CARLOS PONTES

TAVARES BASTOS

(AURELIANO CANDIDO)

1839—1875



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo - Rio - Recife - Porto Alegre

1939

*A' minha cara Provincia das
Alagôas,*

HOMENAGEM

C. P.

POUCAS PALAVRAS

O autor quer, de publico, trazer os seus agradecimentos a todos aquelles que lhe proporcionaram os meios de pesquisas indispensaveis ao presente trabalho: a RODOLPHO GARCIA, digno director da Bibliotheca Nacional, que lhe facilitou, com uma solitudine que só os mestres conhecem, os elementos mais preciosos de investigação; a CASSIANO TAVARES BASTOS, representante da estirpe illustre do biographado, que lhe poz á disposição os valiosos papeis de familia, que possui; a WANDERLEY PINHO, que lhe forneceu do archivo do Barão de Cotegipe os documentos necessarios; a CASTRO AZEVEDO, que em Maceió mandou copiar espontaneamente varias e importantes peças dos manuscriptos do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.

Sobre Tavares Bastos muito se escreverá ainda; muito e melhor, o que não é difficil. Este livro, sem maiores pretensões, representa a primeira pedra trazida para o monumento do grande brasileiro. E, como toda pedra fundamental, tem apenas um valor symbolico.

Riq de Janeiro, 12 de Julho de 1938.

C. P.

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA

I N D I C E

PRIMEIRA PARTE

AMBIENTE ALAGOANO

CAPS.		
I	— Os Tavares Bastos	3
II	— Os dois rivaes	21
III	— Um reconhecimento de poderes	27
IV	— Novas lutas	42
V	— Perfil de um bandido	53
VI	— Ultimos encontros	63

SEGUNDA PARTE

UM DESTINO

CAPS.		
I	— Tavares Bastos	73
II	— A iniciação politica	94
III	— Os começos no Parlamento	114
IV	— A vingança do Solitario	131
V	— Das campanhas do Solitario	147
VI	— A reeleição	166
VII	— A grande causa	190
VIII	— Estrada de Damasco... ..	212
IX	— Omnis vallis exaltabitur	220
X	— O problema da abolição	241
XI	— A caminho do ostracismo	266
XII	— Em pleno ostracismo	281
XIII	— O apparecimento da "Provincia"	300
XIV	— Ultimos trabalhos	322
XV	— Ultimos tempos	343

PRIMEIRA PARTÉ

Ambiente Alagoano

Ma Province m'attire comme l'im-
muable.

FRANÇOIS MAURIAC.

CAPÍTULO I

OS TAVARES BASTOS

O NASCIMENTO DE AURELIANO -- SCENARIO
POLITICO DA PROVINCIA — A CIDADE DAS
ALAGÓAS.

O anno de 1839 abria o cyclo de perigosas lutas politicas que convulsionariam a Provincia das Alagôas, e cujas sangrentas consequencias extremariam inda mais os velhos odios das facções.

A transferencia, por ordem imperial, da Thesouraria de Fazenda, da Capital — Cidade das Alagôas — para a villa de Maceió, foi o motivo dramatico para a deflagração de nova crise.

A sensibilidade da velha cidade exaltou-e e todos os melindres locaes se alvoroçaram, ante o golpe governamental que prenunciava o desprestigio da metropole alagoana, em favor da villa, afortunada e promissora.

Ao presidente da Provincia, Dr. Agostinho da Silva Neves, cabia tão sómente, acatando a deliberação

superior, executal-a, sem outro exame. Não comprehendera assim a multidão, ferida na sua ternura regional. E as vozes do seu protesto encheram a cidade, num clangor de revolta.

Entregue pelo Juiz de Paz ao presidente uma representação, contendo innumeradas assignaturas, solicitando vehementemente o não cumprimento da ordem, o povo consegue serenar um pouco, ante a promessa do governo, de que despacharia, dois dias após, o pedido apresentado, sem entretanto dissimular a sua irritação.

Eis que surge no momento um joven ardoroso e eloquente agitador, que se não conforma com aquella dilatação e, aproveitando-se de um facto, todo particular, que lhe deveria ser pessoalmente desagradavel, delle tira o mais retumbante effeito theatral. O tribuno imprevisto acabava de receber uma carta, communicando-lhe que o presidente de Sergipe, attendendo aos protestos da população de Villa Nova, se recusaria a dar posse ao novo Juiz de Direito nomeado para aquella Comarca. E o magistrado assim ferido não era mais do que o proprio orador, que naquelle instante inflamava a multidão. E patheticamente exclama: "Assim deve proceder o administrador que tem affeição ao povo, emquanto que o presidente desta Provincia, de proposito, procura todos os meios para manifestar o seu odio aos habitantes da cidade das Alagôas".

Essas palavras foram o grito de guerra. A multidão, tão facil sempre de se deixar arrastar, como já observara Tito Livio — *facile multitudini persuasum* —

assalta o quartel de policia e o almoxarifado, e irrompe violenta a insurreição.

O tribuno — o Dr. José Tavares Bastos — estava sagrado o chefe civil do movimento. Ao chefe civil juntava-se o chefe militar, o Major Manoel Mendes da Fonseca, soldado impetuoso e decidido (1).

Sublevada a tropa, o presidente reduzia-se a uma simples autoridade nominal. Ilhado no Palacio, desobedecido, o Dr. Agostinho da Silva Neves manteve-se entretanto com certa dignidade e altivez. Com uma coragem passiva de fatalista, resistia aos reclamos de renuncia, até que a Camara Municipal, numa ultima e decisiva mensagem, o convence de resignar o cargo.

Acephalo o governo, a Camara convida o Dr. José Tavares Bastos — unico substituto eventual presente — a assumir o poder, na qualidade de quinto vice-presidente da Provincia. E elle que precipitara, com os arrosos demagogicos de sua eloquencia, o povo naquella aventura, via-se agora elevado a um posto de commando, de cuja precariedade em breve teria plena consciencia, e em cujo ephemero desempenho o aguardavam os mais amargos revezes.

José Tavares Bastos, um dos dezeseis filhos do miliciano portuguez, Joaquim Tavares Bastos e de D. Anna Felicia de Jesus Moraes, nasceu na comarca das Alagôas em 1813. O pae, varão de bôa tempera lusitana, natural da villa de Basto, chegara bem joven ao

(1) Pae de Deodoro da Fonseca.

Brasil, tendo sido na mocidade testemunha presencial de varios dos mais impressionantes episodios da nossa historia. Assim é que, encontrando-se no Rio de Janeiro em 1792, assistira á execução de Tiradentes. Fixando-se nas Alagoas, lá constituiu familia e exerceu diversas commissões, militares e civis, e, ao proclamar-se a Independência, prestou juramento como cidadão brasileiro, vindo a fallecer de um accidente aos cento e cinco annos de idade.

José Tavares Bastos, feitas as humanidades na terra natal, segue depois para Olinda, em cujo Curso Juridico se matricula em 1831. Alumno distincto, de intelligencia vivaz e precoce, o moço alagoano, ainda não concluidos os estudos, conquista em provas brilhantes a cadeira de Philosophia Racional e Moral, vencendo um concorrente valoroso, o Reverendo Dr. Francisco Maria Tavares.

Bacharel em Direito em 1836, vinha de uma geração academica das mais notaveis, geração que daria ao paiz os mais reputados homens de Estado e os mais altos cultores das letras juridicas, como Teixeira de Freitas, Nabuco de Araujo, João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, Saldanha Marinho, Angelo Ferraz, João Mauricio Wanderley, Souza Franco, Zacarias de Góes e Vasconcellos, etc.

O destino reservara-lhe entre taes condiscipulos illustres um adversario perigoso, com quem defrontaria na vida publica e com quem apaixonadamente se empenharia nas mais asperas competições...

Eleito deputado provincial em 1838, foi parte marcante de uma legislatura que se distinguiu pela audaz originalidade das suas deliberações.

O velho historiador e geographo alagoano, Thomaz do Bomfim Espindola, enumerando as principaes iniciativas daquella Assembléa, assignala-lhe os actos mais ousados, taes como o de usurpar ao Executivo a faculdade de nomear e remover Juizes de Direito, e o de se permittir legislar sobre organização judiciaria — attribuição da Assembléa Geral — criando em varias comarcas logares de prefeitos, cujas funções annullariam as exercidas então pelos Juizes de Paz (2).

Casa'do, quando ainda estudante, com D. Rosa Candida de Araujo, o joven politico via nascer na cidade das Alagôas, em 20 de Abril de 1839, o primeiro filho, que se chamaria Aureliano Candido Tavares Bastos (3).

O futuro Solitario da Tijuca teve assim, como Euripedes, o seu berço acalentado pelo fragor das armas...

* * *

(2) *Geographia Alagoana* ou *Descripção phys. polit. hist. da Provincia das Alagôas* — 1871 — Maceió.

(3) Aureliano teve cinco irmãos: Americo, nascido em 1840; Edméa, em 1842; Theonilla, em 1843; Cassiano, em 1844; Maria, em 1847. Cassiano foi um dos senadores alagoanos á primeira Constituinte Republicana e depois Desembargador da Córte de Appellação do Districto Federal. Vivem actualmente Edméa e Maria,

João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú e José Tavares Bastos, contemporaneos dos bancos academicos, mediam-se agora numa justa ingrata, inicio de acontecimentos mais graves que ensanguentariam ingloriamente a Provincia natal.

Encontrando-se na villa de Maceió e informado da rebelião, Sinimbú, na qualidade de primeiro vice-presidente, assume ahi o Governo, e conclama os municipios, para a defesa da ordem constitucional.

Estabelece-se assim a dualidade.

Homens da mesma geração, de identica formação intellectual, José Tavares Bastos e Sinimbú separam-se, como duas naturezas antagonicas.

Descendente de velhos caudilhos sertanejos, intelligente e sagaz, Sinimbú, com uma grande ambição de dominio, sabendo no entanto processal-a com methodo e fria decisão, era um adversario temivel.

José Tavares Bastos, impetuoso e eloquente, orador das objurgatorias atrevidas, entrava nas lutas sem calculo, deixando facilmente envolver-se pelas paixões do momento e por ellas arrastado a situações irreparaveis.

Physicamente os dois formavam o mais vivo contraste: Sinimbú, alto, elegante, de maneiras medidas, em que se reflectia a ponderação de cada attitude; José Tavares Bastos, baixo, com um corpo de criança, minusculo, era todo vibração e arrojo.

Sinimbú, com aquella rara disciplina de nervos, sabia prever os effeitos dos golpes desferidos, emquanto que o adversario — vibrante e leal — se dava sem

cautela, com uma certa temeridade ingenua do tribuno que, embriagado pelos proprios triumphos, se precipita muita vez inconsequente no rumo que os seus inimigos desejariam.

Alma forte, com a predestinação da luta, Sinimbú teve para formal-o uma escola magnifica de resistencia e de coragem. O pae, o Capitão de Ordenanças, Manoel Vieira Dantas — rebelde recalcitrante de 17 e de 24 — a mãe, D. Anna Maria José Lins — um desses impressionantes perfis de Cornelia nordestina — foram dois exemplares de bravura e de tenacidade bellicosa.

Fracassado o movimento da Confederação do Equador, nas Alagoas, Manoel Vieira Dantas, leal aos compromissos assumidos, bate-se denodadamente. Feito prisioneiro, é conduzido para Pernambuco. Condemnado á pena capital — depois commutada em degredo no Rio Negro — consegue evadir-se da prisão, graças á audacia romanesca de um seu filho que, á frente de um pequeno grupo, assalta o Convento do Carmo, no Recife, em cujo ergastulo se encontrava encerrado, dando-lhe fuga.

D. Anna Lins enfrenta então bravamente na sua propriedade rural em S. Miguel as forças leaes. Cercada de poucos amigos e dos seus escravos, offerece uma dessas desesperadas e heroicas resistencias.

Devastados os seus campos, incendiados os seus cannaviaes, vendo cahirem feridos varios dos seus fieis, luta, luta, até esgotar os ultimos e precarios recursos. Vencida, presa, recolhem-na á cadeia das Alagoas.

Acompanha-a nesse lance tragico o filho menor, unico que lhe ficara ao lado.

João Lins Vieira Cansação de Sinimbú conheceu o carcere em criança.

Essa amarga iniciação deveria annunciar um serio destino...

Dos paes, revolucionarios contumazes, herdara Sinimbú a tempera heroica e um certo appetite da luta, que lhe robusteceram e lhe sublimaram os graves instinctos de ordem.

O choque dos dois chefes alagoanos tomava uma forma interessante. Era desigual a peleja.

José Tavares Bastos, de sensivel formação juridica, comprehendia muito bem a fragilidade da conducta que adoptara.

Espirito de commando e lucido character de direcção, Sinimbú, no plano que se traçara, tornava-se inflexivel. A sua intelligencia equilibrada, sem quaesquer vôos imaginativos, era dessas boas e medias intelligencias — de limpidez total e repousada segurança — que, dentro do raio limitado do seu alcance, operam intensamente.

Armado de obstinada firmeza, assegurava-se facil o exito dos objectivos praticos que visava.

Assumindo o governo em Maceió, apercebe-se para o combate e envia á Camara Municipal das Alagoas esta energica e serena communicação: “Tendo chegado ao meu conhecimento que o Exmo. Snr. Presidente, Dr. Agostinho da Silva Neves, se achava capturado,

cercado de guardas, encerrado e sem comunicação dentro da Casa do Governo, achando-se por consequencia acephala a Provincia; cabendo-me em circumstancias taes assumir o Governo na qualidade de 1.º Vice-presidente escolhido por Decreto Imperial e já juramentado, assim o tenho feito, conservando-me nesta villa, que tenho designado séde interina do Governo, até que me conste haver deposto as armas a força que ahi se acha reunida, e posto em estado de liberdade o Presidente demittido, sem o que não julgo de minha dignidade recolher-me a essa Capital: o que communico para sua intelligencia e devida publicidade. Deus guarde a Vmcês — Palacio do Governo das Alagôas na Villa de Maceió, 30 de Outubro de 1839. — João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú — Snrs. Presidente e Vereadores da Camara Municipal das Alagôas”.

Emquanto assim agia, decido e rapido, o Governo de Maceió, o das Alagôas vacillava.

José Tavares Bastos pede á Camara Municipal que convide o primeiro vice-presidente a assumir o poder na Capital, e ao mesmo passo dirige-se ao rival intransigente, dando-lhe conhecimento de seus pacificos propositos.

E’ enviada uma delegação a Maceió, afim de expôr a Sinimbú a situação e scientifical-o da resolução da Camara. José Tavares Bastos escreve então uma carta em character particular a Sinimbú, em tom cordial, apesar das queixas que denuncia, fazendo-a acompa-

nhar da correspondencia official de que é portadora a delegação nomeada.

Na carta, é o antigo condiscipulo que fala, procurando no colleguismo uma inspiração para derimir o conflicto entre ambos: “Amigo Doutor Cansação — Nesta occasião vão algumas pessoas escolhidas relatar-lhe o verdadeiro estado de cousas nesta capital, e as funestas consequencias que poderão resultar no caso de que a prudencia e o patriotismo de todos não se interessem em arredar um futuro terrivel, que parece ameaçar-nos. Permitta-me, que usando da franqueza e liberdade, a que me dão direito as relações da amizade e do condiscipulado lhe diga que muito mal, e menos pensadamente obrou, quando assumiu as redeas da Administração Provincial, sem que o fizesse pelo meio regular, estabelecido por Lei. Se, para tomar a si o Governo Provincial algum Vice-presidente nomeado, em consequencia de falta, ou impedimento, do Presidente effectivo, bastasse sómente a noticia dessa falta, ou impedimento, e não fosse porém necessario a chamada e participação da Camara da Capital nos termos da Lei, teríamos então, que poderia dar-se o caso de exercerem ao mesmo tempo o Governo Provincial os seis Vice-presidentes. Espero portanto de sua prudencia, juizo esclarecido e amor ao nosso Paiz, que evite as consequencias de obrarem ao mesmo tempo na Provincia dois Vice-presidentes. Com os braços abertos e com aquella satisfação que deve ter um collega e amigo, eu o espero nesta cidade para lhe transpassar as redeas da

Administração, o que farei a todo tempo que aqui se apresentar. Quanto ao mais, se entenderá com as illustres pessoas, que compoem a commissão de que trato, e creia que é, e continua a ser — Seu Collega affectuoso, amante, e obrigadissimo — Bastos” (4).

A Camara Municipal em longa exposição dos factos subversivos, das suas causas e dos seus propositos, estranha tambem a attitude de Sinimbú, fazendo de Maceió séde do Governo e concita-o a vir receber do seu substituto o poder; e conclue entre a exhortação e a ameaça: “E se V. Ex. (o que não é de esperar) continuar a exercer sem as formalidades legaes as funcções de Vice-presidente, responderá ao Governo Imperial por qualquer rompimento hostile que apparecer possa entre o pacifico Povo desta Provincia. Espera portanto esta Camara, que V. Ex. attendendo á voz da Razão e ao grito de Paz, que em nome do Povo reclamamos, e finalmente por dever de humanidade, que as circumstancias exigem”, etc. etc. . .

As expansões de affecto do antigo condiscipulo e as suas razões de ordem juridica, reforçadas estas pela grave representação da Camara Municipal, em nada influiram no animo de Sinimbú que cada vez mais se mostrava irreconciliavel com a Capital rebelde.

Na correspondencia official da época, que se encontra no Archivo Nacional, vê-se com que desagrado tomou conhecimento de taes solicitações. No relatorio

(4) Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

enviado por elle ao ministro do Imperio, ao alludir a José Tavares Bastos, trata-o apenas de intruso, condemnando o que chama com acrimonia de *falta de escrupulo*, em se apparejar com os insurrectos para usurpar o poder, e, ao referir-se ao appello da Camara, accentua que era a intenção dos sediciosos reuuzil-o á situação de prisioneiro, identica á do presidente Neves.

A' carta particular de José Tavares Bastos, Sinimbú não dá rêsposta e á Camara se dirige nestes termos: "Profundamente magoado pelo estado de acerbação, em que se acham os espiritos nessa Capital, em virtude d'os ultimos acontecimentos occorridos, e desejando por todos os meios a meu alcance pôr termo á anarchia, que ameaça de envolver a Provincia, segundo me referem V.V. M.M. em seu officio datado de hontem, respondendo ao precitado officio sómente na parte em que me convidam recolher a essa Capital, tenho de declarar-lhes que nenhuma duvida terei de o fazer, logo que me conste haver a tropa, e o povo, que ahi se acha reunido deposto as armas, e em segurança, e liberdade a pessôa do Doutor Agostinho da Silva Neves, condições estas sem as quaes me não é possivel annuir á representação dessa Camara; mas que realizadas me obrigão a recolher á Capital da Provincia, continuando no exercicio do Governo, em que me acho, e empenhando todos os meus esforços para calmar os animos e restaurar a tranquillidade publica, tão gravemente alterada", etc., etc,

As exigencias apresentadas importavam na morte dos objectivos do proprio movimento, inaceitaveis portanto pelos alagoanos em armas.

Sinimbú não se perderia em jogos de bisantinismo juridico, para assegurar a ordem e salvar a Provincia da confusão e da anarchia.

José Tavares Bastos não possuia a *vis* do caudilho, o que o levava a querer emprestar uma apparente feição legal a um governo puramente anarchico, esforçando-se por provar-lhe a legitimidade. A noção subconsciente da lei decerto lhe embarçaria os surtos de revolucionario opportunista; dahi o engenho da dialectica em procurar accommodar a singularidade do seu caso dentro de habil interpretação constitucional.

Homem da ordem, Sinimbú, para mantel-a, iria até a violencia, com uma tranquillidade cesarea...

Irreductivel, toma as providencias de caracter militar que a hora reclama; organiza a contra-revolução, pede forças da Bahia, de Sergipe e de Pernambuco, reúne numerosos elementos da Guarda Nacional, desperta vibrante sentimento legalista na maioria dos municipios, criando ao mesmo passo o de hostilidade contra a capital rebellada, e prepara-se para o golpe definitivo.

Os revoltosos inquietam-se no isolamento a que se condemnaram. Nenhuma solidariedade expressiva lhes vem á causa compromettida. Sómente a Villa da Palmeira dos Índios, onde parentes de José Tavares Bastos

dispunham de certa influencia, tenta hesitantes sympathias.

Sem o apoio de outros nucleos da Provincia, graças á actividade ubiqua e á bravura de Sinimbú, a causa revolucionaria estava destinada ao desastre.

Resolvem os sediciosos embarcar o presidente Neves, então prisioneiro. Informado dessa resolução, Sinimbú della se aproveita para um impressionante golpe politico que o prestigiaria inda mais na opinião conservadora da Provincia.

Vindo de Maceió o navio que conduziria o presidente deposto, Sinimbú entrega ao commandante uma carta, cujo teôr sómente poderia ser conhecido, verificada a hypothese daquelle embarque.

A bordo, o Dr. Neves é informado dos dizeres reservados: “O Vice-presidente da Provincia ordena ao mestre do patacho *Dois Amigos* — José Paulo dos Reis — que no caso de se apresentar a seu bordo o Exmo. Dr. Agostinho da Silva Neves o receba como Presidente desta Provincia, pondo o navio á disposição do mesmo Exmo. Senhor para desembarcar neste porto de Maceió, ou qualquer outro da Provincia que por elle fôr designado. Palacio do Governo das Alagôas, em Maceió — 2 de Novembro de 1839 — João Lins Cansanção de Sinimbú”.

A Camara Municipal, receando que Sinimbú investisse do poder o presidente itinerante, dirige-lhe um of-

ficio em termos imperativos, a que elle redargue com decidida energia: “Em resposta ao officio de V.V. S.S. em data de hontem em que exigem de mim debaixo da responsabilidade, que não entregue as redeas do Governo desta Provincia ao Exmo. Snr. Dr. Agostinho da Silva Neves, tenho de responder-lhes que desembarcando esse mesmo Exmo. Snr. antes d’hontem á noite neste porto de Jaraguá e reconhecendo eu nelle o Presidente desta Provincia, persuadido como estou de que não pode ser desonerado dessas funcções senão pelo Governo de S. M. o Imperador que o nomeou, tenho entregado ao mesmo Exmo. Snr. como era do meu dever as redeas do Governo, achando-me desde então desonerado do exercicio dessas funcções. Não é certamente sobre mim que deve recahir a responsabilidade das consequencias dos factos criminosos praticados nessa Capital, que não tenha feito senão o que nas conjuncturas actuaes me cabia por Lei, o sangue que se vae derramar, os horrores da guerra civil, que parece imminente sobre esta pacifica Provincia, transformada de repente em theatro de guerra, tudo isso achará responsabilidades mais justas nas pessôas daquelles que, aproveitando-se da ignorancia do povo e bôa fé dos homens do campo, têm arvorado o estandarte da revolta na Capital da Provincia, insultando o Governo Supremo na pessoa de um seu delegado. Esses sim! terão de dar contas a Deus e ao mundo inteiro dos males que têm causado, se ainda recalcitrantes não se aproveitarem do momento actual, em que o Governo usando de toda a moderação lhes

dá tempo á reflexão para deporem as armas, recolhendo-se ás suas pacificas occupaões”, etc., etc... (5)

A critica situação dos sediciosos agrava-se a cada instante, o desanimo toma-lhes as hostes, e dá-se a dispersão.

Apparelhado de fortes elementos de defesa, recebidos os contingentes militares das provincias vizinhas, o representante da ordem legal inicia a acção restauradora. E' retomada sem resistencia a Capital. Foragidos os chefes, civil e militar — o Dr. José Tavares Bastos e o Major Manoel Mendes da Fonseca — são presos varios cabeças e decretadas medidas severas.

O chefe militar, Major Manoel Mendes da Fonseca, era um bravo soldado, que se batera ardorosamente na Revolução de 24, ao lado da legalidade, enquanto justamente em campo opposto se batiam os paes de Sinimbu.

No dia 14 de Novembro, o Dr. Agostinho da Silva Neves reassume na Capital rendida o governo da Provincia, convocando no dia immediato a Assembléa Provincial para uma reunião extraordinaria, que se verificou a 1 de Dezembro. Dessa convocação, excluia logo o presidente a oito deputados que julgava compromettidos no movimento, e chamava os supplentes respectivos. Com tal processo, a maioria governamental se asseguraria brilhantemente...

(5) Correspondencia official das Alagôas no Archivo Nacional.

Reunida a Assembléa, é proposta a mudança da Capital para Maceió. Da exposição que lhe envia o presidente da Provincia, destacam-se estes trechos significativos: “E’ publico que nesta sedição quasi todo este Municipio tomou parte, e como em nossa legislação se não acautelaram casos semelhantes, é claro que todos aquelles que se comprometteram, deverão ficar impunes, por terem de julgar uns aos outros. Figurae-vos agora, Senhores, a administração cercada de uma população infiel, onde as autoridades foram as primeiras em se mostrar hostis ao Governo, e vereis que nova luta se não vae estabelecer entre este e o povo; luta tanto mais impolitica, quanto o Governo para sustentar sua autoridade, e evitar nova surpresa, deverá conservar-se cercado de uma força extranha e permanente, superior á capacidade da Provincia.

“Tudo porém se remedia com a transferencia da Capital para aquella Villa: ali (justiça se faça: Maceió tem sido até hoje um dos pontos, onde o espirito da legalidade se conservou sempre firme) a administração desembaraçada destes tropeços, vae proseguir livremente sua carreira, fóra da terrivel influencia que infelizmente tem sempre predominado nesta cidade; e vós aproveitareis esta occasião, Senhores, para fazer o serviço mais importante á vossa Provincia.”

Approvado o projecto por quatorze votos, apesar da brava resistencia que lhe opõe Pontes Visgueiro, é sancionado; partindo o presidente no dia 15 de De-

zembro para Macció, onde a 16 inaugurava a nova Capital.

A Cidade das Alagôas, mortalmente castigada, pagava bem caro a sua rebeldia. Para ella começa um novo e sombrio destino...

Terra de gente simples e bôa, terra, como a Galliléa, de lagos e pescadores, a antiga Magdalena do Sul que soffrera heroicamente a devastação e o fogo do batavo invasor; ella — que daria á Provincia as glorias mais puras — via-se condemnada á decadencia e á ruina.

Despojada da sua pompa, afundava-se no abandono e na humildade, a que a solidão dos seus claustros e a poesia melancolica das suas aguas imprimem perennemente um tom doloroso de nobre e evocativa tristeza...

CAPITULO II

OS DOIS RIVAES

SINIMBÚ NA PRESIDENCIA DA PROVINCIA —
A ACTIVIDADE DE JOSÉ TAVARES BASTOS.

A permanencia do presidente Neves na nova Capital fôra por pouco tempo. A sua autoridade mal ferida pelo golpe dos sediciosos não tinha mais força para se manter.

Os governantes que por acção directa não conseguem dominar os movimentos que contra elles se desencadeiam, e voltam novamente ao poder, após os vexames de uma deposição, são meras sombras de autoridade.

Num posto de mando, ou se vence de um lance, ou se morre na defesa. Uma autoridade não pode sobreviver á humilhação que lhe inflijam os seus subordinados.

O homem indicado sem duvida para o instante alagoano era Sinimbú. A' sua coragem, energia e espirito de disciplina, se deveu o restabelecimento da ordem e

a jugulação da revolta. Deixando a propria mãe no leito agonizante, partira elle para encabeçar a contra-revolução e desdobrara-se na actividade, encarnando a resistencia, asseguradora da victoria.

Assim bem o comprehendera o Governo Imperial, nomeando-o, no mesmo anno, a 21 de Dezembro, Presidente effectivo das Alagôas. Sinimbú empossa-se no dia 11 de Janeiro seguinte e dispõe-se á tarefa de completo restauramento da legalidade, procurando preservar a Provincia de possiveis residuos subversivos.

Ao ministro do Imperio — o magistrado Manoel Antonio Galvão — annuncia Sinimbú que a Provincia goza de tranquillidade e mais os propositos de empregar todos os esforços para satisfazer e desempenhar a confiança do Governo, velando na exacta observancia das Leis, promovendo o bem e a prosperidade dos povos que lhe eram confiados.

A sua tarefa estava, porém, condemnada a frustrar-se.

Se a paz na Provincia se afigurava materialmente perfeita, pelo rythmo da aparelhagem juridica e pela extensão epidemica da vida constitucional, a desordem profunda nos espiritos, devorados pelas paixões mais contradictorias, crescia no entanto ameaçadoramente.

De nada valeria uma legalidade assim, apenas sentida atravez dos órgãos de policia, sem a resonancia interior da consciencia do momento.

Sinimbú, apesar da tempera energica, receava que as difficuldades se avolumassem, tornando-se invenciveis.

A desordem alagoana não foi mais — para empregar uma formula de Carlyle — do que *uma fracção do chãos*. Ella veio com as perturbações geraes que marcaram como que uma idade de crise da nacionalidade.

Nesse synchronismo terrivel, e dado o character pugnaz e ardente dos alagoanos, as lutas partidarias da Provincia tomariam bem facil os aspectos perigosos de verdadeiros conflictos pessoaes.

O clima da Regencia favorecia os surtos iterativos de taes movimentos, ao fogo de cuja elaboração se debatiam confusas as aspirações da politica brasileira.

Os adversarios de Sinimbú, a cuja frente José Tavares Bastos reaparecia, mais apaixonado e vibrante, seguiram nova tactica de combate. Vencidos pelas armas, adoptaram os processos mais cansativos de represalia, criando todos os obstaculos possiveis á marcha da administração da Provincia.

Verificou-se a previsão feita pelo presidente Neves, na Fala á Assembléa, quando suggerira a mudança da Capital.

Realmente, os sediciosos foram absolvidos pelo tribunal popular, cujo julgamento se proferiu por entre as aclamações mais enthusiasticas.

Contaram elles com a cumplicidade de todo um periodo da historia...

O chefe militar, o Major Manoel Mendes da Fonseca que, na occasião de ser retomada pelas forças legaes a cidade rebellada, não conseguira ser preso, surge em Sergipe a cujo presidente, que era seu companheiro

de armas, se apresenta, sendo conduzido para o Rio de Janeiro. Encerrado na fortaleza de Santa Cruz e submettido a conselho de guerra, foi tambem absolvido.

Restava tão somente o Dr. José Tavares Bastos, que pelo crime de responsabilidade dependia de julgamento do Supremo Tribunal. O processo que se encontra no Archivo Nacional é um documento precioso.

Formada a culpa no fôro do delicto — a cidade das Alagôas — e remettidos os autos depois para a Côrte, tudo isso sujeito a mil e um incidentes, ás prolações calculadas, aos recursos sinuosos, o processo foi-se arrastando longamente, de modo que, ao ser sorteada a lista dos ministros julgadores, já o decreto de amnistia de 22 de Agosto de 1840 tornaria sem effeito quaesquer pronunciamentos da justiça.

Emquanto isso, José Tavares Bastos reorganiza as hostes, tonificadas agora pela impunidade dos correligionarios, e intensifica as actividades opposicionistas.

Procedem-se as eleições locais e o resultado do pleito favorece á corrente hostile ao governo. Sinimbú, em officio reservado de 16 de Abril de 1840 ao ministro do Imperio, faz sentir as suas apprehensões: “Debaixo de maior augurio, Exmo. Snr., se tem desenvolvido o principio electivo, nesta Provincia: e não menos favoraveis foram os que presidiram ultimamente á escolha dos Membros d’Assembléa na presente Legislação! grande parte da qual ou partilhou indirectamente

dos desvarios de Outubro a Novembro do anno passado, ou nelles representaram o maior papel.” (6)

Aggravava-se assim a situação politica cada vez mais. José Tavares Bastos, reeleito deputado, conduz a maioria da Assembléa contra o presidente.

A volta da Capital para a velha cidade despojada fez-se o *leit-motiv* da nova campanha. Aquelle *irredentismo*, de effeito eleitoral, entreteve bem os espiritos nos manejos das ambições partidarias.

Sob os mais futeis pretextos, os deputados recusam-se reunir nos edificios de emergencia que a administração lhes designa, na Capital recém-inaugurada. Allegando falta de commodidade, protestam com falsa indignação contra os logares escolhidos.

Até para um templo se appellou, mas aquelles lycursos infieis desdenharam a hospitalidade sagrada. As paixões que traziam eram talvez demasiado humanas para se abrigarem sob o tecto do Senhor. . . .

Ante taes caprichos, manteve-se o impasse angustiante. Sinimbú, assoberbaído de difficuldades, comprehendendo ambiguo o apoio do Centro. Estava-lhe indicado o caminho da renuncia, não hesitou.

O seu caso, como tantos outros, soffria a fatalidade historica daquelles phenomenos politicos da Regencia que, segundo a imagem mecanica de Euclides da Cunha, se instituiu “como um ponderador das agita-

(6) Correspondencia official das Alagôas no Archivo Nacional,

ções nacionaes: um volante regulando a potencia re-
volta de tantas forças disparatadas”.

O presidente demissionario, na communicação official, dizia com altivez: “...se alguma gloria me cabe deste Governo é sahir com a consciencia segura de ter sabido desempenhar meus deveres, sustentando com honra e dignidade a autoridade do cargo que me fôra confiado.” (7)

A Cansação de Sinimbú succede, em 18 de Julho de 1840, Manoel Felizardo de Souza e Mello, que conheceu ainda nos começos da presidencia a acção da assembléa facciosa. Mais docil do que o antecessor, e dadas as promessas que a aurora do Segundo Reinado annunciaria, poude manter-se durante mais longo periodo, em que se attenuaram pelo menos em superficie os furores partidarios.

A Assembléa Provincial começou a funcção normalmente e o sonho da velha Capital se desfez, ante outros mais interessantes motivos de exaltação eleitoral.

José Tavares Bastos e Cansação de Sinimbú prepararam-se para a luta das urnas, para uma nova batalha, desta vez, incruenta e brilhante.

Vão pleitear a deputação geral, nas primeiras eleições que se ferem depois da Maioridade.

(7) Correspondencia official das Alagoas no Archivo Nacional,

CAPITULO III

UM RECONHECIMENTO DE PODERES

ANTONIO CARLOS E A VERDADE ELEITORAL
— A CAMARA DE 1840 E SEU ESTRANHO DESTINO.

As eleições alagoanas foram as que despertaram os debates mais vivazes, no seio da Commissão, entre as partes pleiteantes. E era natural...

Os dois grupos politicos vinham vincados pelas paixões mais cruas, e os seus chefes se defrontavam naquella scenario pacifico, depois de um recontro serio, em que houvera o appello ás armas. Defrontavam-se ainda carregados de rancor, em consequencia da luta violenta — dessas lutas terriveis de Cidades — cujos odios guardam a incandescencia dos odios florentinos.

A Antonio Carlos coube a defesa do parecer da Commissão de verificação de poderes. Ninguem mais do que elle possuia naquella assembléa auctoridade para empresa tão delicada.

Antigo ministro de Estado, o nome illustre ligado aos principaes acontecimentos politicos do paiz, a sua voz dispunha, entre os seus pares, de um prestigio singular.

Com os melhores recursos da palavra, tendo a coragem de fazer certas affirmações, que em outras bocas pareceriam cynicas ou inconsequentes, conduzia os debates no plano de um exame sem excesso e com a humana conformação das coisas. A dialectica habil sabia vencer as difficuldades e, quando necessario, as fugas do sophista...

Um deputado pelo Piauhy apresenta um requerimento, que defende com ardor 'demasiado, no sentido de não ser feita em globo a discussão do parecer. A proposta do representante piauihyense agita calorosamente o recinto.

O deputado Getulio, eleito por Minas Geraes, levanta-se e num pequeno e sensato discurso mostra a inconveniencia do requerimento daquelle collega. Pondera que se achavam já no dia 28 de Abril e a Camara teria de installar-se a 3 de Maio, de modo que se fosse approvada tal iniciativa, nem no prazo de quinze dias se ultimariam os trabalhos da Commissão. Além do mais, a tradição da casa não autorizava a sua approvação; pois era costume seguido discutir-se o parecer em globo, e depois votar-se separadamente a respeito de cada provincia. (8).

(8) *Annaes* da Camara dos Deputados — pag. 24 — Anno 1842,

Foi vencedor o ponto de vista do deputado Getulio, que teve a apoiar-o Antonio Carlos e a contrariar-o, entre outros, o representante pernambucano, Antonio Peregrino Maciel Monteiro.

José Tavares Bastos e João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu encontravam-se face a face, depois da sedição de 39.

A oportunidade convidava a um ajuste de contas em regra, mas os dois adversarios souberam guardar uma linha de discreção e de elegancia. Occultaram os seus rancores e scenicamente se esforçaram, no curso dos debates, por manter aquella serenidade de convenção.

Fôra aspera a campanha eleitoral. José Tavares Bastos tinha sobre o inimigo as vantagens da popularidade facil, que acompanha os revolucionarios vencidos.

A diathese messianica predispõe a fortuna dos agitadores e a sensibilidade collectiva, tão relapsa quasi sempre, improvisa muita vez precipitadamente os seus heroes.

Sinimbu batia-se pelo reconhecimento do irmão — Ignacio de Barros Vieira Cajueiro — cujo diploma José Tavares Bastos impugnava, defendendo os direitos do alliado — Francisco Elias Pereira. Com o seu ar de imperio, reservado, e firme, Sinimbu cautelosamente já ensaiava os tentaculos oligarchicos. Contra tal predominio, erguia-se José Tavares Bastos, e contra elle iria a nova luta, mais cruenta e mais atroz, em que o

sangue dos Tavares Bastos se sacrificaria. tornando tal vez intransponível o abysmo que os separava...

Homem de trinta e dois annos de idade, Sinimbú vinha pela primeira vez ao Parlamento Nacional.

Orador medido, como soube conservar-se até á velhice, defende a causa do irmão, que era a sua propria causa politica, com certo calor indignado.

Dobrado motivo, dizia elle, tenho para tomar parte nesta discussão. "De um lado o dever do cargo que exerço, pois que, como deputado, como representante da Provincia das Alagôas, tenho obrigação de empenhar todas as minhas forças, todos os meios ao meu alcance, para que, tratando da verificação dos poderes dos membros desta casa que, por parte daquella provincia, têm de tomar aqui assento, consiga que não seja adulterada a verdadeira escolha do voto eleitoral das Alagôas: de outro lado a minha dignidade pessoal, a minha honra exige que desfaça uma imputação calumniosa que sobre mim, ou sobre pessoas que me são conjuntas pelos mais estreitos laços de parentesco, tão ignominiosamente recae. Sim, senhores, nesta questão não está sómente empenhado o meu dever publico, porém, sim, e talvez ainda mais especialmente, a minha honra e o meu melindre, porque de nada menos somos accusados de que de ter concorrido para adulteração de uma acta eleitoral, na qual, subtrahindo-se votos a um candidato, augmentam-se a outro com prejuizo de terceiro,"

Examina demoradamente os pontos principaes dõ parecer, queixa-se da parcialidade do mesmo, que em hypotheses semelhantes adoptou criterios differentes, de maneira a sacrificar o diploma do irmão Cajueiro. Allude á má vontade e ao combate dos adversarios e, historiando os acontecimentos sediciosos de 1839, realça a sua acção legalista, de que resultou todo o furor dos inimigos e, não declinando o nome de José Tavares Bastos, a elle se refere, no vago de uma expressão desdenhosa: “Tendo se desenvolvido uma sedição na cidade das Alagôas em dias do mez de Outubro de 1839 e sedição, á testa da qual figurava uma pessoa que não está distante daqui, e que talvez mesmo se ache nesta casa, eu fui o primeiro que, como Vice-presidente, me puz á frente dos amantes da lei e dei ordem para suffocal-a, conseguindo installar no Governo o Presidente da Provincia que os sediciosos haviam conseguido embarcar para deportal-o”.

Depois de longas considerações, debatendo ponto por ponto o parecer, insinua que o resultado daquelle reconhecimento se subordinava aos interesses dos partidos que se esboçavam e que os adversarios já teriam empenhado os votos a determinada corrente. E com arrogancia, em que trahia o seu complexo sertanejo, conclue: “Digo-vos, e digo-vos com orgulho, que se para termos uma decisão favoravel da Camara necessario fosse empenhar nossos votos a qualquer que fosse o lado desta casa, affirmo-vos que antes desejaríamos

perdel-a! porque vale antes perder com orgulho do que vencer com baixeza”.

As ultimas expressões despertaram alguns rumores no recinto...

José Tavares Bastos, como o contendor, estreava-se tambem no Parlamento. Bem moço ainda, pois contava vinte e nove annos, dispondo de grande facilidade verbal, era um temperamento um pouco irrequieto. De uma pugnacidade nervosa, cujas vibrações se dispersavam em superficie, não possuia, como Sinimbú, aquella força de isolamento, que preserva as energias para os golpes definitivos.

Com a certeza da victoria, procura orientar sereno a resposta, revelando um surprehendente bom humor.

Observa que Sinimbú collocara a questão sob aspecto muito pessoal, o que criaria constrangimento para o exame livre do caso, pois affirmara que nelle a sua honra se achava empenhada. “Senhores, eu não vejo neste preambulo mais do que talvez um desejo de prevenir os animos dos nobres deputados, de predispor e alliciar em favor da causa que defende as attensões dos seus dignos collegas. E até mesmo, senhores, o nobre deputado tambem com essa circumstancia me alliciou, me moveu: é neste sentido honesto que tomo a palavra — alliciamento — que expressei: não é meu intento offendel-o. Direi porque, á vista dessa consideração que nos apresentou, de se achar comprometida a sua honra e a de seu illustre irmão, me acanhei; e já não falarei com aquella vehemencia que a gravidade

do caso exige. Limitar-me-ei, pois, á exposição da verdade historica"...

Sinimbú interrompe para dizer altivamente: "Agradeço: pode falar". José Tavares Bastos retruca: "Então pede e consente que eu fale com a clareza e a vehemencia que exige a gravidade do negocio?"

— Sinimbú: Sim Senhor.

— José Tavares Bastos: Pois bem, mas eu não me aproveitarei dessa franca faculdade, ou desse pedido do nobre deputado: regularéi o meu discurso pela dignidade de minha posição; não transcenderei os limites que o meu dever me traça.

Fechado o incidente, José Tavares Bastos passa a fazer critica da conducta eleitoral dos adversarios, e justifica o acerto da commissão de poderes, annullando o diploma do irmão de Sinimbú.

Qualifica de falsos os louros, com que o rival se pretendeu corôar, suppondo ter sido o dominador da sedição e accentua que no momento não existiam ainda partidos, e seria uma injuria admittir-se que alguém houvera já compromettido o voto.

"Fazendo justiça aos sentimentos de cada um dos meus nobres collegas, estou persuadido de que elles, todos elles, enquanto tratamos de nos constituir, de verificar os poderes que nos commetteu a nação, conhecem e entendem que aqui, e por ora, só deve haver um partido, um zelo, um interesse commum, o 'da dignidade da nação e da dignidade da casa".

Alludindo ás fraudes praticadas, exclama: “Senhores, é preciso que todos nos convençamos, que todos que nos contemplam saibam que é tentativa baldada, tentativa frustanea imaginar e commetter o crime com a esperança de permanecer elle encoberto. *Nec tibi celandi spes sit peccare paranti*. Não, o crime não se conserva encoberto; mais cedo ou mais tarde o dolo se manifesta e prova. A razão é clara: é Deus quem não quer e não consente que o dolo permaneça occulto — *Est Deus occultus qui vetat esse dolos*”.

A repítca, que foi demorada, desenvolveu-se com serenidade, apesar de vehemente em muitos pontos.

O seu ardego temperamento não se desatou em re- criminações excessivas. O triumpho se annunciava seguro, não iria perturbal-o com irritações inuteis. Victoria ephemera, aquella legislatura de 1842 estava condemnada a morrer no nascédoiro.

* * *

Antonio Carlos conheceu, no mesmo gráo, o esplendor do poder e a melancolia do ostracismo. O seu destino tocara áqueles extremos das cousas humanas, de que fala o orador sagrado. Na victoria com o seu orgulho, na derrota com a sua colera — dominador ou proscripto — o velho Andrada mantinha igual entono e majestade.

Imagens mais diversas povoaram aquellas horas procellosas e aquelles dias solares: A judicatura de Olinda, a Revolução de 17, o carcere da Bahia, as Côrtes

de Lisboa, a Constituição, a prisão, o exílio, o poder ... Uma vida cheia, que as emoções mais fortes e contradictorias dramatizaram!...

No curso daquella existencia de lances, por vezes incongruentes e caprichosos, havia a logica de uma natureza que se affirmava intensa dentro dos proprios erros.

Embebida de boas letras latinias, tinha-lhe a eloquencia, abundante e rica, a força do numero e as sugestões do dominio.

Na Camara de 42, se não era o mais velho, era entretanto o homem mais vivido, o homem a quem a vida dera as sensações e as experiencias mais profundas. Não se lhe podia disputar a preponderancia.

Antonio Carlos entrava na discussão, com familiaridade e firmeza. O que se ia debater em principio era o que se convencionara emphaticamente chamar de verdade eleitoral que, á semelhança das mediocres verdades quotidianas, não passa de meras e frageis apparencias...

A febre fria das eleições, na expressão de Trotsky, não lhe despertava certamente na alma nenhum espectáculo inquietante. Não sceptico, mas humano, e muito humano, para dar demasiada importancia a pequenas coisas que os homens criam como brincos tragicos... Aos appetites dos metaphysicos deixaria o trabalho de perquerir até onde se ocultariam as vertentes daquella verdade...

A politica é apenas um dos aspectos cambiantes da vida, na mobilidade de cujo curso o homem deve encontrar a advertencia para a propria tolerancia. “Le possible est une sorte de faculté”, ensina Paul Valéry.

Os factos têm em si uma fluidez que o observador preconceituoso não pode surprehender, dahi certos des-
encontros com a realidade ordinaria, o que leva a desastres irreparaveis muitas boas intenções.

Antonio Carlos, com a experiencia de tantos annos e a sabedoria de uma longa existencia, batida pelos acontecimentos mais duros, não se immobilizara em formulas hostis.

A carranca dos moralistas de circumstancia e o zelo dos catões episodicos não lhe inspiravam receio.

Waldeck Rousseau, que foi um estadista de verdade, e tão util á sua patria, encarecia corajosamente essa *politica opportunistica*. E affirmava que era preciso não se ter medo dos vocabulos.

O velho Andrada, se não a designava com tal precisão, cultivava-a no mesmo espirito. E assim é que na defesa do parecer da commissão de verificação de poderes, desembaraçadamente, dizia aos seus pares: “Quando se trata da verificação de poderes, a commissão que é para esse fim nomeada tem dois caminhos a seguir, ou a severidade catoniana, ou a indulgencia que se accomoda ás circumstancias de lugar e de tempo, da civilização ou ignorancia dos nossos committentes; e qual é a posição em que nós nos achamos? Seria possivel que a commissão, seria possivel que esta casa pu-

zessem em pratica um rigor que excedesse as regras da prudencia, que mais assemelharia á pharisaica dissimulação do que ao amor puro da justiça?”

Faz a distincção do que elle chama de regularidades essenciaes e regularidades accidentaes. “Essencial nas eleições é que o povo eleja livre e espontaneamente seus representantes, e que se cumpra á risca tudo aquillo que tende a conservar illesa a liberdade e a espontaneidade do povo nessa escolha; mas as formas que os ornã, que dão solemnidade ao acto são formas accidentaes”.

Estabelece por sua vez tambem umas tantas formulas, mas dentro dellas não se sente constrangido como num ergastulo, move-se livremente com a elasticidade de um gigante.

As formulas, sómente como pontos de partida, têm realidade.

Assim como se tomam linhas imaginarias para orientação de situações no mundo physico, porque não se admittir uma formula qualquer, como realidade inicial, para a direcção dos actos humanos, temporarios e fugidios?!...

Dahi a aferrar-se á superstição do abstracto vae um abysmo. Um discipulo de Carneade não entraria naquelle debate com outra alma. O velho Andrada, experimentado, contemplava a impaciencia dos moços cheios de ambições, indulgentemente.

Expõe os seus pontos de vista, que chocariam talvez os puritanos: “Senhores, eu já disse que não exijo

nas eleições exactidão pharisaica, que mais visa á apparencia do que á realidade; não considero o numero exagerado de votos como fundamento para nullidade, uma vez que o accrescimo é quasi igualmente repartido pelos differentes collegios, porque então o resultado final é o mesmo que haveria, se o numero de votos fosse realmente o que devia ser; eu o mostro. V. Excia. que é mathematico sabe muito bem que em mathematica erros se emendam com erros, quando um calculo vae errado em certo ponto, e que adiante se commette um erro differente, o resultado sahe exacto: que importa que se seja eleito pela maioria de 4000 ou pela de 2000 votos, se em todo caso a maioria é conhecida?"

Taes explicações mereceram da *Sentinella da Monarchia*, orgão que recebia a inspiração de Bernardo de Vasconcellos, as satyras mais desabusadas. Tratando-o de deputado *dissoluto* (a Camara fôra dissolvida ainda na phase preparatoria) o jornal irreverente commentava: "Está bem, as vestaes ficar-se-ão chamando, d'ora em diante, eleições mathematicas".

E, alludindo aos applausos que as palavras do velho Andrada conquistara, dizia: "Está bem visto que os eleitos do cacête haviam de cobrir de *apoiados* a idéa anarchisadora do seu companheiro de fortuna" (9).

Antonio Carlos, já dois annos antes, quando ministro do Imperio no primeiro Gabinete do Segundo

(9) *Sentinella da Monarchia* — Rio — 4 de Maio de 1842.

Reinado, proclamara com emphase: “Estes cabellos embranqueceram até agora nos caminhos da verdade e da virtude, de pequenas cousas não faço caso.” (10)

Não seria, pois, essa verdadezinha furta-côr, das contendias eleitoraes, que embarçaria os passos de quem se acostumara áquelles largos caminhos!...

Falando da tendencia dos homens de governo para o arbitrio, julgando sempre que a propria opinião é a melhor, define-se, assim, em contraste com o irmão José Bonifacio: “Eu sou irmão de um homem que grandes serviços, e bem mal pagos, fez á nossa terra, affeiçãoado porém muito ao arbitrio, porque julgava elle que, exercendo-o, tudo iria bem: eu amo muito o meu paiz, dizia elle: concordo, respondia eu; o que eu quero é o seu bem. — Parece, dizia eu; logo tudo o que eu quero é justo; duvido, respondia eu! Eis aqui, o typo do governo era meu irmão, o typo do deputado era eu”.

Passa a fazer a defesa do parecer, na parte relativa ás eleições alagoanas. Respondendo á critica de Sinimbú, cuja inexperiencia e mocidade accentua, tem em certa altura um recurso surprehendente. Sinimbú mostrara que em dois casos iguaes a commissão adoptara criterios oppostos. As eleições do collegio de Atalaia foram perturbadas, mas a commissão acceita-as, louvando-se na palavra do presidente da Provincia. O resultado dellas desfavorecta a causa que Sinimbú plei-

(10) *Annaes* de 1840 — vol. II — pag. 399,

teava. Em Matta Grande, verificaram-se os mesmos factos e a opinião do presidente da Provincia fôra igual á dada no caso anterior, mas a commissão nessa hypothese despreza a palavra do presidente das Alagôas e não apura taes eleições, que José Tavares Bastos impugnara por aproveitarem ao adversario.

Antonio Carlos, respondendo á critica de Sinimbú que frisara tal incoherencia, faz uma distincção espeziosa entre os dois casos: “O nobre deputado pelas Alagôas disse que, tendo nós dado peso a um officio do nosso nobre collega, presidente das Alagôas, não demos peso a um outro documento sobre a falsificação da authentica de Matta Grande. Digo ao nobre deputado que não ha paridade; em um caso, o nosso collega obrava como presidente, officialmente; devia saber o que na sua provincia tinha havido, se aquelle collegio tinha procedido ou não em regra; no outro caso ha opinião de um homem que parecia não convencer da adulteração; em um caso tinha direito a pleno credito, em outro apenas podia esperar a attenção que lhe desse a razão, e nada mais”.

Estava lavrada a sentença. Sinimbú vencido requer votação nominal para o parecer, o que é negado. O parecer, tal qual sahiu do seio da commissão, foi approvado pelo plenario.

Naquella legislatura fugaz se reuniram uns tantos perfis curiosos. Pelo Pará viera a figura desconcertante desse bacharel coimbrão, Felippe Alberto Patroni Martins Maçiel Parente — vesânico e fulgurante —

saturado de letras classicas, tendo na memoria todos os livros sagrados, falando e escrevendo latim, como se fôra a propria lingua vernacula.

No autor da *Algebra Politica* e da *Biblia do Justo Meio*, encyclopedico e dispersivo, prolixo e abstruso, sentiam-se rajadas de genio e descargas de loucura.

O Maranhão mandara Luiz Alves de Lima — o futuro Duque de Caxias — e o Piauí o seu tio, o Visconde de Magé, José Joaquim de Lima e Silva. Ceará elegera Salles Torres-Homem; Pernambuco, Maciel Monteiro e Nunes Machado; Rio de Janeiro, Paulino de Souza — o futuro Uruguay — e Rodrigues Torres — o futuro Itaboraí; Minas Geraes, Theophilo Ottoni e Limpo de Abreu; São Paulo, Antonio Carlos e Martim Francisco.

Por decreto de 1.º de Maio era dissolvida, antes da installação solemne, a Camara temporaria. José Tavares Bastos e João Lins Vieira Cansação de Sinimbu voltavam para a Provincia e iam recommear a luta, desta vez mais odienta e perigosa...

CAPITULO IV

NOVAS LUTAS

OS DOIS PARTIDOS: LISOS E CABELLUDOS — PRESIDENCIA SOUZA FRANCO.

O novo pleito ia revestir-se do mais intenso interesse. Sinimbú, derrotado anteriormente na pessoa do irmão, empunha agora os instrumentos de violencia, mais efficazes para a desforra.

A victoria fugaz do adversario ferira-lhe o amor proprio e a dignidade tribal.

Contando com o apoio do presidente da Provincia, tambem candidato a deputado (11), faz, aos chefes eleitoraes dos nucleos mais importantes, recommendações severas.

A alegria feroz da represalia, de que fala Leon Blum, já lhe tocava antecipadamente o coração orgulhoso, ante as promessas das medidas constringedoras,

(11) Manoel Felizardo de Souza e Mello.

Conseguiu logo a nomeação de um dos irmãos — o Tenente Coronel Manoel Duarte Ferreira Ferro — futuro Barão de Jequiá — para o cargo de recrutador geral, e esse posto naquelles tempos valia por algumas bôas centenas de eleitores...

A palavra de ordem era combater a todo o transe a reeleição de José Tavares Bastos. Travava-se uma guerra de morte; aos correligionarios todos os favores — aos adversarios todos os sacrificios.

Numas notas ineditas de Leite Pitanga, contemporaneo dos factos, e que se encontram na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional, ha umas tantas indicações valiosas.

Conta elle que intimada a familia, que dispunha de grande prestigio na villa de Anadia, a acompanhar a antipathica attitude de Sinimbú, ella se rebela e apresta-se para a luta, em favor do candidato perseguido.

Com tal programma eleitoral, o *clan* Sinimbú obteve triumpho completo e José Tavares Bastos sahi derrotado.

Esse entreacto prepararia a futura tragedia...

Sinimbú e o irmão Cajueiro, sagrados, como se dizia, pela verdade das urnas, partiram para a Côte e no Parlamento do Imperio iriam consolidar a influencia politica da familia.

José Tavares Bastos procura novo sector de acção e surge no jornalismo, á frente de *O Alagoano* que

apparece a 15 de Novembro de 1843, trazendo como legenda as palavras de Garnier-Pagés: *Celui qui parle exerce un droit, celui que se tait est infidèle à un devoir.*

O periodista vinha com a mesma flamma do tribuno, impetuoso e violento.

O programma do *O Alagoano* resumia-se em demolir, segundo a expressão favorita da época — a *oligarchia Sinimbú.*

Os amargores daquella derrota encontraram nas columnas do jornal uma evasão magnifica.

A popularidade do pamphletario crescia, criando em toda a Provincia o mais forte sentimento de hostilidade contra a familia poderosa.

Exacerbados os animos, a sociedade alagoana divide-se em dois partidos politicos irreconciliaveis, a que o povo deu o baptismo pittoresco de *Lisos e Cabelludos* — os primeiros orientados por José Tavares Bastos — os segundos por Cansação de Sinimbú.

Tal denominação perde-se nas brumas dos plebeismos anonymos, apesar de algumas tentativas desinteressantes de explicações conjecturaes.

Se os *Lisos e Cabelludos* houvessem conseguido um grande destino historico na vida nacional, os epithetos que os designam figurariam certamente em paginas solemnes, sujeitas ás interpretações mais caprichosas, com que se compraz o genio dos romanceadores da erudição.

Perdidos nos recantos provincianos, e consumidos nos brazeiros daquellas torvas paixões, deixaram apenas na tradição oral deformadora e nos vestígios do *folk-lore* local a memoria dos feitos sanguinarios que exaltaram por muito tempo a alma do sertanejo bellicoso.

Não são sómente os partidos modestos que conhecem essas humildes e equivocas origens. As duas grandes forças politicas da Inglaterra — os *Whigs* e os *Tories* — não tiveram nascimento mais nobre, ao contrario, os vocabulos que os nomeiam provêm das peores fontes.

E, mais proximamente, temos os partidos da Russia moderna — o de Lenine e o de Martof — significando — *Duros e Moles*.

Os odios que os *Lisos e Cabelludos* semearam attingiram ao paroxismo, dominando toda uma sociedade possuida da embriaguez sagrada da luta e da vingança.

As familias odiavam-se, sem saber porque, mas odiavam-se tremendamente, de modo que entre ellas se abria um desvão terrivel. Os peores odios são sempre aquelles que não se explicam.

No interior sobretudo os rancores se intensificaram e os choques entre adversarios tornavam-se mais frequentes, dada a contiguidade fatal.

Aquelles Capuletos do sertão nem ante um tumulo se apaziguariam: nelles o odio era mais forte do que o amor...

Souza Franco, da tribuna do Parlamento, para mostrar o gráo de exacerbação da Provincia, referira que

até as crianças, alardeando as procedências partidarias, fugiam á communicação uma das outras (12).

* * *

José Tavares Bastos tinha, como as procellarias, a volupia das tempestades. Já os céos alagoanos electrizados annunciavam a borrasca imminente...

Com a queda do Ministerio de 20 de Janeiro, de que faziam parte grandes figuras, como Carneiro Leão, Paulino de Souza e Rodrigues Torres, por um desses frivolos incidentes tão communs, criados pelo aulicismo da época, pois o motivara o facto de Sua Magestade não annuir na demissão de um inspector de Alfandega, ligado a Aureliano Coutinho, constituiu-se o novo Gabinete de 2 de Fevereiro de 1844, sendo a 24 de Maio seguinte decretada a dissolução da Camara.

Da situação que se inaugurava destacam-se Almeida Torres e Alves Branco. Sinimbú apoia a politica ministerial.

Ia haver nova consulta ás urnas, e o Gabinete apercebe-se para vencer as eleições e nomeia presidente das Alagoas, substituindo Anselmo Peretti, que se mantivera equidistante das facções, a Souza Franco, condiscipulo de Sinimbú em Olinda e seu amigo pessoal.

“Causou logo ciume e foi motivo de censura o facto de ter desembarcado o presidente em companhia do

(12) *Annaes da Camara dos Deputados*, Fevereiro de 1845.

Dr. Sinimbú, no mesmo escaler”, commenta um velho estudioso da historia alagoana (13).

O jornal de José Tavares Bastos começara com vivacidade a criticar a conducta de Souza Franco: “Depressa trilhou o caminho que conduz para o lado dos facciosos, aquelle em que se apartam os amigos da liberdade e da ordem.” (14)

O resultado do pleito municipal já havia favorecido aos *Cabelludos*, o que irritara inda mais os partidarios oppostos.

A revolta domina os espiritos, e os actos do novo governo, de ostensiva parcialidade, precipitam-na. Demissões em massa, tropelias policiaes pelo interior, preferencias acintosas, tudo isso levou novamente os alagoanos ás armas e a Provincia se conflagra.

A Capital é atacada e dominada pelas forças revolucionarias no dia 4 de Outubro, destacando-se, entre os chefes principaes, o intrepido senhor rural, José Vieira Peixoto (15).

Souza Franco refugia-se a bordo do hiate *Caçador*, surto no porto de Jaraguá, levando consigo varios pri-sioneiros politicos.

Os rebeldes prendem por sua vez, entre outras pessoas, um irmão de Sinimbú e, por intermedio da Ca-

(13) Pedro Paulino da Fonseca — Manuscriptos do Inst. Arch. Geog. Alagoano.

(14) *O Alagoano* — 4 Agosto — 1844.

(15) Tio e sogro de Floriano Peixoto.

mara Municipal, fazem conhecer ao presidente foragido as suas exigencias e as suas queixas: "Illmo. Exmo. Snr. V. Ex. quando saltou na provincia das Alagôas achou-a em perfeita paz e tranquillidade; mas logo nos primeiros instantes da administração de V. Ex. o povo alagoano vio com horror que V. Ex. estava illudido e governado pela facção Sinimbú, inimigo sanguinario dos alagoanos.

"Aindã assim, Exmo. Snr. o povo alagoano esperou pelas acções de V. Excia. e estas confirmam os seus temores.

"Demissões em massa dadas aos mais grados cidadãos que serviam os empregos publicos, e estes substituidos por os mais criminosos da provincia, prisões acintosas feitas a cidadãos pacificos, um recrutamento nunca visto, e a rêde dos summarios. Emfim, a força bruta dos destacamentos postados em todos os collegios parochiaes, para aterrar e vexar o povo, levou o desengano a todos os corações, que só a reacção podia salvar a provincia, visto V. Ex., o delegado do poder supremo, sempre por nós reverenciado, achar-se inteiramente coacto.

"Foi este estado de desesperação, pois, que obrigou uma parte da provincia que já não podia viver foragida nas brenhas a vir sobre a capital desassombrada da facção Sinimbú, e rehabilitar a V. Ex. para livremente dirigir o governo da provincia, este povo docil e obediente por instincto e indole; portanto, protesta o povo a V. Ex. que pode livremente saltar com

as seguintes condições: Primeira, que sejam soltos os presos não pronunciados, que se acham a bordo dessa embarcação de guerra, meramente para oppressão. Segunda, que V. Ex. mande reintegrar previamente a todos os empregados demittidos por V. Ex. cujas demissões foram dadas para saciar as vinganças da odiada facção Sinimbú. Terceira, que V. Ex. não empregará a força armada no acto das eleições geraes e provinciaes, como aconteceu na eleição de vereadores e juizes de paz. Quarta, que fará cessar as perseguições, que têm levado o pranto e a consternação ao seio das familias. Quinta, que não fará desembarcar força armada de outra provincia. O que acima pede o povo alagoano a V. Ex. é tudo em cumprimento das leis do Imperio, que garantem á nação livre exercicio do direito de votar. Se V. Ex. não quizer attender o povo, será o responsavel perante o Throno e Deus, de todos os males que têm acontecido e hão de acontecer, nesta desgraçada provincia.” (16)

Dadas as treguas para os entendimentos se processarem, soltos os prisioneiros de ambos os lados, os sediciosos refluem para os seus acampamentos, chegando ao mesmo passo tropas legaes de Pernambuco, e partindo outras com igual destino, sob o commando do brigadeiro Seara. Souza Franco ganhara tempo para se for-

(16) Notas do doc. n. 1054 pertencente aos manuscritos do Inst. Arch. Geog. Alagoano.

talecer e acabou enfim não satisfazendo nenhuma das reivindicações pleiteadas.

Recrudescem as violencias: em Porto Calvo praticam-se actos de selvageria, incendiam-se propriedades particulares. Os opposicionistas preparam-se para um outro ataque, este de consequencias tremendas, em 21 de Outubro.

Os politicos foram ás mattas do Jacuhype e conseguiram a collaboração do celebre bandido Vicente de Paula, para a nova aventura.

Segundo depoimento official, fizeram parte da embaixada temeraria um antigo magistrado que foi por muitos annos parlamentar, figurando até numa lista triplíce para senador — o juiz Matheus Casado de Araujo Lima Arnaud — e um sacerdote intelligente que tambem representou as Alagôas na Camara — o padre Afonso de Albuquerque Mello.

Com o apoio do chefe dos *Cabanos*, a luta derivava para a hediondez do banditismo.

Souza Franco precipita-se novamente para bordo do providencial *Caçador*, espavorido, ao saber que o Catilina das mattas batia ás portas da cidade...

Familias fogem para as provincias visinhas e a Guarda Nacional debanda em panico (17).

Os *Cabanos* invadem a Capital, entrincheiram-se nas casas e depredam-nas. A residencia do vice-consul in-

(17) Correspondencia official do presidente da Provincia — Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

glez, M. Burnett, é assaltada, apesar de protegida pelo pavilhão do seu paiz. Conta o insular ingenuo, escandalizado, que invocara o nome de Sua Majestade Britannica, a que os *Cabanos* arrogantes responderam, citando o do soberano de verdade que elles conheciam — Vicente de Paula — *Capitão e General de todas as mattas!* Ao proferirem tal nome e tal dignidade, descobriam-se respeitosaente (18).

Ferem-se combates sangrentos e as tropas vindas de Pernambuco, de cujas fileiras avultaria o perfil heroico de Pedro Ivo, portam-se com bravura e dominam logo importantes sectores. Novos e numerosos reforços conseguem romper o impeto dos insurgentes, fazendo-os recuar.

José Tavares Bastos recebe profundo golpe com o sacrificio do irmão que cahe em plena luta no interior conflagrado, juntamente com o prestigioso chefe local, seu correligionario e tio, o padre José Caetano de Moraes, vigario da Palmeira dos Indios.

Pelas informações officiaes, ambos teriam perecido em combate, mas segundo as versões constantes do tempo, não contrariadas, foram trucidados pela escolta que os conduzia já á prisão.

A morte do vigario Moraes foi de todos os episodios aquelle que produziu os resultados mais tenebrosos. Dois filhos sacrilegos que se celebrizaram nos fas-

(18) Exposição do vice-consul inglez — Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

tos do *cangaço* organizaram como que uma cruzada santa do crime e da vingança, e devastaram os sertões nordestinos.

Os *cabanos* de Vicente de Paula recolhem-se ás mattas protectoras e na desordem da dispersão praticam todos os horrores.

Os *Lisos* por causa da alliança fatidica com Vicente de Paula são vehementemente censurados. No Parlamento, Souza Franco, deputado pelo Pará, ainda sob a exaltação dos acontecimentos, lança estas hyperboles alarmadas, referindo-se ao bandido e ao entendimento d'elle com os politicos: "o monstro mais perverso de todo o Imperio", "um facto horroroso de que mesmo nos annaes do mundo não ha exemplo!" (19)

Sinimbú sahe novamente victorioso pelas armas, e derrotado José Tavares Bastos.

O presidente, que conhecera por duas vezes o embarque incommodo do hiate *Caçador*, estava, como o seu antigo collega Neves, tambem condemnado...

(19) *Annaes da Camara dos Deputados*, Fevereiro de 1845.

CAPITULO V

PERFIL DE UM BANDIDO

VICENTE DE PAULA — SUAS ORIGENS — A
CABANADA ALAGOANA.

Vicente Ferreira Tavares Coutinho, conhecido por Vicente de Paula, foi um dos bandidos mais curiosos do nordeste. O seu nome e as suas façanhas acham-se ligados a varios episodios da historia politica de Pernambuco e das Alagôas.

Não foi um chefe de bando — errante pelas caatingas e pelos sertões — perdido naquelle nomadismo torvo dos facinoras nordestinos em luta com as policias, perseguidos pelas autoridades, protegidos occasionalmente pelos *Coiteiros*; sem pouso certo, numa aspera e continua peregrinação — que valeria por uma pena — sujeitos a todas as inclemencias da terra e ás surpresas do destino. Não... Como os *Carbonarios* das florestas da Calabria e das montanhas dos Abruzzos, possuia tambem os seus dominios — que eram as matas do valle do Jacuhye — no municipio de Porto Calvo, na Provincia das Alagôas.

Não veio para o crime por um desses imperativos selvagens de honra sertaneja, vingando uma affronta terrível, a morte de um pae ou de um irmão, ou reivindicando algum direito, sacrificado pela justiça dos poderosos.

O bandido do nordeste é quasi sempre, originariamente, uma victima do Estado. O primeiro crime vem como um violento impulso punitivo, dahi por diante tudo mais se explica.

Não confiando na lei dos homens, faz-se o proprio justicador. Mata por vingança, mata depois para se defender e vae rolando assim até chegar ao profissionalismo hediondo.

O eminente advogado francez, Moro-Giafferri, numa brilhante conferencia, mostrou como o banditismo da Corsega nasceu das imperfeições da justiça: “En Corse, c’est la defaillance du juge qui a crée les bandits. L’amour de la justice, le sentiment que ceux qui en étaient chargés ne savaient pas la rendre, ont fini par persuader les hommes de là-bas qu’il fallait être isolé pour être libre qui mieux valait, après s’être signé, invoquer la protection du ciel et se battre”.

Vicente de Paula, apesar de impellido pelos mesmos instinctos, derivava, no entanto, de origens diferentes.

Surgiu pela primeira vez da confusão dos motins politicos em Pernambuco, em consequencia do movimento restaurador, apoiado pelo partido — *Columna* — entre cujos inspiradores se encontrava o magistrado Gustavo Adolpho de Aguilár Pantoja. Deflagrada a

guerra da *Cabanada* de Panellas de Miranda, em 1832, e morto em combate o caudilho Antonio Thimoteo que a dirigia, apparece de subito, improvisadamente, o novo chefe, mais audaz e mais terrivel.

Era uma figura singular, esse caboclo nordestino, de compleição solida, traços fortes, cabellos duros, peito largo de tribuno, ou de guerreiro, fronte vincada de obstinado, boca de labios anciosos, trahindo a cupidez e a luxuria. O nariz impertinente augmentava-lhe o tom de arrogancia da mascara, que o olhar obliquo attenuava, dando a impressão de astucia e de dissimulada perversidade.

Nascido nos fins do seculo dezoito, filho do vigario de Goyanna, o cabo de esquadra, desertor do Exercito Imperial — Vicente Ferreira Tavares Coutinho — assumia o commando das hostes *cabanas*.

Valente como as armas e dextro no manejo dellas, de bons musculos, preciso na pontaria, agil; de movimentos de uma elasticidade felina, o caboclo rebelde desdobrava-se na acção.

O seu prestigio impoz-se logo entre os commandados. Possuia bem forte o dom magnetico de comunicação, que conduz á disciplina, e que nos chefes é o segredo da autoridade.

Acossados pelas forças legaes, os *Cabanos* são desalojados, desbaratados, mas Vicente de Paula não se rende, e com os recursos reduzidos interna-se nas mat̃as. Funda-se ahi o seu imperio...

Campeão do absolutismo, lança uma proclamação aos alagoanos e rapidamente recompõe, no valle do Jacuhye, as legiões desfalcadas.

Escravos fugidos que vão ahi em busca de uma illusão de liberdade engrossam-lhe as fileiras, indios de velhos aldeamentos, egressos das prisões, profissionaes de todos os crimes, desertores das forças regulares; toda uma fauna, densa e sinistra, se reúne sob as suas ordens discrecionarias.

A fama do caudilho irradia-se por toda a Provincia, exaltando a imaginação popular, e a audacia dos feitos truculentos inquieta os governantes. Todas as povoações das proximidades lhe são tributarias. Os proprietarios ruraes, os agricultores abastados, ou são alliados discretos, ou se expõem aos horrores dos seus odios. Engenhos devastados, campos destruidos, assignalam a passagem ou a appareição daquelles barbaros.

Soberano das mattas, enfrenta os poderes publicos...

Vicente de Paula não era um bandido vulgar, havia qualquer coisa de civico na trama obscura daquella alma. Não o seduzia o banditismo anonymo dos cangaceiros do sertão; o d'elle requeria actividade de mais curso. Amava a desordem, mas a desordem de grandes massas, o fragor e a violencia dos choques collectivos, tudo isso confundido numa causa, cujo alcance e resultados lhe poderiam ser indifferentes.

Homem de multidões — *esse cum multitudine* — ao contacto dellas augmentava-se-lhe a coragem, á som-

bra de uma bandeira qualquer. A flammula que arvorasse podia trazer as cores mais contradictorias — absolutista, libertador, legalista, republicano, imperiaalista — tudo lhe servia, nada lhe importava, pois de tudo, apenas, tinha uma noção, vaga e instinctiva. O que queria era a luta, com aspereza e crueldade.

Nos seus dominios, havia de tudo: negros fugidos que formavam as legiões sinistras, conhecidas popularmente por *papa-meis*, indios pervertidos, transfugas das milicias, scelerados de todas as procedencias, até um ministro de Christo, o padre José Antonio, que elle incorporara ao sequito, em São Bento, e lá vivia no recesso tenebroso das mattas, com a tranquillidade feliz de um Druida nas florestas sagradas.

A'quella massa barbara, trabalhada pela fermentação dos sentimentos mais vis e pelos impulsos da mais perigosa rebeldia, elle soube impôr a unidade da obediencia. Sobre o tumulto de tão torvos instinctos, a autoridade do chefe pairava sem contraste.

Temido, tornara-se respeitado, dahi as allianças secretas com os chefetes locais, com quem mantinha o melhor commercio, pela reciprocidade de favores criminosos. Implacavel para com os inimigos, contra os quaes lançava os *papa-meis*, Vicente de Paula crescia de audacia e de força.

Tropas numerosas são enviadas para combatel-o; mas as mattas continuam inviolaveis. As sortidas ou-sadas que a tactica sinuosa do caboclo prepara surpre-hendem e desnorteiam os soldados do governo,

Contingentes militares estacionam em Porto Calvo e para lá segue o proprio presidente da Provincia, Pires Camargo, para melhor conhecer do exito das operações. Ao Governo Imperial informa Camargo que a rendição dos *cabanos* estaria por poucos dias, e os dias se succedem sem a victoria promettida.

As populações desarmadas é que pagavam caro as consequencias da luta. A cupidez do caudilho nada respeitava e nada escapava á rapinagem e á lubricidade dos asseclas.

Vicente de Paula tornou-se um symbolo de terror e os *papa-meis* um exercito mais temeroso do que os *Sanfedistas* do Cardeal Ruffo, quando assolaram as aldeias da Lucania.

Na *Fala* com que o presidente da Provincia, em 1.º de Dezembro de 1833, expoz ao Conselho Geral a situação creada pelos rebeldes, destacam-se estes trechos impressionantes: “Homens que mais se assemelham a uma horda de anthropophagos do que a cidadãos, sem principios, sem moral, e sem Religião, levados pelo unico instincto imitador das bestas ferozes, entre as quaes vivem, e favorecidos da posição, onde habitam, de mattas impenetraveis (Jacuhype e suas immedições) taes são os revoltosos e taes são as tropas com que temos empenhado uma luta tão porfiada, de balde o Governo tinha dado todas as providencias ao seu alcance para os chamar á ordem. Deixarei de dar uma relação, pormenor, de todas as circumstancias da guerra e das providencias que tem dado o Governo e

limitando-me aos topicos de seus principaes resultados; taes têm sido o esgotamento do Thesouro Publico que com ella tem dispendido quasi 300:000\$000, afora a divida por pagar que montará a 100:000\$000, a dissolução de um terreno immenso nos suburbios de Porto Calvo, a destruição de muitos engenhos, o definhamento da agricultura, a paralysação do commercio, a diminuição das rendas publicas e o que mais é, o derramamento de sangue e a perda da vida de muitos bravos defensores da lei" etc., etc. (20).

* * *

Impotentes os poderes da terra, interveiu então a Igreja.

O Bispo de Pernambuco resolveu deixar o palacio episcopal da Soledade, em Janeiro de 1835, e internar-se pelas brenhas em demanda do Jacuhype.

D. João da Purificação Marques Perdigão, sacerdote de virtudes preclaras, nasceu em Vianna do Castello em 1779, sendo sagrado bispo de Pernambuco em 1831. Condoído do destino de tantas ovelhas, desgraçadamente transviadas, decidiu-se ao sacrificio de uma jornada, incommoda e arriscada, afim de levar a paz áquellas regiões convulsas.

O seu *Itinerario*, publicado pela primeira vez na Revista do Instituto Historico (21), é um documento

(20) Revista do Instituto Arch. Geog. Alagoano, n. 14 — 4.^o vol. — 2 de Dezembro de 1881.

(21) Tomo LV. — parte primeira — 1892.

de piedade christã que enternece. A humildade, o devotamento, o heroismo modesto, de que se revestiu tão nobre missão, revelam a grandeza de alma do prelado illustre.

Levava elle a palavra de Deus e a promessa de amnistia.

Divulgada a noticia da presença do dignitario da Igreja, nas proximidades das zonas conflagradas, e conhecidos os propositos que o arrastaram até lá, enchem-se de estupefacção os *cabanos*, que começam a duvidar de que se tratasse de um bispo de verdade, suppondo uma mystificação e um ardid do governo. Observa assim D. Perdigão, no seu diario: — "... parecendo-lhes impossivel que eu me tivesse sujeitado a tantos incommodos, privações e riscos de vida por sua causa, imaginando ser bispo fingido pelo Governo para os illaquir. Tal é a sua esperteza, posto que dotados de muita rusticidade".

No dia 27 de Março, lê-se no *Itinerario*: "Neste dia escrevi a Vicente Ferreira de Paula, chefe dos *cabanos*, e segunda vez ao padre José Antonio, persuadindo-os a que se apresentassem".

O soberano das mattas não attende ao principe da Igreja. Negacêa o caudilho, e sob varios pretextos adia a entrevista, emquanto a acção suave e a bondade do prelado vão conseguindo alguns triumphos. Se aquelle novo Evangelho nas Selvas não se coroou de

exito total, ao menos attenuou grandemente os horrores do flagello.

O padre José Antonio, arrependido volta ao seio da Igreja, confiando de certo nas palavras do Psalmista — *Cor constrictum et humiliatum, Deus non despicies* — e centenas de *cabanos* se apresentam, retornando ás actividades pacificas.

Senhor das mattas, Vicente de Paula sabia que com o tempo os reductos seriam refeitos e os domínios mais solidos.

Os numerosos negros fugidos permaneceram fieis ao chefe; aquelle Deus, sob cuja inspiração falava o sacerdote, não era certamente o seu Deus. Não comprehendiam tal linguagem; voltarem para o convívio da sociedade christã, como lhes aconselhava o Apostolo, seria novamente o captivo, entregando-se sem defesa á colera dos senhores deshumanos.

As mattas immensas, cheias de perigos, eram ao menos uma promessa de libertação...

A Vicente de Paula informaram da morte de D. Pedro I, mas não quiz acreditar e para que acreditar, se com ella deveria desaparecer a razão da luta?...

Aquella natureza plebeia, rica de seivas anonymas, com a intensidade e a violencia de um homem do Renascimento, só sabia viver na desordem e no tumulto. Tamanha pujança exigia actividades energicas: deu-

lh'as o crime... Cumpria-se um destino como outro qualquer...

Os annos passaram, e o Jacuhype se repovoou, e em torno do caudilho, cujo nome se repetia, engrossaram as hordas dos bandidos.

E Vicente de Paula tornou-se uma potencia, para quem os politicos nos momentos de crise appellavam...

CAPITULO VI

ULTIMOS ENCONTROS

PRESIDENCIA LOPES GAMA — CAMINHOS DIF-
FERENTES — ANNUNCIAÇÃO.

Foi por demais penosa a impressão deixada pelo espectáculo da luta fratricida. A falta de tacto de Souza Franco concorreu para a aggravação da crise que de ha muito se processava, por entre tantas escabrosas ambições.

Desconhecendo o meio provinciano ou não querendo bem conhecê-lo, o anguloso presidente tornou-se o factor decisivo daquelle desfecho tragico.

Os seus dias estavam contados...

As violencias demasiadas e as duas fugidas nervosas para bordo, na hora delicada, desaconselhavam-lhe a permanencia no governo.

Aquelles dois embarques precipitados custaram ao profugo presidente alguns dissabores. Não fôra Souza Franco um homem de Estado, de qualidades affirma-

tivas, um dos financistas de mais nome do Imperio, teria sossobrado no ridiculo.

De vez em quando, era-lhe lembrado o feito menos heroico...

O jornal de Bernardo de Vasconcellos, num *comptendu* das sessões parlamentares, alvejara-o irreverente: "Tomou a vez o Souza Franco que se tem em conta de entendido nas *economias politicas*, e foi ás pautas das alfandegas com a mesma coragem com que se embarcou duas vezes no brigue-escuna — *Caçador*" (22).

Ao dar-se o primeiro choque, a Camara Municipal de Macció enviava ao Imperador, por intermedio do Senador Dantas (23), uma representação calorosa em que se pedia a substituição de Souza Franco. Nesse energico documento, visava-se principalmente a Sinimbú e sua grei: "Senhor. A administração imprudente do Dr. Bernardo de Souza Franco, governando a provincia por insinuações sómente de uma familia odiada pelos seus actos de maldade e perversidade, a que sempre se votou para supplantar e massacrar seus provincianos, deu causa a que hontem fosse esta capital cercada e tomada por forças de fóra, que se acham aquarteladas, compostas de pessoas perseguidas e proccessadas, que viviam nas brenhas por motivos de elei-

(22) *Sentinella da Monarchia* — 23 — Abril — 1845.

(23) O senador alagoano, Antonio Luiz Dantas de Barros Leite.

ções, em que o presidente da provincia empregou a força armada por todos os municipios, com inaudito procedimento de violencias aos cidadãos para que ou votassem nas pessoas indigitadas por seus agentes, ou fossem presos e recrutados.

“A’ vista pois do estado deploravel em que se acha esta provincia, quasi toda em armas, e toda ella unisona em um só sentimento, por effeito de uma administração irreflectida, e que nunca deu accesso á exposição da verdade, pois repellio sempre toda a idéa de brandura e prudencia, collocando-se no extremo de partido infimo e diminutissimo, só V. M. Imperador poderá salvar a provincia enviando um presidente estranho aos partidos, prudente e desapaixonado, que venha só governar, esquecendo o passado, e deixando livre e garantido ao povo o mais sagrado dos direitos, o de votar, que tudo desaparecerá, e sem derramar-se sangue brasileiro, voltando tudo ao seu estado normal, e sempre de obediencia a V. M. Imperador, a quem um delegado de V. M. não soube respeitar, violando os subditos de V. M. Imperador”, etc. (24).

Souza Franco, depois da victoria, fez-se mais implacavel; as medidas tomadas, de excessivo rigor, provocaram um verdadeiro exodo, criando na Provincia um ambiente suffocante.

Não podia conhecer decerto a fecunda generosidade do vencedor, quem como elle no momento tragico

(24) Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

não tivera a intrepidez para enfrentar a desgraça, fugindo, abandonando o posto de honra, que deve ser para os homens de verdade o posto de sacrificio. Mas o *posto de sacrificio* tem sido na maioria dos casos para os politicos uma simples metaphora cavilosa, com que se disfarça a cupidez do poder...

* * *

O Governo Imperial houve por bem substituir a Souza Franco, e a 10 de Dezembro do mesmo anno assume a presidencia Caetano Maria Lopes Gama, futuro Visconde de Maranguape. Apesar de não ser filho da terra, Lopes Gama era familiar ao meio, representara na Constituinte as Alagôas, onde antes occupara varios cargos de magistratura.

Os propositos que o trouxeram deveriam ser de pacificar os animos, tanto que se começou pela amnistia geral; mas, colhido no vortice das paixões alagoanas, não se lhe distinguiu a missão por nenhum traço de superioridade.

Ao contrario, do angulo mediocre dos seus interesses viu somente umas tantas ambições pessoas a realizar e aproveitou-se daquelles despojos, ainda palpitantes, como um soffrego opportunista.

E transigiu de tal forma com a demagogia ambiente, que se não pejou de acolher no proprio paço presidencial o bandido Vicente de Paula, quando veiu da primeira vez a Maceió, após os acontecimentos sangrentos.

O caudilho do Jacuhype fôra recebido na Capital com as mais escandalosas homenagens, passando em triumpho por entre as multidões que o cobriam de flores e o acclamavam, como o *libertador* das Alagôas!...

Angelo Muniz da Silva Ferraz, indignado, commenta esse episodio no Parlamento do Imperio.

Fere-se o pleito para a Assembléa provincial e os *Lisos* conquistam logo esplendida maioria. Lopes Gama, que preside as eleições geraes para deputados, organiza uma chapa a seu modo, principiando por collocar o irmão, o padre Miguel do Sacramento Lopes Gama — o tão celebrado *Carapuçeiro* — e mais tres outros nomes, absolutamente estranhos ás Alagôas, destacando-se entre elles a figura illustre de Rebouças.

Numa representação de cinco deputados só houve logar para um alagoano e este foi José Tavares Bastos, cuja mallograda candidatura anterior determinara todo o drama, e por cuja eleição os *Lisos* faziam questão de honra.

O governo, como sempre o melhor dos eleitores, obteve triumpho completo. “Vencedores os *Cabelludos* pela força das armas (nota um distincto historiador alagoano) foram todavia derrotados pelas injuncções da politicá” (25).

Sinimbú então vencido, com os amigos entregues á furia das vindictas pessoaes, não perde a confiança no futuro.

(25) Craveiro Costa — *Historia das Alagôas* — (Resumo Didactico).

Já o tragico grego não perguntara se se pode prever os ultimos golpes da sorte?!...

Tempera de caudilho, a quem a sublimação da ordem dera tão claro destino, Sinimbú, apesar da fascinação stendhaliana do poder, acceitou tranquillo o ostracismo — *esse filho irritado da Cidade Antiga* — como se fôra um pouso de convalescença.

A sua seiva, sabia-o, vinha da terra, como a das possantes arvores patricias, cujas vigorosas raizes se embebem no mais profundo do solo natal.

Pertencendo a uma grande familia de abastados senhores ruracs, que as allianças pelo casamento ligavam a outros tantos nucleos poderosos, o seu prestigio podia soffrer essas syncopes passageiras, porém nunca se annullaria. Além do mais os seus instinctos consulares criaram-lhe no seio dessa massa numerosa uma ascendencia que se não discutia, e a autoridade — pela cultura e pelo character — pairava acima das pequenas competições, como arbitro supremo.

Elementos assim de bases tão harmonicas, a que a rêde nervosa dos interesses economicos emprestava uma sensibilidade partidaria aguda, pelo sentido da defesa commum, não poderiam deixar de ser, numa Provincia pequena, uma das forças de maior actuação politica e de dominio.

O rival victorioso passaria, como um episodio brilhante na vida dos partidos, sem grandes consequencias nos destinos da terra.

Homem do littoral, José Tavares Bastos teria que desenvolver uma actividade mais extensa e menos profunda, por isso mesmo dispersiva. Teria que actuar directamente sempre sobre os mais diversos agrupamentos — adventicios uns — incoherentes outros — sem nada de commum entre elles a não ser as paixões momentaneas.

Tribuno e jornalista, dispunha, não ha negar, de dois instrumentos faceis de captação popular, mas na verdade ingratos, por exigirem constante subordinação de quem os maneja aos appetites mais exigentes. O prestigio de José Tavares Bastos precisava refazer-se cada dia, pelo milagre da acção pessoal, pelo acto da presença continua, pelo contacto febril das multidões.

Não tendo os fundamentos em que se apoiava o adversario, o chefe dos *Lisos* como que era forçado a uma notoriedade quotidiana, reavivada sempre por incidentes dramaticos, de modo a manter a mesma exaltada sensibilidade collectiva. Mas tudo isso não poderia durar muito.

Para Sinimbú o isolamento seria um tonificador e d'elle emergiria mais forte.

* * *

Os annos passaram. E José Tavares Bastos reelege-se na legislatura immediata, legislatura que não chegou ao fim, logo fulminada pela dissolução. A Provincia durante todo esse periodo não conheceu tranquillidade. Os dois irmãos Moraes, filhos do vigario

assassinado da Palmeira, á frente de numerosos grupos de facinoras, trouxeram convulso o interior alagoano. A familia de Sinimbú, das mais visadas pelos odios vingativos, teve que manter sempre uma attitude de defesa vigilante.

E os annos passaram, Sinimbú retoma os caminhos do poder, dessa vez, largos e serenos. José Tavares Bastos, desgarrado da politica, segue outras estradas que o levam aos postos mais altos da magistratura (26).

Sinimbú, deputado agora em 1853, senador em 57, ministro dos Estrangeiros em 59, não teve mais para perturbar-lhe a alegria do triumpho a sombra do rival.

E os dois antigos adversarios, separados inda mais, pelo tempo e pela distancia, um dia, por sobre as cinzas das velhas paixões, estendem-se as mãos cordeaes, para festejar o apparecimento de um jovem, nos fulgores de cuja intelligencia — um sente o orgulho da sua raça — o outro a gloria da sua terra...

(26) O Conselheiro José Tavares Bastos morreu em 1893, como ministro aposentado do Supremo Tribunal. Exerceu em 1866 a presidencia da provincia de São Paulo.

SEGUNDA PARTE

Um Destino

... Tavares Bastos, cabeça que comensurava todas as questões do nosso futuro.

“Alma gigante em corpo de criança.”

RUY BARBOSA.

(Discurso sobre José Bonifácio, o Moço — pag. 24 — S. Paulo — 1886)

CAPITULO I

TAVARES BASTOS

O ESTUDANTE EM S. PAULO — A GERAÇÃO ACADEMICA — OS PRIMEIROS ENSAIOS.

Aureliano Candido Tavares Bastos e Joaquim Gomes de Souza foram os dois casos de precocidade mais impressionantes no Brasil. Em ambos madrugaram as inquietações de uma intelligencia cujo vertiginoso destino, decórridos já tantos annos, enche ainda hoje de surpresa os estudiosos do passado.

Aptidões bem diversas, mas com a mesma predes-
tinação, o mathematico maranhense e o pensador-poli-
tico alagoano representam na mentalidade brasileira
dois dos seus mais gloriosos momentos.

Em Gomes de Souza — o *Souzinha* — o phenome-
no offerece menos singularidade: predominou nelle o
genio mathematico. E a marca das grandes vocações
scientificas é sobretudo a sua precocidade...

Os exemplos, tão citados, dispensam lembrar.
De Pascal a Abel, de Newton a Einstein, os fastos da

sciencia ahi estão, eloquentes e abundantes. E' o que Duhamel denominou de *inhumaine précocité des mathématiciens*, e acrescenta que, para construir um universo puramente mathematico, não se torna necessario ter vivido, nem sobretudo ter soffrido.

E numa *boutade* graciosa, conclue o illustre escriptor: "Que Pascal enfant, enfermé dans une chambre, retrouve, seul, les premiers théorèmes de la géometrie, voilà qui ne me surprend pas: une abeille ouvrière, cette bestiole miserable asexuée, construit à la perfection l'alvéole hexagonal, merveille de géometrie".

Se o genio mathematico é um genio matinal e por isso mesmo podendo esgotar-se muito cedo; o genio politico, ao contrario, exige certa maturidade, a collaboração passiva do tempo, o contacto severo com a vida e mesmo com o soffrimento.

Somente do trato continuo da coisa publica vem a familiaridade technica dos problemas e a subtil comprehensão do seu alcance. E é da propria realidade, fragmentaria e mediocre, de cada dia, que a imaginação parte, refugindo ás abstracções perigosas, para o plano das grandes construcções politicas.

A precocidade nesses casos reveste-se sempre de excepcional significação. Tavares Bastos foi sem duvida no Brasil o phenomeno mais interessante.

Os formadores da nacionalidade — de um José Bonifacio a um Bernardo de Vasconcellos — todos conheceram a madureza, e tiveram na plenitude do genio responsabilidades historicas, ao calor de cuja revela-

ção puderam afirmar-se, confundindo-se com o proprio destino da patria.

A Tavares Bastos faltou o scenario, e foi curta a vida.

O sementeiro passou rapido, deixando, porém, no sulco ardente das idéas a gloria do seu nome.

Elle haveria de dizer um dia: “No governo do Brasil deviam assentar-se individuos com uma imaginação cosmopolita de Goethe e uma cabeça universal de Humboldt”.

E’ que elle queria que o politico nestas terras novas da America fosse um creador, e não uma alma subordinada ás formas imitativas de velhas e frustras experiencias.

Ao grito annunciador de Walt-Whitman: “Novo Mundo — nova poesia”, ajuntaria — Novo Mundo, nova politica...

No seu universalismo, a que elle proprio chamaria com garbo — “o meu cosmopolitismo” — fulgurava o sonho do Brasil e para elle se voltavam todas as seivas inquietas daquella imaginação realista.

* * *

A infancia de Tavares Bastos passou-se no meio das mais violentas paixões e num ambiente de odios extremos.

Do espectáculo de taes ambições, em que se estadeava a ferocidade dos *clans*, ficara-lhe certamente aquelle horror sagrado, que votou sempre a essa poli-

tica inferior, tão bem aclimada no Brasil, e contra a qual já homem lançaria a sua condemnação: “Desprezo esta infernal intriga de aldeia elevada á dignidade de politica”. E mais ainda: “A ostentação do odio politico é a mais desanimadora enfermidade de um povo”.

Sob as vistas paternas, fez o pequeno Aureliano os primeiros estudos. O pae, que possuia virtudes de educador, dera-lhe as melhores noções de humanidades. Latinista e professor de philosophia, José Tavares Bastos, apesar das intensas preocupações partidarias, zelosamente acompanha o aflorar daquella intelligencia que tanto orgulho lhe traria.

Seguindo para Olinda, ahi conclue os preparatorios, e aos quinze annos de idade incompletos, Tavares Bastos matricula-se com licença especial na Academia de Direito em 1854, justamente quando se muda para a capital pernambucana o velho Curso Juridico.

No anno seguinte, transfere-se para São Paulo, para onde o pae, encerrando a carreira politica nas Alagoas, fôra removido, como Juiz de Direito; e vae encontrar na Academia paulistana toda uma geração rica de bons nomes, e que daria ao Brasil alguns dos seus melhores homens. Lá já se achavam Ferreira Vianna, Paulino de Souza, Antonio Carlos — o segundo — Lafayette, Silveira Martins, Andrade Figueira, Affonso Celso (pae), vindo pouco depois, entre outros, Macedo Soares, Pedro Luiz, Couto de Magalhães, Bittencourt Sampaio, Francisco Belisario, Thomaz Coelho.

Fazia já tres annos que morrera Alvares de Azevedo, mas a sombra do avatar byroneano ainda envolvia todo o quadro da mocidade do tempo, e nos ares da velha Paulicéa resoavam as ultimas notas elegiacas daquella musa infeliz. O *Cantor da morte, filho da tristeza*, estava sempre presente á inspiração dos jovens poetas. Muitas d'ores fraudulentas e muitas lamentações inuteis encheram o ambiente, em que imperava uma especie de bovarysimo da desgraça. Parecer infeliz era a forma facil da felicidade....

“A comedia dos choradores por systema”, na phrase de Macedo Soares, ia cedendo ás reacções da intelligencia.

Naquella atmospheria ainda pejada de queixumes, a verdade é que um grupo de moços já orientava as actividades intellectuaes no rumo de estudos mais serios. Ferreira Vianna empenha-se em polemicas philosophicas, Lafayette disserta sobre Direito Publico e, numa lingua em que annunciaria as virtudes mestras do seu estylo — a concisão e a lucidez — examina a legitimidade das revoluções; Antonio Carlos, o segundo, ao mesmo passo que desfere rimas plangentes, discute — *O Communismo e a Propriedade*; Andrade Figueira aborda problemas constitucionaes e encarece as excellencias do regimen bi-cameral; Macedo Soares — o critico da geração — e Couto de Magalhães discutem Rousseau e Voltaire; Homem de Mello faz historia; Silveira Martins, que modulara estrophes ingenuas — *Rosa e Abelha* — *Não te lembras de mim?* — exercita

já, como um leão adolescente, as suas garras nos primeiros assomos aggressivos. Criticando os versos do poeta satyrico de Barbacena, Padre Corrêa d'Almeida, o futuro tribuno gaúcho, ao lado de hões noções litterarias, deixa expandir-se toda impetuosidade da sua rica e violenta natureza. A apreciação que traça encerra-se com esses conceitos tremendos: "O que é pena é que o nosso Codigo Criminal não castigue delictos destes, ao menos com algumas varadas, fazendo o delinquente *assignar termo de bem viver* no seu cantinho, sem tentar mais roubar o mel do Himeto, que por certo as abelhas da patria de Platão, Xenophonte, Eschylo, não fabricam para a boca de asnos taes" (27).

Os estudantes tinham nos *Ensaio Litterarios do Atheneu Paulistano* e na *Revista Mensal do Ensaio Philosophico*, os órgãos principaes de publicidade. E foi para essa mocidade que Bittencourt Sampaio compoz o hymno academico — entoado por tantas gerações — hymno em que o poeta sergipano evoca, muitos annos antes de Castro Alves, o *Auri-verde pendão*, e a cujos accents patrioticos emprestou os surtos nascentes do seu genio um joven e obscuro musico de Campinas, que seria mais tarde o creador do *Guarany*:

*Auriverde pendão fulgurante,
Hasteae-o mancebos, com fé,
Esse immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé!*

(27) *Revista Mensal do Ensaio Philosophico* — Agosto — 1856. S. Paulo.

As musas já se iam alliviando do luto. A poesia de Pedro Luiz vinha com um clangor heroico e a de Bittencourt Sampaio se impregnava de uma côr brasileira e trazia um sentido humano. Emquanto a primeira vibrava com os grandes feitos, a segunda cantava o soffrimento humilde e a nostalgia dos captivos.

A oratoria distinguia-se tambem entre as expressões predilectas da intelligencia. Cada solemnidade do *Atheneo* ou do *Ensaio Philosophico* era motivo para os longos torneios eloquentes, em que sempre figuravam Ferreira Vianna, Lafayette, Silveira Martins, Afonso Celso (pae), Oliveira Figueiredo, Pedro Luiz, etc., etc.

E, foi assim, nesse rumoroso meio academico, que em 1855 se iniciou o joven alagoano — de tom ascetico — trazendo comsigo um coração severo, como se fôra um iniciado de Port-Royal. Minusculo e franzino, parecia mais uma criança convalescente, do que um rapazinho de dezeseis annos. No todo insignificante de menino fragil, havia algo de revelador: naquella mascara de doente, que uma suave pallidez espiritualizava, bentia-se a vida na intensidade dos olhos profundos. Naquelles traços carregados de reflexão, denunciavam-se as longas vigalias do pensamento.

Aureliano Candido Tavares Bastos em breve se imporia entre tantos condiscipulos notaveis e entre elles tornar-se-ia uma força de direcção.

Alludindo a esse periodo, escreveu José Carlos Rodrigues: “Como estudante em São Paulo criara escola

— fôra um dos espiritos eminentes do seu tempo; e ao doutorar-se em 1859, quando completava justamente os vinte annos, já tinha escripto trabalhos muito importantes sobre a abolição da escravidão e outros assumptos praticos (28).

Macedo Soares que veio a ser grande magistrado e estudioso erudito, affirmando-se desde a juventude, como critico penetrante, deixou de Tavares Bastos um perfil vivaz naquella galeria de *Retratos a lapis*, publicada sob o pseudonimo de *Sandoval*, na revista paulistana — *O Kaleidoscopio*.

O autor das *Harmonias Brasileiras*, ainda estudante em 1860, lembrava a acção do contemporaneo eminente que ha pouco deixara os bancos academicos: “O Sr. Tavares Bastos foi aqui o mentor desvelado de muitos rapazes que se entregavam á litteratura, e aos quaes apontou com enthusiasmo da convicção e com a eloquencia fulminante que lhe é natural, a verdade da nacionalidade da arte. Era em seu gabinete de estudo; e entre um copo de cerveja e um prato de fios de ovos, discutiam-se as theorias estheticas de Hegel, Schiller e Richter, criticavam-se dois volumes de Victor Hugo, lia-se uma composição nova do Sr. Bittencourt Sampaio, dizia-se mal dos romances do Sr. Teixeira e Souza e decidia-se se a propriedade litteraria era de direito natural ou direito positivo, applaudia-se a uma poesia fresca do Sr. Gentil Homem e averiguava-se se

(28) *O Novo Mundo* — New York — 24 Julho — 1871.

Hoffmann tinha tocado rabeça antes de escrever os *Contos Phantasticos*".

"Genio minucioso, indagador, chronista perscrutador de ponto por ponto e data por data, gosta, entretanto, das vistas largas, dos traços geraes, da synthese transcendente. E' assim que aconselharia a um amigo que estudasse o direito constitucional pelo *Futuro Politico da Inglaterra*, e a historia universal pela *Introdução de Gervinus*. O resto, suppre-o a reflexão propria. E não é pedantismo, não; elle mesmo faz assim, e quasi tudo que sabe, deve-o mais a si do que aos livros: "Ninguem pense pela cabeça dos outros, porque cada um tem a sua"; é a regra que dá e que observa."

Com uma curiosidade universal, o pequeno alagoano vae da critica philosophica e litteraria ás investigações juridicas, dos problemas de esthetica ás questões sociaes, da poesia á educação nacional, da litteratura dramatica á politica, em tudo deixando traços que revelariam a forte personalidade.

Alma de precursor, na sensibilidade das antenas subteis, surprehendia os primeiros appellos do futuro. Intelligencia solicitada pelas coisas do Brasil, a que o precoce sentido objectivo trazia o encanto de audazes anticipações, Tavares Bastos já se voltava para o destino dos escravos, vendo na poesia uma das forças de libertação.

O character brasileiro de nossas letras preocupava-o seriamente. Espirito autonomo, não o seduziria a virtuosidade dos imitadores.

Tratando das poesias de Pedro de Calazans — *Paginas Soltas e Cantos da Infancia* — assignala-lhes a ausencia de ambiente brasileiro: “Mas é logo de ver-se em todo o seu volume um defeito: é o não ter *côr local*”. E, desenvolvendo outros commentarios interessantes, accentua: “Em nossa patria a poesia s’esforça por tornar-se *brasileira*, livrando-nos da imitação de litteratura estrangeira. Têm havido experimentações afim de constituir-se genero brasileiro: e eis que foi muito succedido na sua o Sr. Gonçalves Dias, desenvolvendo e engrandecendo o germen que já Basilio da Gama lançara no *Uruguay*; e todos sabem quanto ao delicado gosto desse — o melhor de nossos poetas lyricos, deve seu aperfeiçoamento esse mesmo genero, que poderíamos dizer — indio.

“Mas, como a poesia não tem só de cantar recordações; como ella tem igualmente de reflectir o seculo em seus variados modos de ver, sentir e querer pelas impressões do presente: esse genero indio não pode ser o unico brasileiro.

“D’aqui vem que alguns moços de talento ensaiam hoje outros sons nas harmoniosas cordas de suas lyras, sons que hão de sem duvida produzir-nos bens, livrando-nos desse temeroso cancro — a escravatura: A ode, a canção, a elegia são usadas neste empenho: uma vez se discantam as saudades que os africanos trazem de suas longinquas terras; outra descrevem-se os seus folgares e tangeres nos engenhos e fazendas de nossas provincias; ou emfim revelam-se os duros tratos de que

os homens brancos fazem soffrer os negros... E tudo isso é cercado de côres que revestem a vida do interior; as florestas, os rios, as montanhas, o trabalho, a lavoura, a pesca, tudo enfim narra-se como é de natureza no Brasil”.

E, como que annunciando o caminho ao genio de Castro Alves, acrescenta: “Serão os poetas dest’outro genero quem hade dizer ao senhor: “Depõe o azorague; teu escravo tão bem é homem, qual tu” — hão de ser elles que levantarão em nossa terra o generoso grito que ha pouco fazia resoar H. Stowe. E’ para esse ponto que se hade conseguir, primeiro a poesia e depois a philosophia, e praza a Deus que uns e outros, os poetas e os philosophos, cedo nos dêem a emancipação dos negros” (29).

Quando essas linhas foram escriptas, o poeta das *Vozes d’Africa* tinha apenas onze annos de idade.

Seguindo a mesma ordem de idéas, num outro artigo (30), em que apresenta a poesia, até então inedita — *A Captiva* — de Bittencourt Sampaio, Tavares Bastos assignala não só as tendencias nacionaes do cantor sergipano voltando-se para as coisas brasileiras, como estabelece o confronto entre elle e o seu predecessor no genero, o vate maranhense, Trajano Gal-

(29) *Critica litteraria* — “Guayaná” — Julho — 1856, São Paulo.

(30) *Litteratura* — “Ypiranga” — 1857 — São Paulo.

vão (31), para mostrar como o futuro autor das *Flores Sylvestres* soube melhor interpretar os quadros da vida simples e versar os *themas* de escravidão, dando-lhes linguagem adequada, despretenciosa, extreme dos artificios litterarios, tão ao sabor da época.

Assim escreve o estudante alagoano: “Ambos estes jovens talentos, desgostosos do acanhado circulo a que se havia restringido a poesia brasileira, que um passo seguro não adiantou em progresso desde o *Uruguay* de Basilio da Gama, não obstante os subidos esforços de alguns contemporaneos, ambos elles foram colher em um campo distincto do até hoje tão respigado; ambos forcejam por descrever scenas da patria, com as côres proprias suas, que o Sr. Trajano, primeiro no Brasil, empregara no *Calhambola* e outras odes. Mas entre os dois poetas meia a notavel differença que vae entre Pindaro e os Homeridas, entre Victor Hugo e Beranger. E na verdade o autor da *Calhambola* apresenta o inculto africano com tal arroubo lyrico, uma linguagem tão sublimada de imagens e tão castiçamente portugueza que mais parece a do homem culto, que é quasi inverosimil, como aquelle discurso que Tacito põe na boca de Galgacus, o barbaro deputado ao Se-

(31) Sylvio Romero, na *Historia da Litteratura Brasileira* -- (pag. 1110, vol. II) — entre outros conceitos, assim se refere a Trajano Galvão: “...ha nelle algo de especial, alguma cousa que lhe garante o nome. Quero me referir á circumstancia de ter sido elle o primeiro a dar ingresso á raça negra, e captivos dessa raça em nossa poesia”.

nado de Roma, discurso tão limado e tão brunido que se assemelha ás orações de Cicero. Não; antes falasse o poeta por si mesmo, que antes exprimisse elle proprio com essas mesmas expressões, aliás admiraveis, a que faz cantar aqui ao negro fugido nas mattas. O Sr. Bittencourt Sampaio, porém, tomou outro caminho e andou acertado. Elle escreve canções populares, versos que ha de repetil-os a musica do povo, como os de Palmeirim as saloias de Portugal e as lavadeiras á beira dos rios”, etc., etc.

A um critico de dezeseite annos e num meio de estouvamentos verbais, não seria possivel exigir-se julgamento com mais equilibrio.

* * *

Tavares Bastos tomou parte activa nas sociedades academicas de então, assim como nos órgãos litterarios das mesmas.

Entre os pequenos cenaculos, occupava o primeiro lugar o *Ensaio Philosophico* que fôra fundado em 1850 por Alvares de Azevedo, então quarto-annista de Direito, e sob a invocação do nome de Monte Alverne que enviou, do fundo das suas trevas, uma radiosa mensagem de estímulo aos moços estudantes, iniciadores daquelle movimento.

Só um anno depois é que apparece a *Revista Mensal*, órgão do *Ensaio Philosophico* e ahi Aureliano publicou, entre varios trabalhos, dois longos estudos de

Direito Criminal, um sobre a *Cumplicidade* e outro sobre *Delictos da Imprensa*.

Os *Ensaíos Litterarios* surgiram um pouco mais tarde, em 1853, e o academico alagoano a elles deu tambem copiosa collaboração, de que se destacam os interessantes artigos — *Esboço de Psychologia* e *Emancipação da Escravatura* — no primeiro revelavam-se já as tendencias do homem de pensamento e no segundo os pendores do abolicionista.

O verso, que era quasi sempre a forma de iniciação dos moços academicos, tentara-o tambem, publicando algumas produções poeticas, sem interesse. Não podia fugir a esse tributo compulsorio da juventude.

Tavares Bastos pertencia ao numero dos alumnos mais distinctos; a actividade litteraria não lhe prejudicava em nada o brilho do curso juridico, feito com o melhor aproveitamento e com a conquista das melhores notas.

Delle disse Almeida Nogueira nas suas reminiscencias: “Ainda no seu terceiro anno em 1856, escrevia, na *Revista do Ensaio Philosophico*, bem lançados estudos sobre questões de direito criminal. Era de tão pequena estatura, debil e imberbe; parecia uma criança” (32).

Tavares Bastos tinha ainda tempo para compôr um pequeno curso de esthetica e de litteratura destinado

(32) V. Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscencias* — pag. 141 — vol. I.

ao uso das irmãs, de quem se fizera o orientador intellectual.

Apassionado pelos problemas philosophicos, elegia a Hegel o seu philosopho.

A irradiação do estudante alagoano não se limitava apenas aos circulos academicos, ia mais longe: collaborava já em jornaes da Côrte, como o *Correio Mercantil* e era procurado por homens de outras gerações, como o educador paulista José Tell Ferrão. que lhe solicita um prefacio para a sua obra didactica — *Exercicios de Composição* (33).

Entre outras coisas, diz o prefaciador: “Mas, antes de tudo e acima de todos um interesse existe que demanda serias meditações, estudo profundo, dedicação sincera. E’ o interesse de que todos os interesses nacionaes dependem, base da vida, condição da liberdade, lei suprema do progresso. Quero falar da educação. Comprehendeis um povo livre sem opinião publica, opinião sem bom senso, bom senso sem educação? Comprehendeis o palladium das liberdades modernas, a Inglaterra sem tribuna, sem imprensa? e essa tribuna e essa imprensa sem a longanimidade ingleza, sem as severas tradições do espirito nacional! E esta moderação valente e sagaz, tenaz e resignada, quem

(33) O prefacio de Tavares Bastos, escripto em 1858, foi publicado no primeiro numero da revista paulista *Kaleidoscopio* — Abril de 1860.

a deu a Chatam, a Wilberforce e a Burke? A educação, o genio severo da educação ingleza!

“A educação faz a physionomia do povo, ahi a sua feição, ahi a sua grandeza, ahi a sua vida. Ella é certamente a verdadeira fonte das desgraças e o manancial das venturas. Uma reflexão, por ligeira que seja, enxergará a verdade d’estes principios em relação ao nosso paiz. Tres elementos influem no animo d’os filhos do solo brasileiro: as idéas do passado, incarnadas nas recordações, tradições e até no fanatismo da éra colonial; — a escravidão, enxerto esteril, herva parasita, que deixa por toda a parte um vestigio de sua negra passagem; — e, finalmente, as aspirações por um futuro que se antevê por entre a dubia luz do presente e que anciosamente se deseja.

“Destes elementos o terceiro somente traz no seio a flor da esperança. Os outros matam, os outros morrem. Ora, a quem, senão á vigilancia da educação, aos melhoramentos da instrucção, deveremos nós o triumpho do principio da vida e o exterminio completo dos germens de podridão? Como em por toda a parte, na educação reside a solução do enigma brasileiro. E’ um problema nacional, é uma questão de hoje e de hontem, do rico e d’o pobre, do pensador e do estadista, da tribuna e da imprensa. Corramos, pois, corramos nós tambem á pregação da nova fé, cuidemos de suas victorias, falemos de seus triumphos, pensemos em seu futuro,

“E que victorias, que triumphos, e que futuros não reserva a educação á nacionalidade brasileira! Quando sua voz fizer-se ouvir por toda a extensão de nossas terras, e em todo o seu vigor, as derradeiras muralhas do tempo colonial cahirão em ruínas, e a escravidão soltará os ultimos arrancos da hora extrema.

“Na verdade, na questão que nos occupa, se muitas são as difficuldades, muitos são tambem os meios de resolvel-as.

“Com effeito, a educação, e a educação intellectual sobretudo (de que com particularidade nos occupamos neste escripto), é mais ou menos proveitosa, mais ou menos rapida na proporção dos methodos empregados e dos processos seguidos.

“Se, abandonada á rotina, como desgraçadamente em nosso paiz, a instrucção se recebe pelo methodo individual, pelo ensino de per si, não se conseguirá nunca um desenvolvimento satisfactorio. Se, porém, emprega-se o ensino mutuo ou o methodo simultaneo, a cousa varia, os resultados são outros. Da applicação das idéas pedagogicas de Lancaster ou de Jacotot, de seguir-se a rotina ou a experiencia dos eruditos, procedem consequencias differentes.

“Não é só isso. Mesmo quando o methodo é bom convem attender aos processos mais apropriados e mais breves. Supponhamos, por exemplo, o estudo das linguas: se executaes os processos de Robertson com a intelligencia de seu systema colhereis num dia o que outros só darão em mezes. A rotina de nossos velhos

mestres no ensino do latim produzia em annos aquillo que hoje se obtem em dias. Parece claro, pois, que é uma condição vital a bôa escolha do methodo e do processo. Insistamos nesta idéa, porque ella é a explicação do livro que temos a ventura de apresentar ao publico”.

Ainda com José Tell Ferrão, fundou Tavares Bastos o Instituto Academico Paulistano, cuja sessão inaugural se realizou a 23 de Outubro de 1858, sob a presidencia do Conselheiro Amaral Gurgel. Propunha-se essa associação a ajudar os estudos scientificos e litterarios dos alumnos da Faculdade.

Para o *Kaleidoscopio* que appareceria um anno depois, como orgão semanal do novo cenaculo, escreveu Aureliano o artigo de apresentação em que se affirmam mais uma vez os seus sentimentos e o seu espirito bem brasileiros. Vejam-se estes trechos: “Como é mais illustrada a educação, é tambem mais liberal a instrucção de hoje. Áquelle ar pesado, áquella sisudez acanhada, ao espirito portuguez de outróra, succede o espirito brasileiro, graciosa mistura de seriedade britannica com a jovialidade que distingue os francezes e a imaginação ardente e devaneadora dos filhos da Iberia.

“E’ notavel a transformação que têm soffrido no Brasil os diversos elementos da civilização que nos legou Portugal. Para não falar sinão no idioma, já Castilho Antonio notou que os brasileiros não só pronun-

ciãam com mais suavidade, como que o têm enriquecido de muitos termos novos, de muitas locuções que não são ouvidas em Portugal. O que é devido não só ás differentes raças que hão entrado na composição da nossa nacionalidade, como tambem á originalidade de expressão e sotaque peculiares a cada uma das nossas provincias.

“Esse espirito, esse transumpto de uma nacionalidade nascente ha de imprimir novo cunho ao pensamento do povo e ás formas litterarias das suas concepções.

“Cabe a nós, aos jovens da actualidade não nos deixarmos adornecer nas molles planicies de Capua; mas pormos em contribuição essa vitalidade que transborda, essa seiva energica e poderosa, para se realizar a conquista da nossa nacionalidade litteraria”.

O estudante alagoano constituiria-se o orientador principal dos seus collegas e dos seus jovens confrades.

Macedo Soares confessa (34) que só se decidira a incluir versos seus nas *Harmonias Brasileiras*, graças ao conselho de Tavares Bastos, “a quem aprouve (diz elle) enxergar nesses meus rudes cantos algumas côres, sentir algum perfume das flores dos tropicos”.

As *Harmonias Brasileiras* são um florilegio em que figuram cantos dos poetas Bittencourt Sampaio, Gen-

(34) *Harmonias Brasileiras* (Prefacio) — 1859 — S. Paulo.

til Homem de Almeida Braga, José Bonifacio de Andrada e Silva, Franco de Sá, Junqueira Freire, etc.

* * *

Tavares Bastos bacharelava-se em Direito, aos dezenove annos de idade, em 1858. Entre os companheiros de turma, que vieram a ter projecção na vida publica, encontravam-se, além de outros, Affonso Celso, pae, Homem de Mello e Oliveira Figueiredo. Nessa mesma occasião formava-se João Tobias de Aguiar e Castro, filho da Marqueza de Santos e do Brigadeiro Tobias, este já então fallecido. Conta Almeida Nogueira (35) que a Marqueza, em regosijo pela formatura do filho, offereceu aos novos bachareis um sumptuoso banquete, que foi servido em baixella de oiro.

Conquistado o seu diploma, Aureliano, cedendo ao convite de alguns lentes, resolve doutorar-se em Direito. O Visconde de Abaeté congratula-se com o Conselheiro José Tavares Bastos por aquelles triumphos: "Dou a V. Ex. os meus parabens pela formatura do seu filho, e ainda mais pelo honroso convite, que recebeu de alguns lentes para graduar-se doutor. E' isso uma prova evidente do merecimento que nelle reconhecem. Anxioso espero por elle nesta Côrte, como V. Ex. me annunciou, e peço-lhe desde já um obsequio. Tenho aqui

(35) *A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscencias* — pags. 182 e 183 — vol. I — S. Paulo, 1907.

uma casa onde elle pode estar, sinão commodamente ao menos com alguma liberdade. Desejo que V. Ex. a prefira a qualquer outra. Creia V. Ex. que terei com isto a maior satisfação, e rogo-lhe que me mande dizer que *sim*. Tenho direito ao *sim* pela nossa antiga e sempre constante amizade” (36).

Tavares Bastos doutorava-se no anno seguinte. Não escolheu para a sua these um assumpto theorico, de facil seducção: voltava-se para as questões praticas, de apparencia arida, em que se revelavam as inquietações do estadista futuro. Versava ella os seguintes motivos: *Sobre quem recahem os impostos lançados sobre os generos produzidos no paiz? Sobre o productor ou sobre o consumidor? O que succede quanto aos generos importados e exportados?*

A precocidade do moço alagoano era sem duvida digna de admiração, “primeiramente, como escreveu Costa Rego, pela visão do Brasil em pessoa tão joven; a seguir, pelo excepcional poder de desintegração da zona frivola onde se perdiam os moços do tempo” (37).

(36) Carta em poder de Cassiano Tavares Bastos.

(37) Tavares Bastos — “Correio da Manhã” de 20 de Abril de 1937.

CAPITULO II

A INICIAÇÃO POLITICA

A VICTORIA ELEITORAL — A LEGISLATURA DE 1861 — AS PRIMEIRAS ARMAS.

Pouco depois de formado em Direito, Tavares Bastos veio occupar na Côrte um cargo modesto — muito abaixo dos seus meritos — o de official de Secretaria da Marinha.

Approximam-se as eleições de deputados para a decima primeira legislatura, e o pleito a ferir-se já se ia processar sob o signo da reforma da *Lei dos Circulos*, que foi um dos ultimos lampejos do Ministerio Ferraz.

Com ella se extingua a figura do supplente de deputado e se instituia o Circulo de tres nomes.

Para Euclides da Cunha, o principio democratico renascera com a *Lei dos Circulos*, triumphando ruidosamente nas eleições de 1860 (38).

(38) *A' Margem da Historia*, pag. 344.

Tal entusiasmo lhe vinha da victoria desta trindade liberal — Octaviano, Ottoni e Saldanha Marinho — eleita pelo Rio de Janeiro, e o Rio aos seus olhos exaltados “já então era a miniatura do Brasil”...

Honorio Hermeto, como se sabe, fizera um dos pontos de honra do programma de governo a approvação da *Lei dos Circulos* e para obtel-a teve que vencer as mais decididas resistencias. E os motivos dos oppositores, affirma Joaquim Nabuco, fundavam-se no receio de que ella destruísse não só a disciplina e a cohesão dos partidos, como rebaixasse tambem o nivel intellectual da representação.

Paraná, inflexivel naquelle proposito, desprezou todas as desvantagens arguidas, pois “queria a physionomia fiel e exacta do paiz no Parlamento”, ao contrario do que pensava o seu ministro da Justiça, que preferia “uma Camara de homens capazes, eleitos como quer que fossem, do que uma Camara verdadeira, mas incompetente para a função legislativa” (39).

A verdade é que as modificações de Ferraz deram melhor alcance ao pensamento de Paraná e, como observa José Maria dos Santos, “o alargamento dos circulos eleitoraes traduzia-se afinal numa certa restricção ao poder dos chefes locais, em beneficio de um criterio mais seleccionado e mais alto” (40).

(39) *Um Estadista do Imperio*, pags. 214 e 215. Tomo I.

(40) *A Politica Geral do Brasil*, pag. 47.

A legislação anterior — eleições por provincia — tinha o inconveniente de armar demasiadamente os governos, cuja acção extensiva se permittia annullar com facilidade certas boas influencias locais, diluindo-lhes o prestigio no conjuncto da massa do eleitorado geral. Por sua vez a eleição, por circulo de um deputado — systema Paraná — apresentava tambem o inconveniente opposto de dar exaggerada força a nucleos restrictos, em que se hypertrophiava a autoridade dos chefetes.

A reforma Ferraz possuia a virtude banal do meio termo, estabelecendo o equilibrio entre os dois modos extremos...

Tavares Bastos apresenta-se candidato pelo primeiro circulo eleitoral das Alagoas. Muito moço, contando vinte e um annos de idade, sem qualquer contacto com o eleitorado da terra e, sentindo-se sem grande autoridade ainda, para falar em seu proprio nome ou em nome das suas idéas, appella então para as tradições da familia e lança aos alagoanos o pequeno e simples manifesto, datado de 18 de Outubro de 1860: “Meus caros comprovincianos. E’ com extrema satisfação que venho dirigir-vos estas poucas palavras. Apoiado pelo concurso valioso de amigos, cuja magnanimidade parece tanto maior quanto é mais elevada acima de mim a sua posição e a sua influencia, eu venho hoje solicitar perante vós a honra de representar no Parlamento a nossa heroica provincia das Alagoas, pelo seu primeiro districto eleitoral. O nome que ante vós comparece, o meu nome de familia, vós o conheceis bastante. Des-

vanece-me saber que todos lêdes escripto nelle, em caracteres significativos, porém, modestos, tão inteira probidade e amor ás sagradas instituições do Brasil, quanta resistencia legitima e sincera ás desordens, ou do poder, ou do povo. Se eu ponho por diante o nome que trago é que não saberei nunca, nem poderei, renegá-lo. Senhores, ser-me-á conferida a honra que procuro? Não hade o meu reconhecimento ser menor que a minha gloria. Se me não for licito, porém, tanta fortuna, ficarei contente vindo que a outros mais dignos confiastes o solemne mandato. Vosso amigo devoto, *Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos*" (41).

Era natural que tal candidatura despertasse muitas sympathias entre os conterraneos. Os seus talentos, o brilho do curso juridico, irradiaram-lhe a fama até a velha Provincia, e o nome de familia não deixaria de ser em seu favor uma força virtual. Mas tudo isso não bastaria para assegurar-lhe a victoria nas urnas.

Depois da sahida do pae, a physionomia da politica alagoana se alterara grandemente, e novos *clans* se organizaram, despertando muitas outras ambições.

O candidato illustre, apesar da marcante superioridade, não desconheceu as hostilidades obscuras dos possiveis concurrentes menores, que lhe não perdoariam a propria superioridade, formada á distancia dos ex-

(41) Doc. n. 1072 da Collecção de Manuscriptos do Inst. Arch. Geog. Alagoano.

clusivismos partidarios e da atmospherá das intrigas locais.

Sob a presidencia de Pedro Leão Velloso, pae, trava-se o pleito, e disputadíssimo: Tavares Bastos sahe eleito por quasi unanimidade, pois confluiram-lhe no nome os suffragios das forças eleitoraes mais oppositas.

E' grande a sua alegria. De Maceió, aonde fôra assistir ás eleições, escreveu ao Conselheiro Saraiva, communicando o resultado, nestes termos em que se trahem os alvoroços do entusiasmo juvenil: "Dê-me um abraço: sou o mais votado deste 1.º Circulo, com perto de 700 votos" (42).

Que contasse com o apoio dos remanescentes daquelle velho partido dos *Lisos*, que o pae animara com a intelligencia e as paixões, seria de esperar, mas que o suffragassem os elementos liberaes, presos á direcção de Sinimbú, pareceria talvez impossivel. E foi Cansação de Sinimbú quem amparou decisivamente os nobres anseios do joven alagoano, vendo no filho do antigo antagonista a mais radiosa promessa do genio de sua terra.

Tavares Bastos teve para conduzil-o na iniciação a sabedoria pratica de Saraiva, que não só predispoz em seu favor as sympathias do presidente da Provincia, como lhe indicou os caminhos mais habeis para o exito

(42) Do Archivo do Conselheiro Saraiva, no Inst. Hist. Bras.

da campanha. O estadista bahiano foi um mentor admirável, tão subtil e tão seguro, que Minerva poderia tomar-lhe a forma, como o fazia com o amigo de Ulysses, nos conselhos a Telemaco.

Sómente um aviso não fôra logo acceito pelo iniciado — aquelle de procurar a mão de Sinimbú.

Tavares Bastos confiava que essa viria a seu tempo, o que se deu, para honra de ambos. E ao padrinho sagaz resumia o seu reconhecimento nestas phrases em que ha qualquer coisa de filial: “Não preciso agradecer-lhe, meu bom amigo, os seus auxilios. Pitt toca na mão de Chatam, e está entendido” (43).

* * *

O Gabinete Ferraz abandonara o poder antes de se abrir o Parlamento, e a legislatura de 1861 inaugurava-se já sob o governo de Caxias.

A politica da *Conciliação*, desfigurada das intenções que a inspiraram, encerra-se, emquanto os partidos reavivam os matizes originarios.

A herança de Paraná, não encontrando mais o mesmo calor que a formara, foi se empobrecendo no automatismo das successões, a que forças novas, ou refeitias, imprimiam rumos differentes.

Outro era o clima, e as aguas retomando os leitos primitivos confluiriam talvez em futuro proximo...

(43) Do Archivo de Saraiva no Inst. Hist. Brasileiro.

Caxias apresenta-se com um programma inexpressivo, ou melhor sem programma. Para elle os principios do Gabinete estavam bem indicados pelos precedentes das pessôas que delle faziam parte e assim se dispensava de dizer qual o sentido da direcção. Que os julgassem pelos actos, concluia o velho soldado (44).

Era por demais simples a declaração, para uma época inquieta.

A *Actualidade*, ultra-liberal, criticando com vehemencia as palavras do Chefe do Governo, dizia: "Isto não é programma, é mystificação; não é definir politica, é escarnecer do paiz". (45)

A Camara differia um pouco da anterior pelo curso de novos elementos, que lhe davam physionomia mais vivaz.

Os conservadores ensaiam os primeiros golpes. A imprensa alarmista punha em circulação o boato de que nenhum dos diplomas conferidos a membros do partido liberal, a respeito dos quaes houvesse contestação, seria julgado valido.

Lafayette Rodrigues Pereira, que fôra derrotado no primeiro circulo de Minas Geraes, no seu jornal ataca ameaçadoramente a maioria parlamentar: "A maioria da Camara pode marchar de escandalo em escandalo, pode eleger deputados por sua conta e risco e repellar

(44) *Annaes do Senado*. Maio de 1861.

(45) *A Actualidade* — 11 — Maio — 1861.

os verdadeiros eleitos do povo. Mas contra o despotismo de suas decisões ha a opinião publica com suas condemnações severas e irrevogaveis” (46).

Tito Franco, apesar dos esforços de Theophilo Ottoni, apparecia já como a primeira victima, para dar entrada áquelle cacique de sotaina, o conservador Siqueira Mendes, do Pará.

Entre as figuras que chegavam pela primeira vez, formando quasi que a metade da nova Camara, viam-se: José de Alencar, José Bonifacio, o moço; Amaro da Silveira, Felix da Cunha, João Alfredo, Pedro de Calazans, Angelo Thomaz do Amaral, etc., etc.

O pleito fôra renhido em todo o paiz e as bancadas vinham scindidas, dahi as discussões acaloradas e desagradaveis em torno de pequenos interesses e de frivolos episodios eleitoraes, que tomavam inutilmente grande parte das sessões.

Homens de valor e médiocridades bisonhas perdiam-se nas teias dos mesmos motivos vulgares.

Das legislaturas passadas ahi estavam: Octaviano, Zacarias, Salles Torres-Homem, Saldanha Marinho, Paulino de Souza, Martinho Campos, Camaragibe, Silveira Lobo, Gomes de Souza, Paes Barreto, Rego Barros, Fernandes da Cunha, Pinto de Campos, Dantas, Mauá, Saraiva, Porto Alegre, Sergio de Macedo, Leitão da Cunha, etc., etc.

(46) *A Actualidade* — 27 — Abril — 1861.

Na bancada alagoana, das mais sulcadas de rivalidades, os attrictos pessoaes tornavam-se frequentes. As discussões mais asperas a respeito de questiunculas regionaes absorviam a actividade daquelles homens estimaveis, mas rixentos (47).

As violencias de um sub-delegado, a remoção de um juiz municipal, tomavam proporções dramaticas, e o bate-boca irritado comia as horas...

O que para elles se afigurava um mundo, para Tavares Bastos certamente seria um grãozinho de areia. Viera com outro destino: teria alguma coisa de novo a annunciar aos homens e aquelle espectaculo o desolava...

Sómente uma vez occupou a tribuna, arrastado por um desses incidentes, tão communs entre os companheiros, e isso porque no curso do debate fôra citado o nome do pae. Mas fel-o rapido, com distincção e superioridade.

De começo logo advertiu: “Entrando na presente discussão, Sr. Presidente, sinto um acanhamento indizível, porque, seguindo as tendencias do meu espirito não sei jamais collocar-me em extremos. Tratando-se,

(47) A bancada alagoana compunha-se, além de Tavares Bastos, de Jacintho Paes de Mendonça, Esperidião Eloy de Barros Pimentel, Benjamin Franklin da Rocha Vieira (sobrinho de Sinimbú) e Manoel Joaquim de Mendonça Castello Branco — depois Barão de Anadia.

senhores, de uma questão atravez da qual transparecem personalidades, ha vantagens, sempre que se pode, em collocal-a num terreno alheio ás paixões. E' o que vou fazer" (48).

O caso em si carecia de importancia e as curtas explicações bastaram. Não iria perder tempo com insignificancias, sómente as grandes coisas, as nobres causas — aquellas *res illustres* de Tacito — lhe interessariam.

Trazia missão mais alta...

* * *

Tavares Bastos era o mais joven 'dos deputados, mal se abriera o Parlamento completava vinte e dois annos.

Entre os novos companheiros — que conheceram a gloria da vida publica — destacaram-se logo pela eloquencia: José Bonifacio e Felix da Cunha. A imaginação poetica do primeiro e a abundancia lyrica do segundo conquistaram os favores faceis daquella assembléa. José de Alencar num esforço penoso exercita-se na tribuna, vindo a ser futuramente dos melhores oradores parlamentares, isto graças a uma tenacidade digna de Demosthenes.

(48) *Annaes* da Camara, Julho — 1861.

O Visconde de Taunay conta a decepção de Francisco Octaviano ao ouvir o grande romancista na estréa: “Parece que peccava pela monotonia de dicção e difficuldade de phrase ainda que de bom cunho portuguez e de quem a sabia bellamente manjar, de penna em punho”. Theophilo Ottoni, que dizia — “nem de longe lembra o pae, deve voltar aos seus folhetins e aos seus romancetes” — ficou surprehendido alguns annos depois, quando Alencar, ministro da Justiça, o enfren-tou no Senado, como um gigante (49).

João Alfredo, então obscuro, dá-se aos casos de politica local e Amaro da Silveira forceja o seu lugar ao sol.

A admiração de Tavares Bastos, desbordante mesmo, é por José Bonifacio.

Theophilo Ottoni faz a *rentrée* sensacional na tribuna do Parlamento, respondendo á *Fala do Throno*. Velho campeador, vindo das lutas da Regencia, sagrado agora pela victoria estrondosa, na Côrte e na provincia natal, o grande mineiro resurge, como o vingador da democracia, e num caudaloso discurso critica o momento politico e lança os raios da sua eloquencia — *fulmina verborum* — contra o ministerio presente.

Paranhos, que era a maior figura do Gabinete, responde num daquelles discursos geometricos, em que se

(49) V. de Taunay — *Reminiscencias* — pags. 90 e 91.

sente a força da logica e a harmonia da construcção, tão peculiares ao seu engenho. Após o ministro da Fazenda, levanta-se José Bonifacio, como um triumphador, para a maravilhosa estréa! O Andrada illustre fére fundo a situação e tenta numa synthese historica mostrar os vicios que affligem a politica brasileira, destacando dentre elles o da centralização (50).

Tavares Bastos assiste como qué deslumbrado áquelle torneio fulgurante e, não se sentindo talvez com as azas ainda adultas para taes remigios, disfarça-se com o pseudonymo de *Um Excentrico*, e sob a impressão, immediata e violenta, da palavra de José Bonifacio escreve o celebre pamphleto, hoje muito raro — *Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro*.

O vigor da sua analyse supera os surtos da eloquencia do Andrada, e com um senso de coordenação tão proprio do pensador que deve ser, no conceito emersoniano, um retrospectivo, vae ás matrizes viciosas da nossa formação, procurando encontrar nas taras ingratas as causas remotas dos nossos males.

O pamphleto que é offerecido a José Bonifacio, “o herdeiro do mais bello nome da nossa historia”, divide-se em tres partes: *Realidade, Illusão, Solução*.

Na primeira em que se encontra a legenda — *Mala autem arbor malos fructum facit* — deixa vazar toda a amarga comprehensão da genese brasileira: “Illusão

(50) *Annaes da Camara* — Junho de 1861.

do patriotismo! A origem dos nossos males não está só nos recentes erros de hontem, como de ordinario se diz. Não! Para descobri-la é preciso remontarmos ao curso de mais de um seculo, a muitos dias passados, é preciso procural-a nesse longinquo tempo em que se encerrou a epopéa da idade-media, e começou o drama terrivel da historia moderna.

“O seculo XVI foi o theatro do absolutismo mais depravado. Para os povos da raça latina sobretudo, elle é a expressão da guerra e da fome, da tyrannia e do fanatismo, da tortura e da fogueira, symbolo da maior miseria social. O absolutismo crescendo por toda a parte, encontrava Portugal, naquelle seculo, em as melhores condições para o seu reinado. Decadencia moral, absorpção pelo poder das forças vivas da sociedade, definhamento das municipalidades e das côrtes; annullação da nobreza cavalheirosa, substituida pela nobreza rapace e indolente; simonia, ignorancia e brutalidade do clero; rei beato e corrupto; a classe industriosa, ou a raça hebreia, perseguida em vez de protegida; a inquisição firmada; tudo, até a dependencia em que estava do maior fóco da peste moral nesse tempo a côrte de Roma, tudo, emfim, conspirava para a ruina desse desgraçado paiz.

“Já não existia então o vigor da sociedade nascente, dos seculos XII e XIII. Sem o espirito forte e a vontade indomavel dos povos da raça germanica, Portugal brilhou um dia, no seculo XV, e morreu para sempre. Traçando seus versos immortaes, cujas harmonias inspirava

mais o patriotico louvor dos feitos dos maiores, a musa do passado, *temporis acti*, do que as esperanças do futuro, Camões, o agoureiro Camões, dizia:

*...A patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.*

.....

“A Historia interna da metropole aclara a physionomia da colonia.

“Quando seriamente começou de aproveitar o Brasil, que outras potencias ambicionavam, Portugal não contava já façanhas quaes as de Affonso Albuquerque e João de Castro. A idade heroica recuava diante da omnipotencia do absolutismo. Dahi resulta qual devera ser o espirito dos emigrantes. O espectaculo que na metropole viram era o de um desfallecimento silencioso. O mundo que se lhes abria saciava-lhes a sêde de ouro, que a terra prodiga offerencia.

“Ora, uma sociedade formada por individuos, não só de infima classe e em grande parte condemnados, como de ambiciosos de dinheiro ganho sem o santificado suor do trabalho, uma sociedade tal considera a indolencia, felicidade; a rapacidade, industria; a moeda, riqueza; a ignorancia, virtude; o fanatismo, religião; o servilismo, respeito; a liberdade de espirito, um peccado que se expia na fogueira, e a independencia

pessoal, um crime de lesa-majestade. E era assim. Esqueci, por um momento, que se trata da terra da patria, e deixei falar a historia.

“Se alguma coisa explica o embrutecimento do Brasil, até o começo do seculo presente, a geral depravação e barbara aspereza de seus costumes, e portanto a ausencia do que se chama espirito publico e actividade comprehendedora é 'decerto o systema colonial. Não recahe sobre Portugal sómente esse crime de ignorancia e egoismo; mas é innegavel que, em parte alguma, foi o regimen observado com mais severidade e mais sollicita avareza do que na metropole.

“Á ausencia de pêas, quaes aquellas com que fomos jungidos á immobildade chinesa de Portugal, deveram os povos da Nova-Inglaterra a sua nobre independencia e rapida prosperidade. Com effeito, o presidente desse paiz, que, segundo Gervinus, representa o maior progresso de sociedade pela maior expansão da liberdade individual, dizia ao Congresso, na mensagem de 1852: “Nossas livres instituições não são fructo da revolução; ellas existiam antes, tinham suas raizes nas livres cartas, sob cujo regimen se haviam engrandecido as colonias inglezas”. O exemplo dos Estados Unidos caracteriza bem o nosso pensamento. Sim, não conheciamos o espirito publico, nem a liberdade do individuo, ao começar deste seculo.

“A nossa independencia, arrancada facilmente das mãos de um paiz anniquilado e revolto, pelo principe generoso que a firmou segundo os conselhos de alguns

homens superiores, a nossa independencia não contraria quanto allegamos. A sociedade não era inteira e fielmente representada pelos patriotas a que alludimos. Elles foram homens superiores ao seu tempo e aos do seu paiz. A independência a elles se deve, e em grande parte; mas suas forças eram pequenas para a tarefa gigantesca de fazer de cada brasileiro um homem verdadeiramente livre, independente e soberano. “*My house is my kingdom*” diz cada inglez. No Bràsil de então, como de hoje, só a autoridade gozava o mais illimitado arbitrio. Depois, os chefes do movimento de 22, educados nas trevas de Coimbra, eram eivados de aspirações, sentimentos e prejuizos republicanos, á guiza da Grecia e Roma, cujos heróes e cujos feitos citavam a proposito de tudo. Quando se considera nessa viciosa educação classica e juvenil admiração dos heróes antigos, já assignaladas pelo Snr. J. J. da Rocha; quando se pensa nas más consequencias anachronicas e deleterias como o demonstrou F. Bastiat, admira sem duvida ter nascido dessas cabeças pejadas das recordações de Cesar e Pompeu, não só a nossa sensata, nacional e gloriosa Constituição de 24, como sobretudo o Projecto elaborado na Assembléa Constituinte”.

Na sua critica implacavel, continua o pamphleto candente, e na segunda parte — *Illusão* — pergunta o autor: “Que seria a republica? Vejamos.

“As paixões accesas pela revolução; os interesses privados, as companhias e as empresas infelizes, ambi-

cionando indemnizar-se a custa do Erario, como em França, em 48; e a socialista demanda de empregos desmoralisariam a republica.

“As lutas de predominio entre os chefes dividia-iam. A reacção dos partidos vencidos oppo-
lhe-ia uma difficuldade perenne e todo o dia cres-
cente. Debilitada no interior, a republica seria o lu-
dibrio do estrangeiro.

“Proclamada a republica, não encontraria chefe capaz, nem servidores dignos do Governo. A demago-
gia poderia apenas invocar, em vez de Washington ou Lafayette, o frenesi dos demolidores, dos carbonarios de Manin, de Mazzini. O segundo dia da republica havia de ser o primeiro da anarchia e a vespera da exaltação de um despota. Os caudilhos succeder-se-iam aos caudilhos, como no Mexico, sobre cuja carta Luiz Bonaparte traça os limites de uma nova possessão, como no Rio da Prata, cujas ondas reflectem agora ainda uma vez (!) a lança e a bola, instrumentos barbaros da guerra civil.

“No primeiro abalo que a revolução soffresse ella mesma, como em França, abandonar-se-ia aos braços de ferro de um chefe, um despota, que, embora a anniquile, lhe dê o prazer de esmagar os seus adversarios, os parlamentares, os amigos das instituições livres, mas ordeiros.

“A revolução leva á anarchia; a anarchia ao despotismo; e o despotismo á revolução. Eterno circulo

vicioso, a que parecem condemnados, no seculo XIX, os povos da raça latina”.

Nesses periodos cortados de fulgurações propheticas, vêm-se alguns dos espectaculos da vida republicana. Tavares Bastos foi no Brasil uma dessas raras vozes, em cujos accentos o futuro se annunciava...

Na terceira parte do pamphleto, as medidas que enumera, muitas dellas, tornaram-se depois os motivos pertinazes das suas campanhas generosas.

O governo forte que idéara rèsunia-o assim: “Esse governo promoveria e deixaria praticar, lealmente, a eleição directa. Nesta só palavra contem-se um mundo novo. Dada a eleição directa, com um censo elevado e proporcional ás localidades, restituir-se-ia ao systema representativo a sua verdade. As Camaras fortes pela independencia da sua origem, composta de homens superiores, não dessa infinita serie de ridiculas mediocridades levantadas pelo favor, as Camaras não permitiriam o triste espectaculo de ministerios de *côteries* e reposteiros.

“Desembaraçada a administração central, esse governo dotaria as provincias de presidentes dignos e duradouros. Estes estimulariam o exacto cumprimento da lei, e applicar-se-iam aos estudos e trabalhos serios. Reformada radicalmente a instrucção publica superior, constituida a secundaria sobre um programma de co-

nhecimentos uteis, desenvolvida e difundida a elemental, elle extinguiria essa peste de medicos sem clinica e de bachareis sem emprego, verdadeiros apóstolos do scepticismo e germens de corrupção. Esse governo levantaria o peso de impostos sobre a exportação opprimida, desenvolveria, com systema, os trabalhos publicos, fomentaria o espirito livre da empresa particular; mas não se faria fiador e banqueiro de empresas impraticaveis, cujo unico e perigoso fim é immobilisar capitães e desviar-os da agricultura necessitada. Esse governo, guardada uma economia severa, solveria a enorme divida dos emprestimos em Londres, e a do papel-moeda, consolidando, assim, o meio circulante. Esse governo obteria a lei da livre cabotagem, para que os braços nacionaes nella distraídos, cultivem a terra, tornando a concorrência do estrangeiro mais barato o serviço da navegação. Esse governo, sem descanso, no *marche* da campanha da liberdade, prevenidas certas condições de segurança (algumas fortalezas, acampamentos, tratados internacionaes) faria promulgar a abertura do Amazonas ao commercio do mundo, á emigração superabundante dos Estados Unidos, aos irlandezes, allemães, suissos. Esse governo estudaria os meios praticos de emancipar-se lentamente a escravatura, reconstituindo-se sobre bases naturaes a organização do trabalho”.

Não é uma alma carregada de pessimismo, que passa nesses quadros, de côres tão acidas e violentas, e

sim uma alma ardente de patriota realista, que procura, num exame severo, os lucidos caminhos de direcção...

Tavares Bastos prepara-se para as nobres e altas campanhas. E esse admiravel ensaio de psychologia politica eram já as primeiras armas na batalha das idéas.

CAPITULO III

OS COMEÇOS NO PARLAMENTO

DA ELOQUENCIA POLITICA — O ORADOR E
OS PRINCIPIOS — CONSEQUENCIAS DE UMA
ATTITUDE.

A preocupação dramatica da *estréa* tem sido nos parlamentos a tortura de muitos iniciados, e conquistar num lance sensacional a notoriedade, o sonho commum da maior parte dos que vêm pela primeira vez para as assembléas politicas.

Para os espiritos brilhantes, mas superficiaes, o minuto radioso da *estréa* feliz traz a illusão da gloria eterna!... Acontece, porém, que seduzidas pela miragem dos succéssos da tribuna, muitas vaidades impacientes sossobram irremediavelmente.

Os parlamentos foram sempre um campo de exhibições theatraes, e por vezes um deformador de bôas intelligencias.

A oratoria, sendo das artes a mais precaria, apresenta-se, no entanto, como das mais seductoras. Obra

de ostentação, chamou-lhe Montesquieu. Nella predomina o convencional e o postiço, e o orador-tipo, o homem eloquente especifico, não passa de um ser factício, em constante exaltação, vivendo mais a vida dos outros, do que a propria. A embriaguez dos triumphos faceis cria uma insaciedade perigosa.

Os homens de pensamento puro jamais contaram com a fortuna das assembléas politicas: um Maine de Biran, por exemplo, apagou-se quasi anonymo por entre os deputados do seu tempo. E Condorcet, apesar de eleito por cinco departamentos, não teve na Convenção Franceza o prestigio que tão altos meritos ambicionariam.

Entre o projecto de Constituição, que sabiamente traçara, e o do mediocrè Hérault de Séchelles, a Assembléa não hesitou: preferiu o modelo do energumeno!...

A verdade é que, emquanto o philosopho sobrevive nas linhas altas do pensamento universal, o nome do outro se perdeu no esquecimento — que é a unica forma de rescisão da historia...

O profissionalismo verbal predispõe, não raro, a versatilidade. Os sophistas que foram primitivamente *professores de sabedoria* transformaram-se no curso dos annos em contrafactores das idéas, e a denominação, tão nobre nas origens, tornou-se hoje depreciativa.

Bergson que se inclina ante o *homo faber* e o *homo sapiens*, achando que um e outro tendem a confundir-se, despreza o que elle chama de *homo loquax* — “le seul

que nous soit antipathique, dont la pensée, quand'il pense, n'est qu'une reflexion sur la parole".

Decerto, a palavra pela palavra nada vale e o seu abuso, como o dos toxicos, leva aos delirios mais absurdos.

Natureza elementar, sem fontes profundas de renovação interior, o *homo loquax* condemna-se ao mais melancolico dos destinos. Da sua obra que vive do *accidental e do transitorio*, apagado pelo tempo o interesse do *motivo* que a animara, pouco ou quasi nada poderá subsistir, talvez uma phrase, ou uma imagem, que a sublimação do logar commum preservou...

O mal da eloquencia, poder-se-ia dizer, reside paradoxalmente na propria *grandeza*, grandeza sem profundidade, que se dá toda de uma vez, bastando-se em superficie, esgotando-se por isso mesmo no proprio momento de representação, sem as forças secretas de resurreições, que garantem aos conflictos do pensamento as resonancias no futuro... Os triumphos oratorios que são sempre os mais empolgantes perecem sem memoria.

O conceito ciceroniano de que a multidão faz o orador — *multitudo facit oratorem* — não deixa de ser verdadeiro, embora sob outro aspecto. A multidão faz o orador, mas o faz á sua imagem e semelhança, subordinando-o ás suas paixões que são ephemeras e aos seus sentimentos que são superficiaes.

Escravizado ao auditorio que é a sua gloria — unica e precaria — constrangido ao julgamento imme-

diato que a exaltação desfigura, o orador é um heróe sem *amanhã*, condemnado á mais terrivel das limitações — o presente. A *posteridade*, o *julgamento da historia*, de que tanto abusa nos seus tropos eloquentes, estão ahi a 'dois passos de distancia — nas galerias que o acclamam — nos recintos que o applaudem!...

Lacordaire, que conheceu as galas da tribuna e o fervor dos auditorios, tem este conceito desencantado: "l'orateur et l'auditoire sont deux frères qui naissent et meurent le même jour".

Numa existencia assim tão summaria, não deve haver certamente muito lugar para as actividades profundas do espirito.

Na eloquencia politica, sobretudo, não se visa senão o exito ruidoso e o effeito instantaneo. Assim, pois, o orador tem que ser o utilizador magico de pequenas coisas e o sublime transfigurador de vulgaridades. O trato das idéas substitue-se pelos jogos dos expedientes brilhantes, a meditação pelo virtuosismo.

Dahi Macaulay achar que o orador que consagrasse aos seus discursos longas pesquisas e serias reflexões faria obra tão superflua, como o director de theatro, que pretendesse cobrir de perolas e de pedras verdadeiras as cortezãs e bellas damas que desfilassem em scena.

Ha uma passagem em Plutarcho, que bem define a sorte da eloquencia. Conta elle que Lysias escrevera um discurso de defesa para um homem que ia ser julgado pelos tribunaes de Athenas, discurso que deveria ser decorado pelo interessado. Lendo e relendo para

guardal-o na memoria, a parte um dia surprehende o autor da peça oratoria com essas observações: “Fiquei maravilhado com o vosso discurso á primeira vez que o li, mas gostei menos na segunda leitura e ainda menos na terceira, e agora me parece que não vale nada a defesa”.

Lysias redarguiu tranquillamente: “Meu bom amigo, vós esqueceis completamente que os juizes não deverão ouvir o discurso senão uma só vez”.

Macaulay, lembrando a anecdotia, conclue — assim é no Parlamento da Inglaterra. Poder-se-ia accrescentar, assim, nos demais parlamentos!...

Resume-se o destino tragico do orador, no sacrificio de toda uma vida, pela volupia de uma hora...

Natureza dada á meditação e ao estudo, Tavares Bastos vinha para a politica preocupado em encarar-lhe os problemas com gravidade, e a tribuna se lhe offerecia, como um posto natural a mais para os debater. A imprensa e o livro completar-lhe-iam a acção irradiadora.

Com esse espirito, a estréa parlamentar não podia affligil-o, como lance de theatro. As idéas, os assumptos, pela propria força e sollicitação, é que se encarregariam de conduzil-o á tribuna que para elle não seria um fim, e sim um meio, um instrumento de construcção, e não uma arma para torneios ociosos.

A primeira vez que falou na Camara foi para pleitear uns tantos interesses ligados á economia da Provincia (51).

As estréas modestas são as mais recommendaveis. Disraëli, que não desconheceu as provações da tribuna, aconselhava aos collegas novatos que escolhessem, para estrear, os assumptos de pouca importancia. E não era outro o conselho de Francisco Octaviano ao Visconde de Taunay, dizendo-lhe que começasse por uma questão de ordem...

Foi sómente na sessão de 18 de Julho, ao ser discutido o projecto de *Fixação de Força Naval*, que Tavares Bastos fez o primeiro discurso de certa relevancia politica.

Ouvido com grande interesse, o representante alagoano aproveita-se da opportunidade para uma definição de attitudes.

Tavares Bastos fala com abundancia. Era como um rio a correr impetuoso, disse ao ouvil-o o romancista Joaquim Manoel de Macedo, depois seu collega de Camara. A palavra reflectia-lhe bem a saude da intelligencia. O periodo sahia-lhe limpido, a phrase precisa, sem excessos verbaes que prejudicam quasi sempre o alcance das idéas.

(51) Tratava-se da navegação a vapor no Baixo S. Francisco e nas Lagôas, e mais de certo auxilio á *União Mercantil* recém-fundada em Fernão Velho. — Vide *Annaes* da Camara dos Deputados, 25-Maio-1861.

Renan já dissera: “Não ha arte de falar: bem falar é pensar alto”.

Tavares Bastos falando pensava alto. A eloquencia verdadeira é aquella que desejava Pascal — que desdenha a eloquencia...

O conselho que o autor da *Sagesse* dava aos poetas, pode ser extensivo aos oradores: *Prends l'éloquence et tords-lui son cou.*

Para o homem que pensa, a palavra deve ser um severo instrumento de precisão. Animador de idéas praticas, Tavares Bastos imprimia á phrase clareza e energia.

Sem os sestros de uma rhetorica que tanto viciara as intelligencias da época, a palavra do alagoano nascia com a calida espontaneidade do seu temperamento, rica de germens e de força. Assim, pois, não se perderia nos brincos phosphorescentes das abstracções academicas, nem na dissipação de theses vagas e de amaveis devaneios theoricos.

Examina o momento politico e o seu proposito, como accentua, é estabelecer a questão no terreno das idéas.

Em politica partia da *Conciliação*, como principio e como base, e por acreditar-lhe na permanencia ainda dos effeitos é que animado entrara na vida publica.

Aos seus olhos a *Conciliação* se representava como o restabelecimento de uma harmonia que se rompera.

“Do seio fecundo da Constituição dois principios fundamentaes, nascidos para viverem combinados, des-

prenderam-se, separaram-se, combateram-se. O primeiro é o caracterizado pela revolução de 31; o segundo pela data reaccionaria de 37. O primeiro é o principio de liberdade distendido até á anarchia, o segundo é o principio de ordem levado até á compressão. Pois bem, certo dia, essas idéas extremas fizeram parada, recuaram nas suas exagerações parallelas, retractaram-se de seus erros e confessaram as suas mutuas verdades; numa palavra, transigiram”.

Si se reconhece, acrescenta, que todo acontecimento social não é um accidente, mas o effeito de uma ordem de coisas estabelecidas, a consequencia de um desenvolvimento historico, custa a conceber que o movimento de *Conciliação* tivesse sido o producto esteril de uma época transitoria, e não uma grande realidade.

A formula a que a sabedoria de Paraná dera alma fôra alguma cousa mais do que a simples resultante do cansaço dos partidos, como aos juizos summarios de muitos se afigura. Tinha significação mais profunda. Nella Gumplowicz divisaria a revelação do proprio *genio da historia*, regulando o equilibrio da nacionalidade...

Tavares Bastos que proclamara que “só ao verdadeiro merito, venha donde vier, compete o direito de governar o paiz”, lobrigava no movimento conciliador — quebrando os quadros dos exclusivismos partidarios — a oportunidade feliz para o accesso dos valores.

A um espirito realista assim, como o seu, com a preocupação de construir, sómente uma atmospheria de paz inspiraria entusiasmo e confiança para o trabalho.

A pequena politica, tecida de ambições pessoais e de intrigas das *coteries*, ao favor de cujo clima floresce a audacia dos mediocres, só lhe merecia repulsa. E foi nesse jogo esterilizante, adverte, nessa luta illusoria e apparente, vogando ora de Thiers para Guizot, ora de Guizot para Thiers, que se estragou o governo de Julho, o grande governo de Luiz Philippe, o Napoleão da paz.

Acima dos partidos, interessava-lhe a força das idéas. “Atravez dos partidos que se dissolvem, as idéas fazem a sua marcha triumphal”.

Com o senso objectivo das coisas e o *desgosto das abstracções politicas*, Tavares Bastos ansiava por aquelle mundo dos interesses reais, dos grandes melhoramentos, das liberdades praticas, da administração verdadeira, que fôra para elle a promessa da nova ordem, nascida da *Conciliação*.

O seu programma era de trabalho, de trabalho lucidamente orientado, de quem não renega o direito de livre discussão e que se propõe observar a maior tolerancia, para com os individuos, assim como a respeito dos principios.

Trazia consigo os compromissos da propria mocidade — “não dessa mocidade frenetica que vê sempre diante de si castellos feudaes a derribar, que parece sempre disposta para o assalto das barricadas, mas dessa mocidade reflectida e séria a que se applicam as palavras de Michelet: “Nossos paes nos perguntam porque nesta idade da força e da vida nós caminhamos pensati-

vos e curvados; é que a historia vive em nós, os seculõs pesam, nós carregamos o mundo!”

E o mundo a cujo peso curvava, pensativo, o joven alagoano, era o Brasil, com os seus erros, com os seus problemas e as suas esperanças...

* * *

Tavares Bastos, como se sabe, occupava o cargo de official de Secretaria da Marinha. O seu espirito de politico, no sentido aristotelico do vocabulo, com a paixão organica da *coisa publica*, está claro que não se iria perder na esterilidade do automatismo burocratico. O posto valia-lhe como um campo de observação. Nelle encontrava, á luz crua dos factos, os melhores elementos para o estudo; e á avidez da sua analyse nada escaparia.

Tavares Bastos era dessas intelligencias, não communs na orbita da mentalidade brasileira, que vão aos assumptos, nelles se embebendo como uma esponja. Jamais se deu ao exame de uma causa, sem aprofundal-a, repugnava as improvisações faceis e as vistas superficiaes.

Não se limitou a sér o *bom funcionario*; os seus horizontes rasgavam-se mais largos. Naquelle departamento de Estado procurou logo conhecer as necessidades e os defeitos da administração. Não se ateve sómente á aparelhagem da burocracia, cada vez mais entrava'da pela ferrugem de uma centralização adminis-

trativa de extremo rigor, foi a investigações maiores. Tratou de examinar a situação verdadeira das forças de mar como instrumento efficiente de defesa, e num inquerito cauteloso informou-se seguramente da vida do Ministerio, sob o triplice aspecto — militar, economico e administrativo.

O ministro da Marinha, segundo as' bôas praxes do tempo, assistia á discussão do projecto de *Fixação de Força*. O official General da Armada, Joaquim José Ignacio — o futuro Visconde de Inhaúma — era um marinheiro intelligente e aspero. Tavares Bastos não tinha contra elle nenhum sentimento de hostilidade pessoal; quando se constituiu o Gabinete Caxias já estava eleito deputado pelas Alagôas e, em consequencia dessas novas funcções, sem mais contacto directo com a Secretaria a que pertencia, de modo que entre o chefe e o subordinado não existiam quaesquer desentendimentos.

Finda a parte geral do discurso, o deputado alagoano ensaia varias interpeilações. Percorre numa critica medida os diversos ministerios até chegar ao da Marinha, e ahi com mais vivacidade se detem.

A Marinha, no estado em que se encontrava, era, apenas, nominal, affirma. Chama a attenção para a imprestabilidade e anachronismo da grande parte do seu material. Condemna o criterio anti-economico do desmembramento da frota em varios pontos e da organização dos arsenaes. Explica a falta de estimulo da officialidade, não só pela deficiencia da remuneração,

em determinados postos, como pela ausencia de um criterio superior de reconhecimento do verdadeiro merito.

As suas palavras vêm acompanhadas de numeros, de citações precisas, de confrontos rigorosos e dados seguros.

O ministro ouve o discurso quasi todo em silencio, silencio que significava mais hostilidade do que attenção.

Joaquim José Ignacio era verboso e amava a tribuna, acudindo sempre com presteza ás criticas que se faziam ao seu Ministerio. Manteve fortes debates com Paes Barreto e Zacarias; deu immediatas respostas a Saldanha Marinho, Amaro da Silveira e outros, quando se occuparam de coisas daquella pasta; mas a Tavares Bastos não respondeu... Via no representante alagoano apenas o funcionario, a quem as garantias do mandato permittiam umas tantas impertinencias!...

O representante das Alagôas não tivera o intuito de fazer um discurso espectacular. Não se tratava de um opposicionista profissional, desses que forçam situações e vivem á cata de motivos impressionantes. Os elementos de que dispunha para a critica, não os colhera adrede, visando o effeito do momento, tinha-os de um largo exame, desinteressado e sereno.

Depois da sahida de Saraiva e de Sá e Albuquerque que representavam no Ministerio os *Moderados*, era natural que não fossem grandes as sympathias pelo Gabinete de 2 de Março, que gravitava agora para os

Conservadores *extremes*, retomando a velha coloração partidaria; mas isto não o arrastaria de nenhum modo para os debates imprudentes. Obedecia a imperativos mais altos.

Desse discurso existe ainda no archivo de familia o summario, com a letra do autor. E' um summario que toma varias laudas e, se o orador houvesse obedecido rigorosamente a todas as indicações, teria pronunciado uma oração tres vezes maior. Nelle sente-se o cuidado com que dispoz os assumptos e ordenou as idéas. Nelle se acham phrases inteiras, citações de escriptores, algarismos, que se reproduzem fielmente no discurso.

E' uma especie de roteiro das idéas, e que pelas proporções daria para um curso, mas Tavares Bastos, naturalmente constrangido pelo tempo, teve que sacrificar uma grande parte dos pontos que pretendia desenvolver.

O que ha de interessante sobretudo nesse summario, tão cautelosamente preparado, é que a respeito da pasta da Marinha, nelle só se encontra — encerrando a ultima lauda — esta simples nota: “Seguem-se os negocios da Marinha”; e os negocios da Marinha foram justamente o motivo principal que debatera, com amplitude.

Isso prova que o não levará á tribuna mero capricho occasional, e sim a solicitação superior do assumpto, vivido por elle numa longa e intelligente familiaridade.

Não o comprehendera assim o ministro, com o espirito deformado pelos rigores da disciplina militar, confundindo o zelo do patriota com a irreverencia do subalterno.

Na sessão de 17 de Agosto, quando se discutiu o orçamento da Marinha de cuja commissão fazia parte, Tavares Bastos pronuncia novo e energico discurso. Sempre no plano impessoal dos principios, sem nenhuma arrogancia dogmatica, ao lado de medidas de economia que propõe, estende-se numa analyse vivaz dos vicios da administração, resultantes do regimen centralizador. Encarece a necessidade de alargar-se a esphera de attribuições dos funcionarios, immediatamente collocados junto aos ministros, para que se desenvolvam e fortifiquem a iniciativa e a responsabilidade propria das repartições inferiores. Mostra como os ministros, cujo pensamento deve absorver-se nos assumptos mais serios, perdem um tempo precioso com coisas insignificantes, como o assentamento de praça de um recruta, a matricula de um aspirante, o processo de um fornecimento ordinario, etc., etc. De taes excessos da centralização administrativa, nasce uma verdadeira mania regulamentadora que combate com calor. A essa altura o ministro o interrompe com este aparte, visivelmente mal humorado: “Eu já fico avisado para não fazer regulamentos”.

Tavares Bastos responde serenamente: “Se V. Ex. não o fizer, nada innovar, melhor cumprirá o program-

ma do governo, que, segundo o Sr. ministro da Justiça, reduz-se a executar o que existe”.

Joaquim José Ignacio, sem disfarçar mais a irritação, replica: “Pois hei de fazer os que entender necessários”.

O deputado alagoano, sem dar maior importancia ao incidente, continua na tribuna, sempre com a mesma elevação e ouvido pela Camara entre os signaes mais vivos de respeito.

No dia 24 de Agosto, ao discutir-se o orçamento da Guerra, Tavares Bastos faz o ultimo discurso do anno. Enfrenta agora um outro militar, esse mais polido, o futuro Duque de Caxias, presidente do Conselho.

Com aquelle espirito dado ás vistas geraes, o representante das Alagôas aborda a situação do Exercito, lembrando uma serie de medidas. Condemna o recrutamento forçado, vexatorio e sem base. E’ pela conscrição. Quer que todo cidadão, dentro de certa idade, seja obrigado ao imposto de sangue, sujeito a prestar o serviço militar, não se distinguindo entre o rico e o pobre, o herdeiro do nobre e o filho do plebeu. Pugnava já pelo serviço militar obrigatorio, que só se inaugurou no Brasil cincoenta annos depois... Cria taxas pesadas para aquelles que desejarem escapar a esses deveres, e suggere o desenvolvimento das milicias das provincias e das guardas dos municipios; as primeiras com uma leve organização militar, e as segundas com um character civil. E’ pela redução dos effectivos e assim se exprime: “O exercito, machina de morte,

força permanente de destruição, deve ser o minimo possível, porque então a sua utilidade toda consiste em ser o nucleo da força armada, em caso de guerra. Não amesquinho o papel do exercito. Progresso em relação ao passado, as forças permanentes são tambem um embaraço para o futuro, porque dizem as fontes productivas de todas as nações que se conservam, como as da Europa, numa indefinida neutralidade armada”.

Refere-se aos Estados Unidos que, não ligando extraordinario apreço á famosa maxima dos Romanos, se contentavam sabiamente com uma milicia geral e um pequeno exercito.

Tratando de algumas despesas demasiadas, alvitra reduzir-se o numero de arsenaes e lembra outras providencias. Todo o discurso decorre num ambiente de acatamento, sentindo-se, na firmeza da palavra, a reflexão e o estudo.

Desse discurso, como o do anterior, existem tambem ainda as notas intimas que lhe davam o itinerario. Tavares Bastos não amava a tribuna pela tribuna. Só falava quando tinha alguma coisa para dizer, e o fazia com seriedade. Se contrariava os ministros actuaes com os seus pontos de vista, não obedecia ao sentimento mesquinho de incommodal-os, e sim ao desejo de construir, de servir intelligentemente ao seu paiz.

Na confusão dos interesses do tempo, não perdia aquella *vontade de lucidez*, que Valéry recommenda, e que o distinguia no tumulto do rebanho parlamentar,

como uma força nova em correspondencia com o futuro.

Caxias, ao contrario do collega da pasta da Marinha, não desdenhou as observações do deputado alagoano.

Ao responder aos oradores que discutiram o orçamento da Guerra, a elle se dirige, dizendo mesmo que em geral lhe pareciam boas as idéas, embora discordasse de algumas (52).

A sessão legislativa d'esse anno de 1861 encerrou-se a 15 de Setembro, e no dia immediato era Tavares Bastos acintosamente exonerado do cargo de official de Secretaria da Marinha...

(52) *Annaes da Camara dos Deputados*, 27-Agosto-1861.

CAPITULO IV

A VINGANÇA DO SOLITARIO

O INCIDENTE COM O MINISTRO DA MARINHA
— O DEPOIMENTO DE PARANHOS — A RE-
PARAÇÃO.

Quem é o *Solitario*, perguntava-se com insistencia e curiosidade, ao apparecerem — como procedentes da Tijuca — as *Cartas* que o *Correio Mercantil* periodicamente publicava, *Cartas* em que se debatiam, com uma certa audacia das idéas, graves problemas de politica?...

O enigmatico da origem accendia inda mais o interesse da collaboração, e o nome do supposto autor passou a fluctuar nas predilecções dos boatos.

O *Solitario* só pode ser, dizia-se, um homem amadurecido no convivio da coisa publica e nas praticas de governo, dada a seriedade e altura das questões levantadas; mas o tom ousado do estylo como que desorientava as melhores conjecturas.

Naquelle clima temperado do Imperio algo de estranho florescia. E as novidades da intelligencia e a afoiteza da imaginação surprehendiam os velhos padrões da época.

Varias figuras indicavam-se, como sendo o *Solitario*, e a mais visada pelas preferencias foi a de um antigo constituinte, ministro da Regencia e senador pela Bahia — o Visconde de Jequitinhonha — Francisco Gê Acayaba de Montezuma.

O mestiço bahiano tinha o dom subtil de renovação, dahi as suspeitas da autoria. Character de admiravel plasticidade, a que uma pontinha de cynismo proporcionava faceis adaptações, Montezuma, apesar daquellas *infidelidades* de que falou com tanta discreção Machado de Assis — na chronica do Velho Senado — não deixou de ser nunca uma das vozes mais vibrantes do seu tempo.

Além de Francisco Octaviano e Muniz Barreto que eram os donos do *Correio Mercantil*, sómente conhecia ao verdadeiro autor o Conselheiro Saraiva, então na Bahia, a quem o proprio *Solitario* punha ao corrente dos seus planos.

Conta Salvador de Mendonça que suspeitara logo de que fosse Tavares Bastos o mysterioso publicista e, procurando a Octaviano, fizera-lhe sentir a desconfiança, a que o poeta-estadista, “com o seu divino sorriso”, retrucara: “Não sei. Tudo isso é tão novo, que não posso saber donde vem. Se V., porém, encontrar pelos altos da Tijuca, de manhã cedo, um elfo esquivo, a

olhar para as bandas do norte e a sonhar com as cousas dos Estados Unidos, trate de apanhal-o, que é o homem”.

Salvador já não tinha mais duvidas. Conhecera Tavares Bastos em S. Paulo, na *republica* de Macedo Soares, quando o alagoano se preparava para a defesa de these e a impressão daquella superioridade jamais se lhe apagara da memoria: “Ouvira-o d’ dissertar sobre muitos assumptos cheios de novidade, e já familiarmente lhe chamavamos o *Americanista*. Posto fosse esmerada a sua educação litteraria, a imaginação de Tavares Bastos só divagava pelos campos dos estudos praticos”. (53)

Sete dias após o acto que o demittira, apparece a primeira carta, que traz a data de 19 de Setembro. Nella o *Solitario* se apresenta: “Meu caro senhor. — Os écos da Thebaida aonde vim acolher-me das injustiças dos homens da cidade e procurar descanso para os meus dias agitados, os écos destas montanhas acabam de repetir nas suas vozés sonoras as phrases eloquentes com que pintastes a situação politica no dia em que se encerrava o parlamento.

“A tristeza que vos pesa na palavra, a duvida que a detem vacillante, feriram-me de perto. Como de um sonho desagradavel, eu despertei pensativo: a imagem do futuro, que se annuvia e escurece, surgiu a meus olhos como pesadelo em noite mal dormida.

(53) *Cousas do meu Tempo* — “O Imparcial” — 6-4-1913. Rio.

“Na força do talento e no vigor da idade, vós pareceis desanimar...

“Nobre coração, á borda do abysmo, pode o forte desfallecer?

“Ah! eu tambem já provei desses amargores do passado e dessas dúbias entrevistas do porvir! A’ força de excital-o, quebrantaram-me o espirito, e como tornaram a alma insensivel. Mas, hoje que a situação é gravissima, no dizer daquelles mesmos sobre quem descança a responsabilidade dos ultimos annos; hoje que o paiz reclama o estudo e os conselhos de todos, permitti que eu furte algumas horas de reflexão ao ermo, que levante a minha voz tambem nas preces fervorosas pela salvação do Brasil.”

As *Cartas* se succedem durante todo um periodo de seis mezes, avivando cada vez mais o interesse do publico. Salvador de Mendonça, contemporaneo dos factos, assim se refere: “Estas cartas prendiam a attenção geral. Corria por ellas uma aura nova, ás vezes transformadas em lufadas rijas capazes de derrocar velhas instituições. Guardava-se o maior sigillo com relação ao nome do autor. Todos, porém, Liberaes e Conservadores, politicos e homens de letras, liam-nas e admiravam-nas”.

O “contendor aparelhado de armas novas, acerradas e scintillantes, até então estranhas e a quasi todos desconhecidas”, na opinião do chronista das *Cousas do meu Tempo*, vingava-se do governo que tão grosseiramente o exonerara de um modesto cargo burocratico;

pondo em evidencia e em contraste a sua capacidade de homem de Estado — homem de Estado de vinte e dois annos, como Pitt!...

O Ministerio, atravez dos seus orgãos faceis de maledicencia, fizera circular a versão de que se procurara castigar não o deputado; mas o funcionario, incapaz e desidioso... O orgulho e o brio altivo de Tavares Bastos não se conformariam com a perfidia governamental, e as coleras do titan forjariam uma vingança em que se sentissem humilhados taes adversarios.

O *Correio Mercantil*, depois da publicação da ultima *Carta*, desvenda o mysterio da collaboração, como uma surpresa sensacional: “Quem é o Solitario? Esta pergunta nos foi feita pelos homens que se dedicam ao estudo das questões graves do paiz, desde a primeira carta que publicamos com aquella assignatura. E, á proporção que o nosso collaborador tratava de um novo assumpto, cada qual mais importante, a curiosidade publica ia crescendo, porque os artigos do *Solitario* revelavam estudos profundos, grande talento de argumentação e vistas largas a respeito das questões administrativas, que mais nos devem interessar. Conjecturou-se que o *Solitario* era este ou aquelle Conselheiro de Estado, e até nas publicações por conta do governo se lhe teceram elogios. Pois bem: o *Solitario* quer dizer um desforço nobre, uma luta de honra, um appello para o tribunal da nação, feito por um deputado alagoano, offendido brutalmente pelo governo. O

Solitario é o Sr. Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos.” (54)

Em Maio de 1862 apparece em volume a primeira edição das *Cartas do Solitario*, edição que rapidamente se esgota. Nella se incluíam apenas os trabalhos relativos á abertura do Amazonas, ás communicações com os Estados Unidos e á liberdade de cabotagem.

A imprensa a acolhe com enthusiasmo e o jornal de Lafayette Pereira assim se externa: “O publico ansioso queria enxergar a mão que tão habilmente tocava em pontos delicados, onde algum dia se poderão firmar com vantagens grandes interesses de nossa patria; procurava na febre crescente da curiosidade, conhecer essa alma entusiastica e ousada que assim despertava idéas profundas, as quais vivendo até hoje atiradas á poeira do desleixo eram para nossos estadistas ou puerilidades fóra do proposito, ou sonhos de um bello ideal. Occupam-se ellas de assumptos ricos pelos seus grandiosos elementos, fontes vivas e novas que podem engrossar a torrente do progresso, que, apesar de tudo, nos impelle para o seio da grande civilização. O livro do Sr. Tavares Bastos é um desafio amigavel e nobre lançado aos espiritos que ainda têm fé, ás penas que ainda têm coragem. E’ uma luva fraternal que deve excitar uma polemica patriotica. Discuta-se, fale-se, escreva-se. Vamos ver se assim pode-

(54) *Correio Mercantil* — 3-Abril-1862.

mos acordar essa gente lá de cima que dorme hoje o somno da digestão” (55).

A repercussão das *Cartas do Solitario* vae além das fronteiras. Sobre ellas o *Times* de Londres, de 16 de Julho de 1862, decalca os seus commentarios a respeito de politica brasileira e o jornal de Hamburgo — *Hamburger-Nachrichten* — de 20 de Janeiro de 1863, entre outras considerações, escreve o seguinte: “Estas cartas que tratam não só da questão do Amazonas, como tambem da livre cabotagem, têm produzido a maior sensação por toda a parte, e têm mesmo já obtido uma concessão de facto do poder legislativo. Assim, pois, não devemos duvidar que o impulso dado por esta publicação ainda produza maiores resultados em favor do Amazonas. Em todo caso, são estas cartas uma das producções mais notaveis da imprensa brasileira e garantem um lugar proeminente na historia das tendencias reformistas na economia do Imperio. Soube-se posteriormente que sob a assignatura — *Solitario* — estava o Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos, ex-secretario do ministro da Marinha” (56).

* * *

O periodo das ferias parlamentares foi para Tavares Bastos um periodo de intensidade e de labor. Já na

(55) *A Actualidade* — 10 de Maio de 1862. Rio.

(56) Traducção publicada pela *Actualidade* de 27 de Fevereiro de 1863. Ha um pequeno equivoco: Tavares Bastos não foi secretario do ministro da Marinha e sim official de secretaria.

vespera do encerramento da Camara, escrevia ao Conselheiro Saraiva: “Vou estudar como um menino de collegio”.

Ao mesmo tempo que surgem as *Cartas*, publica ainda no *Correio Mercantil* quatorze artigos assignados com as iniciaes sôbre a *Exposição Nacional*, e começa uma serie nova sem assignatura, na *A Actualidade*, sob o titulo — *Libello Inedito* — no genero assim de Salles Torres-Homem. Elle proprio em carta ao confidente bahiano declara a autoria, revelando as intenções: “Estou publicando na *Actualidade* um libello famoso, que o *Diario* transcreve. Remetto-lhe tres numeros daquelles periodicos e continuarei a fazer o mesmo. O libello é a biographia do Ministerio e um estudo sobre o nosso chamado governo representativo. O quarto artigo trata da apostasia e da adulação. Já vê que cheira a Timandro” (57).

Apesar do sabor pamphletario da sua critica, o pensamento do publicista não raro se altea impessoal, no exame dos grandes factos politicos. Mas o *Libello Inedito*, como todo libello que se presa, não foge a certos excessos...

Nesse meio termo, dá-se entre o deputado alagoano e o ministro da Marinha — Joaquim José Ignacio — um choque desagradavel, de repercussão violenta na imprensa. Tomando a defesa do seu amigo, o tenente Mariano de Azevedo, então director da Colonia de Ita-

(57) Do archivo de Saraiva no Inst. Hist. Brasileiro,

pura, a quem ferira uma injustiça do ministro (58), Tavares Bastos vê desencadear-se contra si, inopinadamente, toda a furia neptuniana do futuro Visconde de Inhaúma.

O ministro — irritado com aquella intervenção — mobiliza os escribas governamentais nos mais insolentes ataques contra o representante das Alagôas. No *Correio da Tarde*, órgão officioso, tão conhecidamente ligado ás verbas da policia, vem a 3 de Fevereiro uma diatribe tremenda, intitulada — *Tom Pouce Brasileiro* — e que se attribuiu ao proprio Joaquim Ignacio, cujas velleidades de escriptor ninguem ignorava. *Tom Pouce* era o nome de um anão, muito popular na época e, como Tavares Bastos fosse de minuscula estatura, procurava-se na allusão desprimorosa uma arma de ridiculo.

A mofina ministerial scandalizou pela brutalidade, a que não faltaram as mais pesadas intenções pornographicas. Parecia mais litteratura de moço de convez, do que de official superior da Armada!...

Uma amostra basta: “Os escriptos dessa differencial de creatura humana nada mais são do que a imagem ridicula de um sagui, domesticado pela mais devassa meretriz das ruas de Maceió”.

Tavares Bastos faz transcrever em varios jornaes o artigo infeliz, como o melhor meio de indiciar o aggressor á condemnação publica, acompanhando-o de alguns

(58) *Correio Paulistano* — 19-Janeiro-1862,

commentarios: “Qual o fim da aggressão de tal qualidade! O fim do Sr. Joaquim José Ignacio é manifesto, é desorientar-me e impedir assim o alcance de minhas accusações. Engana-se. Não abandonarei a minha calma habitual, e protesto que, sem usar de represalias indignas, hei de cumprir o dever de patentear os vicios e as prevaricações por elle commettidos na sua vida publica. Esquecer-me-ei do homem privado, mas a sua vida publica pertence-me e a todos, e, frente a frente, ouvirá em breve os commentarios. Basta-me este protesto. Dando circulação ao artigo do Sr. Joaquim José Ignacio eu faço valer contra semelhante ministro, contra um tal governo e contra os seus escriptores a responsabilidade perante o publico, unica que posso invocar, já que a lei não me permite outra, nem eu saberia perseguir um misero testa de ferro” (59).

Nas columnas do *Jornal do Commercio* e do *Correio da Tarde* affluem os pseudonymos mais variados: *Justiça*, *O Amigo Ausente*, *O rato sabio indiano*, *S. P.*, etc., defendendo o ministro e invectivando o deputado. Tavares Bastos tem, na *A Actualidade* de Lafayette e no *Diario do Rio de Janeiro* de Saldanha Marinho, duas trincheiras de combate. Implacavel na represalia, submete a vida publica do adversario aos extremos de uma analyse descaridosa. Fere-o no melindre mais delicado, no ponto mais sensivel da honra professional, arguindo-o de covardia em certo lance da

carreira militar. E assim diz: “Não se assuste S. Ex. a respeito da sua vida privada. Morreria de pejo se imaginasse imital-o. Trata-se de factos da vida publica do official da Marinha. E eu reproduzo dous ou tres desses factos para animar S. Ex., como já disse, a fazer-me igual favor, permittindo-lhe, além disso, o direito, que entretanto S. Ex. já exerceu sem licença, de descer tambem á minha vida particular. Lembro-lhe, por exemplo, que na adolescencia do nobre ministro, na época do enthusiasmo e das paixões nobres, em um tempo glorioso, voltou S. Ex. do Rio da Prata para a Côrte, embrulhado em uma folha de papel na qual estava escripta, a modo de rotulo, a palavra — *cobarde*. E a mão fatal que esculpio semelhante legenda era a do proprio chefe das forças navaes”.

O mais curioso, durante o curso de todo esse episodio, é que a collaboração do *Solitario*, no *Correio Mercantil*, proseguia com o mesmo rýthmo, sem se resentir do azedume do polemista...

A folha de Lafayette Rodrigues Pereira, que se mantinha em valente opposição ao governo, toma tambem á sua conta o velho marujo, que é glosado em prosa e verso. Os versos nem sempre se recommendavam, como primores de inspiração; haja vista este modelo:

Tavares Bastos illustrado e recto
Que censura os seus actos desregrados,
Com escandalo demitte, e vil abjecto
Na imprensa o vai sujar com falsos brados.

A polemica amarga enche o mez de Fevereiro, como a nota unica de escandalo, na monotonia da estação. O deputado alagoano incendiado na refrega alveja tambem com os seus golpes outros membros do Gabinete, de preferencia a Sayão Lobato e José Maria Paranhos, até que um dia, descendo de Petropolis o ministro da Fazenda, cessam os insultos e morre a discussão.

Por uns apontamentos ineditos de Tavares Bastos, vê-se que se attribuiria o desfecho subito á intervenção do Imperador que fizera ponderar ao futuro Visconde de Rio Branco a inconveniencia de taes debates (60).

Abre-se o Parlamento, e o representante das Alagoas é acolhido numa atmospherã de curiosidade geral: vinha com as glorias do *Solitario*, e ainda com a poeira ardente do estrepitoso recontro!

Em breve se acharia ali rosto a rosto com os homens do poder, para um ajuste de contas definitivo. Mas o Ministerio Caxias estava por pouco tempo...

Na sessão de 17 de Maio pronuncia o primeiro discurso que é uma inflammada interpellação ao ministro dos Negocios Estrangeiros, a proposito de varios incidentes internacionaes. Trata da questão de limites entre o Brasil e o Paraguay, da situação do Imperio no Rio La Prata; critica o descaso governamental em relação aos meios de defesa nas provincias de Matto Grosso, S. Paulo e Paraná, dada a hypothese de um rompimento com a republica de Lopes.

(60) Dos manuscriptos de Tavares Bastos, na Bibliotheca Nacional.

O orador, sempre ouvido num ambiente de grande silencio e de attenção continua, tem a contrarial-o algumas vezes os apartes de Paranhos e de Taques. A sua apparição é de um victorioso!...

Por terra o Gabinete Caxias, e não sendo deputado Joaquim José Ignacio, ficava Tavares Bastos sem esperanças de tel-o ao alcance dos raios vingadores, mas nem por isso escaparia o inimigo imprudente...

A queda do governo do velho cabo de guerra não se deu sem certo fragôr. Pela primeira vez, diz Joaquim Nabuco, depois de 48 cahia um Gabinete por votação da Camara. Provocara-o Zacarias de Vasconcellos, após a famosa philippica, no Senado, do Conselheiro Nabuco de Araujo, e que ficou conhecida pelo discurso do *Uti Possidetis* (61).

Caxias era uma reserva cautelosa do Imperio, contra os surtos mais vivos do liberalismo brasileiro. As eleições ultimas, com a victoria theatral de Theophilo Ottoni, encheram de apprehensões os Conservadores que levaram exaggerada ou calculadamente os seus receios até á Corôa que se voltou para o grande soldado, como o anteparo á onda democratica, no altear de cujo dorso apparecia temeroso o revolucionario mineiro.

Desfeita a illusão do perigo, ou esgotado já nos expedientes, o Ministerio Caxias encerra o cyclo melancolico, para dar caminho aos liberaes. Vem Zaca-

(61) V. *Um Estadista do Imperio* — Tomo I — pags. 355 a 358. 2.^a edição.

rias de Góes e Vasconcellos com o celebre Gabinete de tres dias, a que succede o Marquez de Olinda a 30 de Maio de 1862.

Tavares Bastos só podia receber sympathicamente o novo governo, pois, além de ser pelo lado materno parente de Araujo Lima, a quem muito prezava, via occupar tambem uma pasta Cansação de Sinimbú, o homem que lhe garantira a eleição de deputado, e a quem se ligava por um crescente affecto.

Entrando a 3 de Junho em discussão o projecto de *Fixação da Força Naval*, o representante das Alagôas toma a palavra e profere um longo discurso, caprichosamente bem ordenado. Depois de estudar o momento politico e a posição dos partidos, entra no exame objectivo da materia em causa, e a critica á administração que se fôra, e a quem dá a responsabilidade dos erros que argue, é terrivel. Cobre de ironias a figura do ministro d'emissionario da Marinha e lamenta não mais poder com elle ali defrontar.

“O ex-ministro da Marinha deixou de ter assento nos Conselhos da Corôa, estou porventura por esse facto obrigado a pronunciar o *parce sepultis* sobre a sepultura do Sr. ex-ministro? Se o Sr. ex-ministro tivesse a honra de occupar ainda um assento nas cadeiras do governo, a minha palavra seria mais energica e a minha opposição mais formal. Ausente, eu saberei respeitar as conveniencias; mas este facto não pode impor-me um silencio, não pode desviar-me do cumprimento de um dever. Demais têm assento nesta casa

membros do Ministerio a que S. Ex. pertenceu, e principalmente o nobre ex-ministro da Fazenda muito habilitado nos negocios navaes. Assim será facil a S. Ex. obter uma defesa cabal”.

A provocação vinha endereçada a Paranhos que se portaria á altura do desafio do contendor.

Tavares Bastos allude ao acto que o demittiu de official de Secretaria, examinando-o sob o aspecto juridico, mostrando-lhe a illegalidade e violencia.

A Camara ouve-o com uma attenção que vale por uma homenagem. Terminado o discurso, ergue-se o futuro Visconde de Rio Branco, então deputado por Sergipe, que cavalheirescamente levanta a luva que lhe atirara o adversario.

Justifica a politica do governo decahido, e demora-se em particular na defesa da administração do collega da pasta da Marinha. Com aquella harmonia e serenidade que se distinguem como as melhores virtudes da sua eloquencia, Paranhos não recusa a Tavares Bastos, de quem recebera constantes reproches, os testemunhos de justa admiração.

Refere-se tambem ao caso da demissão, achando-a necessaria — embora violenta — aos deveres da disciplina e á dignidade hierarchica.

Não pretende exculpar o Gabinete por meio de sophismas engenhosos; faz corajosamente a revelação dos motivos que os animaram: “Falou-nos o nobre deputado por fim da exoneração que lhe foi dada do cargo de 1.º official da Secretaria de Estado dos Nego-

cios da Marinha. Sinto repugnancia ao entrar nesta questão; mas não posso deixar de oppor algumas considerações á censura do nobre deputado. Ninguém aprecia mais do que eu o nobre deputado. Sei mesmo que serviu naquella repartição com muito zelo e dedicação; e não preciso affirmal-o, porque os talentos do nobre deputado são conhecidos (*Apoiados*) os seus estudos estão patentes (*Apoiados*) elle tem dado do seu merito os melhores documentos. (*Apoiados*).

“Sigo tambem o principio de que o funcionario publico não é escravo do governo, que pode pensar e votar em desaccordo com o governo; mas tenho igualmente como principio incontestavel que entre os direitos do cidadão e os deveres do funcionario ha certos limites que não podem ser transpostos sem quebra da disciplina social e em prejuizo do serviço publico.

“Sinto muito que o nosso dever nos impuzesse o acto de exoneração do nobre deputado; julgamos porém que as conveniencias do serviço e a dignidade do governo exigiam esse acto. Se fomos injustos, não o fomos por espirito de vingança, nem de qualquer outro sentimento menos justificavel; com esse acto creia o nobre deputado, não quizemos desairal-o, nem pôr em duvida o seu merecimento e caracter. (*Muito bem*)”.

Não poderia ser melhor a reparação, vindo, como veio, da mais alta personalidade do Ministerio que praticara a injustiça. Completa a vingança do *Solitario*...

CAPITULO V

DAS CAMPANHAS DO SOLITARIO

A LIBERDADE DE CABOTAGEM — AS COMMUNICAÇÕES COM OS ESTADOS UNIDOS — O ESCRIPTOR.

As campanhas politicas de Tavares Bastos não foram campanhas episodicas, dessas de ephemero sabor eleitoral, em que com frequencia os homens se poem mais em causa do que as idéas. Não. Obedeciam a um plano superior de principios, severamente meditados, a que a continuidade fervorosa da acção e o ardor de estranho devotamento emprestam um character de quasi apostolado.

O Brasil apresentava-se-lhe como um campo de operações concretas, animadas pela imaginação constructora, e não um theatro esteril de dissertações evasivas ou uma arena pittoresca de pequenas rixas partidarias.

Dentro do Brasil, sentiu a realidade brasileira: procurou acordar as forças brasileiras e numa antevisão feriu o futuro do Brasil. Era o que Alberto Torres — um

dos espiritos dessa mesma linhagem — chamaria de ideorealista.

“A gloria singular de Tavares Bastos, affirmou Gilberto Amado, é de poder ser evocado, não como representante da antiguidade, mas como symbolo do presente, como expressão dessa eternidade, dessa juventude do genio que é de todas as épocas e de todos os dias. As *Cartas do Solitario*, a *Provincia* e o *Valle do Amazonas* soam ainda hoje aos nossos nervos como gritos de uma alma desesperada” (62).

Os trabalhos do publicista alagoano, que surpreenderam, ou mesmo escandalizaram, os contemporaneos, deveram o viço de novidade, que resistiu á prova aspera dos annos, ao alto sentido de comprehensão das coisas e dos destinos da terra.

Moço, vivendo num meio de exuberancia romantica, voltou-se-lhe no entanto a imaginação para os estudos objectivos e para as questões praticas. Era uma predestinação...

Os sonhos de uma *Urbs Solis* de Campanella e de uma *Utopia* de Thomaz Morus não o seduziriam. O Brasil seria o mundo, a creação, o systema das suas ambições. Os problemas que agita interessam-lhe pelo gráo de utilidade nacional e pelo alcance proveitoso das soluções. Nelles não se revia, com esse narcisismo tão commum dos politicos, para quem a victoria das causas

(62) Conferencia feita nas commemorações do cinquentenario da morte de Tavares Bastos, publicada no *Jornal do Commercio* — 3-Dezembro-1925.

têm sempre uma significação egoistica de victoria pessoal. Assim é que procura os disfarces mais curiosos, revestindo de um certo ar de mysterio as campanhas a que se lança, com o proposito psychologico de despertar attenção maior para as idéas em debate. Os seus pseudonymos parece trahirem uma confissão: é nos *Males do Presente — Um Exceñtrico*; nas *Cartas — O Solitario!*... Os dois termos revelam um estado d'alma, e elle proprio como que se sente num meio, senão hostile, pelo menos estranho.

Se ao homem faltava a autoridade dos annos e o peso das posições, as idéas que abrissem por si mesmas o caminho, para melhor gloria do seu animador!

Refundidas e completas, as *Cartas do Solitario* surgem numa segunda edição em 1863. Prefaciando-as, nota o autor: “Este volume é um esboço. Comprehende estudos ligeiros de varias questões do momento. Não aspira á dignidade de livro, mas sustenta-o uma idéa geral, eixo que o atravessa, seu ponto de apoio: a liberdade do trabalho, isto é, a simplicidade, a commodidade, a independencia, a abastança individual, a fortuna publica, a verdadeira grandeza. Discutir essa idéa generosa por qualquer de suas faces, estender aos olhos do paiz uma sequer das figuras do problema social, é tanto mais util quanto menos abundam entre nós trabalhos desse genero.

“Do grão de areia fazem seculos o monte. Uma voz solitaria precederá á escola.

“E ha, com effeito, para os povos que começam, pára os habitantes dos novos continentes, uma grande escola que erigir, uma apocalypse que annunciar, uma revolução que emprehender: a repulsa dos prejuizos hereditarios.

“ — Cortar a tradição? anniquilar a historia?”
subtrahir ao futuro os seus antepassados, o presente e o preterito?

“ — Não. Mas, desarraigar a rotina, parasita do movimento: substituir á immobildade do prejuizo de raça o incitamento humano do progresso indefinido; apagar o fogo esteril dos odios de classes e dos odios de povos, e levantar, do meio das nações, o luzeiro esplendido dos principios fecundos”.

Era contra a rotina e os velhos prejuizos crystallizados, que se desataria pugnaz aquella natureza enthu-siastica. O combate seria vehemente e de todas as horas.

As campanhas das *Cartas do Solitario* já se encontravam em germen no pamphleto — *Os Males do Presente* — e em outros trabalhos anteriores, como a these de doutoramento e a biographia do Conselheiro Saraiva, esta publicada anonyma no *Album* de Sisson.

Tavares Bastos não abordava questões isoladamente, ao gosto dos incidentes do dia. O raio do seu exame alcançava-as em conjuncto, articuladas num corpo de organização nacional. Os problemas enfeixavam-se num unico problema: o progresso e a grandeza do Brasil.

Numa época de psittacismo academico e de vãs sonoridades rhetoricas, ia para os factos economicos, para os dados estatisticos, para os inqueritos sociaes. E num insolito appello escrevia: “Tomemos o caminho de um terreno inteiramente neutro. Passemos a campos desconhecidos. Exploremos terras longinquas. Não haverá ahi lugar para o preconceito politico, não caberá ahi o prejuizo liberal ou conservador, saquarema ou luzia. Occupemo-nos dos interesses permanentes do paiz. Cuidemos do futuro, alongando os olhos atravez do presente. Tratemos, meu amigo, das questões sociaes, da essencia desse todo em cujo centro habitamos. Em uma palavra, tratemos do povo, e, parâ subir gradualmente, comecemos pelo miseravel.

“A estas palavras: *povo e miseravel*, imagino que me encarais com ar de estranheza... Não, vós não as estranhareis!

“Sim, ha uma cousa que se esquece muito no Brasil: é a sorte do povo, do povo, que não é o grande proprietario, o capitalista riquissimo, o nobre improvisado, o bacharel, o homem de posição. Fala-se todo o dia de politica, canta-se a liberdade, faz-se de mil modos a historia contemporanea, maldiz-se dos ministerios, e evoca-se a constituição do seu tumulo de pedra. Ora-se a proposito de tudo, menos a proposito do povo. Escreve-se a respeito de Roma e Grecia, de França e Inglaterra; mas não se escreve ácerca do povo. Envia-se ós sabios do paiz a estudar a lingua dos autocthones, a entomologia das horboletas e a geologia dos sertões; mas não se

manda explorar o mundo em que vivemos, não se observam os entes que nos rodeam, não se abrem inqueritos ácerca da sorte do povo" (63).

Visando sempre o bem publico, tinham-lhe as campanhas, para eleva-las, o tom de completo desinteresse e de absoluta impessoalidade.

O combate em favor da livre cabotagem ficou famoso, pela argumentação e pela intrepidez. O problema não se lhe offercia singularmente; nelle se entrozavam varios outros.

Num paiz de tão vasta superficie, sem capitaes poderosos e disponiveis, de escassa população, o privilegio se lhe afigurava prejudicial e esterilizante.

A exclusividade encareceria o transporte, além de servil-o sem efficacia, não se dando com a livre navegação que pela concurrencia o facilitaria, animando-o em boas condições. E accresce ainda o inconveniente de desviar braços que se deveriam destinar á agricultura; tornando-a assim, cada vez mais, na dependencia da col-laboração escrava.

A' liberdade de cabotagem ligavam-se a abertura do Amazonas, o problema immigratorio, o desenvolvimento das provincias, a substituição do trabalho servil, etc., etc. Todo um systema economico lançado ao debate.

De Tavares Bastos pode dizer-se que elle foi por antecipação um pragmatista. Eis o vocabulo que se lhe ajusta a rigor, em que pese ao abusivo e popular emprego que o tem viciado...

(63) *Cartas do Solitário*, pags. 84 e 85. 2.^a edição.

O seu liberalismo não era um liberalismo formal e sim, pratico e opportuno. Não se lhe constrangia o pensamento dentro de canones irreductiveis. Elle proprio o proclamara: “As opiniões que professo são exclusivamente minhas. O codigo das minhas idéas promulgou-o um legislador: a observação. Alimento-as isento de preocupações historicas; professo-as sem prevenções politicas. Vosso amigo não é um liberal, não é um puritano, não é nada dísso, e é tudo isso. E’ um homem sem affinidades no passado e isolado no presente”.

A um paiz novo, como o Brasil, entorpecido porém pelos effeitos de pesada herança colonial, sómente a elasticidade de providencias liberaes atrevidas conseguiria dar o impulso vivificador para o futuro. E’ o que elle denominou de “choque electrico da liberdade”.

Se assim o comprehendeu o *Solitario*, melhor o demonstrou, pela tenacidade e brilho das campanhas. A certeza de que encontraria no rumo a que se lançara “as massas compactas dos prejuizos antigos” não o entibiava. Que lhe calumniassem as intenções e lhe apedrejassem as *utopias*, pouco se lhe dava: o seu trabalho era por amor do povo a que pertencia e donde sahira, accentuara-o com certa emphase!

“A satisfação publica (diz na *Carta XII*) é a base da segurança do estado. O parlamento que desejar fortalecer essa base, faça ao povo o beneficio de dar-lhe o pão mais barato, e de tornar-lhe a vida mais commoda, abrindo definitiva e realmente os portos do Imperio aos navios de todos os pontos do horizonte”.

Quando acha que ha uma antinomia entre sustentar a liberdade dos mares em geral, e negal-a em uma hypotese — a 'd'o commercio da cabotagem — não é a defesa de um principio theorico que o preoccupa. E' o Brasil que elle vê, entravado nos movimentos, sem communicações faceis que lhe accelerem a actividade e a capacidade productoras.

“Como toda a navegação, exclama, a de cabotagem é um meio de transporte, e nada mais. O que é o navio, seja machina de guerra, seja simples embarcação do commercio? O navio não passa de um aparelho de locomoção, como foi o cavallo, como é o *wagon*, como será o balão.”

Essa ultima affirmativa, feita ha quasi oitenta annos, não deixa de ter uma certa audacia prophetica!...

Tavares Bastos comprehendia que os problemas politicos têm o seu clima, o seu momento. E não são problemas eternos, como os de metaphysica, que se renovam e se retomam, dentro dos mesmos termos, aos caprichos especulativos, graças ao alcance abstracto das suas verdades. Problemas de *relação*, de *necessidade*, de *actualidade*, os da politica, subordinados ao imperio do tempo, como que trazem a marca ou a limitação do proprio destino. Retomal-os e renova-os, quando já alteradas as virtudes das suas soluções, é tão só jogo de dilettantes.

Não confundir, está claro, os problemas com as formulas sonoras, apenas, que se prolongam muita vez nu-

ma illusão de perennidade, por simples effeito de acustica litteraria...

“L’instant est un dieu aussi grand que tous les autres”, disse Bonnard, num daquelles conceitos epigrammaticos de que possue o sortilegio. E, como todo o deus despresado, deve ser cruel na represalia...

A liberdade de cabotagem era necessaria para o desenvolvimento do paiz. Aos que julgavam que o privilegio da navegação costeira obedecia ao imperativo politico — o da segurança nacional — oppunha a consideração de que o monopolio exagerando o preço dos generos do commercio, criando e justificando a exploração injusta das grandes capitaes sobre as pequenas provincias, é que fomentaria um estado de coisas desagradaveis, uma surda agitação, um ciume entre as proprias provincias irmãs, perigoso portanto para a ordem publica.

A segurança do Estado e a propria unidade se revigorariam pelos vinculos assiduos das communicações faeces que criariam entre as provincias um melhor e reciproco conhecimento das suas necessidades.

A’ historia, á politica, á economia, ás lições de outros povos, buscou o *Solitario*, com uma dialectica cerada, a mais eloquente argumentação, para robustecer a campanha.

Aos que viam na liberdade pleiteada, sobretudo, um perigo para o poder maritimo do Brasil, Tavares Bastos oppunha tambem a preliminar audaz — de que faltava ao paiz justamente a vocação maritima. O seu destino

era em terra, nos campos, para onde todos os recursos e energias se deveriam carrear.

O argumento da grande extensão de costas, que se invocava como decisivo, em favor de nossa rara aptidão marítima, parecia-lhe, apenas, um prejuízo vulgar (64), conseguindo tão largo curso, graças á autoridade do bispo Azeredo Coutinho que o esposara.

“Si esse argumento do grande desenvolvimento das costas vale alguma cousa, eu concluo que não ha paiz mais dotado de condições marítimas do que a China: e, entretanto, os filhos do Celeste Imperio não brilham por suas esquadras de juncos, por suas frotas, por sua navegação.

“Não, o brasileiro, meu amigo, será tudo, menos um homem do mar, um velho lobo do oceano, um filho das

(64) Um discipulo de Ratzel e hoje mestre de renome — Camille Vallaux — escreveria quasi cincoenta annos depois: “Un grand développement côtier, avec des articulations nombreuses, de bons ports, des golfes et des estuaires, semblait préparer les peuples dominateurs de la mer, tout comme un développement côtier du même ordre devait favoriser la croissance des populations maritimes et l’art de la navigation. En admettant ces vues, inspirées des anciennes théories sur l’excellence des articulations littorales, ce seraient les Etats péninsulaires et insulaires qui exerceraient, par une sorte de privilège indestructible, la royauté de l’Océan. Ce sont eux, en effet, qui possèdent le plus grand développement de côtes par rapport à leur superficie. Mais le plus simple coup d’œil historique montre l’inexactitude d’une pareille généralisation. “A elles seules, dit Ratzel, les côtes ne font point la puissance maritime.” (*Geographie Sociale — La Mer —* pag. 327),

aguas, um amante das ondas. O brasileiro, que pode, é agricultor; vai exercer a unica verdadeiramente nobre profissão da terra. Os empregos *servis* (deixai passar esta locução do estylo classico) elle os pospõe! Esse é o orgulho nacional. Recordai-vos dos ares senhores e de certas maneiras fidalgas do grande proprietario: eis o typo do brasileiro rico” (65).

A’ poesia o *Solitario* vai tomar o ultimo argumento. Lembra que se a navegação exige um genio especial, esse caracteristico da physionomia do povo transparece atravez da litteratura e occupa na poesia um logar distincto.

Pergunta quaes os nossos poemas maritimos? Cita a Gonçalves Dias, como o maior poeta nacional, e nos seus cantos, entretanto, o mar não entra senão incidentemente. “E’ que o discipulo de Bazilio da Gama não deojeou contrariar a verdade nem forçar os sentimentos”.

A pagina é interessante e litterariamente bem feita, com um accento critico de novidade no tempo:

“Recordai-vos, meu amigo, dos cantos dos normandos e de outros povos do norte. Shakespeare e Byron encarnam a impetuosidade e representam, o ultimo sobretudo, a audacia maritima de seus compatriotas. Os poemas do heroe de Missolongui são repetidos pelo marinheiro inglez, como as canções de Béranger pelo soldado francez. Dous povos distinctos e dous poetas differentes. E como, com que fleugma, Childe Harold, com-

(65) *Cartas do Solitario*, pags. 214 e 215.

primindo as lagrimas, saúda e despede-se com um adeus laconico das costas de sua velha patria, que nunca mais tornará a ver! E' a fleugma do bom marinheiro, "do filho da tempestade, que, abrindo os olhos sobre as ondas espumantes do oceano, tinha desde esse momento considerado o abysmo sua patria, companheiro de seus passeios solitarios, confidente de seus pensamentos vagabundos, unico mentor de sua mocidade", qual o retrata o poeta no poemeto *A Ilha*. A poesia é o espelho de uma sociedade qualquer, e não achareis admiravel que eu pretenda argumentar aqui com a *gaie science* que forneceu ao proprio autor do *Cosmos* provas de observações muito mais serias.

"A poesia de Byron é o retrato mais fiel da audacia maritima dos inglezes. Se fossemos nós uma potencia maritima ou para ahi caminhassemos, já os nossos poetas teriam afinado as cordas de suas lyras ao tom do rugido selvagem do oceano.

"Assim como Tasso representa o espirito guerreiro da idade-media, Dante uma idéa politico-religiosa, Camões cantou as scenas maritimas com que as novas descobertas feriam os olhos e a imaginação da Europa. Cada época distincta ou cada grande tendencia de um povo tem, assim, um interprete, o seu poeta.

"O proprio genio da poesia nacional, guerreiro e erotico no Sr. Dias, silencioso e campestre no Sr. B. de Guimarães, satyrico em Alvares de Azevedo, melancolico em Junqueira Freire, está mostrando que um dos caracteristicos do povo não é a audacia maritima, a impe-

tuosidade do corsario, o ardor do navegante, a paixão do oceano” (66).

* * *

As communicações directas entre o Brasil e os Estados Unidos foram o outro motivo pertinaz das campanhas do *Solitario*. A grande Republica exerceu-lhe sobre o espirito forte fascinio, desde os tempos de Faculdade. E a leitura da obra de Tocqueville para isso muito concorrera.

A historia e a litteratura inglezas sendo-lhe familiares pelo commercio da propria lingua, da Inglaterra á patria de Longfellow foi-lhe bem facil o caminho. E da intima approximação com o velho educador paulista Dr. José Tell Ferrão que se formara na America do Norte, e de quem prefaciara o livro já referido — *Exercicios de Composição* — cresceu-lhe naturalmente o interesse pelos novos estudos.

O Brasil e os Estados Unidos viviam como dois antipodas. Afastados mais pela indiferença do que pela distancia, pouco se conheciam. E o destino do Brasil não podia ser alheio á gravitação daquella força maravilhosa que dentro do continente revelava á humanidade um novo aspecto da civilização.

Por bem do progresso, ou antes da reforma moral do paiz, é que deseja ardentemente as mais rapidas communicações com os Estados Unidos. “A União norte-

(66) *Cartas do Solitario*, pags. 217. a 219.

americana, escreve o *Solitario*, é o verdadeiro *rendez-vous* do mundo civilizado; ali se encontram todos os vivos como no Valle de Josaphat se hão de congregar todos os mortos. Nesse mundo em miniatura vereis, á sombra da liberdade, a georgiana e o indio civilizado, o inglez e o francez, o portuguez e o hespanhol, o irlandez, o allemão, o russo e, sobretudo, o descendente dos bretões, o *yankee* audaz, generoso, devorado de actividade, respirando a dignidade pessoal como o *Apollo* de Belvedere, infatigavel e forte, nessa vida agitada e tumultuosa das assembléas, dos *meetings*, dos clubs, da imprensa, nessa vida vigorosa que unica vale a pena viver, na phrase eloquente de Montalembert. Sou um entusiasta frenetico da Inglaterra, mas só comprehendo bem a grandeza deste povo, quando contemplo o da republica que ella fundou na America do Norte. Não basta que estudemos a Inglaterra; é preciso conhecer os Estados Unidos. E' deste ultimo paiz justamente que nos pode vir mais experiencia pratica a bem de nossa agricultura, de nossas circumstancias economicas, que têm com as da União a mais viva semelhança.

“Queremos chegar á Europa? Approximemo-nos dos Estados Unidos. E' o caminho mais perto essa linha curva”.

Ha em germens nessas palavras o pensamento de uma politica americana em face do Velho Mundo. Continuando escreve:

“Uma linha de vapores que, partindo de New York, viesse ter ao Rio, com escala por diversos portos da

União, por S. Thomaz, pelo Pará, Pernambuco e Bahia, seria de um alcance extraordinario. A ilha de S. Thomaz, nas pequenas Antilhas, é hoje o *rendez-vous* das companhias que communicam o norte da America com a Europa, os Estados Unidos com as Antilhas; as Antilhas entre si e com o Mexico, com a America Central, Nova Granada, Venezuela e Guyanas. Assim, pois, a linha de que trato seria o meio de pôr o Brasil em contacto com essa parte do mundo civilizado, no hemispherio do norte e no seu continente, que para elle não existe quasi. Por meio de communicações regulares, desenvolveriamos ahi o consumo de nossos productos e particularmente do nosso café, que geralmente são levados a esses paizes pela via indirecta de New Orleans ou das possessões inglezas do golfo do Mexico. Estabelecida essa linha, toda a America achar-se-ia ligada pelo oceano e pelos grandes rios.”

Ao discutir-se na Camara dos Deputados o orçamento do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, Tavarès Bastos apresenta um additivo, criando uma subvenção de duzentos contos de réis para a companhia que fizesse a navegação directa a vapor entre New York e o Rio de Janeiro, tocando nos pontos referidos (67).

(67) O Congresso Argentino, pouco depois votava tambem uma subvenção de vinte mil pesos fortes á linha de navegação dos Estados Unidos para o Rio, uma vez que tocasse em Buenos Aires. (Essa nota encontra-se nos papeis de Tavarès Bastos, pertencentes aos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional).

Justificando tal medida, pronuncia vibrante discurso que o grande órgão da imprensa newyorkina — *Journal of Commerce* — traduziu e transcreveu no numero de 16 de Setembro de 1862.

O que ha mais de admiravel nesse discurso é o tom de confiança enthusiastica na sorte da União Americana, precisamente na hora historica mais tragica, quando o seu povo se dilacerava nos horrores da Guerra da Secção, e cujo desfecho se mostrava incerto ainda.

“Estou convencido de que mesmo sob o ponto de vista politico, as relações com os Estados Unidos da America do Norte são aquellas que mais convêm ao Brasil. Devemos cultural-as e desenvovel-as, sobretudo, porque depois da presente luta gloriosa, porque é a da liberdade contra a servidão, do progresso contra a barbaria, está reservado á grande republica de Washington um papel incalculavel nos destinos do Mundo” (68).

Tavares Bastos vivia para as suas idéas e dellas se possuindo com intensidade.

A passagem que se segue comprova a elegancia e o desinteresse pessoal, com que se conduzia na defesa dos principios. O Marquez de Olinda, presidente do Conselho, sabendo-o victima da injustiça do Ministerio Caxias, confessara-lhe que o governo lhe devia uma reparação, respondendo-lhe o deputado alagoano: “Sr. Marquez, a minha reparação será completa se passar a me-

(68) *Annaes* da Camara dos Deputados. 8 de Julho de 1862.

dida sobre a navegação de cabotagem, que se acha em discussão com o artigo additivo á lei do orçamento”.

Relembrando esse episodio, em revide ás impertinencias de um collega de parlamento, disse com altaneira: “O Governo, pelo orgão do illustre Sr. Marquez de Abrantes, approvou essa medida, e ella foi votada. O meu contentamento era legitimo, esse triumpho bastava-me. Eu não era um solicitador de cargos, advogava idéas” (69).

As *Cartas do Solitario* eram em verdade uma especie de cartas á Nação brasileira, com o fremito de mensagem renovadora, como os *Discursos* de Fichte á nação allemã, sendo que no philosopho tudo se subordinava unilateralmente ao problema da instrucção, emquanto que o pensador alagoano feria na universalidade dos aspectos o complexo do caso nacional.

Se mais rica fôra a sensibilidade do paiz, os conselhos, as advertencias, as suggestões, o pensamento emfim, do joven estadista, teriam determinado os rumos mais lucidos á politica do Brasil. E a acção do homerique, na phrase de Afranio Peixoto, teve mais idéas do que todo o Imperio não se esbateria na inopia dos contemporaneos. Mas não é outro o destino dos precursores...

Os males da centralização, a franqueza dos grandes rios e a abertura do Amazonas, a liberdade de cul-

(69) *Annaes* da Camara dos Deputados. 29 de Agosto de 1866.

to, a sorte dos africanos livres e o trafico dos negros, a instrucção popular, o ensino profissional e tecnico, o aperfeiçoamento da agricultura e sua expansão, as franquias economicas, o trabalho livre, a immigração, etc., etc., são a substancia daquellas paginas, em que o liberalismo e o patriotismo do *Solitario*, extremes de residuos demagogicos e de convenções pharisaicas, se traduzem como a propria consciencia das necessidades da patria.

“A liberdade é uma gravitação”, affirma Tavares Bastos, e foi sob o imperio dessa força que se lhe desenvolveu a vida e a intelligencia.

Escrevendo com abundancia e com a freima nervosa dos propagandistas, o prosador não deixa nunca de ser agradavel e interessante. O estylo calido e sempre communicativo, de vernaculidade espontanea, resente-se apenas de um certo despolicciamento pronominal, tão commum aos escriptores da época.

E como bem ponderou Joaquim Nabuco: “Enganar-se-á, porém, muito quem em qualquer arte quizer medir a força creadora, a concepção pela perfeição da ferramenta ou pelo valor da technica do tempo”.

Não desejou ser propriamente o homem de letras, no sentido restricto que se toma entre nós; outra sua missão. Constructor de nacionalidade, a palavra vinhalhe como energico instrumento de acção. Ha entretanto nas suas obras paginas dignas de anthologia e *trouvailles* magnificas que só o instincto litterario profundo é capaz de semear, como marcas pessoases de bom gosto.

José Verissimo, com aquella seccura um pouco asctica no aferir dos valores, a respeito conceituara: “Se Tavares Bastos se não distinguio por notaveis qualidades de escriptor, o seu estylo é todavia facil e corrente, e a sinceridade dos seus estimulos e a sua intima convicção lhe dão não raro vigor e brilho. Mais dõ que um simples penteador de phrases, foi um disseminador de idéas, que germinaram e que ahi estão em parte realizadas. Foi em summa um precursor, de facto mais efficaz do que muitos cujos nomes andam injustamente mais celebrados que o seu” (70).

(70) *Historia da Litteratura Brasileira*, pags. 393.

CAPITULO VI

A REELEIÇÃO

A INFLUENCIA DAS IDÉAS — O TELEGRAPHO
SUBMARINO — O AMIGO SARAIVA E A MISSÃO
DO PRATA.

Dissolvida a Camara por decreto de 12 de Maio de 1863, Tavares Bastos é reeleito deputado numa bancada que se renovara quasi completamente. Entre os companheiros de chapa figuram dois homens de talento, um dos quaes veiu a ter na implantação do regimen republicano importancia notavel: Aristides Lobo. O outro, José Angelo Marcio da Silva, perdido no vortice das paixões locaes, ficou apenas lembrado entre os provincianos (71).

Tavares Bastos chegava a essa nova legislatura com a autoridade reconhecida. O moço de vinte e tres annos, que havia enfrentado Caxias e Paranhos, que se im-

(71) Os outros deputados alagoanos eram Esperidião Eloy de Barros Pimentel e Ambrosio Machado da Cunha Cavalcanti.

puzera ao respeito de Gomes de Souza, que conquistara a admiração de Octaviano e Ottoni; o “pensador ironico das *Cartas do Solitario*” — no dizer de Euclýdes da Cunha — já não era mais uma promessa, e sim radiosa affirmação.

Nessa Camara de 64, cujo disequilibrio Joaquim Nabuco tão bem caracterizou, pela confluencia de varias gerações, em que se hombraavam “homens distinctos já na Regencia, notaveis na Maioridade, caçados, deslocados, espectadores distrahidos de novos tempos e de novos costumes, ao lado da ultima geração académica prompta para um exame vago em materia de governo”, o deputado pelas Alagôas destacava-se pelo labor constructivo e bravura das idéas. Continuava a ser o solitario entre tantos homens diferentes. A sua autonoma intelligencia não permittia que se integrasse com alma em nenhum daquelles grupos, rotulados de termos pomposos — *progressistas, historicos*, etc. Para quem vinha, como elle, disposto a coisas praticas, o nominalismo eventual dos partidos carecia de significação, dahi a independencia de movimentos, que sempre conservou em face dos chefes e no trato das questões.

O seu liberalismo já se definira em rumos nitidos e ousados, para que pudesse formar nos côros ministeriaes, como voz disciplinada. Na tribuna do parlamento e na tribuna da imprensa, são as mesmas as linhas directoras. Os projectos que apresenta, as idéas que advoga, não pertencem em conjuncto aos programmas dos

partidos, ficando, pois, sem clima entre os proprios amigos. Tal singularidade de acção fatalmente o conduziria ao isolamento e á hostilidade tacita dos cardeaes do regimen.

Como vencer o misonheismo da politica, só com a força do pensamento — elle que não era uma dessas peças das oligarchias usufructuarias do Imperio?! Não desanimaria por isso do trabalho a que se impuzera: tinha a segurança do futuro — que é a replica dos grandes homens...

Progressista de verdade e não de etiqueta, não concebe o progresso e a grandeza de um Brasil isolado. O seu patriotismo de larga projecção humana contrapunha-se ao patriotismo egoistico dos timidos, assim pois, só dentro de um alto plano universal é que comprehendia o problema brasileiro. O seu liberalismo portanto era mais uma forma de comprehensão do que impulsos de sentimento.

Referindo-se aos homens do tempo, escrevera — “o seu maior defeito consiste em suporem que o Pão de Assucar é o limite do mundo moral, como a antiguidade acreditava que as columnas de Hercules eram o marco extremo do globo conhecido”.

Com horizontes moraes tão amplos, não se lhe angustiaría a vizão dentro daquelles limites terriveis.

E a liberdade para elle não tinha, como para muitos, apenas, um alcance oratorio e um encanto verbal. Impunha-se como uma necessidade, como uma condição de vida.

De ver é a coherencia com que condemna toda especie de protecção. Paiz de destino agricola, o Brasil possui nos productos da terra os fundamentos naturaes de riqueza. Todo artificio em favor de qualquer industria, que se alimente de tarifas especiaes, não passaria de erro. “A lei suprema da industria é a liberdade”, este o seu postulado.

A longa serie de artigos, publicada no *Correio Mercantil*, a proposito da Exposição Nacional, que fôra um ensaio, um pouco frusto, de certamen industrial, causara já forte impressão (72).

“E” preciso, escreveu por aquella occasião, porém, convir que um povo só é manufactureiro quando tem grande densidade de população, quando possui abundantes meios de transporte, quando pode applicar a lei da divisão do trabalho á agricultura destacando-se o mais possivel dos processos manufactureiros: assim a Inglaterra, verdadeira officina do mundo. Nessa grande ilha mesma, observa o Sr. Molinari, alguns districtos se veem mais cobertos de fabricas do que outros: tal é o Lancashire, onde as condições acima indicadas realizam-se de um modo mais completo. E’ o que tambem verifica-se a respeito dos departamentos do norte em França, e dos Estados da Nova Inglaterra na America Septentrional; é o que tambem poderá um dia acontecer com o Rio de Janeiro, no Brasil.

(72) Vide *Correio Mercantil* de 2, 3, 7, 8, 11, 12, 13, 18, 20 e 22 de Dezembro de 1861 e 16, 17, 21 e 27 de Janeiro de 1862.

“A protecção não passa de um tormento inutil onde não existem condições proprias para florescer a industria protegida; e, quando mesmo existam, é melhor confiar da liberdade e da concurrencia o encargo que se atira sobre a lei.”

Da tribuna da Camara, com o ardor de um Cobden, não se cansa de criticar a elevação das tarifas aduaneiras e a intervenção do Estado, favorecendo empresas, que só servem para beneficiar pequenos grupos privilegiados, em detrimento do bem estar do povo, sempre sacrificado pela incuria dos governos.

A influencia de Tavares Bastos vae se fazendo sentir. Na circular politica com que Silveira Martins e Felix da Cunha se dirigem ao eleitorado do Rio Grande do Sul, disputando as eleições geraes de 63, ha estes pontos expressivamente concordantes: “Marchar nas vias abertas pela emancipação da cabotagem; acabar com a protecção á industria pelos privilegios, e desenvolvê-la pelos instrumentos da liberdade, tornando livre a navegação dos grandes rios, multiplicando as vias fluviaes e terrestres, que são as grandes arterias sociaes por onde circula o progresso”.

Como se vê, todos os principios acima ordenados derivam das idéas ardentemente defendidas pelo *Solitario* desde 1861.

Silveira Martins, apesar do pleito brilhante, não chegou a ser reconhecido deputado nessa legislatura.

Em seu logar entrara Pinheiro Machado (73). E Felix da Cunha, não reeleito, morre mezes após.

Saraiva, já um chefe de autoridade, pouco depois afinava pelas mesmas cordas: “Eu não desejo que, á sombra de mal entendida protecção, uns vivam á custa de outros”.

As idéas politicas do alagoano pertenciam á categoria das *idéas-forças*. A indiferença dos homens e os prejuizos da época não conseguiam de todo neutralizal-as...

Fiel ao programma de realizações praticas e de articulação do Brasil com o progresso do mundo, apresenta e defende importante projecto, para que se crie no paiz o serviço do telegrapho submarino (74).

Esse projecto merece especialmente ser lembrado, pois se dá, sem mais exame, ao Barão de Mauá a benemerencia exclusiva de tal emprehendimento. Alberto de Faria, no seu ardor apologetico, a elle todos os louros lhe attribue (75). Se o illustre academico tivesse feito investigações maiores, decerto, não deixaria sem uma palavra o precursor da idéa que se tornou realidade, dez annos depois...

Não ha negar que Mauá, com aquelle dynamismo tão conhecido, trouxe desde o primeiro momento á ini-

(73) Pae do chefe republicano de igual nome.

(74) *Annaes* da Camara de 15 de Fevereiro de 1864.

(75) V. capitulo XIII do livro *Mauá*,

ciativa feliz o apoio da sua prestigiosa solidariedade. E, homem affeito ao mundo dos negocios, poude vencer os obstaculos e ver concretizado o valioso melhoramento.

Entre as considerações de ordem geral, diz Tavares Bastos: “A Camara sabe que grandes medidas são precisas para o desenvolvimento moral e material do Brasil, mas que todas ellas, mais ou menos, são embaraçadas pelas circumstancias actuaes da receita e despesa publicas. Ha um deficit; logo, accrescenta-se, adiemos todas as reformas dispendiosas. Sr. Presidente, não conheço politica mais rotineira nem mais impredigente. (*Apoiados*)”.

Que fazer? Reduzir as despesas, augmentar a tributação? Mas isto só não passaria de meros expedientes... Incentivar e despertar por todos os meios as fontes de vida e de producção, eis o dever dos governos das nações jovens, como o Brasil.

E' contrario aos empréstimos improductivos, que se não devem confundir com as operações destinadas a mobilizarem as forças economicas do paiz, para a preparação fecunda do seu futuro.

“Uma nação, como a Inglaterra, não recorre, não deve recorrer a operações de credito para as despesas ordinarias do seu orçamento; ali só se contraem empréstimos nos casos de guerra. Mas um paiz novo é como um negociante novo: vive do credito, e o devedor que aproveita bem os recursos do credito enriquece,

avulta aos olhos do seu credor, não abate, antes levanta e consolida o seu credito (*Apoiados*). Eu sei, Sr. Presidente, que é uma opinião radicada na consciencia do paiz depois dos desastres da administração financeira do primeiro reinado, que os empréstimos são uma cousa perigosa e um recurso temerario. Mas não se confunda o recurso do credito com a natureza bôa ou má dos fins a que elle se haja de applicar.

“Contar com um empréstimo para saldar as contas da guerra da Cisplatina era sim uma pessima politica; mas recorrer a um empréstimo para pagar as dividas fluctuantes originadas em despesas productivas com os novos melhoramentos materiaes ou moraes do paiz, não é senão uma politica previdente e indeclinavel” (76).

Reza o projecto nos artigos terceiro e quarto:

“O governo mandará proceder a estudos previos de exploração desde o cabo S. Roque até a Ilha Fernando de Noronha, e desta ao Penedo de S. Pedro, que servirão de base para os trabalhos do assentamento de uma linha telegraphica oceanica. Iguaes estudos e explorações far-se-hão do Pará ás Antilhas.

“O governo imperial solicitará o concurso dos governos de França, Hespanha e Portugal, para os estudos a bem do prolongamento das linhas telegraphicas da peninsula iberica de um ponto da respectiva costa occi-

dental ou meridional para o ultimo ponto que nas ilhas portuguezas serve de estação aos paquetes das linhas transatlanticas de navegação a vapor”.

Tavares Bastos, encerrando o discurso, destaca a collaboração do collega eminente: “Não concluirei sem accrescentar uma informação. Os governos das republicas do Prata, e particularmente o illustre governo do general Mitre, prestam a este assumpto americano a mais seria attenção. Graças á valiosa intervenção do nome tão prestigioso do nosso nobre collega, o Sr. Barão de Mauá, o cabo telegraphico que se estabelecer na costa do Brasil será immediatamente prolongado até os portos do Rio da Prata. O complemento da linha telegraphica da costa do Brasil é a linha do Rio da Prata; ahi não temos que fazer conquistas materiaes; temos que assegurar a nossa conquista commercial dos grandes mercados das duas republicas visinhas. Acredito, Sr. Presidente, que só por si este motivo recommenda bastante o projecto que vou ter a honra de enviar á mesa”.

Nenhuma iniciativa no momento, pensa o parlamentar alagoano, consultaria melhor os interesses geraes do que essa de ligar-se pelo telegrapho submarino de norte ao sul o paiz, pondo-o em contacto com o mundo (77).

(77) O acto inaugural do telegrapho submarino que se verificou a primeiro de Janeiro de 1874, no Hotel dos Estrangeiros, revestiu-se de grande solemnidade. A elle compareceu pes-

O projecto bem desenvolvido, tendo aquella clareza que lhe caracteriza os trabalhos, estabelece as mais cautelosas condições relativas á empresa contractante. E, para os estudos necessarios á execução da lei, authoriza contrahir-se emprestimo, caso a despesa exceda dos calculos da receita prevista.

Tavares Bastos é dos deputados mais activos e assiduos, intervindo sempre nas questões que se debatem, para suggerir medidas uteis.

Na discussão do projecto que approva o contracto celebrado entre o governo imperial e o Barão de S.

soalmente o Imperador, com a presença de mais de duzentos convidados.

O jornal *A Republica*, tendo recebido um convite para a inauguração, dirige uma longa carta a Tavares Bastos pedindo-lhe a honra de represental-o, embora não se tratasse de um seu correligionario. E accentua: "Com a elevação do vosso espirito, e fazendo justiça ao nosso cavalheirismo, bem podeis comprehender que nessa delegação não vae a idéa de um compromisso que importe o minimo constrangimento á vossa posição politica, como um dos mais illustres membros do partido liberal." Depois de salientar e enumerar os grandes serviços de Tavares Bastos em prol do progresso do Brasil, resalta-lhe a acção a respeito do telegrapho submarino: "O que primeiro fez sentir no parlamento brasileiro a necessidade de nos enlaçarmos ao resto do mundo por meio das communicações telegraphicas, amparando com sua influencia e seus conselhos todas as tentativas serias que se fizeram para alcançar esse grande *desideratum*; esse tem direito á nossa homenagem e á gratidão do paiz, etc., etc. (V. *A Republica* — 31 de Dezembro de 1873).

Lourenço para a navegação a vapor do curso do rio S. Francisco, inferior á Cachoeira de Paulo Affonso, acorre logo com uma emenda de opportuna importancia economica, mandando abrir estradas entre os portos do curso inferior do rio e os municipios centraes, productores de algodão, e entre Piranhas e o ponto mais proximo em que começa a navegação além da cachoeira (78).

As vias de communicação num plano systematizado foram sempre assumpto que muito preocupara o espirito do joven estadista.

“Si o Brasil é, antes de tudo, um paiz agricola (e não maritimo, como se repete ahi por mera convenção, desde um escripto do bispo Azeredo Coutinho), si os centros productores, isto é, os cantões habitados, acham-se a grande distancia entre si e do littoral, é evidente que a maior necessidade publica, a mais grave de todas, consiste em vias de communicação. Ora, eu pergunto: ha um systema de estradas nas provincias? Abrir caminhos para o interior sem possuir primeiro cartas topographicas, é fazer um serviço importante a esmo, ás cegas. Pois bem, com excepção do Rio de Janeiro, nenhuma provincia possui cartas dignas de fé. A consequencia é que não se constroem estradas; fazem-se, ao arbitrio de cada presidente, pequenas seções de caminho. As assembléas provinciaes, movidas

pelas potencias de campanario, vão decretando, uma após outra, um sem numero de pontes e estradas, que nunca passam de pontilhões e picadas abertas em um verão, para ficarem destruidas, e até invadidas pelo matto, no verão seguinte” (79).

Lembra a conveniencia de serem contractados technicos especiaes para o levantamento das cartas topographicas, e de operarios habeis para a execução dos serviços, devendo tal medida ser também extensiva ao estudo dos canaes, á abertura e limpeza dos rios.

* * *

O Gabinete Olinda, conhecido nas chronicas da politica pelo *Ministerio dos Velhos*, não aguentando os embates da nova legislatura, a 15 de Janeiro entrega o poder a Zacarias de Góes e Vasconcellos.

Nessa Camara de 64, que Joaquim Nabuco denominou de indisciplinada pelo contraste de mentalidade entre os elementos que a compunham, Tavares Bastos vae encontrar condiscipulos queridos de vida academica. Vinha eleito por Minas Geraes um collega de anno e amigo, e que desde o primeiro momento se revela o grande homem, cujo heroico sacrificio, um dia, salvaria a dignidade de um regimen — Affonso Celso, pae.

Dois poetas, antigos confrades do *Ensaio Philosophico* — o sergipano Bittencourt Sampaio e o flumi-

(79) *Cartas do Solitario*, pags. 39 e 40.

nense Pedro Luis — representam as provincias nataes. Outros nomes illustres fazem parte dessa legislatura.

O Ceará não renovara o mandato de José de Alencar, mas nem por isso o romance ficaria sem o seu representante; o Rio de Janeiro manda o autor da *Moreninha*, por signal um deputado óperoso e brilhante. Tito Franco, excluído anteriormente, retoma o seu lugar na bancada paraense. O Maranhão, com a morte de Gomes de Souza que, segundo Euclides da Cunha, seria a nossa mais completa cerebração no seculo, elege o poeta Gentil Homem de Almeida Braga.

Emergindo de um longo e tormentoso ostracismo, voltam ao parlamento os revolucionarios *praeiros* — Urbano Pessôa de Mello e Lopes Netto — este suffragado por Sergipe. Aos dois companheiros de Nunes Machado juntava-se um terceiro, Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, jornalista e tribuno, de cuja eloquencia se diziam coisas extraordinarias; mas o Demosthenes da *Praia* sossobra na estréa. E ficou-lhe celebre o insucesso na tradição parlamentar do paiz, para ser constantemente citado, como o mallogro de uma reclame desmesurada.

Após grande ausencia, reaparece na representação parahybana o eclesiastico Lindolpho José Corrêa das Neves, culto e eloquente; sacerdote de vida mundana e de bellas letras sagradas. A Bahia envia pela primeira vez o liberal e ora'dor vernaculista, João José Barbosa

de Oliveira, que apesar dos seus talentos não deixou sulcos notáveis (80).

Na opinião de Joaquim Nabuco as duas maiores figuras politicas da Camara eram Ottoni e Saraiva, mas o primeiro em breve deixa aquella casa do parlamento, escolhido que fôra senador por Minas Geraes.

Saraiva tinha pelo joven deputado das Alagôas um carinho especial, no que era correspondido por uma afeição vigilante. O estadista bahiano foi o chefe que inspirara mais confiança a Tavares Bastos, nos começos da carreira. Com elle se aconselhava; a elle sempre lhe escrevia, pedindo suggestões e informando dos passos a seguir.

José Antonio Saraiva possuiu desde cedo o dom magnetico de autoridade. Essa a sua força, reconhecida e proclamada, pelos proprios criticos, que lhe negam talento e cultura: Sem a soffreguidão dos postos de governo, tendo mesmo um certo fastio das posições, e além do mais, distante daquelle espirito de *clan* que Oliveira Vianna lobrigou tão accentuadamente em Zacarias (81), Saraiva impunha-se sobretudo aos moços, a quem dava pelo tom de discreta e estimulante cordialidade a impressão agradavel de simples companheiro, apenas mais velho e experiente.

(80) Pae de Ruy Barbosa.

(81) *O Occaso do Imperio*, pags. 18 a 21.

Em politica pertencia á categoria dos *praticos*, como os ha em varias sciencias, com a comprehensão instinctiva das coisas. Preferindo os expedientes ás idéas, jamais o inflammaram as grandes paixões, mas nos altos cargos a que chegava, embora sem enthusiasmos, mantinha-se sempre com rara dignidade.

Intelligencia objectiva, sabia imprimir á administração um character progressista, abordando problemas de interesse real. Provara-o nas presidencias do Piauhy e de S. Paulo.

Essa feição do seu espirito devera ter ferido particularmente a estima de Tavares Bastos, que via nelle o homem util e a sombra de cujo prestigio acolhedor contava encontrar o apoio de que carecia, não só para o exito das idéas, como para o brilho das ambições.

Entre os dois, porém, era profunda a differença: o alagoano, um temperamento de vibração continua, com uma certa consciencia aggressiva da sua superioridade, apaixonado das grandes causas, confiando sobretudo na força das idéas; o outro, uma natureza um pouco neutra — no fundo um sceptico — desambicioso e transigente, vivendo a vida dos factos com a sua comoda sabedoria, e delles tirando os resultados que lhe indicasse o seu tão celebrado *opportunismo*. Podia repetir o dito de Talleyrand, sem o mesmo cynismo: “Je me mis à la disposition des événements”.

Apesar daquelle desencanto e algidez, cuja explicação Wanderley Pinho vae buscar nos dramas de uma

infancia pouco feliz (82), Saraiva não deixa de ter pela mocidade e pela intelligencia um significativo enternecimento. O caso de Tavares Bastos comprova-o eloquentemente.

Saraiva só não foi o modelo perfeito do chefe idealizado pelo parlamentar alagoanó, porque acima delle collocara Sinimbú, o homem que o elegera e o reelegera espontaneamente, prestigiando-o com excepcional e nobre desinteresse. Isso se deprehende da confissão deste documento intimo: “A constancia com que o Sinimbú me apoia, não é só honrosa para mim, o é ainda mais para elle proprio, porque tem feito desinteressada e nobremente, sem nunca exigir de mim um sacrificio qualquer de devoção pessoal a elle ou aos seus, sem nunca tentar arrastar-me, nem influir em meu proceder, sem mesmo affligir-se com as evoluções que eu fazia com a maior liberdade de espirito e de acção” (83).

No estadista bahiano, Tavares Bastos encontra o mesmo largo espirito de tolerancia, sujeito no entanto á pequena e interessante restricção — “não quasi sempre, mas sempre que o não desvairam os faladores da Bahia” (84).

(82) *Politica e Politicos do Imperio*, pags. 50 e 51.

(83) Carta de Tavares Bastos dirigida ao pae e pertencente ao archivo de familia em poder de Cassiano Tavares Bastos.

(84) Do documento anteriormente referido.

Saraiva foi dos politicos mais discutidos e diversamente julgados. Mas entre os desgabos de uns e os louvores de outros, deve haver logar para o justo termo.

Dois illustres monarchistas — o Visconde de Taunay e o Conde de Affonso Celso — de passagem, delle se occuparam com muitas reservas. E' verdade que o fizeram depois do advento republicano, com o amargor ainda da decepção que lhes causara a conducta do cor-religionario tão graduado, adherindo na primeira hora ao novo regimen...

O autor de *Innocencia* vae a ponto, para mostrar a ignorancia do estadista bahiano, de dar curso a versão um pouco absurda em que se dizia que elle, quando ministro da Fazenda, certa feita, em conversa com um corrector de fundos publicos, confundira *juros* com *cambio!* (85)

Não dado a leituras, affirma-se que lia sómente a *Revista dos Dois Mundos*, assim mesmo alguns numeros atrazados! Esse, o refrão obrigatorio de todos os seus criticos. Num estadista instinctivo, como elle, a sciencia convencional dos livros não iria talvez perturbar a sabedoria espontanea — unica que lhe bastava — a da propria vida?!...

Ha uma phrase que se attribuir a Tavares Bastos, e que fez certo ruido, graças á circulaçãõ que lhe deu

(85) *Reminiscencias*, pag. 121.

o Conde Affonso Celso (86). A phrase tem um sabor de Rivarol, e define Saraiva admiravelmente: “Ave de vôo curto, mas sabendo bem onde pousar”.

Mal satisfeito com o juizo do autor dos *Oito Annos de Parlamento* e com a divulgação irreverente, um sobrinho do estadista, conhecido desembargador mineiro, publica uma replica vivaz, na qual transcreve varias cartas dirigidas pelo publicista alagoano ao amigo Saraiva, cartas onde se lêem as mais altas e affectuosas expressões de respeito, concluindo o magistrado por contestar a authenticidade da phrase (87). Apocrypha ou não, o que se não pode negar é que ella se ajusta magnificamente ao politico bahiano... O conceito não chega a ser desprimoroso, encerra antes um elogio.

Entre tantos passaros cantores do Imperio, mas de pouso incerto, ser afinal ave de vôo curto, sabendo bem onde pousar, não deixava de ter suas vantagens!... E para que vôos mais largos? Se para mover-se com exito na vida publica, os grandes surtos são muita vez, como as azas no *Albatroz* baudelairiano, um angustioso embaraço...

O que ninguém ousa recusar a Saraiva é uma rara distincção. A falta de apego profissional aos cargos publicos, o alheiamento ás intrigas e competições de

(86) *Oito Annos de Parlamento*, pags. 51 e 52.

(87) *Oito Annos de Parlamento e o Conselheiro Saraiva*, pelo Desembargador José A. Saraiva — Bello Horizonte — 1901.

ministerios, preferindo, com a dignidade de um Cincinnati, o recolhimento dos seus dominios ruraes de Pojuca aos encantos frivolos da Côrte, o seu desdem pelas honrarias, tudo isto dava-lhe á physionomia politica um cunho original no meio das ambições e vaidades dos homens.

Os moços acompanhavam taes attitudes com sympathia e divisavam nelle, não o concorrente temivel — por muitos titulos e direito de antiguidade — mas o veterano indulgente a retrahir-se cauteloso, deixando-lhes livre o caminho para a vertigem das posições...

Convidado por Zacarias de Góes para a missão do Prata, Saraiva escolhe Tavares Bastos como secretario. As funções eram inferiores ao merecimento e á importancia do escolhido, mas o deputado alagoano acceita-as para attender ao appello do amigo. Isto não passou sem serios reparos na Camara. Ao ser discutido o parecer, concedendo a licença pedida pelo Governo, impugna-o Lopes Netto` que se dizia muito dado ás coisas diplomaticas.

O velho revolucionario, não sem bons fundamentos, mostra ser incompativel com a dignidade de um membro do poder legislativo o cargo subalterno de secretario, equivalente ao de simples secretario de legação.

Os debates tornam-se agitados pelo ardor com que os romperá o representante de Sergipe: “Embora não seja ministerial, concedo a licença que o governo pede ao Sr. Conselheiro Saraiva; concede-la-hia também ao

Sr. Deputado Tavares Bastos. Mas julgo do meu dever fazer uma simples observação quanto á commissão reservada a este honrado collega nosso.

Ha coisas que se repellem de modo que não podem ser seriamente allegadas na mesma occasião. Pedir autorização para empregar a bem do Estado um membro do Parlamento, como chefe de uma legação, comprehendo eu; mas pedil-a para empregar um membro do Parlamento como secretario de legação, não posso comprehender. (*Apoiados. Não apoiados*).

— O Sr. Martim Francisco: — E' uma missão especial.

— O Sr. Lopes Netto: — O facto de ser missão especial ou ordinaria não altera a verdade do que acabo de dizer.

— O Sr. Martim Francisco: — E' coisa muito diversa, a missão especial é mais importante.

— O Sr. Lopes Netto: — Faça o nobre deputado o favor de ouvir-me. O que indica isto, o que hão de entender os estrangeiros, os membros do corpo diplomatico acreditado ante a Republica do Uruguay? Que neste paiz não ha fóra do Parlamento um homem capaz de ser secretario de legação.

— O Sr. Dantas: — Esta consequencia é gratuita.

— O Sr. Lopes Netto: — Não obstante o respeito que tenho á opinião dos nobres deputados, continuo a

pensar que esta consequencia se contem nas premissas estabelecidas.

— O Sr. Martinho Campos: — Não apoiado.

— O Sr. Lopes Netto: — O chefe de uma legação occupa uma posição superior, digna sêm duvida de um deputado á Assembléa geral legislativa do Imperio.

— O Sr. Dantas: — A posição do secretario não deixa de ser muito importante.

— O Sr. Lopes Netto: — O secretario escreve o que elle manda, é mero agente seu...

— O Sr. Aragão e Mello: — E' mais alguma coisa do que uma machina.

— O Sr. Lopes Netto: — Não sei, nem trato disto agora. Não haverá no paiz, fóra das Camaras, um brasileiro que tenha capacidade para desempenhar comissões, como esta...

— O Sr. Aragão e Mello: — E pode o Parlamento impol-o?

— O Sr. Lopes Netto: — Sem que seja indispensavel se distrahir um deputado na occasião em que trabalha o corpo legislativo. Decididamente sim. E tanto, Sr. Presidente, não é este o caso de que trata a Constituição que, não obstante a opinião dos nobres deputados, que me honram com os seus apartes, a posição do secretario de legação está muito abaixo da posição de membro da representação nacional,

— O Sr. Tavares Bastos: — E' missão e não legação. Fique certo que eu não seria secretario de legação.

— O Sr. Lopes Netto: — Senhores, já ouvi com surpresa distinguir aqui missão especial de legação; agora ouço do proprio nobre deputado pelas Alagôas, a quem muito respeito e estimo que não accitaria o logar de secretario de uma legação. Aceitou-o, porém, por ter de servir numa missão especial. Não sei, Sr. Presidente, porque imaginarão semelhante distincção; mas cuido que posso affirmar que o 'direito internacional não a admite.

— O Sr. Tavares Bastos: — Affirmo que ha uma distincção muito profunda.

— O Sr. Lopes Netto: — Peço a V. Ex. licença para contestar. A especialidade da missão não lhe altera a categoria; indica sómente que o chefe della carece de poderes para tratar de outros negocios”.

O fogoso *praeiro* continua as suas considerações sempre entrecortadas de apartes, e para accentuar a subalternidade do cargo lembra varias praticas do mundo diplomatico, destacando as de alguns paizes europeus.

“Na Côrte da Austria, uma das mais severas nos estylos diplomaticos, são admittidos ás funcções do paço os addidos de legação; mas desde que são promovidos a secretarios deixam de ter entrada nelle. Assim acontece porque naquelle paiz o logar de secretario de

legaçoão ainda é considerado, como tambem n'outros o foi antigamente, sem nobreza, ou proprios de plebeus mercenarios, ao passo que os logares de addidos são privativos dos fidalgos como d'antes. Portanto, quando o individuo se apresenta como secretario de legaçoão, a Côrte da Austria entende que não é nobre e não pode concorrer com os chefes das legaçoões nas cerimoniaes do paço. Este facto justifica o meu juizo, e convence de que o governo expoz a uma experiencia cruel a dedicaçoão do nobre deputado. (*Não apoiados*)” (88).

Saldanha Marinho vae á tribuna e sustenta o parecer, e Zacarias, presidente do Conselho, ladeando a questão, fala tambem e frisa que a escolha partira do proprio Saraiva: “Se a Camara confia no governo pelo que toca á escolha do plenipotenciario, o governo não devia deixar de concordar com o seu plenipotenciario, quando lhe indicou como pessoa de sua confianca, o nobre deputado pelas Alagôas, o Sr. Tavares Bastos para secretario da missão e por certo o Sr. Saraiva não podia fixar a sua escolha em sujeito que por seus talentos e qualidades mais digno fosse da tarefa de que vae encarregado. (*Apoiados*). Assim, a sahida desta augusta Camara deve ser com tanta franqueza e promptidão concedida ao deputado escolhido plenipotenciario, como ao que vai em qualidade de secretario”.

Apesar do espirito opposicionista da impugnaçoão, é indisfarçavel que a razão assistia a Lopes Netto. E

Tavares Bastos só accitou aquelle posto, positivamente secundario, para bem servir ao amigo que não encontraria collaborador mais dedicado em momento tão grave.

A affeição de Saraiva pelo deputado alagoano tornou-se mesmo popular. A revista humoristica da época — *Bazar Volante* — que em ambos descobre motivos para as suas *charges*, figura o chefe da missão como ama secca, trazendo ao collo o pequenino e inseparavel secretario... (89)

Tavares Bastos segue para o Prata. Sacrificio que fôra, não o recusaria ao homem em cujo destino tanto confiava e de quem tanto esperava para as suas realizações... (90)

(89) Cõllecção do *Bazar Volante*, na Bibliotheca Nacional.

(90) Tavares Bastos, revidando a uma aggressão do deputado pelo Ceará e professor da Faculdade de Direito do Recife — Dr. José Antonio Figueiredo — em sessão de 30 de Agosto de 1866, dá a razão que o levou a accitar o cargo: "...eu tive a honra de ser convidado, não pelo governo, mas pelo meu nobre amigo, o Sr. Saraiva, para acompanhal-o como secretario na missão especial ás republicas do Prata. Esse meu illustre amigo não se acha agora presente, mas como outros o sabem, posso dizer que recusei logo essa honra, que a recusei com insistencia, recusa na qual deixei de proseguir, porque S. Ex. fizera valer motivos que me coagiam perante um amigo a quem devia muita gratidão. Era manifestamente esse um cargo rodeado de embaraços, além de que o afastamento desta casa não podia ser agradavel a quem nella se tinha creado por seu trabalho um logar não muito obscuro". (*Annaes da Camara dos Deputados* — 30-8-1866),

CAPITULO VII

A GRANDE CAUSA

O ADIAMENTO DAS CAMARAS — UM DEBATE
COM MARTINHO CAMPOS — A VIAGEM A
AMAZONIA.

Enthusiasmado pelo espectáculo amazonico, Tavares Bastos escreve do Pará ao Conselheiro Nabuco de Araujo, a 7 de Outubro: “Já comecei a minha peregrinação. Acabo de chegar de Macapá, tendo atravessado norte-sul a grande foz do Amazonas, digna de um poema” (91).

Por decreto de 8 de Julho de 1865, adiadas as sessões da Camara para 4 de Março do anno seguinte, aproveita as ferias parlamentares na ambicionada excursão ao extremo norte. Ia assim realizar um sonho desde muito ardentemente acariciado.

(91) Do Archivo do Conselheiro Nabuco de Araujo, no Instituto Historico Brasileiro,

Barrés ou Maurras não partiriam para a Grecia com mais fervor, do que o alagoano para aquelles desertos do septentrião...

Tavares Bastos deixa o Rio de Janeiro nos primeiros dias de Setembro. Entre as duas viagens — a de Montevidéo, na Missão Saraiva, e a da Amazonia — mediou pouco mais de um anno, mas nesse pequeno periodo grandes acontecimentos se produziram: cahem dois ministerios — o de Zacarias e o de Furtado que lhe succede — e o Brasil entra em guerra contra o Paraguay.

Volta novamente ao poder o Marquez de Olinda. Os Gabinetes do velho Regente possuíam a fortuna facil das etiquetas populares, esse agora era o *Ministerio das Aguias*. Delle faziam parte, ao lado de Silva Ferraz, Nabuco e Saraiva — dois nomes muito caros ao deputado alagoano. Nesse novo governo de Araujo Lima — “governo de circumstancia, formado sob a premente preocupação da defesa externa” — (92) encontrou a alta eloquencia de Tavares Bastos um ambiente mais propicio para a defesa das idéas.

O representante das Alagôas, na plenitude dos seus vinte e seis annos, como que já attingira a melhor maturidade. Os discursos que profere, ao ser discutido o projecto *que permite aos navios estrangeiros o serviço de transportes costeiros de mercadorias de producção e*

(92) José Maria dos Santos — *A Política Geral do Brasil*, pag. 68.

manufatura nacional e estrangeira entre os portos do Imperio, em que houver alfandegas, são dos mais brilhantes da sua carreira parlamentar.

Nelles revela o senso de homem de Estado, procurando dentro das hesitações do momento conduzir com uma certa habilidade a victoria, embora parcial, de uma das idéas praticas que mais o dominaram.

Os debates sobre a navegação de cabotagem se fizeram num plano superior e nelles se empenharam as boas intelligencias da Camara, como José Bonifacio, o moço, e Affonso Celso, pae, sendo que este pronuncia um discurso notavel, merecendo de Tavares Bastos o qualificativo de *luminoso* (93).

Junqueira, da Bahia, e Burlamaqui, do Piauhy — o segundo, muito pessoal e impertinente — destacam-se entre os impugnadores da medida liberal.

Martinho Campos — o *virtuoso* da opposição — apesar de partidario da liberdade de cabotagem, alonga-se em severa critica ao projecto, por não concordar com o seu character de limitação e com o seu estylo cauteloso.

Martinho — *que de Marte o nome tem* — como nos *Lusiadas*, era uma creatura rixenta. Natureza affeita mais a demolir do que a construir, muito intelligente, de uma loquacidade terrivel, a que uma certa veia

(93) *Annaes* da Camara dos Deputados de 14 de Junho de 1865.

epigrammatica dava sempre attractivo, pelo imprevisto e pittoresco das *trouvailles*, o politico mineiro tornou-se no Parlamento do Imperio um guerrilheiro perigoso e temido. Flagellador de ministerios e espantallo dos estreantes, celebrizou-se pelas *boutades* e pelos ditos felizes, sendo-lhe as intervenções nos debates bons motivos de animação e curiosidade.

Contradictorio, paradoxal mesmo — liberal e escravocrata — prompto a investir contra qualquer coisa, possuindo, segundo Joaquim Nabuco, “uma capacidade illimitada de incomodar e aborrecer o adversario”, Martinho Campos creou-se um typo deveras bem interessante, a que a indumentaria excentrica de caipirão mineiro emprestava singularidade maior.

O Visconde de Taunay deixou delle nos *Homens e Coisas do Imperio* um perfil bastante vivo e de agradável leitura.

Desse homem, de successos tão commentados, temido pelos contemporaneos, implacavel demolidor, pouco resta, além do que sobrevive nos anecdotarios da politica. Não passou de um satanaz ingenuo, com o espirito facil de negação, a perturbar e contrariar as idéas alheias. Levado no curso de incoercivel verbiagem e em funcção della agindo, foi bem o *homo loquax*, do conceito bergsoniano...

A distancia entre Martinho Campos e Tavares Bastos é a que vae entre o theorico, amando os problemas politicos na sua expressão abstracta, e a intelligen-

cia pratica, orientando-se no caminho das soluções pelo contacto das realidades.

“Peço licença (diz Martinho) ao meu nobre amigo deputado pelas Alagôas, que tão brilhante papel tem feito nesta discussão, como em todas aquellas de que se tem occupado, para offerecer algumas duvidas aos diversos artigos do seu projecto. Temo, Sr. Presidente, que as minhas duvidas não provenham do projecto, e sim talvez do estado de inconcebivel pessimismo em que cahi repentinamente”.

E nesse tom de cordialidade, que não exclue certa malicia, extrema-se no mais rigoroso exame, preoccupando-o sobretudo o lado formal do projecto que submete ás minucias de uma analyse quasi grammatical. Indo ao merito, acera-se-lhe a censura: “Sr. Presidente, ha uma primeira questão: a liberdade de cabotagem é bôa ou não é. Se é bôa, porque limital-a, pôrque não permittir que os navios estrangeiros de cabotagem vão a todos os portos em que penetram os navios de cabotagem nacional? Será pelas necessidades de fiscalização quanto a direitos de importação? Parece que são da mesma natureza em relação a navios de cabotagem estrangeiros que em relação a navios nacionaes. Eu, pois, não descubro justificação para esta limitação. Temo, e permitta Deus que o tempo não convença o meu nobre amigo de que a limitação em materias desta ordem manifesta pouca convicção a respeito da doutrina, o que aliás não existe em seu espi-

rito, e certamente não é meio de fazer proselytos e mostrar pouca fé na doutrina que se quer propagar”.

Campeão da ampla liberdade de cabotagem, como fôra Tavares Bastos, em trabalhos de tão ruidosa repercussão, mas não indifferente ao senso da oportunidade, transigia um pouco no momento, pela certeza de sentir em marcha a idéa, e não querer perturbal-a em nome de uma intransigencia esteril.

A occasião se lhe apresentava a melhor possível. O Ministerio Olinda, com Saraiva e Nabuco, inspira-lhe confiança ás iniciativas liberaes. Viu já o projecto, estabelecendo as communicações directas entre o Brasil e os Estados Unidos, tornar-se realidade, pelo apoio decisivo de Saraiva, ministro dos Estrangeiros; mas não desconhecia que os prejuizos do tempo são ás vezes mais fortes do que os desejos dos homens. Realista como era, ou melhor ideo-realista, não se aprazia em planos lunaticos: dava-se aos factos, á vida, com comprehensão. A resposta a Martinho Campos desenvolve-se serenamente: “Acompanharei o meu nobre amigo, deputado por Minas Geraes, rapidamente, nas considerações que fez sobre alguns artigos do projecto substitutivo. A primeira das suas observações consiste na pergunta que eu já formulara em outra occasião a saber: convem que libertemos inteiramente a navegação costeira, ou que limitemos a liberdade á grande cabotagem principalmente? Disse o nobre deputado, porque sois tímidos? Façamos tudo já, libertemos inteiramente a cabotagem. Sou obrigado a reproduzir

perante a Camara o motivo que alleguei, apoiando o projecto circumscripto que se acha sobre a mesa. Esse motivo é o seguinte: — Em 1862, quando esta medida se iniciou pela primeira vez o foi tambem reduzida ao circulo dos portos alfandegados, de accordo com o pensamento do governo.

“Posteriormente apresentou o Governo em o seu relatorio da repartição da fazenda as bases da reforma e as suas idéas sobre este assumpto, ainda com a mesma restricção. Estamos, pois, Governo e Camaras identificados quanto á reforma até esse ponto. Limitada a este terreno, ha toda a probabilidade de ser ella votada, de alguma coisa conseguir-se em pouco tempo; entretanto o meu nobre amigo sabe que medida larga, extensa, amplificada a toda a navegação, nesta mesma casa encontrará embaraços, e no Senado maiores difficuldades.

“Acredito que a opinião se pronuncia por uma modificação limitada, porém assim mesmo muito vantajosa, como presumo já ter mostrado, o projecto, libertando a grande cabotagem, abrange um commercio de cerca de 40.000:000\$000; e é incontestavel que o favor feito a um commercio tão vasto já vale alguma coisa.

“Os resultados do triumpho que obtivermos dentro deste limite animar-nos-ão bem depressa a fazer que o privilegio desapareça completamente. Assim damos um passo depois de outro com segurança, argumentando com uma conquista em favor de outra conquista”.

Depois de justificar todos os termos da redacção, no interesse de demonstrar a sua não superfluidade e obcuridade, conclue com vehemencia: "Presumo, Sr. Presidente, que o meu desvelo na discussão deste projecto, a solicitude que tenho mostrado facilitando a sua passagem, é mais uma prova do interesse sincero com que me empenho para que no Parlamento se votem medidas consagradas no nosso programma. Isto me parece mais efficaz e positivo do que as aspirações vagas que frequentemente se ostentam na tribuna. (*Apoiados*). Nada mais facil do que pedir a palavra para manifestar em termos geraes o desejo de reformar o mundo, de mudar o systema planetario ou corrigir a historia politica d'este paiz. Nada é mais facil. O mais difficil, porém, é, condescendendo mesmo com o emperramento das nossas Camaras e dos nossos governos, respeitando os escrupulos da opinião e a timidez dos proprios amigos, supportando em silencio as fadigas e as decepções, trabalhar com firmeza, caminhar sempre para diante no mesmo terreno, dando hoje um passo que amanhã pode ser confirmado por outro passo maior. (*Apoiados*).

"Esta perseverança é mais util ao progresso do paiz do que o espirito de contradicção ou censura. (*Apoiados*). Senhores, na politica como na administração uma logica inflexivel preside ao desenvolvimento dos successos. Tudo tem ahi o seu prefacio e a sua conclusão; uma conquista é annunciada por outras, e por seu turno ella arrasta novas. Pedem que caminhemos

por saltos: é o mesmo que fazer votos para que não triunphe coisa alguma. Não sejamos, pois, impacientes; limitemos as nossas ambições a uma reforma modesta. Creio que ha mais prudencia, mais acerto, mais patriotismo e zelo mais efficaz pelo triumpho das doutrinas liberaes, naquelle que assim procede com firmeza inabalavel, do que naquelles que julgam ter pago o seu tributo desenrolando largas bandeiras, mas sem ter a fortuna de ver afinal consagrada em um artigo de lei a menor de suas aspirações!" (94)

A critica era directa a Martinho, a quem aliás Tavares Bastos estimava.

Não ha negar que entre as ousadias do publicista das *Cartas do Solitario* e as cautelas actuaes do legislador se interpunha uma zona de moderação.

Antes dessa intervenção de Martinho Campos, Tavares Bastos havia feito um grande discurso em defesa do projecto, discurso que toma varias paginas dos *Annaes* (95). Nelle, além das grandes qualidades de orador, que revela, não se deixando envolver pelos apartes dos adversarios tenazes como Junqueira, a quem responde com uma precisão cortante, sem perturbar o rythmo das idéas, mostra abundante conhecimento não só da historia politica, como das mais modernas legislações a respeito do assumpto em discussão.

(94) *Annaes* da Camara de 19 de Junho de 1865.

(95) *Annaes* da Camara de 1.º de Junho de 1865.

Sob aquelle governo das *Aguias*, esperava ainda conquistar a sua grande victoria, a victoria da causa por que mais se apaixonara...

* . * . *

Na campanha da liberdade do Amazonas teve Tavares Bastos a sua mais bella campanha. Iniciara-a no pamphleto — *Os Males do Presente* — continuando-a intensamente nas *Cartas do Solitario*.

O problema, se ainda não inquietava os estadistas, já começava a interessar ao mundo. Um jornal francez ia ao extremo de aconselhar os governos da Inglaterra e da França a uma acção violenta, no sentido de fazer-se effectiva a abertura do grande rio.

Homens de estudo, taes como o economista Horace Say e o geographo Elisée Réclus, lançam sobre o problema as vistas mais altas. Indifferente, porém, a tudo, a politica brasileira quedá-se no isolamento a que se condemnara, e com o zelo de harpagão occulta o seu thesouro. A diplomacia imperial, no caso, não tinha para fortalecel-a o espirito de coherencia, pois a attitude tomada em relação ao Prata só lhe devera ditar outra directriz.

Contra a *politica chinesa* de egoismo esteril, levanta-se Tavares Bastos e os enthusiasmos da sua palavra abrem um clarão na consciencia do paiz.

O problema amazonico era para elle sobretudo um problema humano. A *musa do terror*, a que se referira, como a inspiradora dos estadistas do tempo, não lhe ensombra de longe o pensamento.

Segregado do mundo, pelos rigores de uma doutrina anachronica, o Amazonas como que soffria a condemnação da propria grandeza. O desvelo nacional, suppondo preserval-o de falsos perigos, suffocava-o. Ante a incompreensão dos contemporaneos, ouve-se o primeiro protesto: "Um povo reduzido em numero, raro em artistas, em agricultores, em operarios, em constructores, em navegantes, habita as margens do Amazonas. Si esse povo se communicasse directamente com o europeu e com o norte-americano, é fóra de duvida que teria mais barato o pão, mais commodo o panno, mais abundante o transporte, mais facil a vida. Si elle, porém, continua a ser explorado por um commercio mesquinho, pela pequena navegação de cabotagem ou por uma companhia privilegiada, é evidente que difficilmente crescerá, desenvolver-se-ha, adquirirá forças e accumulará capitaes. Esse povo ajudado pelo colono europeu ou pelo americano, aprenderia a arte da agricultura, affeição-se-hia á terra, abandonaria os habitos da vida errante, engrandeceria o Estado e augmentaria as forças da nação.

"Não tem esse povo, portanto, o direito de exigir que o deixem viver livre, que não lhe supprimam o ar, não lhe confisquem a luz?

"A questão é simples, é clara, e não admite duvidas. Venham agora responder a esse povo contrariado nos seus interesses e á humanidade offendida nas suas pretenções, venham responder-lhes com as letras frias de tratados do tempo de Luiz XIV, com os ajustes

das metropoles de Hespanha e Portugal, num seculo em que a antiguidade não é fiador de nada, e está, pelo contrario, sujeita á fiança da utilidade geral, do interesse de todos, do bem-estar do povo, esse abysmo insaciavel que devora os thronos mais envelhecidos na historia e as instituições mais arraigadas na indole, nos habitos e nos prejuizos do mundo!” (96)

Lutando pelo futuro, como a planta pela luz, o joven pensador politico parecia revigorar-se á medida que as campanhas se succediam. E nessa — do Amazonas — deu o melhor do seu brilho e das suas energias.

Essa viagem, mesmo sem nenhum auxilio official, sem o conforto indispensavel a uma pessoa de saude delicada como a sua, com o objectivo de conhecer de perto as necessidades da região, representava um esforço, que sómente a paixão da causa explicaria. A campanha tinha para sublimar-a um desinteresse pessoal completo, não visando compensações eleitoraes, nem faceis consagrações, pois dos effeitos della decorrentes só o tempo poderia aferir-lhes o valor.

A abertura do Amazonas, si se tornou um problema temerario para os estadistas brasileiros, Tavares Bastos delle não se arreceia, trazendo-o á luz, com a mais intrepida decisão. Para elle o perigo não consistiria em franquear o grande rio, e sim na persistencia da politica obsoleta, subtrahindo-o ao contacto do mundo, deixando-o, porém, á mercê de alguma ambição isolada que

(96) *Cartas do Solitario*, pags. 295 e 296.

bem poderia insinuar-se á sombra de pretensos direitos... Franqueando-o ao commercio universal, as pretensões da França, por exemplo, que desejava estender-se até o Araguay, com o proposito de usufruir as vantagens que competem aos ribeirinhos, ficariam sem objectivo, o que facilitaria por seu turno a solução da velha pendencia de limites entre o Brasil e aquelle paiz.

Sob o ponto de vista continental sobrelevava de importancia a medida, pela expressão de cordialidade, em que se robusteceria o espirito de confraternidade americana. E como accentua, sendo a posição de varios paizes — a Bolivia, o Perú, o Equador, etc. — no Amazonas, igual á do Brasil no Prata, a franqueza do grande rio se impunha, não só como acto de justiça, como de sabedoria politica (97).

(97) Elisée Réclus, um anno após as considerações de Tavares Bastos, nas *Cartas do Solitario*, sobre o mesmo assumpto escrevia em conceituado periodico parisiense: "Quel changement soudain s'opérerait au profit de l'empire sud-américain, s'il promettait la liberté de cet immense réseau de mers intérieures, comme on a déjà proclamé la liberté des océans, destinée à produire bientôt celle des detroits! La révolution que le percement du canal interocéanique de Pauamá amènerait pour les villes du Pacifique, l'ouverture de l'Amazone l'opérerait aussi pour les populations nombreuses qui habitent les bords de fleuve et les plateaux des Andes. Et ce ne sont pas de centaines de millions qu'il faudrait pour accomplir cette révolution; un simple mot suffirait!" — (*Le Brésil et la Colonisation* — "Revue des Deux Mondes" — 15-Juin-1862).

“Situações identicas, direitos identicos. Si podiamos exigir a livre passagem até Albuquerque, posto franqueado a todos os pavilhões, podem os nossos limitrophes das fronteiras septentrionaes allegar o mesmo direito para Nauta, para a Exaltação, para o Porto Hespanhol. Isto não carece demonstrar-se, é claro como a luz do sol. O facto conhecido de todos é que, si combatemos Rosas só para obter o direito de navegação commum no Uruguay e Paraná, como ribeirinhos que eramos; si na campanha de 1851 nossas pretensões não excediam disso; si não aspiravamos á liberdade plena e para todos, é, comtudo, certo que depois enviamos ao Paraguay a missão armada de 1855 e a de 1857, e lhe fariamos a guerra, si fosse preciso, para obtermos a liberdade de navegação até a nossa alfandega de Matto Grosso” (98).

A autoridade internacional do Imperio se apresentava enfraquecida pela duplicidade da conducta que o isolava, cada vez mais, da confiança das outras nações.

Nos Estados Unidos, sobretudo, a opinião fazia-se impaciente, o que até certo ponto se justificava, dado o papel importante que representara o grande paiz, como mediador, no caso do Prata.

Tavares Bastos habituara-se a ver os acontecimentos de um plano superior, preocupado com a grandeza

(98) *Cartas do Solitario*, pag. 301.

e o futuro do Brasil, não havia na sua alma lugar para as pequenas paixões.

A questão do Amazonas empolgara-o seriamente; no exame do seu triplice aspecto — universal, americano e brasileiro — desconheceu-lhe a critica a pauta das conveniencias mediocres. O arrojo das expressões e a bravura dos conceitos escandalizariam por vezes os patriotas timoratos. Não concordando com o emperramento da época, redobrou-se-lhe de intensidade a flamma combativa.

Á ficção juridica da exclusividade dos ribeirinhos sobrepunha um principio civilizador mais alto. Comprehendia que o Brasil para desenvolver-se precisava quebrar certas limitações, que persistiam como legados da Colonia.

Para vencer o conformismo de uma politica alimentada de velhas imagens e da superstição de velhas formulas, ia ás vezes deliberadamente até o excesso. Elle proprio em carta a Saraiva confidenciara a intenção dramatica de certos argumentos de effeito, a empregar...

Como publicista, lançava longe a sua barra, para que alcançasse ao menos alguma coisa o legislador. Num meio que sabia tão refractario, o frio raciocinio só não bastaria. O *tabú* amazonico ahi se conservava a desafiar a argucia dos estadistas...

“E um seculo destes (escrevia elle) o direito vale a utilidade; quero dizer, não podê haver direito que

importe em damno. Si os americanos do norte pretendem entupir o porto de Charleston, todo o mundo civilizado embarga-lhes o passo, porque isto fôra uma barbaridade prejudicial ao mundo. Si a China, o Japão ou a Cochinchina teimam em encerrar-se dentro dos muros dos seus prejuizos, as armadas invenciveis do Occidente derrubarão esses muros frageis e farão tremular sobre as torres pintadas de suas velhas cidades a bandeira humanitaria do commercio universal. Não ha riqueza natural que se espedrice hoje. O interesse do mundo, eu diria — o principio da civilização, do Evangelho, do Christianismo, da verdade, da igualdade — o bem-estar dos povos regula o direito dos povos”.

O insolito da linguagem como que tomava na época as proporções de grave imprudencia. A liberdade do Amazonas afigurava-se aos que a combatiam um lanço insensato, a facilitar o caminho — sinão á conquista estrangeira — ao separatismo, pelo menos. Tavares Bastos, não participando desse *complexo de inferioridade* da politica dominante, proseguia tenaz e ousado na propaganda. Que o Brasil tivesse a coragem dos seus problemas, com a consciencia dos seus destinos...

O perigo da secessão parecia-lhe apenas pueril. O Pará não era mais a terra da caudilhagem; já os ultimos écos da *Cabanada* se perdiam longe nos destroços da memoria. O que se via era uma terra rica e pacata a querer desenvolver-se, como uma força util ao serviço da economia brasileira. Aquella situação de pupillo, tratado como territorio sem importancia, embaraçado

nos anseios de prosperidade é que criaria o espirito de descontentamento.

Tavares Bastos, com os dados estatisticos, mostra como a partir de 1837 a capacidade productora do Pará vae ascendendo de modo animador, o que o colloca no quinto logar na escala de nosso commercio de importação directa e no sexto no total desse commercio, somado com o indirecto de cartas de guia, e tambem no movimento de exportação.

Ao lado das medidas liberaes capazes de incentivar o progresso, o estadista alagoano lembra tambem as medidas previdentes, de character militar e de character diplomatico: “Certamente ninguem pensa que devemos decretar a entrada de todos os pavilhões no Amazonas sem tomar cautelas e dar providencias necessarias. A entrada de navios de guerra estrangeiros deve ser regulada em tratados, segundo os principios acceitos no Prata. Dever-se-ia cuidar de um systema de fortificações no Pará, em Macapá, em Manáos, em Obidos, em Tabatinga e em alguns outros pontos. As duas provincias deveriam formar uma de nossas quatro grandes divisões militares. O desenvolvimento do arsenal de marinha do Pará, a organização de uma flotilha de canhoneiras, e outras medidas identicas seriam convenientes”.

A livre navegação do Amazonas, escreveu Joaquim Nabuco, teve um precursor estrangeiro que foi Maury, e Tavares Bastos mesmo, accrescenta, recebeu delle o

“impulso patriótico que o tornou campeão dessa grande causa” (99).

E' incontestavel a influencia que o sabio marinheiro *yankee* exerceu no pensamento do publicista das *Cartas do Solitario*.

A obra de Maury — *The Amazon and the Atlantic Slopes of South America* — despertou, como se sabe, as criticas mais vehementes. Em livros, opusculos, na imprensa, no Parlamento, foi ella objecto de acres censuras. Aos olhos de muitos, o scientista não passava de um audacioso apostolo da cupidez imperialista dos americanos do norte.

A verdade é que, irritado com a politica do Brasil, a respeito do Amazonas — *dog-in-the-manger policy* — como lhe chamou pittorescamente, Maury se permittiu uns tantos conceitos audazes.

Se de começo adverte que os Estados Unidos não fazem a politica de conquista e sim a do commercio — *the “policy of commerce”, and not “the policy of conquest”, is the policy of the United-States* — não hesita entretanto em insinuar que o Brasil se arriscaria a ver discutidos os seus direitos sobre aquella “mais bella porção do globo”, direitos que bem poderiam perecer pelo *não uso*...

A Tavares Bastos o que interessava era o problema em si, posto agora em equação. Certos excessos do autor correriam por conta de pequenos peccados ver-

(99) *Um Estadista do Imperio* — Tomo II — pag. 430 — 2.^a edição.

baes... Não se tratava de um flibusteiro, nem de um agente de conquistadores. Maury, como homem de sciencia, fizera-se grande autoridade, de reputação mundial, de valor indiscutivel; as suas idéas não deviam ser, pois, condemnadas, assim, de plano, pelos alvoroços de um patriotismo facil. Impunham-se ao exame e á meditação. Onde os politicos procuravam descobrir uma affronta, Tavares Bastos encontra um argumento, argumento valioso para defesa de um principio que sabia vital, indispensavel, ao desenvolvimento do paiz.

Gonçalves Dias, em carta dirigida ao publicista alagoano, assim tambem o julgara. Dizia-lhe o cantor dos *Tymbiras*: “Autor infesto ao Brasil, e mesmo odiado por muitos dos nossos homens illustrados como advogado de desenfreadas ambições americanas, Maury, no meu entender, deve ser qualificado como um dos benemeritos do Amazonas”.

O politico e o poeta — que possuíam em tão alto gráo o sentimento nacional — foram justamente dos poucos que se não deixaram formar no côro das vociferações chauvinistas... Para o patriotismo de ambos, que se aprimorara no estudo e na comprehensão do Brasil, aquellas paginas tão malsinadas do escriptor americano valiam por uma advertencia e um estimulo.

* * *

Foi na sessão de 8 de Julho de 1862 que Tavares Bastos agitou pela primeira vez na Camara o caso da

abertura do Amazonas. Esse passo atrevido, como elle proprio o classificara, não encontrou apoio naquella casa do Parlamento brasileiro, apesar da repercussão que teve. Em um *meeting* da commissão do commercio de Boston, realizado a 30 de Julho do anno seguinte, applaudiu-se significativamente a iniciativa do deputado das Alagôas, tida na hyperbole do americano Ed. S. Tobey, como a mais generosa até então na historia das nações — *is the most generous ever made in the history of nations.*

O *New York Times* de 14 de Agosto de 1863, dando noticia de tal acontecimento, publica a moção que se approvara e da qual se destacam os seguintes pontos: “*Resolved. That we appreciate the endeavors of Hon. A. C. Tavares Bastos and his coadjutors, who, last year in the Brazilian Chamber of Deputies, brought forward two liberal propositions — first, to open the Amazon and its tributaries, and so much of the La Plata and its affluents, as are within the Empire, to the flags of all nations, and thus attracting to those fertile valleys (so capable of producing cotton, coffee, sugar and other staples) emigration necessary to the development of Brazil; and second, that the Brazilian Government shall subsidize an American steamship line from the United States to Rio de Janeiro, touching at Para and Pernambuco.*”

A assembléa legislativa da Provincia do Amazonas, onde chegaram alviçareiros os écos do projecto, apres-

sou-se nos protestos do seu entusiastico reconhecimento ao autor da medida liberal.

Sacrificada a primeira tentativa, Tavares Bastos não desanima e prepara-se para nova investida.

Goethe já affirmara que só se obtem o que se deseja, com uma certa dose de teimosia. E pertinaz, como sempre, retoma Tavares Bastos, na legislatura de 64, o projecto condemnado. Tem ainda dessa vez a contrarial-o o representante da Bahia — Oliveira Junqueira.

O futuro ministro da Guerra do gabinete Rio Branco inscreveu-se entre os adversarios mais brilhantes da liberdade do grande rio. Com elle mantem Tavares Bastos um debate meio irritado. Ás considerações com que Junqueira se esforçava por mostrar a inconveniencia da medida, nos termos amplos em que se apresentara, o parlamentar alagoano lança-lhe este aparte desdenhoso: “Está atrazado quarenta annos”.

Os argumentos de Junqueira eram os mesmos argumentos da época, já antecipadamente combatidos nas *Cartas do Solitario*. Tavares Bastos responde ao contendor, em discurso que infelizmente não vem publicado nos *Annaes*; mas pelo tom da replica do orador bahiano, sente-se que fôra todo afinado pelo diapasão daquelle aparte... (100)

(100) *Annaes* da Camara de 22 e 23 de Abril de 1864.

Approvedo o projecto e remettido ao Senaço, lá hybernou algum tempo. Mas o campeão não repousa. E essa viagem á Amazonia, onde colheria os elementos mais fortes de convicção para a victoria, é sem duvida a etapa mais bella da campanha.

No Pará encontra presidindo os destinos da Provincia um antigo condiscipulo de Faculdade e companheiro de lides litterarias em S. Paulo — Couto de Magalhães — que lhe proporciona todas as facilidades para o estudo e observação.

Depois de varias excursões naquella parte do septentrião, Tavares Bastos segue para o Amazonas (101).

(101) O *Jornal do Commercio* publica, com a data de 11 de Outubro de 1865, a seguinte correspondencia vinda do Pará: “O Sr. Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos ainda continua entre nós. Dedicado pela causa publica a ponto de por toda parte procurar estudar as necessidades da Provincia, a todos tem S. Ex. penhorado e enchido de reconhecimento. Já tem visitado algumas localidades do interior desta Provincia, e em breve seguirá pelo Amazonas a visitar as nossas villas e cidades situadas nas margens do grande rio, cujos recursos naturaes quer cuidadosamente estudar. Muito deve a Provincia colher da visita de S. Ex., que incansavel como é, pelo bem publico, não esquecerá por certo o estado lamentavel em que nos achamos e o esquecimento profundo em que a Côrte nos tem. Consta que alguns Conservadores querem obsequiar a S. Ex. com um jantar, pretendendo por semelhante modo exprimir o seu reconhecimento pela maneira por que o illustre parlamentar tem curado dos interesses desta infeliz Provincia.”

CAPITULO VIII

ESTRADA DE DAMASCO...

A MISSÃO AGASSIZ — O SABIO E O POLITICO — O VOLUNTARIO JAMES E A CRISE DE UM ESPIRITO.

O *Ibicuhy* — “lindo e pequeno *steamer* de guerra” — como se lê numa correspondencia de Agassiz, entrava no porto de Manáos, naquella tarde de 23 de Outubro de 1865, ficando por ordem do Governo á disposição do chefe da missão scientifica norte-americana.

Grande foi o prazer do sabio illustre e da companheira intelligente que percorriam a Amazonia saber que viera a bordo o deputado alagoano.

E registam no seu jornal: To our great pleasure, she brings Mr. Tavares Bastos, deputy from Alagôas, whose uniform kindness to us personally ever since our arrival in Brazil as well as his interest in the success of the expedition, make it a great pleasure to meet him again” (102).

(102) *A Journey in Brazil*, pags. 252 e 253 — Boston, 1868.

Agassiz era um seductor. O fascinio que exerceu sobre a mocidade universitaria tornara-o o mestre mais popular do tempo. Esse suiso, emigrado em consequencia de um movimento republicano que lhe convulsionara o Cantão natal, achou nos Estados Unidos a melhor das patrias. E foi-lhe immensa a gratidão, a ponto de naturalizar-se americano, justamente no periodo mais critico da historia do paiz, quando a guerra civil mostrava incerto o destino do grande povo.

De Cambridge irradiou-se-lhe o nome gloriosamente por todo mundo scientifico. Querido de Humboldt e de Martius, louvado por Darwin e por Huxley, amigo de Longfellow e de Emerson, via-se disputado pela Suissa republicana e pela França imperial.

A munificencia do millionario Nathaniel Thayer proporciona-lhe essa custosa excursão ao Brasil, onde o acolhe magnificamente um soberano sensivel á sabedoria, e que possui, como lhe advertira o amigo Sumner, os dons do espirito e o amor da sciencia, coisa rara entre os principes.

Na comitiva de especialistas, que acompanha a Agassiz, incorporaram-se, como se sabe, alguns voluntarios, figurando entre elles alumnos da Universidade, e que os sortilegios do mestre arrastavam até áquelles rincões longinquos.

Tavares Bastos e Agassiz entenderam-se admiravelmente. Se motivos diversos os levaram áquellas paragens, o mesmo aneio desinteressado os approximava,

identificando-os a mesma comprehensão universal das coisas. Para o naturalista era um mundo a observar; para o politico — um mundo a construir.

O sabio voltaria decerto mais satisfeito. A euphoria das hypotheses, fazendo esquecer as mortificações do trabalho e as canseiras da jornada, tornava-o mais feliz. Para o discipulo de Cuvier, meio cosmopolita — uma vez saciados os appetites da aventura — o Amazonas passaria para o largo plano abstracto, onde as novas illusões da sciencia rolariam...

O politico, apaixonado da terra e torturado com os seus problemas, inquietar-se-ia ainda mais, após a enormidade do espectáculo. Aos seus olhos, tão claros para o futuro, a visão gigantesca carregava-se de duvidas. A desconformidade entre aquella grandeza e a incomprehensão dos homens punha-lhe no pensamento uma sombra incommoda...

* * *

Aos rythmos dos seus oito remos vigorosos, a chalupa aduaneira cortava o rio Negro, em demanda do lago January, conduzindo os viajantes eminentes. Era numa dessas lucidas manhãs tropicaes — de uma frescura surprehendente em tal latitude — como se accentua no *A Journey in Brazil*, que aquelles homens, empolgados pelos aspectos de uma natureza que se lhes offerecia pela primeira vez, conversavam e discutiam animadamente.

Sobre a pequena embarcação estavam o casal Agassiz, Tavares Bastos; o presidente da Provincia — o pernambucano Antonio Epaminondas de Mello, com o seu secretario — o desenhista da missão, Mr. Burkhardt; o explorador brasileiro, Major Coutinho, e os dois voluntarios — Dexter e James — este ultimo, alumno entusiasta de Agassiz.

A mocidade e a intelligencia do deputado alagoano ferem logo vivamente o interesse do sabio que assim consigna no diario as impressões: “Com a idade de menos de trinta annos (elle tinha então vinte e seis) Mr. Tavares Bastos é já um dos homens politicos de nome do seu paiz. Desde o dia em que ingressou na vida publica, não tem cessado até hoje de se interessar pela legislação que rege o commercio da grande bacia amazonica e de estudar a influencia que ella podia ter sobre o progresso e o desenvolvimento de todo o Imperio do Brasil. E’ um dos homens mais notaveis entre os defensores de uma politica completamente liberal nesse assumpto. Insiste com os seus compatriotas sobre a necessidade, mesmo sob o ponto de vista do interesse nacional, de partilhar aquelle grande thesouro com o resto do Mundo. Contava apenas vinte annos, quando publicou pela primeira vez as suas opiniões sobre a abertura do Amazonas, o que tem contribuido, mais do que tudo, para attrahir a attenção para tal idéa”.

Agassiz salienta que os estudos do homem de Estado e as pesquisas do sabio se encontram em varios pontos, numa esphera commum, e as sciencias naturaes

têm sempre alguma coisa a dizer, mesmo nas questões mais praticas.

“O legislador deve olhar a região amazonica como um continente, ou como um mar? Deve ahí prevalecer o interesse da agricultura ou o da navegação? A região é essencialmente terrestre ou essencialmente aquatica?”

E em torno de cada these, os dois amigos recentes — um ainda no esplendor da primeira mocidade — o outro já na madureza de uma gloria rumorosa — empenham-se nos debates mais altos. E o grande Valle é examinado nas suas origens e nos seus recursos, na sua configuração e na sua estructura, no seu passado e no seu futuro — no seu futuro principalmente... E á visão de ambos — como realizados os sonhos de Humboldt — a Amazonia apparecia rica de população, sulcada pelas bandeiras dos povos livres, com elles distribuindo os milagres da sua opulencia e com elles sentindo as mesmas palpitações do progresso.

E viam os Estados Unidos, num largo gesto fraterno, estendendo do outro lado do continente a mão fervorosa, para o pacto da harmonia fiel e da collaboração util.

Chegam ao fim da viagem. O estrugir das girandolas festivas annuncia a aldeia proxima que os vae acolher, chamando-os á realidade...

Distante de tudo aquillo, alheio ás magnificências da natureza, ás solicitações violentas da paisagem, ás vozes profundas das aguas immensas e á palavra ardente dos companheiros, o voluntario americano — de talhe esbelto — dono de uns *inesqueciveis olhos azues*, no dizer de Whitman, seguia absorto, mergulhado no seu mundo interior, mundo que o revela a si proprio...

A fascinação do mestre levara-o áquellas selvas; mas já não era o mesmo o discipulo.

Como Socrates que passara, na expedição de Potidéa, segundo o depoimento de Alcebiades, no *Banquete* de Platão, todo um dia, immovel, de pé, indifferente a tudo em torno — aos rumores do acampamento e ás curiosidades dos scenarios — o joven James ahi estava, indifferente tambem, arrebatado pelo mesmo sonho e devorado pelas mesmas duvidas.

O Brasil decidia-lhe do destino. Se nas florestas brasileiras, um outro viajante — Charles Darwin — encontrara anteriormente os germens de suas theorias; nellas agora, o voluntario James encontrava mais do que isso, porque encontrava as direcções do espirito, ou melhor — encontrava-se a si mesmo... Naquelle moço de vinte e tres annos, sem nome ainda, desconhecido, feria-se um desses dramas patheticos do pensamento...

Descendente de velhos e bons troncos escocezes que bem se aclimaram e floriram no Novo Mundo, James nasceu em New York em 1842. O pae, philosopho mystico e politico phalansteriano, repartia-se entre Sweden-

borg e Fourier. No ambiente familiar, assim tonificado por idéas, tão altas, creceu e formou-se para a vida.

Começou pintor, como Socrates começara esculptor. Mas comprehendeu logo que aquella não era a vocação. Ser um artista de segundo plano não lhe sorria como ideal. O seu *eu* profundo tinha exigencias terriveis, dahi as mudanças subitas e desconcertantes, as incertezas apparentes, os lances varios; á semelhança desses grandes rios, angustiados no seu curso, que se fatigam, em curvas difficeis e em rumos imprevisos, até alcançar o amplo leito do seu destino.

Chegaria a ser, talvez, um pintor interessante, capaz de agradar pela virtuosidade que illude; mas a virtuosidade — que é uma especie de genio dos mediocres — não poderia contental-o. E cresciam-lhe as inquietações, consumindo-o como um incendio.

Abandonando a pintura, pois para elle “não ha sobre a terra coisa mais deploravel do que um máo artista”, passa para a Chimica e depois para as Sciencias Naturaes. Acompanha o curso de Agassiz que o maravilha, e o professor de Cambridge — “admiravel, serio, claro como o dia”, tral-o na missão scientifica.

Foi-lhe, porém, dolorosa a iniciação no Brasil. Atacado de variola ao chegar no Rio de Janeiro, subverte-se-lhe todo o entusiasmo de explorador, e queda-se num completo desencanto. Assim mesmo segue na esteira do mestre, para os confins da Amazonia. E com o coração hostile, vagando na vastidão daquellas aguas, “dentro das mais densas solidões do mundo, em

que domina esse amargo sentimento que obriga a alma a dobrar-se sobre si mesma”, como adverte Tavares Bastos, o joven James tem então a posse da sua alma.

Ao pae escreve: “Estou certo hoje de que a exploração não é meu forte. Não sinto nada em mim que me impilla para ella, emquanto, ao contrario, tudo me attrahe para a especulação”. Em carta ao irmão Henry diz claramente: “Quando estiver de volta, quero consagrar-me á Philosophia toda a minha vida” (103).

Regressa e dá-se a estudos de medicina, de physiologia, de psychologia; faz pesquisas e, como todo bom discipulo, renega o mestre. . .

E os annos correm e o pensador surge na gloria e na alegria da criação. E o philosopho do *Pragmatismo*, o fundador da psychologia religiosa — William James — encontrou assim no Brasil a sua Estrada de Damasco. . .

(103) Vide — Gilbert Maire — *William James et le Pragmatisme Religieux*. Maurice Le Breton: *La Personnalité de William James — William James (Extraits de sa Correspondence)* Préface de Henri Bergson.

CAPITULO IX

OMNIS VALLIS EXALTABITUR

DE REGRESSO DO AMAZONAS — A VICTORIA — O LIVRO.

Do valle immenso trouxe Tavares Bastos um livro (104) e a victoria. A Amazonia não foi para elle *uma successão de imagens*, e sim uma successão de problemas.

Viu tudo e tudo examinou. Infatigavel, apesar da delicadeza da sua compleição physica, não deixou sem uma visita os pontos mais importantes da região. “Não lhe bastando á alma varonil e romantica o fulgor das melhores paginas das *Cartas do Solitario* (diz o ensaista dos *Contrastes e Confrontos*) transmudava-se num sertanista genial”. Cruzou as grandes aguas, penetrou nos varios *furos*; percorreu as cidades, villas e aldeias.

(104) *O Valle do Amazonas* appareceu em 1866. Ed. Garnier.

Compulsou estatísticas, informou-se da produção e do trabalho, surpreendeu os vícios da organização embryonaria, lobrigando ao mesmo passo os correctivos necessarios; procurou conhecer a terra e a gente, e sentiu de perto as palpitações daquelle mundo.

Do Nilo, escreveu Ludwig, que elle creara a astronomia, as mathematicas, a ordem e o direito (105). Defrontando com o maior rio africano, o homem como que ouve todas as vozes evocativas da historia. O seu passado é o proprio passado da humanidade.

O Amazonas era a esperanza, o futuro...

Áquellas solidões chamou-lhes Euclides da Cunha — *Terra sem historia* — o que não deixa de lembrar Tavares Bastos, quando a ellas se referindo dizia: *um deserto não tem historia...*

O autor dos *Sertões*, que tanto admirava o pensador politico alagoano, afagava entre as mais nobres ambições a de um destino semelhante. E elle proprio, em carta, confessara-o a José Verissimo: “Para mim esse seguir para Matto Grosso, ou para o Acre, ou para o Alto Juruá, ou para as ribas extremas do Mahú, é um meio admiravel de ampliar a vida, o de torna-la util e talvez brilhantissima. Sei que farei muito. Aquellas paragens, hoje, depois dos ultimos movimentos diplomaticos, estão como o Amazonas antes de Tavares Bas-

(105) *Le Nil* — pag. 5. Vol. II.

tos; e si eu não tenho a visão admiravel deste, tenho o seu mesmo anhelos de revelar os prodígios da nossa terra" (106).

De volta, Tavares Bastos prepara-se para o acto final da campanha. A obra que traz, na qual o grande Valle é exaltado, seria a arma decisiva do triumpho.

Eram paginas flagrantes, traçadas ao calor das observações de cada hora, o livro que lançaria, como o appello da propria terra á intelligencia dos homens. Aquelle paraíso, que o genio de Humboldt prefigurara, não podia ser um paraíso perdido por culpa nossa...

Saraiva havia submettido a questão da abertura do Amazonas ao Conselho de Estado, em Dezembro de 1865. Oppuzeram-se a ella Pimenta Bueno e Uruguay. Jequitinhonha vota a favor da abertura, sem condições.

O Gabinete Olinda entrega o poder ao successor nos começos de Agosto de 1866, sem que se tornasse realidade o projecto do deputado alagoano; mas o *ardente e fertil propagandista*, na expressão de Nabuco, não descança.

Quando novamente levada á consulta a questão, Tavares Bastos faz distribuir pelos ministros e membros do Conselho um opusculo, contendo vigorosa critica ás

(106) Carta escripta de Guarujá (Santos) em 24 de Outubro de 1904 e publicada pela *Revista da Academia Brasileira*, de Dezembro de 1930.

objectções de Pimenta Bueno. Tratava-se dos dois primeiros capitulos do livro, ainda inedito — *O Valle do Amazonas*.

No seu segundo parecer, em meados de Outubro de 66, S. Vicente já recuava um pouco do seu radicalismo, permitindo a livre navegação até Teffé, e lembrando certas restricções.

Finalmente victorioso, após a terceira consulta, a abertura do Amazonas é promulgada pelo decreto de 7 de Dezembro de 1866! Foi *um claro dia da sua vida* essa data que representava o corôamento do esforço heroico e da dedicação patriótica.

Joaquim Nabuco resalta a acção do politico alagoano e a sua eficiencia: “Essa propaganda, Tavares Bastos pode-se dizer que a levou á completa realização em quatro annos; os projectos de lei e os actos ministeriaes seguem-se logo á sua iniciativa e discussão, sobretudo ao quadro que elle pinta do prodigioso desenvolvimento commercial do valle do Amazonas na viagem que emprehende em 1865 e da qual resultou o seu bello livro — *O Valle do Amazonas*” (107).

A imprensa da época faz justiça ao campeão ousado. “A gratidão nacional não pode esquecer (publica o *Correio Mercantil*) os nomes daquelles homens

(107) *Um Estadista do Imperio*, pag. 430 — Tomo II — 2.^a edição.

crentes e perseverantes, que desde longo tempo e sem cessar advogaram a idéa do franqueamento do Amazonas a todas as bandeiras. Distingue-se entre esses nomes o do Sr. Dr. Tavares Bastos, que na imprensa e na tribuna da Camara dos Deputados poz ao serviço d'essa idéa sua penna amestrada, seu bello talento e sua copiosa erudição. Todos leram e applaudiram as *Cartas do Solitario*, em que se revelou o distincto escriptor; viram ali a convicção profunda traduzida em phrase eloquente, o estudo serio e aturado manifestando-se no modo por que a questão foi encarada em todas as suas faces, commercial, politica, internacional, etc. Não se limitou a isso o Sr. Dr. Tavares Bastos. Seu espirito avido de conhecimentos quiz ir mais longe, sua consciencia de advogado de uma grande causa quiz repousar tranquilla. Os livros, o estudo, a reflexão de gabinete tinham-lhe dado quanto podiam. O Sr. Dr. Tavares Bastos deixou a Côrte e foi visitar o Amazonas. Ali parou em face do rio gigante. Contemplando-o em toda a sua majestade, admirando aquella natureza virgem, viçosa, fecunda, no meio de tantas riquezas ali amontoadas, teve sem duvida a melhor recompensa de seus trabalhos e esforços, conheceu que fizera um grande serviço á sua patria obrigando-a a voltar os olhos indolentes para o Amazonas" (108).

Do *Diario do Rio de Janeiro* destacam-se estes periodos: "Appareceu um dia um joven pensador tra-

(108) *Correio Mercantil* de 11 de Dezembro de 1866.

tando profundamente da questão numa serie de Cartas que ficaram celebres. Posteriormente na tribuna da Camara dos Deputados levantou elle a sua voz em defesa de um principio de que fez bandeira e que foi adoptado logo por um grande numero de homens publicos. O Sr. Dr. Tavares Bastos é da escola ingleza; o exemplo de Cobden deu-lhe toda a energia e perseverança. Cheio de talento e de vontade, não parou em seus esforços, já com a palavra, já com a penna". Etc., etc. (109)

Como é sabido, o decreto imperial repercutiu sympathicamente além das fronteiras. A imprensa franceza delle se occupou entre os melhores applausos. Affirma-o um escriptor que nos era hostil (110).

O *Morning Herald* de 5 de Janeiro de 1867, em longo artigo, commenta o acto do governo do Brasil e se apoia, para as suas considerações sobre o Amazonas, em Agassiz; no deputado alagoano e no explorador, hoje tão ingratamente esquecido, Major Coutinho — "dois brasileiros emprehendedores e observadores ao mesmo tempo".

O presidente Johnson, em mensagem enviada ao Congresso dos Estados Unidos, accentua a alta importancia da nova politica brasileira: "O Brasil, com uma

(109) *Diario do Rio de Janeiro* de 11 de Dezembro de 1866.

(110) Claude De La Poëpe — *L'Ouverture de l'Amazone*, pag. 1 — Paris — 1867.

sagacidade esclarecida e grandes vistas diplomaticas, abriu ao commercio universal os grandes canaes do Amazonas e os seus tributarios". A Igreja associa-se tambem, com o brilho do seu ritual, ás solemnidades da abertura do grande rio, abertura que só se tornou effectiva a partir de 7 de Setembro do anno seguinte. E nesse dia, de bordo de uma Corveta de guerra, um ministro de Christo, ao troar dos canhões festivos, estende por sobre os destinos das aguas as benções do ceu (111).

Se faltou para celebrar o feito illustre a voz de um Pindaro, deu-nos a musa de Joaquim Serra um canto modesto:

*Nações do mundo, varias
Entrae, sede bem vindas
Ás plagas amazonicas
Immensas, ricas, lindas!*

*Missão audaz e bellica
Não é que aqui vos traz . . .
Vindes saudar o Imperio,
Saudar vindes a paz!*

*Com o vento brincam os rutilos
Bizarros pavilhões,
As varias flammulas
De innumeras nações!*

(111) V. Engenio de Castro — *Geographia Linguistica e Cultura Brasileira* — pag. 138 — Rio — 1937.

*Recebe-vos com jubilo
O povo brasileiro;
Na guerra altivo, indomito,
Na paz hospitaleiro!*

*Bem vindos sejam os hospedes!
O rio é franco, entrae!
O colossal mysterio
Abriu-se, admirae!*

.....

*Entrem as naves amigas! Este dia
E' consagrado á mais pomposa festa!
Com fraternal abraço e alegria!
O Brasil para ver-vos já se apresta!
Sulquem as aguas do rio, e a artilheria
Acordar faça os ecos da floresta!
Abre os braços o gigante:
Entrae, nações amigas, ide avante!*

.....

*"No amplexo patriotico,
"Que das-nos liberal,
"Nós vemos o prenuncio
"Da paz universal! (112)*

.....

* * *

(112) *A Abertura do Amazonas* (Canto) S. Luiz do Maranhão, 1867 (15 paginas).

A Tavares Bastos se deveu — ninguém o poderá contestar — o ter-se trazido para o quadro das soluções politicas o problema que Murray, nos seus arroubos, indicara como o problema da idade moderna.

Se as reservas do momento não permittiram a approvação do projecto com a amplitude que lhe dera o joven estadista alagoano, nem por isso se lhe diminue a victoria. Fôra alguma coisa: rasgavam-se novos horizontes para a vida do paiz e para os destinos da Amazonia (113).

(113) O commercio de Manáos, pelos seus órgãos representativos, assim agradecia a Tavares Bastos: “Ilmo. e Exmo. Sr. O Decreto de 7 de Dezembro de 1866, abrindo a navegação do Amazonas e seus affluentes nos navios mercantes de todos os povos commerciaes, veio satisfazer em parte as legitimas aspirações dos habitantes desta Provincia, que ambicionam ardentemente o seu progresso rapido e sem interrupção.

Este acto de justiça e de uma politica de elevado alcance, do governo imperial, é uma proya mais do valor de serias discussões quando se empenham o patriotismo e a alta intelligencia dos homens de Estado do paiz. V. Ex. sem duvida foi dentre esses homens o que mais acurada e pertinazmente empenhou-se para conseguir-se este beneficio, que a geração presente vae legar á futura. Já em 1863 a Assembléa adiantou-se em agradecer a V. Ex. os serviços em bem desta parte do Imperio, prestados no Parlamento e na imprensa, com notavel desinteresse.

V. Ex. se manifestava o homem verdadeiramente amante da liberdade da navegação dos grandes rios, das franquias da provincia, e ninguém percebe o seu descanso até agora. O corpo do commercio da Capital reuniu-se, pois, para deliberar a attitude que convem tomar nas circumstancias da nova era que se desa-

Ao novo Gabinete coube a glória que não conseguira o Ministerio Olinda, apesar dos esforços de Sa-

brocha com os effeitos da execução daquelle Decreto, e por unanimidade de votos decidiu:

1.^o — Que se felicite V. Ex. pelo triumpho obtido, hypothecando-lhe a veneração de que se possui por tão assignalado serviço que lhe faz adiantando a promulgação daquelle acto que vae multiplicar os capitaes.

2.^o — Que se delegue em V. Ex. os poderes plenos para, em seu nome, apresentar ao Gabinete actual que promulgara o Decreto tão benefico para esta Provincia, as homenagens de seu reconhecimento e de sua intensa consideração, e requerer o complemento daquelle acto, afim de que produza os salutaes effeitos immediatos que facil são de prever; isto é, favorecer a importação directamente dirigida á Provincia, dispensando-a de pesados impostos, até que a vida commercial se tenha radicado com todo o seu vigor.

Os membros deste Corpo, abaixo assignados, em Commissão, havendo cumprido a tarefa honrosa que receberam ao dirigir a V. Ex. este documento, pedem permissão para com os votos de respeito que lhe professam, offerecer a V. Ex. os cordiaes sentimentos de maior estima.

Provincia do Amazonas — Manáos — 25 de Janeiro de 1867.

A S. Ex. o Sr. Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos, deputado por Alagôas.

José Coelho de Miranda Leão

José Teixeira de Souza & Cia.

Antonio Joaquim da Costa & Irmão

Amorim & Irmão

Manoel Antonio Nogueira Dejard.

(Dos papeis de Tavares Bastos, na Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional).

raiva, tão fiel sempre ás iniciativas avançadas do amigo e collaborador na missão do Prata.

Entre a larga concepção liberal de Tavares Bastos e o conservantismo de Pimenta Bueno, o equilibrio juridico do Conselheiro Nabuco de Araujo encontrou o meio termo, de que nasceu o Decreto de 7 de Dezembro (114).

Que a abertura do grande rio devera annunciar uma phase de prosperidade e de progresso para as regiões amazonicas, ninguem teria duvida. Economistas e politicos, publicistas e homens de letras, todos entusiasticamente o proclamavam. Até Jules Verne, num romance cuja acção se fixa naquella época e naquelle ambiente, não foge ás mesmas considerações (115).

Mas a liberdade sómente não bastaria; seria quando muito uma formula sympathica e nada mais. Aos homens de Estado, dahi por diante, novas e severas

(114) Vide Joaquim Nabuco — *Um Estadista do Imperio*, pags. 10 a 14. Tomo II. 2.^a edição.

(115) "...le cours de l'Amazone, déclaré libre, fut ouvert à tous les pavillons, et afin de mettre la pratique au niveau de la théorie, le Brésil traita avec les pays limitrophes pour l'exploitation de toutes les voies fluviales dans le bassin de l'Amazone. On s' imagine aisément l'essor que prendra un jour le commerce dans tout cet immense et riche bassin, qui est sans rival au monde." — (*La Jangada* — pag. 69 — Vol. I).

campanhas se imporiam. O franqueamento d'ó grande rio representava apenas o passo preliminar para uma politica de construcção.

O Amazonas, escrevia Reclus em 1862, tão notavel na historia da terra é quasi nullo na historia do homem. E o sabio geographo achava que já era tempo do Brasil assegurar-se para sempre na posse daquella *terre promise*, utilizando-lhe os admiraveis recursos (116).

Não fôra outro o pensamento de Tavares Bastos, quando se lançou á propaganda e se dispoz á viagem penosa. O seu livro — *O Valle do Amazonas* — que, para Euclýdes da Cunha, “é o reflexo virtual da Hilce portentosa e é ainda hoje o programma mais avantajado do nosso desenvolvimento” (117) guarda, apesar dos annos, uma *actualidade* surprehendente.

Espirito pratico, de *imaginação realista*, não se perturbou com a magnitude do espectaculo. A grandeza que se lhe offerencia não era uma grandeza para ser sómente admirada, mas para ser comprehendida, e na febre dos inqueritos procurou fixar em paginas lucidas uns tantos conselhos e umas tantas observações que o futuro ratificaria.

Abolido o privilegio da navegação, a concorrência dos pavilhões estrangeiros levaria com “o genio fecundo

(116) *Le Brésil et la Colonisation* — “Revue des Deux Mondes”, 15-6-1862.

(117) *Contrastes e Confrontos*, pag. 159.

do commercio universal” os primeiros germens civilizadores para a transfiguração daquelles desertos. Mas tal medida isoladamente não resolveria o problema que se revestia de uma complexidade terrivel.

Tavares Bastos habituara-se a abordar as questões nos seus multiplos aspectos. Sempre desprezou as vistas unilateraes que deformam a comprehensão.

O rio quasi nullo na historia do homem precisaria por começar humanizando-se. Como povoar aquellas paragens e converter o potencial daquellas riquezas em concreta expressão economica? Sómente o trabalho livre poderia ali organizar-se (118).

O Amazonas foi o rio da liberdade, como o Parahyba o rio da escravidão.

Na immensa planicie amazonica o negro captivo jamais seria um instrumento de riqueza e no negro repousava então a base unica da economia brasileira. Aquellas selvas e aquellas aguas com a sua grandiosidade e os seus mysterios convidavam á fuga e á libertação (119).

(118) Na provincia do Amazonas viviam apenas oitocentos e oitenta escravos sobre trinta e nove mil e quinhentos homens livres. (V. *O Valle do Amazonas*, pag. 296).

(119) Nas florestas do Trombeta existiam uns celebres *Mocambos*, que eram em ponto menor uma especie de *Republica dos Palmares*, para onde convergiam os escravos fugidos. A sua população — que se avaliava em mais de duas mil almas — possuia

Trata do problema immigratorio, assumpto que seriamente o preoccupou e de que se fez um propagandista notavel, sendo um dos fundadores e o principal animador da Sociedade Internacional de Immigração, cujos fins e cuja organização mereceram os louvores de Agassiz e de jornaes estrangeiros.

Mas a immigração, para que fosse proveitosa e efficiente — a immigração espontanea — subordinar-se-ia a uma serie de outras medidas a que deveriam prestar attenção especial os homens do governo, como a liberdade de culto exterior, a lei do casamento civil, a protecção e favores aos cultos dissidentes, a discriminação do dominio publico, o regimen de terras, o systema administrativo, etc., etc.

Quanto ao clima tem Tavares Bastos os mais interessantes conceitos. Já para elle era aquelle — *um clima calumniado*. Não só pela observação pessoal, directa, como pelo testemunho de viajantes illustres, de cujo numero sobresahe o naturalista Bates, mostra que é exagerada ou mesmo falsa a fama de insalubridade do grande valle, tão commumente acceita. Ao clima nega aquella aspereza e hostilidade que se tornaram noções vulgares.

uma certa organização politica, vivendo sob um governo electivo, mas despotico... (V. *O Valle do Amazonas*, pag. 152).

Muitos annos depois, em 1928, Gastão Cruls (V. *A Amazonia que eu vi*, pags. 24 e 33) ainda encontrou por lá os vestigios daquelles *Mocambos*.

“Mas diz-se: o immigrante não resistirá ao clima ardente do Equador. — Esquecem uma circumstancia importante; o calor é mitigado por uma densa humidade: a temperatura á noite é deliciosa. O Amazonas não é a zona torrida. Por outro lado, pode-se dizer que a salubridade do grande valle é incontestavel.

“A começar da foz do grande rio, pode-se affirmar que o districto de Belém é perfeitamente salubre. O calor não é ali tão incommodo como no verão em New York ou Philadelphia. A humidade é toleravel. Os estrangeiros gozam perfeita saude. A belleza, fertilidade e salubridade do municipio de Cametá são apregoadas. Santarém é tão interessante pela perspectiva que offerece, como notavel por seu clima. Esse clima delicioso (*glorious*, na phrase de Bates) é o de um territorio eminentemente productivo; elle é secco, e não são ahí continuas as chuvas. O solo, areiento e não de alluvião, é o prolongamento das vastas planicies do interior do continente. Manáos tem uma reputação antiga de fertilidade, belleza e de excellencia de clima. As margens do Solimões ou Alto-Amazonas são perfeitamente habitaveis”.

E proseguindo cita o que escrevera ao ministro das Obras Publicas, a proposito de immigrantes norte-americanos: “Si alguma parte do Brasil merecesse preferencia para a immigração norte-americana, seria indubitavelmente o Amazonas. A falsidade das informações derramadas no mundo sobre a salubridade daquelle

pais, prejudica-o extremamente no interesse de attrahir immigrants da raça saxonica. Cumpre que os amigos do Amazonas se esforcem em provar o contrario. O Amazonas contem vastos territorios de uma salubridade e uberidade invejavel”.

No mesmo documento Tavares Bastos destaca diversas zonas, onde se pode largamente cultivar a canna, o algodão, o fumo, o café, etc., etc.

Tratando da principal industria — a industria extractiva da borracha — que para Jules Gourdault é *une espèce de spoliation du pays*, e que Brunhes incluiria na sua classificação de *economia destructiva*, não lhe são menos seguras as observações e não menos prudentes os conselhos.

A exploração do *ouro negro* — que tem a sua historia de esplendor e de miserias — já naquella época o impressionava pela feição anti-economica dos seus processos rudimentares.

Parecia-lhe da maior urgencia que o governo e os particulares se empenhassem em conseguir que a seringa, a salsa e outros artigos fossem produzidos por uma plantação regular, de preferencia em terrenos e ilhas visinhas das cidades e villas; o que só se veiu a fazer praticamente, sessenta annos depois, com a concessão da Empresa Ford (120).

(120) Ao autor confessou o Dr. Dionysio Bentes, o governador do Pará que deu a concessão á Empresa Ford, que a isso principalmente se decidira pela leitura da obra de Tavares Bastos.

Mostra ao mesmo passo a necessidade indeclinavel de ir-se gradualmente transformando a industria extractiva em industria agricola e lança este sabio aviso: “Finalmente, o Amazonas e os seus tributarios, quando a seringa cessasse de figurar nos quadros do seu movimento commercial, poderiam ainda offerecer mil outros objectos á exploração dos seus habitantes” (121).

O tempo deu-lhe razão. O que não conseguiu a palavra clarividente, conseguiria muito depois a lição cruel das catastrophes economicas que assolaram a Amazonia.

Visando mais o futuro, do que o presente, as medidas que suggere não podiam deixar de trazer um cunho ousado. Assim é que desaconselha a creação da alfandega de Manãos: queria que fosse aquelle um porto franco, de modo a se tornar o emporio dos paizes limitrophes.

Pleiteia para o Pará, como pleiteara para Matto Grosso, tarifas especiaes, pois não comprehendia a igualdade rigorosa que esquece a desigualdade de condições.

Para elle o Brasil commercialmente falando possui quatro regiões distinctas: o valle do Amazonas, o do Paraguay, o do Uruguay e o littoral do oceano. E conclue: “Os portos interiores, situados sobre aquelles

(121) *O Valle do Amazonas*, pag. 158.

rios, em contacto com os paizes limitrophes, onde as tarifas são muito mais razoaveis, carecem por isso, pela distancia em que ficam do oceano, para se impedir o progresso do contrabando, e por amor do seu desenvolvimento, carecem, digo, de grandes reduções nas excessivas taxas actuaes”.

O livro de Tavares Bastos é todo elle, assim, farto de suggestões e de observações preciosas.

De tudo cuidou, com aquelle sentido pratico que era a constante do seu patriotismo: da navegação, das questões de limites, da catechese, da instrucção, do regimen fiscal, do commercio, do credito, do trabalho, dos indios, da população, da administração, dos Estados ribeirinhos, *longum est enumerare...*

Com que superioridade de vistas propugna uma politica americana, de real entendimento dos seus destinos continentaes, de solidariedade e de cooperação economica. E' de ver o calor com que estuda a situação angustiosa da Bolivia — murada pelos Andes que a afastam do Grande Oceano e separada do Atlantico pelos desertos do Gran Chaco — mostrando a necessidade de ser facilitado ao paiz irmão, como elemento para a propria vida, o desafogo de um porto, não só no baixo Madeira, como no alto Paraguay.

A questão do Chaco leva-o ás mais severas reflexões. Vendo ali uma fonte de disturbios fataes, achava que o Brasil, terminada a guerra com o Paraguay, deveria empenhar todo o prestigio no sentido de harmoniza-

rem-se em definitivo os interesses das duas nações vizinhas, preservando-se assim o Continente das desgraças de conflictos futuros.

Se lhes fossem ouvidos os conselhos — e outra a direcção da nossa politica internacional — a America de hoje, decerto, ter-se-ia poupado ao spectaculo vergonhoso do drama do Chaco...

Um autor inglez, Ernest Short, num ensaio de *Geopolitica* ha pouco publicado, accentua como daquelle injusto estado de coisas — estado de coisas assignalado já pelo publicista do *Valle do Amazonas* — nasceu a desordem que culminou infelizmente na luta entre os dois paizes americanos (122).

Fiel ao pensamento d'essa politica de solidariedade continental, Tavares Bastos lembrava tambem a utilidade da construcção de uma estrada para vencer as cachoeiras do Madeira, o que beneficiaria importante zona de futuro economico, não só do Brasil como da Bolivia, tendo a vantagem de attrahir para o Amazonas o movimento do commercio cisandino. E affirma: "Tal estrada seria a verdadeira arteria do centro da America do Sul. Só a pode exceder em importancia a linha do Purús ou a do Juruá, si estes rios forem navegaveis até ás visinhanças dos Andes".

(122) Ernest H. Short. *Esquisse de Geopolitique* — trad. franceza de F. Debyser — pag. 26 — Paris — 1936.

Alguns annos depois, foi ainda graças a um parecer do estadista alagoano, parecer solicitado pelo Barão de Cotegipe, que se deu ao Coronel de engenheiros norte-americano, George Church, grande amigo do Brasil, a concessão da estrada de ferro, que se chamaria — *Madeira-Mamoré* — denominação esta suggerida por elle e acceita pelo concessionario (123).

“Estamos — escrevia Tavares Bastos — caminhando para a época da analyse, que é a idade viril das nações”. E ninguém mais do que o joven pensador politico trouxe, no alvorecer dessa idade viril, material tão abundante e rico para exame...

E o valle immenso, que o seu patriotismo e o seu entusiasmo exaltaram, dava-lhe já pela imaginação o

(123) Num dos cadernos de Tavares Bastos, pertencentes hoje aos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional, encontram-se as seguintes notas: “-27-Fevereiro-1870 — O Barão de Cotegipe, ministro interino dos Estrangeiros, pediu-me esclarecimento sobre o contracto com Church, livre navegação do Madeira, etc. — questões pendentes com a Bolivia desde dois annos. Transmittiu-me todos os papeis reservados; e escrevi-lhe uma Memoria particular expondo a minha opinião inteiramente liberal e favoravel ás pretensões do governo visinho. O Barão, dias depois, enviou-me essa mesma Memoria, impressa, e assignada por elle, tendo adherido á minha opinião”.

E mais adiante: “A 20 de Abril, Church obtinha o privilegio para a estrada de ferro, que eu baptisei: “Madeira and Mamoré Railway”.

espectaculo deste esplendido destino: "Collocado entre dois oceanos e entre a Asia e a Europa, o Valle do Amazonas será o centro do commercio do mundo, como nas visões de Colombo a America apparecia-lhe, entre duas grandes massas de agua, equilibrando a terra".

CAPITULO X

O PROBLEMA DA ABOLIÇÃO

ALGUNS PROJECTOS — NOTAS INEDITAS —
REFLEXÕES SOBRE A IMMIGRAÇÃO.

Entre os problemas politicos a cujo estudo se dedicou, figura o da escravidão, como aquelle que primeiro se impuzera ás reflexões do publicista alagoano.

Tavares Bastos, pode-se dizer, sem exagero, foi não só o mais precoce abolicionista do Brasil, como tambem dos mais persistentes. Basta acompanhar-se-lhe o pensamento e a acção, desde os ensaios academicos de S. Paulo aos trabalhos dos ultimos dias.

Adolescente, escrevia em 1856: "...o remedio contra a escravidão não está em comprimil-a; o unico, aquelle que sinceramente reclamo em nome da justiça e em nome da utilidade, é o da lenta emancipação" (124).

(124) *Observações á nossa Legislação Criminal sobre Escravos* — "Ensaio Litterarios" — S. Paulo — Setembro — 1856.

Se assim pensava, quando mal attingira os dezesete annos, assim continuou a pensar atravez dos varios lances da sua carreira.

A escravidão não foi para elle apenas um thema sentimental, como fôra para Fox um motivo imposto pela sabedoria dos Evangelhos, e sim um problema nacional, a exigir vistas de conjuncto, como todo problema politico que não é mais do que o éolo de uma grande cadeia de problemas. Ao abordar a questão servil, abordava simultaneamente a questão immigratoria, a organização do trabalho, etc. E por sua vez cada um desses assumptos se via condicionado a uma serie de outras tantas medidas, no quadro de cuja ampla solução o problema central poderia resolver-se, sem prejuizo e inconvenientes para o paiz.

A Tavares Bastos sempre interessara a sorte dos escravos. Tinha mesmo accentuada ternura pelo negro em quem descobria um apreciavel collaborador da nossa formação ethnica.

São seus estes conceitos, ainda ineditos: "D'aqui a um seculo a physionomia do Brasil será a mais interessante no mundo por causa dessa fusão. A *raça brasileira* (que então se formará) terá a imaginação do africano e a reflexão do branco. O maior espanto virá disto: será essa raça *anti-portugueza* principalmente" (125).

(125) V. Cadernos de Tavares Bastos, sobre a Escravidão. Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Nas *Cartas do Solitario* incluem-se, entre os melhores, os capitulos consagrados ao trafico e aos africanos livres. Ninguem mais do que elle tomou ardorosamente a defesa desses infelizes a quem se ligara por uma ironica denominação o qualificativo de *livres*.

Todos os estudiosos da materia — de Perdigão Malheiros a Evaristo de Moraes — louvam-se naquellas paginas, como nas fontes mais seguras.

A idéa abolicionista embora haja figurado tardia-mente na *Fala do Throno* (126), o certo é que raro deixou de ser uma das preocupações dos espiritos mais avançados da politica monarchica.

Entrando Tavares Bastos em 1861 para o Parlamento, consoante a justa observação de Sylvio Ro-

(126) Quando em 1867 a *Fala do Throno* pela primeira vez se referiu ao elemento servil, Tavares Bastos assim se manifestou: "Sou decididamente pela emancipação da escravatura, mas o que não faria nunca era, em uma questão social de tamanha gravidade, levantar vagamente, em um rapido periodo da *Fala do Throno*, esse grande problema, sem precisar os termos da sua solução, deixando pairar nos ares a desconfiança, uma desconfiança geral. Não, Senhores, aquelles que bem comprehendem os encargos que acarreta o governo de um povo não formulam taes questões sem acompanhal-as da formula que deve resolvê-las. Ora o Governo declarou por vezes, na folha official, que não tem opinião formada, que não tem projecto elaborado. E' o que lamento". (*Annaes da Camara de 10 de Junho de 1867*).

mero (127), “um rebate desusado ao secular problema entre os liberaes”.

O decreto de 15 de Setembro de 1869, cuja gloria coube a José de Alencar, ministro da Justiça do Gabinete Itaboraahy, prohibindo as vendas de escravos, debaixo de pregão e em exposição publica — o que constituia um dos mais pungentes e escandalosos espectaculos da época — se deveu á iniciativa do deputado alagoano. Foi seu o projecto de lei apresentado cinco annos antes, na sessão de 4 de Fevereiro de 1864. Por essa occasião dizia: “A escravidão, Sr. Presidente, é a mais grave questão social do paiz, senão é a unica verdadeiramente grave; mas é certo que a medida proposta não affecta em nada a realidade da instituição servil”. Verbera a pratica dos leilões judiciaes de escravos, qualificando-a de “uma das maiores vergonhas de nossa sociedade”.

Se a escravidão era um mal, não desconhecia que, abolil-a subitamente, seria produzir um mal maior: a desorganização do trabalho, a desordem da vida economica do paiz. O exemplo do Perú valia por uma advertencia. O presidente Ramon Castilla libertara os negros pouco antes de 1858, e elles desertaram das plan-

(127) *Historia da Litteratura Brasileira* (Introdução) —
pags. XVI.

tações, provocando uma das mais desastrosas crises, segundo o depoimento do viajante Grandidier (128).

A civilização brasileira afinal não podia refugir á fatalidade a que não escaparam velhas e grandes civilizações, que se formaram e se expandiram sobre as bases da mais dura servidão. E, como bem lembra Bauer, sem os escravos nem Roma, nem o Egypto, nem a America, não conheceriam o desenvolvimento magnifico a que chegaram. Sem elles, Roma e Thebas não teriam produzido as obras de que nos deixaram os inegalaveis testemunhos.

Tavares Bastos desapareceu muitos annos antes da propaganda abolicionista attingir áquelle gráo de esplendor e intensidade, que fez a fortuna de alguns dos grandes homens do Brasil. Mas se houvera vivido até lá, certamente não modificaria as linhas de direcção. O magnetismo da campanha romantica que proporcionou o mais esplendido scenario para as faceis e rumorosas consagrações populares não possuiria força para alterar-lhe as rotas do pensamento, em constante gravitação para as realidades.

E' da época dos debates em torno do Ventre Livre, quando já fóra da actividade parlamentar, esta reflexão que se encontra em um dos seus cadernos intimos: "Entre a emancipação immediata de todos (impossibi-

(128) Ernest Grandidier — *Voyage dans l'Amérique du Sud* — pags. 33 e seguintes. — Paris — 1861.

lidade financeira) e a liberdade das gerações futuras, parece-me que está posto o dilemma. Como philosopho prefiro a primeira: as circumstancias do Brasil obrigam-me á segunda” (129).

A razão nelle dominava os impulsos da sensibilidade.

Para muitos dos abolicionistas o negro não passou de uma simples abstracção. O que lhes interessava era a grandeza da causa generosa, com a dramaticidade e o brilho das intenções litterarias. Assim é que a sorte do negro, abolido o captiveiro, não mais preoccupou os inflammados apóstolos, no troar de cujas vaticinações se annunciara — com os milagres da liberdade — a redempção de uma raça. E a verdade é que á raça redimida, apenas, fôra dado soffrer outras provas de sacrificio.

* * *

A Tavares Bastos se inquietava o destino do negro, inquietava sobretudo o destino do Brasil. O destino de um não podia correr por conta do desastre do outro.

Acostumara-se ao exame dos factos objectivamente, forrando-se ás tentações das formulas vãs e sonoras. Dahi o plano methodico a que se dispoz, na campanha abolicionista que apprehendeu.

(129) Do Archivo de Familia, em poder de Cassiano Tavares Bastos.

Sendo uma vocação liberal, o seu liberalismo jamais deixou de revestir-se de um sentido pratico e opportuno. Isso, o que o distinguia entre os homens do tempo.

Alguns annos antes da approvação da Lei de 28 de Setembro, já suggerira aquella medida, cujo triumpho constituiu depois um dos florões da gloria do primeiro Paranhos.

No quadro das providencias que enumera encontra-se a liberdade dos nascituros, a partir de Janeiro de 1866. E, quando nesse mesmo anno, os frades do Mosteiro de S. Bento, antecipando-se ao Governo, em Capitulo Geral, a 3 de Maio, resolveram declarar livres todos os filhos das suas escravas, nascidos desde o dia daquella reunião, Tavares Bastos, apesar de certas tendencias do seu espirito, é dos que mais louvam o gesto da Ordem religiosa, apontando-o como um exemplo digno de generosas imitações (130).

Em 27 de Junho seguinte, apresenta no Parlamento um projecto prohibindo ás sociedades, companhias e corporações, civis ou religiosas, a constituirem-se dahi por diante, a posse de escravos. E, quanto ás já em função que os possuíssem, determinava que lhes seriam considerados livres os filhos que nascessem após a data daquella lei, sendo todos os demais libertos, decorrido o periodo de vinte annos. E para que se não burlas-

(130) V. *Diario do Povo* — 17 — Dezembrô — 1868 — Rio, e os *Annaes* da Camara de 27 — Junho — 1866.

sem as intenções da medida, prohibia ainda que as mesmas associações vendessem os escravos ou delles dispuzessem por qualquer titulo. Os factos contrarios a essas disposições punir-se-iam com as penas do artigo 179 do Codigo Criminal.

Como ninguem ignora, a Nação, ella tambem, explorava os seus escravos, o que vinha de algum modo como que reforçar o caracter de legitimidade da instituição (131). Tavares Bastos offerece á consideração da Camara um novo projecto, autorizando o governo a alforrial-os e, em prazos marcados, a installal-os nas terras das fazendas nacionaes em que serviam, distribuindo por elles o gado e os bens moveis existentes. Seria vincular-os ao solo, pela dignidade do trabalho consciante. Quanto aos escravos das officinas ou estabelecimentos publicos, elles lá continuariam, se o quizessem, mediante salario.

Commentando a iniciativa do deputado alagoano, o jornal francez — *Phare de la Loire* — pela penna alviçareira de Mangin, no numero de 10 de Agosto de 1866, assim dizia: “Voyez si la semance n’a pas déjà porté ses fruits: un jeune député, qui occupe une des premières places dans le parti libéral, M. Tavares Bastos, vient de faire entendre à la Chambre des généreuses

(131) Basta lembrar que sómente em 24 de Maio de 1870, quatro annos depois da resolução dos Benedictinos e já ás portas da Lei de 28 de Setembro, é que a Casa Imperial declarou liberto o ventre das suas escravas!...

paroles; il a fletri l'esclavage aux applaudissements de tous; mais M. Tavares Bastos est de ceux qui n'aiment pas la foi sans les œuvres, et il a demandé qu'un premier pas fût fait dans la voie de l'émancipation. Il y a au Brésil des plantations appartenant à l'État, et dont l'usufruit, l'usufruit seulement, appartient à la Couronne. La Couronne ne peut pas disposer de ces biens dont elle n'est qu'usufruitière; les esclaves de ces plantations ne peuvent donc pas être affranchis sans une décision des chambres. M. Tavares Bastos a demandé à la Chambre l'affranchissement immédiat de tous les esclaves de l'État et la prohibition pour les communautés ou associations qui s'établiraient de posséder des esclaves, ainsi que l'affranchissement, à une époque déterminée, de tous les esclaves appartenant à des communautés actuellement existantes".

Depois de transcrever os projectos, continua o articulista da folha de Nantes: "Quoiqu'il arrive, il faut hautement féliciter M. Tavares Bastos. Ses vues personnelles vont beaucoup plus loin: le manifeste de l'*Association d'Immigration* qui est en grande partie l'œuvre du jeune député et de M. Quintino Bocayuva, rédacteur du *Diario*, ne le cache pas; c'est à l'émancipation définitive que l'on veut arriver et pour que cette heureuse révolution s'accomplisse sans trop de secousses il faut immédiatement prendre des mesures de prévoyance. Que le projet soit ou non adopté, M. Tavares Bastos aura eu l'honneur d'inscrire à l'ordre du jour

de la Chambre la question de l'esclavage. Et quand une pareille question se discute, elle est résolue. Du reste, nous retrouvons toujours sur la brèche M. Tavares Bastos partout où il y a progrès à accomplir, une idée libérale à propager”.

Quando a sociedade emancipadora de Londres — *Anti-Slavery Society* — se dirigiu ao deputado alagoano, a proposito da marcha abolicionista no Brasil (132),

(132) “Londres (New Broad Street, 27) 8 de Maio de 1865. Ao honrado Snr. Tavares Bastos, membro da Camara dos Deputados. Senhor — Tendo encontrado o vosso nome mencionado em uma carta do Snr. Fletcher, publicada em folhas americanas e relativa á questão da emancipação, tomo a liberdade de enviar-vos copia da que eu dirigira a um nosso correspondente do Rio (o Snr. Dr. Manoel Galvão) em Fevereiro de 1865.

Depois disso encontrei o Dr. Galvão em Paris; porém elle não podia, na ausencia de fontes de informação, fornecer-me ali os esclarecimentos que eu desejava. Compreendendo o vosso interesse por essa grande questão do dia, espero que me desculpeis incomodar-vos para obter os dados que possais transmitir-me; e, comquanto a resposta venha a chegar depois da nossa sessão annual, as vossas communicações serão em todo caso uteis.

Reuno trechos do nosso relatorio deste mez que com os numeros antecedentes deste anno ser-vos-hão expedidos com regularidade. Não careço accrescentar que muito desejaríamos uma larga informação sobre o estado actual da causa abolicionista no Brasil.

Sou, senhor, muito respeitosa, etc. — L. A. Chamerozow, secretario”. (*Jornal do Commercio* de 16 de Agosto de 1865).

na resposta que deu ao secretario daquella associação — A. L. Chameroozow — não só recapitula o que se havia feito, como suggere novas idéas.

Perdigão Malheiros, em sua obra notavel — *A Escravidão no Brasil* (parte 3.^a pag. 97) destaca esse documento digno de nota.

E a respeito delle o *Moniteur Universel*, órgão official do governo francez, publicava o seguinte, em 3 de Outubro de 1865: “Le *Jornal do Commercio* a publié une très remarquable lettre adressée par M. Tavares Bastos, député, au secrétaire de l'*Anti-Slavery Society*, à Londres. Ce personnage demandait des renseignements sur l'état de la question de l'esclavage; la lettre du député brésilien a pour but de les lui fournir. Il résulte de cette lettre que la pensée de l'abolition de l'esclavage est généralement admise; mais on ne veut pas d'une commotion violente et inopinée; le problème est de difficile solution; on l'étudie, et différents projects ont déjà été produits. M. Tavares Bastos à propos de l'esclavage ne pouvait pas ne plus parler du *bill* Aberdeen; il dit à ce sujet: “Nous voulons bien que l'Angleterre nous aide, nous ne voulons pas qu'elle nous contraigne”. Ce mot résume la pensée du pays. Généralement les sociétés abolitionnistes, surtout les anglaises, ont été maladroités; elles n'ont vu qu'un moyen d'atteindre leur but, la pression des gouvernements, la force. Il y en a d'autres. Je me permettrai de leur signaler un premier résultat, c'est de faire renoncer

les Européens eux-mêmes à la possession des esclaves. Anglais, Français, Portugais, Suisses, etc. sont au Brésil propriétaires d'esclaves et pour tout dire, ce ne sont pas les plus doux. N'y aurait-il pas là pour les sociétés abolitionnistes quelque chose à faire?"

No commentado documento, algumas das medidas citadas formam já a substancia dos projectos referidos. Entre outras ainda lembra a prohibição aos estrangeiros de terem escravos no Brasil; a prohibição do emprego de escravos em certas industrias urbanas, ou a criação de imposto progressivo sobre os da cidade, elevando-se o tributo segundo o numero que cada senhor possuir. Essa providencia visava obrigar a ida dos escravos da cidade para a lavoura, emquanto que as faltas seriam facil e utilmente preenchidas nas cidades pelos trabalhadores livres, nacionaes ou estrangeiros.

Condemna o commercio costeiro de escravos, assim como a venda de membros de uma mesma familia, de uma para outra provincia, taxando-a de immoral e deshumana.

Considera o commercio interprovincial um presente funesto ás provincias do sul, cujos lavradores se compromettem com a compra insaciavel de escravos a credito, e uma ameaça de despovoamento do norte que pouco attrahente á immigração européa se privaria de gente aclimatada ao seu genero de trabalho. Ademais aquelle continuo deslocamento da massa negra para o

sul trazia o inconveniente de estorvar o movimento de colonização que já se esboçava em S. Paulo.

Levanta, outrossim, a hypothese da abolição gradual por provincia, começando pelas de fronteira e pelas de menor numero de captivos. Nas primeiras a emancipação dever-se-ia fazer immediatamente, com indemnisação, nas outras sem indemnisação, dentro de um prazo razoavel. Cita o caso do Rio Grande do Sul — *o jardim da America Meridional* — como lhe chama, onde o trabalho agricola é quasi todo exercido por homens livres, em condições portanto de dispensar completamente o elemento servil.

E para que a escravidão se reduzisse á simples servidão adherente ao solo, suggeria a conveniencia de prohibir-se a transferencia da propriedade escrava, por doação ou venda.

As considerações de Tavares Bastos alongam-se sob variados aspectos e, reputando a questão de que se occupa a mais grave das que se offerecem á meditação dos brasileiros, accrescenta: “Neste assumpto é tão perniciosa a declamação, como a indifferença, mais pernicioso é o medo”.

Ninguem mais do que o politico alagoano estimava e tinha em alta conta o interesse dos centros cultos estrangeiros pelo problema abolicionista do Brasil, porém, como dissera na resposta á *Anti-Slavery Society* — em phrase que o *Moniteur Universel* frisou — queria que

a Inglaterra nos ajudasse, e não nos constrangesse (133). O grande imperio dos mares impoz-nos, é sabido, os mais acerbos vexames. Os seus fervores pela liberdade talvez o redimissem do velho peccado de haver trazido para as terras livres do Novo Mundo o commercio hediondo... A violencia empregada para vencer os nobres sentimentos da Virginia foi tão forte, que, entre os motivos que a levaram á revolta, este sobresahe: “o uso deshumano de prerogativa real, impedindo-a de prohibir por uma lei a introdução dos negros”. E na *Declaração de Independencia*, redigida por Jefferson, consoante informa Laboulaye, leem-se estes trechos eloquentes: “que o Rei, numa guerra cruel contra a natureza humana, violou os direitos mais sagrados, fazendo prisioneiros desgraçados para leval-os, como escravos, a outro hemispherio, deixando-os morrer no transporte. Essa conducta de pirata, opprobrio dos infieis, é a conducta do rei christão da Grã-Bretanha”.

E não foi ainda a gloriosa Albion, por uma clausula do tratado de Utrecht — *Clause honteuse surtout pour la puissance que l'imposait* — como assignala Fontpertuis (134), quem reservara para si o monopolio do trafico nas possessões americanas de Sua Majestade

(133) A resposta de Tavares Bastos á *Anti-Slavery Society* sahiu publicada nos numeros do *Jornal do Commercio* de 16, 21 e 28 de Agosto de 1865.

(134) *Les États-Unis de l'Amérique Septentrionale*, pags. 159 e 160. — Paris.

Catholica, Philippe V, compromettendo-se a transportar no espaço de trinta annos cento e quarenta mil negros, á razão de quatro mil e oitocentos por anno e de tantos *dollars* por cabeça?!...

Quem na sua historia conta episodios dessa natureza, bem deveria ter sido mais discreto na acção contra outros povos que, afinal, cediam ao imperativo de uma necessidade economica immediata e não á avidez universal dos lucros.

* * *

A Sociedade Internacional de Immigração, fundada em 1866, e de que fôra um dos maiores animadores, teve vida ephemera. Os enthusiasmos de Tavares Bastos não encontraram infelizmente clima propicio. Da tentativa generosa, tão cedo mallograda, restam aquellas paginas que acompanham o primeiro e unico relatório apresentado, a que deu o titulo de *Reflexões sobre a Immigração*.

Em torno do propagandista alagoano congregaram-se, em todo caso, alguns nobres espiritos, animados dos mais patrioticos propositos, distinguindo-se entre elles o joven e brilhante jornalista que seria no futuro um dos gloriosos fundadores da Republica — Quintino Bocayuva. Mas a empresa audaz não conseguiu afinal vencer a indifferença do publico e o alheimento dos governos.

O problema abolicionista e o problema immigatorio deveriam correr parallelamente, compensando a solução do segundo os effeitos fataes que derivariam da solução do primeiro. Assim encarava Tavares Bastos a realidade da situação brasileira, não se illudindo com os resultados de uma campanha emancipadora, theoreticamente conduzida, sem quaesquer planos constructores, capazes de preservarem o paiz dos perigos de temeroso disequilibrio economico.

Anti-intervencionista, como era, fascinado pelos mais extremes principios liberaes, transigia entretanto, em se tratando da questão immigratoria, onde licito lhe fôra a acção dos poderes publicos.

Diz elle: “Deve o Governo promover a immigração? Ou deve ser ella abandonada a si mesma, ás causas naturaes? Algumas pessoas opinam que tudo depende de uma bôa lei de terras, de severa administração da justiça, do augmento da riqueza e do melhoramento do commercio interno. Parece que não se deve ser exclusivo nesta materia. Nos Estados Unidos sim, a intervenção do governo é inutil. Aqui, porém, ha um motivo poderoso, uma razão de alta politica, para se recommendar que o governo continue a intervir, que as administrações geral e provinciaes se apressem em crear a corrente de immigrantes para o Brasil. Esse motivo é a crise que durante um certo periodo succederá á inevitavel abolição dos escravos. Será preciso, na verdade, auxiliar aquelles que reclamarem

braços, facilitando-os ou pelo menos será preciso que o governo, alvo de violentas aggressões durante a crise, possa offerecer essa corrente como compensação dos escravos que gradualmente se forem emancipando. Os immigrants augmentando a somma dos productores, dos consumidores, dos contribuintes, attenuarão os effeitos da crise. Transposto esse periodo, a missão do governo simplificar-se-á, a immigração ficará dependendo das causas naturaes. Entretanto hoje cumpre reconhecer que o regimen servil exige este sacrificio dos principios da sciencia, a intervenção do Estado”.

Subordinando-se a um conjuncto de medidas preparatorias, das quaes algumas importariam em verdadeiras reformas, o problema da immigração apresentava-se-lhe como dos mais delicados, dada a complexidade que o envolvia. Tavares Bastos fere-o com a independencia e superioridade a que se habituara no exame das questões politicas, sem se arrecear jamais do conformismo dominante. Affrontava-o mesmo.

O que ha de mais apreciavel nas suas grandes campanhas, é esse espirito de continuidade, ou melhor de fidelidade aos assumptos, muitas vezes retomados, pelas solicitações de novos dados da experiencia e da observação. E o problema immigratorio, como o problema abolicionista, era d'isso exemplo. Assim é que melhor advertido pelos factos condemna toda a immigração oriental.

As *Reflexões sobre a Immigração* valiam principalmente como um panorama de idéas para o estudo de

tão relevante materia, e foram no tempo objecto de citações constantes e de debates.

Entre as criticas que suscitaram, uma está a merecer aqui uma referencia especial, pela curiosidade da origem. Veio publicada num jornalzinho academico de S. Paulo (135), que tinha como *redactores em chefe* dois esperançosos estudantes — um paulista, outro mineiro — cujos nomes o destino caprichosamente, associando-os no cabeçalho de uma folha ephemera, muitos annos depois os associaria no governo da Republica...

Chamavam-se elles — Rodrigues Alves e Affonso Penna. E a critica de que se trata pertencia ao segundo que, numa serie de artigos, versando o problema da immigração, passa em revista as idéas de Tavares Bastos, para divergir, porém, de algumas. O joven mineiro, a par de boas leituras, já denunciava accentuado pendor pelos trabalhos serios.

A Sociedade Internacional de Immigração foi uma dessas raras iniciativas particulares, nobremente orientadas no sentido dos altos interesses geraes. Propunha-se ella facilitar aos immigrants o seu estabelecimento no territorio brasileiro, encaminhal-os, protegel-os e remover os embaraços com que lutassem, coadjuvando os mesmos nas suas relações com as autoridades e assistindo-lhes perante os tribunaes. Propu-

(135) *Imprensa Academica*, ns. de 6 e 27 de Junho, e de 26 de Julho de 1870.

nha-se mais acompanhar a marcha dos nucleos coloniaes existentes no Imperio, indagando-lhes das necessidades, estudando-lhes os vicios de regimen, diligenciando ao mesmo passo a adopção de medidas adequadas, etc., etc.

Pelos fins a que se destinava tão importante associação, avalia-se das superiores preocupações dos seus fundadores.

Para que se processasse uma util e proveitosa politica immigratoria no Brasil, achava Tavares Bastos que preliminarmente se faziam indispensaveis umas tantas reformas. E as suas *Reflexões* representavam a respeito um valioso programma em que varias theses se debatiam.

Tratando, por exemplo, da discriminação do dominio nacional, pondera que uma lei de terras não é medida de occasião; suas disposições devem antes modelar-se pelas exigencias do futuro do que pelas circumstancias do presente. No Brasil, como por toda America, as concessões de terras por doação e a occupação arbitraria de cada particular impediam que as regiões do littoral pudessem ser povoadas e exploradas de um modo regular, como era de mister.

Preconizando a pequena propriedade, critica o regimen latifundiario, consequencia fatal do systema de doação empregado sem criterio pelo governo da metropole, e que se constituiu um verdadeiro estorvo ao desenvolvimento do trabalho livre e dos obstaculos á immigração expontanea. Como um dos meios para corrigir taes inconvenientes, lembra a creação de im-

posto territorial. Varios, os aspectos abordados pelo autor das *Reflexões*, destacando-se, entre elles, os que se referem á questão de terras, á facilidade de communicações, aos nucleos coloniaes, aos contractos de parceria e de locação de serviços, á liberdade religiosa e ao casamento civil, etc., etc.

Estranhando a falta de elementos systematizados capazes de permittirem um serviço efficiente de estatística e de propaganda, que julga indispensavel para o melhor conhecimento do Brasil, faz estas observações: “O crescimento da riqueza em um paiz dotado de tantos recursos naturaes attrahirá os emigrantes espontaneos: mas é a sua revelação pela estatística e por uma publicidade larga e constante que irá acordar as ambições, ferir a imaginação e desviar para o Brasil uma parte da corrente que se encaminha para os Estados Unidos e para a Australia. Nós não possuímos uma estatística. Este é o documento de um povo civilizado; nós entretanto o havemos dispensado. A vaidade nacional contenta-se com os palavrões e prefere-os ás realidades”.

E na parte final, sob o titulo de *Considerações Gerais*, encerram-se-lhe as idéas, ampla e lucidamente debatidas, com esta especie de exhortação patriótica: — “Equilibrae o peso dos impostos distribuindo-os com igualdade pelo capital e pelo trabalho. Augmentae com energia e animo resolutos as despesas reproductivas, que uma timidez desconsolada e imprevidente circumscreve a uma parcimonia esteril. Afrontae o problema indeclinavel da instrucção gratuita e obrigatoria, derramada

ás mãos cheias, bem paga e fortemente organizada. Combatei na tribuna e na imprensa, por vossos actos como governo e por vossas opiniões como cidadão, esse pessimismo fatal, que, sendo a formula da impotencia dos ineptos, alimenta uma insupportavel atmospheria de desanimo e descrença”.

Em Tavares Bastos o publicista e o parlamentar se completavam, conjugando-se as actividades de ambos numa direcção commum.

Se dado não lhe fôra ver concretizados muitos dos principios por que se empenhara, a culpa não lhe cabe; a fraca receptividade ambiente é que não lh’o permittiu.

Para elle a palavra era o começo da acção. Dando corpo ás idéas, apresenta então varios projectos (136) : instituindo o casamento civil, regulando a naturalização, taxando progressivamente os escravos das cidades, criando o imposto territorial; concedendo terras devolutas, não excedendo da área de 125 mil braças quadradas por cada familia importada; abrindo o porto de São Francisco em Santa Catharina; estabelecendo normas severas a respeito dos contractos de parceria e de locação de serviço, etc., etc..

* * *

Compulsando-se os archivos de Tavares Bastos, na parte relativa á escravidão, vê-se pelo acervo do mate-

(136) V. *Annaes* da Camara de 10 de Julho de 1867.

rial reunido o interesse especial que consagrara ao assumpto. Nelles se encontram dados estatisticos desenvolvidos sobre o trafico em geral e entra'das de negros no Brasil, relativos a cada provincia; reflexões rapidas como instantaneos do pensamento; curiosidades historicas; notas cruditas; correspondencia, inqueritos e esboços de projectos; recortes de jornaes, contendo informações interessantes; resumo de palestras com politicos eminentes, fixando-lhes as indiscreções preciosas; referencias a obras já consultadas e indicações de obras a consultar; to'da uma farta apparelhagem que leva a crer se destinava a algum trabalho futuro, de certas proporções, sobre o importante problema.

Não é demais insistir que para Tavares Bastos as questões politicas não se representavam isoladamente. O exame de uma conduz naturalmente ao exame de outras. Pensando na abolição, pensava tambem na instrucção, como pensara no trabalho e na immigração.

A's soluções fragmentarias, de improviso, sempre preferiu o estudo de conjuncto, collimando resultados geraes.

O negro não lhe interessava simplesmente como um bom pretexto para exaltada campanha liberal. Unidade humana, incorporada ao censo brasileiro, mas desprotegida pelas condições do proprio destino, estava a requerer-lhe cuidados mais directos e providencias menos abstractas. A liberdade só por só não passaria de um bem theorico com que facil se illudiriam novas fórmas de soffrimento. E nada mais...

Partidario extremado do ensino elementar, largamente disseminado, obrigatorio mesmo; partidario extremado do ensino profissional, queria que os beneficios delles decorrentes se estendessem tambem aos proprios captivos, abrindo-se-lhes as portas das escolas.

Ia-lhe mais longe o desvelo. Entre as providencias suggeridas, resalta pela importancia, esta — criando para cada senhor de cincoenta escravos a obrigação de manter uma escola, destinada á educaçãõ de suas *crias* e dos meninos das visinhanças, sob multa de liberdade de dois escravos adultos, em quanto approximadamente estimava a importancia das despesas annuaes pelo serviço escolar previsto.

Sem quaesquer preconceitos de raça, e levado por observações a respeito da capacidade e aptidões do negro, capacidade e aptidões já comprovadas em circulos dos Estados Unidos, Tavares Bastos propunha a educaçãõ na Europa, por conta do Estado, de certo numero de negros libertos, em determinadas industrias, artes e officios.

A preparaçãõ para o regimen livre afigurava-se-lhe indeclinavel.

Victor Vianna referindo-se, na *Cruzada contra o analphabetismo*, ao autor da *Provincia*, notou-lhe essa superioridade do pensamento: “Chamara a attençãõ para a educaçãõ do escravo que se ia libertar; fez-se a aboliçãõ, mas não se organizou a instrucçãõ e não se tratou da localizaçãõ dos trabalhadores nacionaes”.

Depois do plano abolicionista de José Bonifacio — o grande — enviado como representação á primeira Constituinte (137), ninguem com mais lucidez t'ho que o joven pensador alagoano curou do encaminhamento de tão grave problema brasileiro.

O velho Andrada não só lançou os fundamentos de uma patria, como presentiu as necessidades do futuro; discipulo de Kant e amigo de Humboldt, pairando acima dos homens 'da sua época e das exigencias do seu meio, José Bonifacio foi um genio politico, irrivalizavel mesmo no amplo scenario da America.

Lendo-se a *Representação* do Patriarcha, fica-se surprehendido em ver como se antecipara aos contemporaneos. Ha medidas suas em favor do proletariado negro, tão avançadas, e que hoje applicadas ao proletariado livre representam conquistas sociaes modernas. Regulava já naquelles tempos o trabalho dos menores e a assistencia á escrava no periodo da gravidez, cercand-os dos mais humanos cuidados.

Nos planos abolicionistas de Tavares Bastos, sem falar nas idéas já divulgadas na sua obra capital (138), e na celebre carta dirigida ao Conselheiro Saraiva, predominou sempre o pensamento da lenta emancipação.

Ha nos seus papeis um esboço 'de projecto, o ultimo delles sobre o assumpto, e feito pouco após a decretação

(137) *Representação á Assembléa Geral Constituinte*. — Paris — 1925.

(138) V. *A Provincia*, parte 3.^a, capitulo 2.^o.

da lei de 28 de Setembro, em que estabelecia o prazo de oito annos — a partir de 1.º de Janeiro de 1874, para a emancipação, mediante indemnização, de todo elemento servil. O esboço alludido dispunha do methodo a seguir, das tabellas de resgate, das preferencias de condições, e finalmente dos meios financeiros indispensaveis para a execução.

O plano vale ser lembrado, dispensando-se a intelligencia dos detalhes, como uma prova a mais do interesse ligado grandemente a tão grave problema nacional.

Abolicionista de verdade, alforriou de uma vez todos os escravos que lhe advieram pelo casamento. Tavares Bastos procurava, no entanto, conciliar os seus nobres anseios liberaes com as terriveis necessidades do Brasil.

CAPITULO XI

A CAMINHO DO OSTRACISMO

O ROMPIMENTO COM ZACARIAS — A VIAGEM
A' EUROPA — A DISSOLUÇÃO DA CAMARA.

Pouco depois do regresso da Amazonia, Tavares Bastos casa-se (139).

E nesse anno de 1866, o ultimo do seu segundo periodo parlamentar, foi-lhe intensa a actividade.

O Ministerio Olinda encontrou nelle o apoio mais brilhante. Tornara-se mesmo uma especie de "leader". Sem nenhuma investidura official, sentiam-lhe todos a actuação.

O talentoso deputado maranhense e depois professor de Direito, do Recife, Tavares Belfort, a elle se dirigindo, chamava-lhe "distincto chefe da maioria desta

(139) Tavares Bastos casou-se em 27 de Janeiro de 1866, com D. Maria Theodora Alves Barbosa, filha do abastado casal, já então fallecido, Capitão Antonio Alves Barbosa e D. Constança Theodora da Costa Lima Alves Barbosa.

Camara”, e, quando José Bonifacio, o moço, e Martinho Campos — para só falar dos maiores — á frente da opposição liberal, se erguiam nos ataques ao Gabinete, era o representante alagoano quem se lhes contrapunha, na defesa da politica ministerial (140).

Tavares Bastos não comprehendia a opposição pela opposição, demolir pelo prazer de demolir. Assim, estranhando a José Bonifacio a attitude que tomara de guerra sem treguas ao ministerio, exclamava: “Isto é derrubar sem construir. Mas o nobre deputado por S. Paulo, estadista e homem de governo, não pode parar nesse programma esteril das opposições sem idéa e sem futuro”.

O Gabinete Olinda impoz-se á estima do joven deputado das Alagôas, pelo prestigio com que lhe soubera cercar as iniciativas avançadas.

Assoberbado pelos negocios da guerra contra o Paraguay, e combatido por adversarios vigorosos, em cujo numero se inscreviam algumas grandes figuras liberaes, Araujo Lima chega ao termo do seu destino.

Volta ao poder Zacarias de Góes, mas o Ministerio de 3 de Agosto trazia comsigo o germen da morte...

Fere-se o pleito para a decima terceira legislatura e Tavares Bastos é outra vez reeleito pela gloriosa Provincia natal. Dos companheiros de bancada, sómente José Angelo não se viu reconduzido no mandato, vindo

(140) *Annaes* da Camara de 17 e 22 de Março e 18 de Julho de 1866.

em seu logar um moço, cuja carreira conheceria os favores da fortuna — Lourenço de Albuquerque.

Entre os deputados novos que chegavam, algumas boas promessas se confirmaram, como Gomes de Castro, do Maranhão; José Avelino, do Ceará; Buarque de Macedo, de Pernambuco; Americo Lobo e Cesario Alvim, de Minas Geraes; Homem de Mello e Americo Brasileiro, de São Paulo, etc.

Gavião Peixoto, ha muito afastado do Parlamento, retoma — impetuoso e fulgurante — o seu posto na representação paulista.

A Guerra do Paraguay dominava os espiritos, e em função della fazia-se a politica brasileira.

O Ministerio Zacarias não fôra de molde a inspirar enthusiasmos ao parlamentar alagoano, e entre este e o Chefe do Governo, seria fatal a separação.

Apesar dos altos meritos, grande dignidade publica e privada, faltavam ao estadista bahiano umas tantas virtudes de tolerancia e de comprehensão amavel, tão indispensaveis para o commercio de um espirito independente, como o de Tavares Bastos.

As divergencias entre ambos não tardaram em manifestar-se. A discussão do projecto sobre a reforma bancaria deu logo o primeiro motivo de desaccôrdo. O representante das Alagôas não acompanha a maioria, mas o faz nos termos mais serenos.

Collocada embora na orbita dos principios, a critica de Tavares Bastos era já uma advertencia. E não teria mais duvidas o presidente do Conselho de que

aquella grande voz do seu partido não se lhe mostraria docil aos acenos da batuta, para a orquestração dos côros governamentais.

A nova legislatura de 67 inicia-se sob os signaes inquietantes da borrasca. Na sessão de 4 de Junho, Gavião Peixoto desgarrá-se da maioria com um discurso sensacional, em resposta á *Fala do Throno*.

A defecção do deputado paulista deixa como que aturdidos os, antigos correligionarios.

Martim Francisco, ministro da Justiça, accorre á tribuna e entre surpreso e decepcionado se permite umas tantas censuras ao companheiro rebelde, em auxilio do qual intervem Tavares Bastos, com estranha vivacidade. Entre o deputado alagoano e o ministro dá-se sério incidente.

A uma observação desdenhosa do autor das "Cartas do Solitario", replica-lhe o Andrada irritadiço: "O aparte é tão pequeno como o seu autor".

O revide não se fez esperar: "Esta redarguição é de quem não é digno da cadeira que occupa".

Cruzam-se as vozes mais asperas. Ninguém se entende no tumulto dos gestos e das palavras; até que enfim, dominada a confusão, o ministro termina o discurso, após varios appellos á serenidade da Assembléa (141).

No dia 5, no meio de excepcional curiosidade, assoma á tribuna o representante das Alagôas.

(141) V. *Annaes* de 4 e 5 de Junho de 1867.

Era a declaração de guerra ao Gabinete. A luta promettia lances mais interessantes. O inimigo agora a enfrentar chamava-se Zacarias. Esse nome inspirava não só respeito, como temor aos adversarios.

Não o receava Tavares Bastos. O conflicto não seria apenas entre dois homens que militaram sob a mesma bandeira, mas desavindos no momento, e sim entre duas mentalidades de formação antagonica.

Sendo um homem de talento, Zacarias não era, contudo, um homem de espirito. Egocentrico, muito pessoal e caprichoso, presando mais os seus sentimentos do que as idéas, o politico bahiano dava-se a illusão facil de uma superioridade sem contraste.

Aprazia-se, mesmo, na ostentação daquella autoridade, algo jactanciosa, que o tornava pouco sympathico e não raro irritante.

De alma um pouco arida, além do mais murado nos seus preconceitos, ultramontano, Zacarias de Góes era dessas naturezas restrictivas, virtualmente hostis a todas as formas ousadas do pensamento, incompatível, portanto, com as intelligencias ambiciosas e intrepidas como a de Tavares Bastos, aberta aos enthusiasmos renovadores e á livre expansão das idéas.

A declaração de guerra, do representante alagoano, revestiu-se de extraordinaria vehemencia. Ouvido no meio de grande attenção, é raramente aparteado. Nada poupa á politica ministerial. Profliga-lhe a orientação financeira, que julga indecisa e má; a conducta

em relação ao conflicto com o Paraguay, que julga causadora das mais condemnavéis procrastinações; as despesas feitas, que julga sem methodo; a suspensão dos melhoramentos materiaes, que julga desastrosa, etc. E por ahi afóra segue desfiando os artigos do libello terrivel, concluindo por achar que sómente um serviço poderia ainda prestar o ministerio ao paiz — retirando-se do governo.

A attitude de Tavares Bastos não deixou de causar certa estranheza pela impetuosidade do ataque.

Para alguns, aquelle gesto encontrava sua origem na decepção de não haver sido contemplado com uma pasta. A maledicencia insinuava-o á boca pequena.

Já não era a primeira vez. Quando da divergencia com o Ministerio Furtado -- isso nos começos da carreira — a mesma coisa se murmurara. E elle, ironicamente, em carta a Saraiva, então commentava: “Estou fazendo com estranha habilidade o meu caminho para o ministerio! E dizem que me zanguiei por não ter sido ministro. Fortes tolos!” (142).

Que desejasse ser ministro, a ninguem seria licito negar a legitimidade da ambição. Para quem, como elle, trazia tão claros propositos e tão altas idéas, a aspiração do poder devera estar na logica do proprio destino. Afinal, não é de mais que um homem de talento se sinta tambem com o direito ao poder.

(142) Do Arch. de Saraiva no Inst. Hist. Brasileiro.

O que não pareceria de todo possível era elle ser ministro com Zacarias. Os dois não nasceram para uma jornada em commum.

Sob a chefia de Sinimbú ou de Saraiva, sim, que lhe consagravam especial estima — estima feita de comprehensiva admiração — facil lhe seria collaborar no governo, pela certeza integral do apoio para umas tantas realizações.

A verdade é que Tavares Bastos já se ia desilludindo da pratica do regimen, e a comedia parlamentar já começava a enfaral-o. Viu como lhe custara caro a victoria.

Fôra preciso desdobrar-se-lhe exhaustivamente a actividade, na tribuna, no livro e na imprensa, para conseguir alguma coisa, vencendo não só a conjuração dos mediocres como as proprias hesitações dos amigos.

Na familiaridade niveladora das assembléas politicas, é commum confundirem-se as grandes idéas com os pequenos interesses, os nobres intuitos com as mesquinhas ambições. Dahi a tragedia dos homens superiores em taes meios, condemnados a confrontos absurdos e a prelios humilhantes.

Isso sentira Tavares Bastos, entremostrando o seu desencanto na melancolia destas palavras: "E' certo que firme nas inspirações de minha consciencia, isento da ambição de occupar cargos, porquanto (seja-me licito confessar) a minha altivez não me permite essa ambição vulgar; é certo, digo, que tenho nesta casa empenhado a minha palavra e o meu trabalho, ás vezes até

com prejuizo de minha saude, para aqui representar, não os circulos pessoases, não as *coteries*, não as paixões do momento, não os prejuizos e os odios, não os cambiantes efeitos da scena politica, porém, algumas idéas definidas, idéas que, é verdade, não se filiam rigorosamente aos programmas dos partidos, mas que merecem a maior dedicação dos homens publicos do Brasil.

“A minha ambição corre neste estadio; tenho disto orgulho; porquanto, desde quando é um crime a ambição de ser util á patria? E se não é este o caminho para subir ao poder, se não é este o meio legitimo de adquirir influencia, então, é melhor que os homens de certa organização abandonem a scena politica aos demagogos” (143).

* * *

Zacarias de Góes e Vasconcellos, como orador, possuia incontestavelmente fortes qualidades. Velho politico, grandemente familiarizado com todas as questões, tendo completo domínio da tribuna, surgia sempre nos debates bem aparelhado.

Apesar do tom doutoral, em que se trahiam os sestros do professor, não deixava nunca de ser interessante. De palavra prompta e vivaz, com um certo vigor dialectico, habil nos recursos de defesa, como descaridoso nos meios de ataque, o estadista bahiano era sem duvida um inimigo incommodo.

Vinham-lhe os discursos, não raro, erigidos de intenções, e aquella maldadezinha didactica em que tanto se aprimorara desconhecia ás vezes os limites de certas delicadezas.

Não se satisfazia apenas em vencer o adversario: queria-o ahi á vista, confundido e humilhado, nada lhe perdoando, nem um simples engano de prosodia, nem uma innocente syllabada que se apressava em corrigir, com uma soffreguidão de collegial!

Havia qualquer coisa de sadico e de pueril no luxo dessas pequenas perversidades.

Nem sempre lhe foram os contendores presas faceis. Os exemplos de José de Alencar e de Paulino de Souza deixaram-no meio resabiado, e de penacho comprometido...

Zacarias não ignorava o valor do novo opposicionista. Os golpes vibrados pelo deputado alagoano feriram fundo o prestigio do governo.

A resposta do presidente do Conselho foi longa e bem feita, admiravel, sobretudo, pela presteza tactica com que procurou attender os pontos arguidos.

Pensando confundir o antagonista, diz em certo lance da discussão:

“O nobre deputado tem consciencia dos seus talentos, acha agradavel a attitude de successor, aspira o poder...”

Tavares Bastos, que desprezava essa falsa modestia que é uma das formas de vaidade dos mediocres, replica-lhe altivamente: “Sem duvida”.

O golpe falhara nos effeitos, mas outros viriam, de accôrdo com a velha technica...

Zacarias procura todos os meios de aborrecer o adversario. Allude com deselegancia ao caso da demissão, quando funcionario da Secretaria de Marinha, episodio esse tão conhecido e do qual se sahira gloriosamente.

Tendo o representante das Alagôas repetido na sua critica que o ministerio não estava na altura da situação, que a *Fala do Throno* não estava na altura do momento, o presidente do Conselho aproveita-se da repetição da palavra *altura*, para os seus jogos perfidos. Reproduce os dizeres intencionalmente, para sublinhar aquelle vocabulo, e diz dar pouca importancia á questão de *alturas*. E termina o discurso, citando uns versos de Gentil Homem de Almeida Braga, versos em que o poeta maranhense descreve as agonias de um pygmeu...

A estatura minuscula de Tavares Bastos fôra o motivo facil para as satyras dos inimigos. Delle se valeram José Joaquim Ignacio e Martim Francisco, não esquecendo os escribas governamentaes, quando o atacaram. Zacarias não trouxe, pois, nada de original ao desprimor da allusão.

A luta continua com a mesma intensidade, durante toda aquella legislatura de 67.

Aproveitando as férias parlamentares, Tavares Bastos parte, em Outubro, para a Europa. Não foi feliz na viagem. Elle e a mulher, victimas de uma infecção de typho, chegam a Bordeaux, devastados pela molestia. Francisco Octaviano, que os recebe, compungido

com a sorte daquelles amigos, em carta ao Barão de Penedo descreve-lhe o estado impressionante e exclama: “Ah, meu Moreira, para que me deu o Creador um coração tão desgraçadamente affectuoso?” (144)

Reparada a saude, o tempo que lhe resta dedica ao estudo, ás visitas a estabelecimentos de ensino e a museus de arte.

Fugindo ao frio de Paris, segue para Nice. Percorre, depois, varias cidades da França, da Inglaterra e da Italia. O Velho Mundo, como que o decepcionara, e em carta ao Conselheiro Nabuco de Araujo (145) confessa o desapontamento: “Ando por aqui, por estes golphos e enseadas da *ribeira mediterranea*, fugindo do inverno do norte. Em Paris, onde o thermometro não se levanta acima de zero, não é viver, é penar: aqui, tudo recorda o Brasil. As montanhas, o mar esplendido, a vegetação robusta, os accidentes extravagantes desta natureza semi-africana, fazem do Condado de Nice uma estação deliciosa para os doentes e tristes.

“Tristissimos tempos, Sr. Conselheiro! E’ a época dos cardeaes de casaca: aqui o Rouher, lá o nosso Zacarias! Vim buscar inspirações á Europa. Levo-as mas quão diversas das que eu sonhava! Este é um mundo que se acaba. A politica européa está a tocar o seu *millenium* fatidico; parece que, nas vespéras do anno

(144) Da collec. Barão de Penedo no Arch. do Itamaraty.

(145) Do Arch. do Conselheiro Nabuco, no Inst. Hist. Brasileiro.

2000, governos e povos tremem de pavor. Sente-se o ranger das peças de um edificio que se esboroa”.

E o espectaculo do mundo actual parece querer confirmar a terrivel prophecia...

Em Maio do anno seguinte Tavares Bastos regressa ao Brasil. Regressa, entretanto, melancolico e apprehensivo.

Vejam-se estes trechos da carta em que se despede do Barão de Penedo: “Ali vou para o matadouro da Camara, não com esperanza de exito satisfatorio, mas firme e resolutu no meu proposito de não aturar os imbecis que nos governam e que nos hão de governar. E’ uma luta ingloria, e que me não deixará muitos annos de vida, mas *como é por gosto*, pouco importa. Confesso a V. Ex. que regresso ao Brasil triste e penseroso. Detesto aquella vida politica do nosso paiz, mas... não posso abandonal-a” (146).

Com a ambição de construir, de realizar alguma coisa de grande na sua patria, comprehendia que essas batalhas parlamentares, brilhantes embora, mas no fundo estereis, a nada de pratico conduziriam.

Volta e retoma o posto de combate.

Profere mais alguns discursos vehementes. Dispunha Tavares Bastos de admiraveis attributos oratorios. Possuia uma palavra de vertiginosa facilidade. De par com a imaginação, tinha o gosto litterario, o dom dos

(146) Da collecção Barão de Penedo no Itamaraty.

raptos ousados, a argümentação energica e a replica atrevida.

Conta Joaquim Manoel de Macedo que nos começos suppuzera fossem-lhe os discursos decorados, tal a segurança na ordem das idéas, no rythmo dos periodos, na distincção do estylo e, sobretudo, na espontaneidade verbal; mas, ouvindo-o em varios debates, onde se faziam necessarias as improvisações fulminantes, sentiu que era o mesmo orador.

A voz sonora e bôa, aquella *voz argentina*, como a qualificara maliciosamente Zacarias, não se alterava nas mais longas e extenuantes discussões. A sua resistencia não deixava de ser surprehendente, falando horas a fio, sabendo-se um homem marcado pela enfermidade.

A natureza fôra-lhe apenas ingrata, quanto ao tamanho; fizera-o mirrado; não o favorecera com aquella *eloquentia corporis*, que muito prezava Quintiliano, e que é já por si uma promessa de triumpho.

A elle ajustar-se-ia a primorosa definição que, de Georges Goyau, deu François Coppée — *Le minimum de matière mis au service d'un esprit*.

Nos papeis de Tavares Bastos encontram-se, como era dos seus habitos, os summarios de alguns desses seus ultimos discursos, assim como algumas observações curiosas a elles referentes. Visando a Zacarias, escreve: “Pessoalmente a mim: — não tomarei os seus gracejos ao serio; mas protesto quanto a uma parte: Disse elle: “Nenhuma de vossas idéas tem triumphado; isso vos inhabilita. Simples official de uma Secretaria ha 7 annos

passados, ainda não sois gente.” 1.º Eu esperei no meu posto a tempestade de 61; elle desembarcou, poz-se em seguro, pedindo demissão. 2.º Nada tenho sido; antes assim. Tenho idéas, não me é licito sacrificar-as. 3.º Mas não é exacto que as não tenho feito vingar. Ellas estão até escriptas na legislação do paiz. Percorramos agora a vida de certos grandes homens. E’ esteril; nada, nada por uma idéa. Tudo pela sua vaidade. Muda de partidos e de amigos — vaidade. Uma idéa? Nunca. E’ como as azas de um moinho: gira no sentido do vento. Não é um programma que o dirige; é um accidente exterior, um capricho, um ciume e até uma inveja.

* * *

Tavares Bastos esperava ver por terra o Ministerio de 3 de Agosto, suppondo que a elle se seguiria a vinda dos historicos. No discurso de rompimento condemnara de entrada a nuance progressista, como impraticavel nos quadros das instituições partidarias. O destino reservara, porém, ao Gabinete Zacarias um epilogo imprevisto. Contando com a maioria da Camara, via-se forçado a abandonar o poder, para dar accesso aos conservadores com Itaborahy na presidencia (147).

Esse episodio, a que se convencionara chamar — o golpe de Estado de 68 — foi já objecto de varias dis-

(147) A demissão de Zacarias foi a 14 de Julho de 1868.

cussões, parecendo ocioso, portanto, trazel-o de novo ao exame.

Martim Francisco vae á tribuna e explica o motivo da despedida ministerial, como sendo a escolha de Salles Torres-Homem para senador pelo Rio Grande do Norte. Esse era o motivo scenico, para os effeitos da historia official.

Mas a historia official não pode bem ser a mentira *dirigida*? . . .

As causas eram outras: os melindres de Caxias, as difficuldades financeiras e os desejos da Corôa.

E o *Poder Pessoal* a que muito se alludira, e que tanto se affizera aos jogos de illusionismo dos partidos, deixava dessa vez, bem viva, a sua marca.

O Imperador, como a imagem do tempo dos antigos, empunhava tambem a sua ampulheta e a sua foice: marcava as horas de existencia dos ministerios, e os abatia inexoravel! Em minoria na Camara seria impossivel governarem os Conservadores. Vem a dissolução (148) e com ella o longo eclipse dos liberaes.

Despojado do mandato e desilludido do regimen, Tavares Bastos não tinha mais duvidas a respeito do sacrificio da sua carreira politica.

(148) A Camara foi dissolvida a 18 de Julho de 1868.

CAPITULO XII

EM PLENO OSTRACISMO

NA IMPRENSA COM LAFAYETTE PEREIRA —
A FUNDAÇÃO DO CLUB DA REFORMA — DIS-
SIDIO FINAL.

A transformação fôra de modo a surprehender a todos. Ninguém poderia suppor que na queda Zacarias arrastasse consigo a sorte dos liberaes.

O desastre commum reapproximara os correligionarios dissentidos, para o combate ao inimigo victorioso.

Dessa feita teriam os conservadores as facilidades de uma Camara unanime, pois os adversarios resolveram abster-se por completo.

Tavares Bastos subscreve o manifesto em que se expunham os motivos da abstenção no primeiro pleito, juntamente com Zacarias, Nabuco de Araujo, Souza Franco, Francisco Octaviano, Theophilo Ottoni, Joaquim Manoel de Macedo, Saldanha Marinho e outros (149).

(149) O manifesto sahiu publicado no *Jornal do Commercio* de 8 de Setembro de 1868, justamente no dia seguinte á realização das primeiras eleições, que foram as municipaes.

A linguagem inflammada daquella publicação bem revela o tom de revolta dos signatarios. Ahi se fala da ostentação de força e do seu emprego desde as vesperas; da coacção do voto dos empregados publicos e dos operarios dos estabelecimentos do Estado; da intervenção armada, exercida por turbulentos e criminosos celebres na Capital; do concurso de praças de pret disfarçadas a paisana, envolvendo-se violentamente no pleito; das prisões arbitrarías, desordens e ferimentos, com o fim de aterrar; da falta de segurança pessoal dos juizes de paz e mesarios liberaes, etc., etc..

E conclue o referido documento: “Restava ao partido ou repellir a força com a força ou abandonar a eleição”.

A 20 de Novembro, encabeçada por Nabuco de Araujo, os jornaes publicam a *Circular* em que se recommenda o abandono definitivo das urnas no pleito a realizar-se em Janeiro do anno seguinte, quando se elegeria a nova Camara.

O estylo redobra-se agora de vehemencia: “O governo armado, como está, por leis reaccionarias, de immenso arbitrio para comprimir a liberdade dos cida-

dãos; e ainda mais dispondo dos poderes extraordinarios que o estado de guerra lhe depara, querendo abusar, é senhor absoluto d'as urnas, e não podem ellas exprimir senão a vontade delle.

“Ora o proposito de abusar na eleição de Janeiro está manifesto pelos abusos commettidos em todo o Imperio na eleição de Setembro; as violencias, que então houve, serão reproduzidas em maior escala em uma eleição, da qual depende a vida ou a morte do ministerio.

“E’ desigual e impossivel a luta, inglorio e inutil o sacrificio: é, além disso, criminosa cumplicidade concorrer para uma eleição moralmente falsa, que, como tal, se pode considerar a eleição em que votam os que não têm voto, e não podem votar os que devem votar. Ao menos seja a abstenção um protesto mais contra uma forma de eleição, pela qual o nosso governo é de facto um governo absoluto.

“A resistencia material seria justificada desde que a urna, viciada pela violencia e pela fraude, não pode ser arbitra na porfia dos partidos, como é condição essencial do systema representativo e da paz publica: mas a resistencia material, para vindicar a compressão e o ludibrio dos direitos e garantias constitucionaes (*vis vi repellitur*) poderia ser uma revolução no estado nebuloso em que se acha o paiz; esta responsabilidade não a quer o partido liberal, que confia na força natural e pacifica da democracia, a qual, cêdo ou tarde, assoberba e rompe todas as barreiras do exclusivismo, contra a qual são

impotentes camaras unanimes que não representam a vontade nacional”.

Era esse o ambiente em que se praticava o regimen de opinião, regimen que as hyperboles do saudosismo não se cansam de exaltar, como um modelo de perfeição!...

Apesar das desillusões, e de já se lhe resentir o organismo do mal que o compromettia, Tavares Bastos, cedendo áquella irresistivel predestinação de homem publico, não abandona a luta e volta-se para o jornalismo, de que elle disse certa vez da tribuna do Parlamento: “fôra desde estudante a grande ambição dos meus sonhos de moço”.

Com Lafayette Rodrigues Pereira vae dirigir o “*Diario do Povo*”. O alagoano e o mineiro deram-se sempre muito bem, desde os tempos de Faculdade em São Paulo, onde — o segundo mais velho em annos e mais antigo em curso — juntos collaboraram nas mesmas revistas academicas, tendo ainda, nos começos da vida pratica em 61, juntos combatido pela *Actualidade* o Ministerio Caxias.

A approximação desses dois temperamentos, tão dissemelhantes, apresenta-se com um certo interesse.

Emquanto que em Tavares Bastos havia o politico, apaixonado, vivendo os problemas da terra, formando a sua cultura e dirigindo-a no sentido da coisa publica; subordinando toda a actividade do pensamento á ambição de construir algo de duradouro e de fundamental para

os destinos do Brasil; imprimindo aos actos aquelle sentimento do real que, no conceito de Scherer, constitue a intelligencia do homem de Estado; em Lafayette havia o *dilettante*.

Letrado de alto valor, humanista, o futuro mestre do *Direito das Cousas* era sobretudo o sceptico. Em politica as suas attitudes não passaram de attitudes intellectuaes.

Falleciam-lhe a convicção profunda e o entusiasmo que geram os proselytismos e deixam no espirito dos contemporaneos a vibração dos grandes sulcos. Não seria jamais um conductor de homens ou um sementeiro de idéas.

Na historia do periodismo brasileiro, tem Lafayette o seu lugar á parte. Distinguem-se-lhe os artigos, tanto os do *Diario* como os da *Actualidade*, pelo gosto e finura do estylo, limpido e conciso, a que as boas letras classicas, com que se familiarizara cêdo, traziam os primores dos *à propos* magnificos, das citações opportunas e das referencias maliciosas. As proprias coleras que por elles perpassam ás vezes são mais litterarias do que sentidas.

Um verso de Horacio ou de Virgilio, uma sentença de Tacito ou de Cicero, uma allusão a Machiavel ou a Erasmo, illustram-lhe os periodos, sempre vasados em linguagem do melhor timbre vernaculo. E os grandes professores de scepticismo, os philosophos dos *Dialogos dos Mortos* e dos *Ensaio*s, sobrelevam entre tantos autores predilectos.

Nenhuma dessas grandes campanhas desinteressadas — a redempção de uma raça ou a liberdade de um rio — o seduziria. Lafayette não tinha a abundancia de alma para emprehendel-as. Carecia do ardor do apóstolo e da flamma do propagandista. A imprensa que lhe estava indicada era esta — a de opposição — campo favoravel para os jogos de um espirito critico, como o seu.

Do espectáculo do mundo antigo, como que lhe viera o fastio do presente.

O seu jornalismo foi brilhante, mas desse brilho esteril das composições bem feitas, a que falta o calor das inspirações generosas; sem influencia, portanto, na consciencia das massas, ou reflexos no pensamento do tempo.

Advogado como Luciano e, como o sceptico de Samosata, geriu um dia os negocios da justiça. E, quando nos mais altos postos que o destino lhe reservara, Lafayette foi ainda o mesmo homem. As rapidas mutações por que passara — da Monarchia para a Republica e desta para o governo na Monarchia — nenhuma alteração lhe trouxeram á alma, pois nada de profundo significavam. Não eram crises de idéas. Nem mesmo eram as impaciencias do ambicioso, que lhe imprimiam taes movimentos; antes a insaciedade de certo sybaritismo intellectual, á procura de novas formas de desencanto.

Como senador e presidente do Conselho, mais tarde, ficaram-lhe celebres os discursos, pela sobriedade

elegante e desdenhosa, pela subtileza das intenções e, sobretudo, pelos epigrammas com que se divertia, flagellando os fantoches do Parlamento.

Os seus ditos mordazes, as suas irreverencias, disfarçadas nas louçanias das melhores recordações litterarias, até hoje se citam como grandes triumphos. Se isto bastava para a satisfação de um homem, muito pouco seria para a gloria de um estadista... Mas felizmente aquella maravilhosa intelligencia não parou ahi: trouxe do solo da velha e hõa latinidade, de que se nutrira, as seivas para a obra definitiva. O direito deu-lhe vida esthetica ao pensamento. E o jurista inimitavel, de que se orgulha o Brasil, faz esquecer, sem pezar, o homem de Estado que se frustrou...

* * *

O *Diario do Povo* constituiu-se a trincheira de combate dos liberaes. Das suas columnas é que partiam quotidianamente os ataques contra o governo. De preferencia ao governo fõra Caxias escolhido para alvo principal das aggressões, a que não escapa a propria Corõa, tida como docil aos caprichos do seu herõe.

Isso vem provar que os liberaes, irritados com a desgraça politica que os surprehendera, não cessavam de reconhecer no glorioso cabo de guerra o responsavel por aquella transformação dos quadros do poder.

O desfecho da situação liberal e a consequente subida dos conservadores não deixavam de ser algo des-

concertante para aquelles que ainda tinham illusões a respeito da pratica do *soi-disant* regimen representativo. E o regimen reduzia-se, segundo a sentença lapidar de Lafayette, a “formulas apparentes de um governo livre, ultima homenagem, que a hypocrisia rende ainda á opinião do seculo”.

Caxias e o Ministerio eram assim tratados: “... o gabinete de 16 de julho nasceu, e subiu, sahindo pela ponta da espada daquelle general, e não pode, e nem que o quizesse teria força para retiral-o do commando em operação no Paraguay. Qualquer ministerio liberal que houvesse succedido ao de 3 de Agosto, teria dado demissão ao Sr. Marquez de Caxias, e conferido o commando em chefe do nosso exercito e esquadra á pessoa mais habil e competente a todos os respeitos”.

Criticando depois a nomeação do velho soldado para generalissimo das forças nacionaes, não são mais brandas as expressões: “Falta-lhe antes de tudo a capacidade intellectual. Espirito lento e timido, fallecem-lhe: a intuição rapida que em um relancear d’olhos comprehende a influencia dos accidentes do terreno sobre o exito das batalhas; a ousadia que aproveita o momento opportuno para o choque, e a habilidade estrategica que tira recursos até das proprias difficuldades. Faltam-lhe as habilitações profissionaes que só podem ser suppridas por talentos naturaes fóra de linha”.

Quanto á acção da Corôa, não era outro o estylo: “E o Imperador como o Czar da Russia, é a unica fonte dos poderes politicos. Systema representativo, e é a

Corôa quem faz a eleição. Oh! não nos illudamos. No Brasil só ha um poder real — a Corôa. Sobre ella recaia, pois, a responsabilidade dos attentados, dos escandalos e das violencias que se estão consummando sob nossas vistas. A Corôa attrahiu a si todas as forças vivas da sociedade. O principio absoluto, collocado no centro do nosso regimen politico, leva adiantado o seu trabalho de absorpção.

“Em presença desse espectaculo que deshonra a nossa civilização, que cumpre ao partido liberal? Evocar todas as suas energias, falar ao patriotismo da nação, tentar esforços supremos, não poupar a sacrificio nenhum, para debellar o mal em sua origem, arrancar-o duma vez e recollocar os grandes poderes do Estado nos seus leitos constitucionaes”.

Sem voz o Parlamento, era só o jornal a forma de evasão das coleras politicas.

A actividade de Tavares Bastos no *Diario do Povo* foi assidua e vibrante. Não se limitou elle ás questões do dia e aos incidentes partidarios. Tinham-lhe os artigos sempre um fundo de doutrinação, e seriam hoje facilmente identificaveis, se o proprio autor não se houvesse antecipado á tarefa do pesquisador; reunindo alguns, com a indicação da autoria, e referido a outros, com a indicação de datas. A predilecção dos assumptos, a linguagem, as leituras preferidas, bastariam para o reconhecimento da origem.

Nos ataques mesmo é sempre a preocupação dos interesses geraes o que predomina: “Quando em 1840

o Sr. D. Pedro subiu os degráos do throno preservado pela revolução de 7 de Abril, o joven principe encontrava um paiz avido e carecido de grandes melhoramentos.

“Se exceptuarmos as questões meramente politicas, aliás irritadas pela funesta lei reaccionaria que acabava de mutilar o acto addicional, o regimen inaugurado em 40, sob tão lisonjeiros auspicios, era destinado a satisfazer tres grandes aspirações sociaes: a repressão do trafico, a instrucção popular e a viação.

“Pois bem! são passados 28 annos do actual reinado. Acaso o povo brasileiro pode ufanar-se do progresso social que aguardava do novo regimen? Respondam os factos. Como no julgamento dos reis do Egypto, elles se enfileiram para deporem d'iante da historia”.

O publicista alagoano desamou sempre os demolidores por systema. A sua divisa, se não pudesse ser a do ministro do Imperio Liberal — *non destruam œdificabo* — seria ao menos a do pensador da *Theoria da Propriedade* — *destruam et œdificabo*.

O *Diario do Povo* tem uma historia curta e interessante. Adquirira-o Tavares Bastos, mas a escriptura se passou em nome de outrem que, segundo os costumes da época, representava o papel do *testa de ferro*. A conducta dessa personagem, trabalhada por estranhos interesses, tornou-se de tal modo desagradavel aos orientadores legitimos do orgão liberal, que elles se viram forçados a abandonal-o ao falso proprietario.

Em uns trechos de memorias politicas, ha annos publicadas, encontram-se os commentarios a esse curioso

episodio: “Nos meados de Junho comecei a escrever para o *Diario do Povo*, jornal dos liberaes. Em Julho, dias antes da ascensão do Gabinete de 16 (Visconde de Itaborahy) comprei essa folha ao seu proprietario Cardoso por 1:000\$000 e passou-se escriptura ao Honorio Caldas, como proprietario. Contribui tambem para a mesma com mais 510\$000. Total — 1:510\$000. Collaborei assiduamente com o Lafayette desde o meiado de Julho até 18 de Fevereiro de 1869. Deixamos a redacção por não ser compativel comnosco o proprietario da *nossa* folha” (150).

Desprestigiado com a sahida de collaboradores tão illustres, o jornal opposicionista pouco tempo teria de existencia.

Perdida aquella energica arma de combate, os liberaes procuram novos instrumentos de acção. E’ quando surge a idéa do *Club da Reforma*, com o seu órgão proprio, e Octaviano apressa-se em informar de taes projectos os correligionarios de São Paulo; em carta dirigida a Martim Francisco, datada de 23 de Março de 1869: “Desde o começo deste mez eu, o Bastos, e o Lafayette deixamos o “*Diario do Povo*” e tratamos de fundar uma folha de maior vulto. Desde então têm apparecido artigos contra as idéas que defendiamos e que se attribuem a outra parte do partido liberal que se baptisou de pro-

(150) *Memorias Politicas*, de Tavares Bastos, publicadas no *Jornal do Commercio* de 4 de Dezembro de 1925, por Cassiano Tavares Bastos.

gressista. Até 15 de Abril teremos o novo jornal fundado por acções e dirigido por um Club, do qual pode ser membro todo o liberal que quizer garantir 50 assignaturas. Havemos de mandar a você ahi os Estatutos do Club, porque desejamos que á imitação do nosso se criem em São Paulo e Minas outros com os quaes nos correspondamos para que, durante a ausencia legislativa, não se estremeçam os laços do partido. Dize isto mesmo ao José, ao Carrão, ao Antonio e a todos os amigos. Será bom que o “Ypiranga”, com algum geito, declare que o Tavares Bastos não escreve mais no “Diario do Povo” e que corria que o Octaviano, o Basto, o Pedro Luiz e outros iam fundar uma folha liberal para a campanha legislativa” (151).

* * *

A adversidade reunira os liberaes, mas não fizera desaparecer os residuos de certas incompatibilidades. As existentes entre Zacarias e Tavares Bastos vinham de longe, das raizes da propria intelligencia. Assim é que, desde as primeiras horas da nova approximação, já os desgostos do alagoano se esboçavam...

O Club da Reforma nasceu em casa do autor do *Valle do Amazonas*, a 7 de Abril de 1869. Dil-o esta passagem das suas *Memorias* a que já se alludira: “Em

(151) Carta de Francisco Octaviano, reproduzida no *Contribuinto* (pag. 101) de Martim Francisco, filho do destinatario.

minha casa no largo do Rocio, n.º 77, a convite de Octaviano, compareceram varios liberaes historicos e progressistas, em numero de 27, e assentou-se fundar o *Club da Reforma*. Adiou-se, por impugnação do Zacarias (progressista) a fundação, que pretendiamos de uma folha com o mesmo titulo. Ahi mesmo se denunciou logo a profunda distancia entre ambos os grupos.

“Com effeito, lamentou o Zacarias que se atacasse a Constituição no *Diario do Povo*, e pretende que o programma que vae elaborar o Centro Liberal seja o programma da folha que se crear. “Não se ataque a Constituição”; eis o symbolo do Imperialismo, do progressismo, do poder pelo poder. Pois é essa Constituição mesma, com o seu poder moderador sem responsabilidade ministerial, com a sua immensa centralização, etc. que queremos *reformatar*. O progressismo subsiste. Com elle nada se fará”.

As divergencias vão tomando volume cada vez mais. Ao ser lido o programma do Club, que era o mesmo do Centro Liberal, elaborado por Nabuco de Araujo, mas rectificado por Francisco Octaviano, Zacarias provoca acceso debate por não querer que figure nelle nenhuma referencia á questão religiosa, não sendo de todo victorioso (152).

(152) No programma figurou afinal a clausula discreta: “Garantias effectivas da liberdade religiosa”. (V. Memorias, já citadas).

O antigo presidente do Conselho, pela sua importancia e autoridade, estava indicado para as funcções de *leader*, o que iria em breve trazer ao ex-deputado alagoano maiores aborrecimentos. Surge afinal o novo órgão dos liberaes: a *Reforma* apparece no dia 12 de Maio de 1869.

E Tavares Bastos registra nas suas notas: “Publica-se a *Reforma*, órgão democratico, jornal de certa distincção e originalidade. Declara que nelle não se admittem testas de ferro. Os artigos editoriaes são assignados. Funda-o o Octaviano, com uns amigos, *quos ego*. Obrigamo-nos, cada um por 100 assignaturas, o que a mim me trouxe uma despesa effectiva de cerca de 1:000\$000”.

A *Reforma* foi incontestavelmente uma folha de raro brilho. Passaram-lhe pelas columnas as melhores intelligencias, firmando-lhe, nessa phase, os artigos, nomes — como os de Octaviano, Tavares Bastos, Saldanha Marinho, Tito Franco, Silveira Martins, Joaquim Manoel de Macedo, Lafayette, Theophilo e Benedicto Ottoni, Souza Franco, Homem de Mello, etc..

Joaquim Nabuco, ainda estudante de direito, começa a apparecer, publicando algumas producções poeticas.

Os liberaes davam a impressão de um grande appetite para a luta, mas aquella cohesão entre elles não ia muito além das apparencias.

O brado do Conselheiro Nabuco, desferido no manifesto do Centro Liberal — ou a reforma, ou a revolu-

ção — reboou nos meios politicos como um aviso de combate. Explicando o sentido da phrase, em que os adversarios descobriam intenções demagogicas, o senador bahiano, da tribuna, faz allusões aos perigos da caudilhagem (153). Caxias continuava a ser o *leit-motiv* dos ataques opposicionistas...

Tavares Bastos escreveu na *Reforma*, com assiduidade apenas nos primeiros mezes. E distinguiu-se-lhe ahi a collaboração pelo character doutrinario que lhe imprimira.

Entre outros artigos, pode-se citar: *O Acto Adicional; Governo interior dos Estados Unidos; A Emancipação e o Governo Imperial; Descentralização e Federação*. Nesses aperçus, era já a *Provincia* que se annunciava.

A desestima de Tavares Bastos pelo antigo presidente do Conselho continua a accentuar-se de dia para dia. Nos cadernos intimos do politico alagoano (154) são constantes os reflexos de taes sentimentos. Veja-se esta nota: “*Os nossos Chefes* — no fim de Setembro de 1869 os senadores liberaes autorizaram o Zacarias (pondo á margem o Nabuco e outros) para combinar com o Cotegipe, ministro da Marinha, o encerramento do Orçamento. O Zacarias estipulou, como bases do con-

(153) V. *Annaes* do Senado de 17 de Junho de 1869.

(154) Os cadernos a que se allude pertencem hoje á Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

venio não a redução de despesas, a supressão de autorizações, ou outra alguma idéa liberal, mas a retirada, entre outras, dos additivos que elevam os vencimentos da magistratura (commettendo os liberaes a ineptia de assumir o odioso da opposição que o ministerio fizera na Camara a esta mesma medida) e o artigo relativo á conversão em apolices dos bens das Ordens Religiosas; negocio de particular empenho do mesmo Zacarias, cousa singular para nós liberaes”.

Mais adiante, este outro commentario, datado de 10 de Outubro do mesmo anno: “O Sr. Zacarias — Sustentou a legitimidade e necessidade da pena de morte, em discurso com o ministro Alencar, no Senado, Setembro de 69. O ministro conservador, em seu relatório, francamente pronunciou-se contra essa pena. Eis ahí um Chefe liberal!

“Demais disso, mórmente na discussão orçamentaria do Imperio, revelou-se francamente ultramontano, elogiou os conventos, pediu a sua restauração, etc. Durante toda a sessão, tendo falado constantemente, não consagrou um só discurso á propaganda de idéas liberaes. Espraiou-se em arguições ao governo, em recriminações, em revolver a historia de demissões de empregados, que elle expedira, e seu successor annullara”.

A *liderança* de Zacarias, conduzida de maneira muito pessoal, consoante o feitio do seu character, ia augmentando o descontentamento entre os correliogonarios. Tavares Bastos não se cansa de chamar a at-

tenção dos companheiros para as attitudes do guia, por elle já condemnado. Estranha com certa irritação os louvores continuos da *Reforma*, dispensados a Zacarias, a ponto de crear serios constrangimentos a amigos dos mais queridos, como o Octaviano.

O autor das *Cartas do Solitario* tinha por Francisco Octaviano um affecto bem marcado. Fôra nos salões delle que se iniciara na vida social da Côrte e fôra ainda pelas columnas do *Correio Mercantil*, que fizera a entrada triumphal no jornalismo brasileiro. E o poeta-estadista muito se orgulhava de tão honroso paranympado.

Datada ainda de Outubro de 69, encontra-se a seguinte narrativa: “O Octaviano não me deixou tranquillo, nem sobre a direcção da *Reforma*, nem sobre a prudencia no modo de dirigir o partido sem dar ganho de causa ao mais funesto dos seus chefes, o Zacarias. Eu lhe exprobrei que elle houvesse inclinado o barco de todo no sentido de Zacarias. Irritou-se, falou em demittir-se da *Reforma*, na sua molestia, nas suas difficuldades pessoaes. Ahi ficamos. Estou profundamente convencido de que é embalde lutar. No proprio Club não temos companheiros. Lafayette continua a apoiar a todos, no proposito de realizar o seu ideal de bom moço. Não declinemos nomes. Não os ha mesmo”.

A guerra de Tavares Bastos não conhece treguas, até que, incompatibilizado com outros membros gra-

duados do partido, Zacarias se vê ameaçado de abandono. O dissidio entre liberaes e progressistas avoluma-se, tornando-se irremediavel.

E' ainda a voz d'os archivos do grande publicista que fala: "*Ainda os nossos chefes* — Em conferencia pedida pelo Furtado, conversamos hontem em sua casa largamente sobre o incidente das ultimas sessões do Senado. Communicou-se que o Octaviano já retrocedera do seu entusiasmo pelo Zacarias, que o acabara de offender. Declarou-me que os liberaes do Senado comprehendem a segunda tenção d'os progressistas, e mantêm-se armados. Prometteu zelar os interesses do nosso partido, que me pareciam abandonados. Eu lhe fiz sentir a confiança que nelle depositamos, como o mais vigoroso dos nossos chefes e aquelle que goza de mais geral conceito de probidade. O que é perfeitamente verdade" (10 de Out. 69).

Chega a crise afinal ao seu inevitavel desenlace. Coube a Silveira Martins desferir o raio deflagrador. O formidavel gaúcho não tivera ainda ingresso no Parlamento, mas já era das maiores figuras do partido. Na ausencia d'aquella tribuna que o coroaria de triumphos, deu-lhe a imprensa as vibrações das primeiras victorias.

Eis o epilogo, narrado por Tavares Bastos: "Logo no começo da sessão do Senado, o Zacarias, em discurso, exproboou ao Alencar o modo como discutia o rei no *Deseseis de Julho*. Rompe o Martins pela *Reforma*.

Fizemos corpo com elle diversos: crise da redacção; retira-se o Octaviano”, etc., etc.

O artigo de Silveira Martins trazia por titulo — *Cartas na mesa* — e foi publicado no dia 3 de junho de 1870.

O pensador alagoano, sem saude, e com mais esses ultimos desgostos da politica, não repousa: na solidão do gabinete, novas armas se forjariam para a defesa das idéas...

CAPITULO XIII

O APPARECIMENTO DA “PROVINCIA”

A OPINIÃO DA IMPRENSA — O MANIFESTO
REPUBLICANO DE 70 — A CRITICA DE TOBIAS
BARRETO.

Incansavel, a novos labores se consagra. Tavares Bastos — como na imagem claudeliana — é um Vulcano no trabalho; mas um Vulcano, á semelhança daquelle do Museu do Prado, capaz de receber ás vezes a visita de uma deusa.

As artes mais illustres não lhe desertaram o gabinete que se transformara em tenda de combate.

A poesia e a musica sempre o apaixonaram. Pela segunda, fôra-lhè, em certa época, viva a predilecção e chegou mesmo a ter, como Ingres, o seu violino...

São-lhe constantes nos cadernos as indicações dos poetas a ler e dos prosadores a versar.

Mas, ao nascer, entre as musas que se lhe debruçaram pensativas sobre o berço, foi a politica aquella

que o marcou para a vida. Impossivel fugir á fatalidade. Nascera para organizar e construir, e o governo deveria ser a razão do seu destino. Se lhe faltou a acção directa do poder, teve-a, fecunda, pelo pensamento.

Em Julho de 70, editada pela Casa Garnier, surge *A Provincia*. A obra trazia algo de novidade e a sua influencia far-se-ia sentir activa nos meios politicos. Lida, discutida, mereceu da imprensa da Côte e do interior os melhores elogios. Correligionarios e adversarios do autor não lhe pouparam louvores. O *Jornal do Commercio*, depois de varias considerações, assim termina a nota em que lhe registra o apparecimento: "Uma cousa, entretanto, ficará certa: o livro a que nos referimos, ditado pelo patriotismo, e em que se consumiu muito labor e cabedal intellectual, é valioso contingente que um cidadão amante do seu paiz presta para solução do complexo problema das nossas reformas administrativas. As suas idéas são extremas, e como taes serão impugnadas; mas quer afinal triumphem, quer succumbam do combate, sempre surgirá cousa melhor do que temos".

O orgão conservador, *Diario do Rio de Janeiro*, contrario ao publicista alagoano, tem estas expressões: "Infatigavel, o Sr. Tavares Bastos aproveitou o descanso da vida parlamentar e das lutas da imprensa politica, e no silencio do gabinete meditou e escreveu um livro

de longo folego, onde revela estudo profundo de tudo quanto diz respeito ás necessidades politicas do paiz”.

Ainda uma outra folha adversaria — *Jornal da Tarde* — publica o seguinte: “Um livro que trata de assumptos tão importantes e variados, que affectam os mais graves interesses do paiz, não pode ser o monopolio de um partido, deve ser lido por todos os partidos. Por nossa parte, indulgentes e moderados por organização, conciliadores desde que nos alistamos na bandeira da Conciliação em 1856, havemos ler, meditar e apreciar conscienciosamente o extenso trabalho com que o Sr. Tavares Bastos dotou o paiz; e qualquer que tenha de ser o nosso juizo sobre as suas doutrinas, não hesitamos em recommendal-o desde já aos homens que se interessam pelas cousas publicas, porque é fructo de uma intelligencia que, na imprensa e na tribuna, tem dado provas de sua elevação e cultura”.

No Recife, *O Americano*, dirigido por Tobias Barreto e Minervino de Souza Leão, consagra um longo e entusiastico artigo á obra do pensador alagoano. Esse artigo tem a sua historia, de que se tratará opportunamente.

Escreve *O Americano*, de 20 de Outubro de 1870: “Coração generoso, espirito eminentemente pratico, dotado de uma intelligencia superior, emancipada por um estudo profundo e consciencioso de nossas instituições, assás conhecido, — quer na tribuna parlamentar, quer na imprensa, onde tem adquirido justo renome, o

festejado autor das *Cartas do Solitario*, o Sr. Dr. A. C. Tavares Bastos, acaba de entregar ao lume da publicidade mais um fructo do seu vigoroso talento.

“Esboçando com a firmeza de suas convicções o negro quadro que se desenrola a nossos olhos, mas que infelizmente passa ainda despercebido á maioria da nação, o Sr. Tavares Bastos patenteia, enumera e refuta os erros, os attentados do governo central contra a autonomia das provincias, contra as liberdades publicas, nesse degradante e infeliz periodo de nossa historia politica, a que se chama 2.^o reinado, origem e começo dessa desenfreada e satanica reacção conservadora, de 1840, que, dominada pelo desejo da mais exagerada e avara centralização governamental, destruiu, anniquilou os principios de 1831, unicos que a prevalecerem teriam salvado o Brasil da pecha de nação aviltada pelo mais disfarçado despotismo á luz do seculo XIX.

“Sobre tal assumpto no Brasil nunca se escreveu tão bem e em occasião tão azada: o livro do Sr. Dr. Tavares Bastos ha de fazer o seu giro, assim o esperamos; e então produzirá o seu effeito; e ao seu inspirado autor caberá a gloria de haver preparado um povo para a liberdade. O Sr. Dr. Tavares Bastos mostra-nos, com a certeza do compasso do geometra, o caminho que devemos seguir: afastarmo-nos d'elle é a morte, a degradação; seguil-o, trilhal-o, embora sobre espinhos, despedaçando as machinas que o despotismo arroja á democracia em marcha, é o futuro a acenar-nos risonho — a liberdade enchendo com o som dos seus hymnos

toda esta parte do novo mundo”, etc., etc. Não podia ser mais caloroso o juizo do jornal de cuja direcção participava o pensador sergipano...

* * *

A Provincia apparece na hora critica. Cresciam as inquietações entre os liberaes. O golpe de 68 tirara a muitos a confiança no regimen e em outros aggravara as impaciencias, ante a longa perspectiva do ostracismo. Fóra dos quadros monotonos dos partidos, já um novo movimento se ia processando, e a obra do pensador alagoano vinha opportuna, como o verbo de inspiração.

No dia 3 de Novembro, funda-se o Club Republicano e precisamente um mez após surge o seu órgão — *A Republica* — trazendo o celebre manifesto, conhecido na historia, como o manifesto de 70.

Quem ler esse famoso documento, não terá duvidas de que a fonte proxima foi o livro de Tavares Bastos. Mais do que a influencia, sente-se nelle a presença das idéas. E isso não escapou ao autor da *Provincia*, que o assignala em um dos seus cadernos intimos... Daquella geração politica, que se desgarrara para a republica, ninguem havia, como elle, meditado tanto sobre as reformas que se impunham ao Brasil e aprofundado tanto as questões de que dependeria o engrandecimento do paiz.

Um dos signatarios do manifesto de 70 proclamaria quarenta e tres annos depois (155): “Nestas obras estão encerradas todas as idéas matrizes que nós outros Republicanos procuramos desenvolver durante o periodo da nossa propaganda e é fóra de duvida que se vivesse mais vinte annos, Tavares Bastos teria sido o melhor propugnador da Republica a que teria dado uma direcção mais pratica e mais de accôrdo com as instituições, que sem o necessario preparo fomos copiar do grande modelo”.

Não deixa de ser um caso curioso esse — o do alheamento de Tavares Bastos em relação ao grupo republicano — sendo elle, entre todos, o mais avançado em idéas. Além disso, contava, no meio dos iniciadores do movimento e signatarios do manifesto, amigos dos mais intimos, como Quintino Bocayuva e Lafayette, companheiros da Camara dissolvida, como Saldanha Marinho, Aristides Lobo, Flavio Farneze, Christiano Ottoni, Bittencourt Sampaio, Americo Brasiliense e José Maria de Albuquerque Mello, pae.

Joaquim Nabuco, achando de começo que elle gravitaria para a republica, detem-se nestas reflexões: “Tavares Bastos era, pelo influxo norte-americano predominante em seu espirito, um republicano natural. A consideração ou conveniencia, que era o peso, o freio

(155) Salvador de Mendonça — *Cousas do meu Tempo* — “Imparcial” de 6 de Abril de 1913. Rio.

de sua *imaginação* republicana, impedirá entretanto sua filiação ao novo partido. Não se pode dizer que a morte o surpreendeu ainda monarchista. Se vivesse alguns annos mais, elle teria, provavelmente, durante a situação liberal, representado, na Camara, um papel proeminente, se não o primeiro, ter-se-ia identificado, em sua madureza e completa formação politica, com a monarchia, que era mais conforme ao seu temperamento liberal-aristocratico, ao seu amor da selecção e á sua indole reformadora e não revolucionaria” (156).

A Tavares Bastos o que importava era o Brasil. A fórma de governo seria apenas um accidente historico. Delle estas palavras: “Os destinos do Brasil são mais caros sem duvida que os da sua fórma de governo”.

E, ante o espectáculo de esterilidade politica, de que a centralização se constituiria factor principal, não ha negar, foi elle a voz vindicativa das grandes aspirações nacionaes.

A campanha em favor da descentralização, uma das suas mais fulgurantes campanhas, veiu de longe. Remontando-lhe as origens, vamos surpreender-lhe os primeiros lampejos naquella biographia de Saraiva, escripta em 1859, para o Album de Sisson. N’ *Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro* e nas

(156) *Um Estadista do Imperio* — T. II — pag. 68 — 2.^a edição.

Cartas do Solitario, o exame de tão cruciante problema arrancou-lhe as paginas mais fortes. E a *Provincia* era agora o estuario daquellas idéas.

A obra de Tavares Bastos tinha um sentido mais restaurador do que revolucionario. O Brasil, fiel ás indoles da sua formação, a que não fôra estranha a predominancia de certos factores geographicos, só por um artificio despotico poderia viver sob o regimen centralizador. O grande esforço da politica consistiria em repol-o no leito do seu destino, realizando para isso as mais ousadas reformas.

Aquella *tyrannia symetrica* a que alludira nas *Cartas do Solitario*, ninguem, por mais alheio ao conhecimento da historia, se animará a recommendar, como excellencia de regimen.

A vida languida das velhas provincias, entravadas pelos rigores da centralização — chegando a ser pelos proprios excessos a morte mesma do governo — acabou por impressionar profundamente os espiritos. Foi sob os influxos de drama tão sombrio que se avolumou a onda republicana. E, com a recordação ainda bem sensivel, Campos Salles escrevia em 1909: “Parece que é cêdo ainda para termos perdido a lembrança do passado. Os que clamam apaixonadamente pelo unitarismo mostram ter perdido a memoria dos factos do Imperio centralizado, que despertaram ao senador Nabuco de Araujo o famoso sorites, synthese luminosa e pungentissima do clamor nacional contra o oppressivo centralismo monarchico, e inspiraram tambem ao inol-

vidavel Tavares Bastos as paginas de apaixonada eloquencia do seu livro monumental, a *Provincia*, éco vibrante das angustias das provincias do Imperio, aniquiladas e exhaustas sob o jugo tyrannico de mortifero centralismo” (157).

Charles Maurras, que é actualmente em França o paladino mais illustre da descentralização, diz que ha nesse vocabulo de uma apparencia muito má uma coisa muito bella, pois chama-se *descentralização* um conjuncto de reformas destinadas a reconstituir a patria, dando-lhe uma cabeça livre e um corpo vigoroso. Um tal nome, continua o pensador francez, tem o aspecto de uma verdadeira antiphrase: de fórma negativa, é essencialmente positivo, de feições anarchicas, encerra a idéa de ordem. Emfim, pela composição, como pelo numero e peso das syllabas, parece designar algum systema artificial, quando o que annuncia é *la doctrine du retour à nos lois naturelles et historiques* (158).

O pensamento dos dois grandes publicistas se encontra na interpretação do destino dos respectivos paizes.

Era justamente a *volta ás nossas leis naturaes e historicas*, o que propugnava Tavares Bastos e, inspirado nelle, que accentuara as nossas tendencias descen-

(157) *Da Propaganda á Presidencia*, pag. 260 — São Paulo — 1909.

(158) *De la Décentralisation*, pag. 3.

tralizadoras desde a propria formação das Capitánias, o manifesto de 70, desenvolvendo-lhe as idéas, visava as mesmas conclusões: “A topographia do nosso territorio, as zonas diversas em que elle se divide, os climas varios e as suas producções differentes, as cordilheiras e as aguas estavam indicando a necessidade de modelar a administração e o governo local acompanhando e respeitando as proprias divisões criadas pela natureza physica e impostas pela immensa superficie do nosso territorio.

“Foi a necessidade que demonstrou, desde a origem, a efficacia do grande principio que, embalde, a força compressora do regimen centralizador tem procurado contrafazer e destruir. Emquanto colonia, nenhum receio salteava o animo da monarchia portugueza por assim repartir o poder que delegava aos vassallos dilectos ou preferidos. Longe disso, era esse meio de manter, com a metropole, a unidade severa do mando absoluto.

“Se carecessemos de uma formula para assignalar perante a consciencia nacional os efeitos de um e outro regimen, nós o resumiriamos assim: Centralização — Desmembramento — Descentralização — Unidade”.

E Alberto Torres não escreveu mais recentemente que a carta geographica do Brasil é um imperativo de autonomia provincial?...

Como Charles Maurras, hoje, Tavares Bastos, na época, não se limitava á semelhança de outros, ás medidas sómente de descentralização administrativa. Mais alto lhe ia o pensamento; era á federação que colimava. E os dois escriptores, que têm igual clareza e calor de estylo, estão novamente accordes no principio — contrario á opinião acceta — de que a idéa centralizadora não data apenas da Revolução Franceza; remontam ambos mais longe as suas origens.

No capitulo — *O Governo nos Estados Modernos* — mostra Tavares Bastos como a forma federativa é um facto politico do novo continente. Não se perde em lances declamatorios, procura, antes, as razões comprehensivas do phenomeno: “Este facto geral corresponde a causas poderosas, que o determinaram e explicam. A extensão dos territorios, as cordilheiras, rios, florestas, ou os desertos intermedios que repartem cada um desses paizes em secções distinctas; os centros de população preponderante em cada qual destas, sem relações de commercio, quasi independentes umas das outras; a difficuldade das communicações isoladas por tamanhas distancias, desertos inacessiveis ou “mares de longa navegação”; a fraqueza dos laços com que se pretendesse unil-as em um só feixe; o choque de interesses, ás vezes contrarios, accendendo a paixão da autonomia; a differença de clima, gerando condições sociaes diversas, explicando tendencias oppostas, formando desde já os elementos das raças que em breve hão de destacar-se no colorido painel destes estados:

tudo concorre para impossibilitar nas regiões americanas o systema de governo fundado ha seculos em monarchias da Europa”.

A resonancia dessas idéas sente-se bem nitida nas paginas do manifesto de 70!

Assignala ainda a intuição admiravel dos revolucionarios de 1831, quando na primeira das reformas constitucionaes propunham — “o governo do imperio do Brasil será uma *monarchia federativa*”.

Não pensa differentemente Maurras, ao affirmar que o federalismo, sendo por essencia a doutrina da autonomia, tem como factor principal menos a vontade dos homens do que os seus interesses e os seus caracteres de ordem economica e historica (159).

E, refutando os que julgam ver no systema um germen de enfraquecimento, ou de desarticulação do organismo nacional, tem Maurras uma expressiva imagem, dizendo que o que se quer é substituir, por vertebras verdadeiras, vertebras de papelão.

Era justamente o que desejava o autor da *Provincia*: o revigoramento do paiz. E esse só se poderia operar, vitalizando-se as provincias com providencias que lhes facilitassem os meios de expansão, criando-lhes assim a consciencia da propria utilidade.

Para usar uma linguagem actual, poder-se-ia dizer que o Brasil tem o seu *complexo* descentralizador.

(159) Charles Maurras, op. cit. pag. 38.

Quem examinar com lucidez a nossa historia, sem esforço descobrirá, na intercadencia dos movimentos revolucionarios que deflagraram sob o Imperio, o continuo aneio da autonomia provincial.

A monarchia comprehendeu isso muito tarde. E, quando o Ministerio Ouro Preto veiu agitar a bandeira daquelles principios — como uma mensagem de socorro — já o naufragio do velho throno era irremediavel...

* * *

Como já se viu, foi o jornal de cuja direcção fazia parte Tobias Barreto um dos que festejaram mais entusiasticamente o apparecimento da *Provincia*, e o artigo da folha pernambucana, dada a autoridade dos seus directores, tocara ao pensador alagoano, que se apressou em escrever-lhes, significando a sua satisfação (160).

(160) Aos Illmos. Srs. Dr. Tobias Barreto de Menezes e Minervino A. de S. Leão tem a honra de fazer os seus muito respeitosos cumprimentos A. C. Tavares Bastos, e felicitando-os pelos grandes serviços que o *Americano* presta á idéa democratica, cumpre o dever de agradecer-lhes a benevola noticia que do seu livro dera essa folha, alguns de cujos numeros tem lido com o maior interesse.

Estimulo para perseverar na propaganda de idéas que encontram tão distincto acolhimento, o juizo do *Americano* é para o autor da *Provincia*, galardão do seu trabalho. Rio de Janeiro, 8 de Novembro de 1870. Essa carta foi publicada pelo proprio *Americano*,

Algum tempo depois, Tobias, dizendo não lhe ser da autoria o artigo em questão, por um outro jornal, faz uma critica restrictiva á obra de Tavares Bastos (161).

Quem conhece o humor irregular do mestre do Recife, não se surprehenderá com essas reviravoltas.

Naquelle época do *Americano*, Tobias estava imbuido de idéas liberaes bem adiantadas, tanto assim que enviou logo de Pernambuco, juntamente com Maciel Pinheiro e outras figuras em cujo numero se viam alguns estudantes — taes como Capistrano de Abreu, Leão Velloso Filho e José Maria de Albuquerque Mello — a sua adhesão expressa ao Club Republicano, recémfundado no Rio de Janeiro (162).

Sendo a *Provincia* o livro mais avançado, que até então surgira na litteratura politica do paiz, era natural que lhe desse, num impulso espontaneo, todo o enthusiasmo. Mas, passada a febre dos primeiros minutos, aquelle seu orgulho luciferiano não lhe permittiria formasse entre os admiradores de um contemporaneo,

(161) Os artigos de Tobias vêm publicados no *Liberal*, de Nov. de 72, e formam hoje um capitulo do livro — *Varios Escriptos*.

(162) V. *A Republica* de 28 de Fevereiro de 1871. O mestre Capistrano, que contava na época 18 annos de idade, era estudante de preparatorios. Talvez tenha sido essa a unica attitude politica de toda a sua vida, devotada aos prazeres da intelligencia.

e um contemporaneo, tão cedo victorioso, na Capital do Imperio!...

Enjaulado na aldeia, sentindo-se genio preterido, Tobias acostumara-se a receber, com instinctiva hostilidade, as glorias sagradas na Côrte. E tanto mais hostile se tornava, quanto mais larga lhes sentia a projecção.

Tendo-se-lhe em vista o temperamento aggressivo, e a brutalidade de certos arremessos, dignos de um germano de Tacito, a critica do teuto-sergipano chega a ser até um modelo de polidez. Ficara-lhe decerto bem forte a impressão da obra, que os sestros do negador se esforçariam por apagar... Basta ver os termos com que se dirige ao autor a quem vae contrariar, muito ao revez do estylo intempestivo a que se habituara: "O livro, que vou abrir aos olhos do leitor, é o producto significativo de um notavel talento brasileiro. Como outros escriptos do mesmo autor, e, por que não dizel-o? como tudo que se publica entre nós, esse livro não deixou de cahir sob a acção de uma lei geral, ha muito estabelecida, no que toca ao justo apreço dos factos da intelligencia. Quero falar de dois extremos em que se acha collocada a opinião do paiz: de um lado a indiferença tola, o silencio absoluto, inicio evidente de um desdem pouco serio, e de outro lado, o rebater de palmas do chauvinismo estolido, a mania do applauso, do elogio banal de espiritos sem critica e sem criterio. Conservando a minha independencia no modo de apreciar-o, não deixo de lastimar que os seus incensadores estejam-lhe causando grande mal. A apologia freneti-

ca, a peor de todas ellas, a apologia de partido, pre-dispõe o espirito para adormecer nos braços de supposta gloria, e não prestar ouvidos a qualquer nova exigencia”.

Apegando-se a pequenas coisas e á litteralidade de certas expressões, procura dellas tirar grande partido e alonga-se em paginas e mais paginas, menos para abordar as idéas centraes do publicista, no que diz respeito ao phenomeno brasileiro, do que para mostrar — o que não surprehende a ninguem — os conhecimentos que possui relativos a certas doutrinas expostas. Satisfaz-se com as explanações theoricas, não se detendo sobre os factos nacionaes, o principal, justamente o cerne da obra criticada.

Assim é que em torno da phrase inicial — “Longe vão as éras em que os povos sonhavam a fundação de poderosas monarchias” — se estende em considerações superfluas para provar que os povos jamais sonharam com a fundação de poderosas monarchias, que os reis, sim, é que com ella sonharam; mas o autor da *Provincia*, visando certos effeitos, diz o critico, fizera intencional aquella substituição... E, arrastado por esse incidente, fala do pangermanismo, do panslavismo, enchendo periodos e mais periodos.

A proposito da autonomia das colonias inglezas, consome quasi todo o resto da critica. Acha que ao publicista da *Provincia* faltaram outras leituras, julgando deficientes as fontes a que se soccorrera. Referin-

do-se á centralização, limita-se a esta secca e desdenhosa affirmativa: “E’ preciso ser de todo estranho á litteratura politica do seculo, para não saber o que se deve dar como assentado em relação a este ponto. O Sr. Tavares Bastos, escrevendo a sua obra, não se mostra muito interessado de pôr-se ás claras com a questão, e ter presente aquillo que se ha dito contra o systema que elle adopta”.

O juizo é um pouco aventureoso. E o critico, á sombra de conceito tão evasivo, como que não se sente na obrigação de vir affirmar tambem as suas idéas.

Ao pensador sergipano o que se imporia, tendo em vista a complexidade do assumpto, era um exame severo das medidas e dos principios, tão ardentemente pleiteados por Tavares Bastos, para demonstrar se eram ou não convenientes, se eram ou não opportunos, dada a consciencia das necessidades e dos destinos do Brasil.

Tobias não tinha a sensibilidade politica. Alludindo, de passagem, ás *Cartas do Solitario*, se permite esta critica summaria: “Não pertenço, é verdade, ao numero daquelles que têm o digno alagoano como um prodigio de illustração. Acho mesmo inexplicavel como foi que os escriptos do quilate das *Cartas do Solitario* se pôde conferir a honra de obra prima. O Sr. Tavares Bastos deve formar actualmente uma triste idéa do que era, ha 12 annos, a côrte do imperio, quando se lembrar que as suas cartas sem côr e sem vida, magnificos exemplares de pedantismo academico, traçando no es-

paço de seus planos ideaes uma serie de programmas politicos e administrativos, passaram então por fructos saborosos do pomar de algum estadista!”

E’ preciso ir devagar. De que tratariam os taes magnificos exemplares de pedantismo acadêmico, traçados no espaço de planos ideaes? Tratavam do trafico e da sorte dos negros, mas a sorte dos negros não poderia interessar áquelle mestiço, em que havia uma alma antecipada de *nazista*. Tratavam da abertura do Amazonas, mas o grande rio brasileiro estava-lhe mais distante da imaginação do que qualquer riacho da Germania. Tratavam, enfim, da liberdade de cabotagem, da liberdade religiosa, das communicações directas com os Estados Unidos, da instrucção, do proteccionismo; de coisas que diziam de perto, e de bem perto, com o desenvolvimento economico e moral do paiz.

Que importancia teria tudo isso, se o seu reino não era deste mundo?...

Tobias julga-se ainda com direito á gratidão do pensador alagoano, por ter sido “o primeiro que apprehende um estudo serio da sua obra”. E, allegando a circumstancia de ter sido “o primeiro a applicar á litteratura politica do paiz os principios e o methodo da critica moderna”, faz ainda algumas pequenas restricções — a falta de certa philosophia do autor — e algumas censuras ainda aos entusiastas do mesmo, para abrir generosamente esta concessão: “Mas note-se afinal: eu creio no talento do Sr. Tavares Bastos.

O autor da *Provincia*, releva declaral-o, tem um merito de mais em relação a outros nossos escriptores politicos. Seu livro marca um progresso no modo de escrever estas materias. Quando se passa do *Poder Moderador* do defunto Dr. Braz e, mais ainda, do folheto, sobre igual assumpto, do Sr. Zacarias á leitura da *Provincia*, respira-se novo ar. Esta obra tem feições mais agradaveis e anhelos mais prolongados em busca do melhor. Não é capaz de gerar convicções; mas convida a meditar”.

Uma obra que convida a meditar traz já consigo alguma coisa de serio.

Tobias acha finalmente que fallece ao livro de Tavares Bastos o desinteresse que é o caracter essencial de toda producção scientifica.

Que toda obra de pensamento se deva recommendar pelo seu desinteresse, ninguem tem duvida: é ponto pacifico. Mas no caso o mestre forçou o raciocinio para insinuar a condemnação. Escreve elle: “Ha quem diga que o livro do Sr. Tavares Bastos ha de ser, por muito tempo, o alimento das aspirações de um partido. Isto se diz com intenção de tecer o maior dos elogios. Creio, porém, que o autor, se tem consciencia do mister, não verá nisso um motivo de lisonjear-se. Pelo contrario. Quem produz um volumoso escripto, para o qual abriu sem duvida os thesouros de accumulado pensar, e recebe aquella especie de louvor me parece que não deve ficar muito satisfeito. Elle não pode ter

o caracter essencial a toda producção scientifica: o "desinteresse".

Clama ahi o absurdo, pois Tobias vae descobrir a ausencia do desinteresse, não no autor, mas nos outros... O desinteresse superior de qualquer livro não presuppõe o desinteresse do publico pelas suas idéas. Seria assim a inutilidade de todo esforço do espirito! Seria exigir-se que a obra fosse, não *desinteressada*, mas *desinteressante!*...

Tobias parece ter querido confundir propositadamente o *interesse* da obra com a sua influencia: o interesse pode obedecer a calculos e a circumstancias pessoas do autor, mas a influencia é imprevisivel. .

De um mesmo pensador, acontece muita vez derivarem os systemas mais diversos e as ideologias mais oppostas. Hegel é hoje um exemplo, e nem por isso faltou á obra do philosopho o *caracter essencial a toda producção scientifica*...

Tavares Bastos pensou e escreveu para o Brasil (163). Nas suas paginas, homens de todos os matizes

(163) Joaquim Nabuco, defendendo o ministerio João Alfredo dos ataques da opposição que via nos conservadores uma especie de piratas dos grandes principios liberaes, assim apostrophava: "Chamam pirataria politica ao facto do partido conservador realizar idéas do partido liberal. Eu conheço outra pirataria intellectual: é a do partido liberal ir procurar nos livros de Tavares Bastos os planos de reforma que elle ideou para beneficio do paiz, e o pretender fazer do que foi legado a toda a patria propriedade exclusiva de um partido (*Annaes da Camara de 22 de maio de 1889*).

— liberaes da monarchia e republicanos da propagan-
da — foram buscar igualmente inspiração para as cam-
panhas.

Dos conceitos de Tobias, seis lustros depois, far-
se-ia éco um estudioso das coisas do Brasil — Arthur
Orlando (164). Repetiu-os, sem a menor attenção,
prescindindo do conhecimento directo da obra. E'
que o autor da *Philocritica*, apesar dos annos, e de
novas orientações, guardava ainda na alma um pouco
do automatismo dos acolytos. Foi elle, como se sabe,
o discipulo preferido, justamente aquelle que mereceu
do creador da *Escola do Recife* inalteravel estima.

Tobias, que é sem duvida um grande nome, e cujo
papel marcante na historia da intelligencia brasileira
ninguem lhe disputará, não podia comprehender outros
do mesmo porte, no seu tempo. Não tolerava emula-
ções, nem lhe aprazia ao menos o convivio dos iguaes;
só lhe agradando a servidão dos satellites.

O orgulho e um certo messianismo exacerbado,
como que o inhibiam de admirar a grandeza alheia.
Era sempre o primeiro na revelação das verdades.

Os proprios discipulos, quando não se subordina-
vam de todo aos caprichos da tutela, viam-se degrada-
dos na escala dos valores. O merito e o demerito, elle
os manejava aos impulsos do arbitrio: hoje, uma es-

(164) *Ensaio de Critica*, pags. 202 e 203 — Pernambuco
— 1904.

plendida esperança — amanhã, uma incurável mediocridade! Clovis Bevilacqua e Martins Junior soffreram essas alternativas...

Se procedia assim com aquelles que lhe formavam o systema planetario, não lhe era de estranhar a aspe-reza, reservada aos demais, distantes da sua orbita de influencia.

Nos cadernos de Tavares Bastos não se encontra a menor referencia a essa critica, o que faz suppôr havel-a ignorado. Se a conhecera, é bem possivel, dado o feitio d'aquella intelligencia ciosa das suas idéas, que a replica teria vindo immediata...

CAPITULO XIV

ULTIMOS TRABALHOS

O MOMENTO POLITICO — A CARTA AO CONSELHEIRO SARAIVA — A REFORMA ELEITORAL

O prestigio dos conservadores ia-se mantendo atravez de varias composições ministeriaes. A Itaborahy succede S. Vicente e a este o Visconde de Rio Branco. O primeiro Paranhos se tinha assegurado a posteridade, com a victoria da lei de 28 de Setembro, não tinha agora a paz entre os correligionarios. Velhos interesses sacrificados avolumaram-se em consequencia mesmo daquelle triumpho, creando-lhe sérias hostilidades.

Derrotado na Camara por Paulino de Souza, só havia o recurso da dissolução (165). Vae-se proceder o pleito para a decima quinta legislatura e os liberaes, não confiando no governo, resolvem novamente abster-

(165) A Camara foi dissolvida em 22 de Maio de 1872.

se. O senador Nabuco (166), em carta dirigida ao Conselheiro Dantas, applaude a attitude da Bahia abstendo-se, e repete as palavras incendiarias de Emilio Castelar: "Ou polvora e bala, ou a abstenção". A abstenção foi mais facil.

Poucos se aventurariam ás urnas. No Rio Grande do Sul a decisão leonina de Silveira Martins infligiria derrota completa aos adversarios, elegendo-se e elegendo os companheiros de bancada. Teriam os liberaes, para quebrar a unanimidade da massa conservadora os impetos daquelle titan. E o fragor da sua voz, voz das grandes aguas, como se ouve no Apocalypse — *vox aquarum multarum* — encheria a Cadeia Velha, abalando as columnas do poder.

Tavares Bastos não era homem de clientela eleitoral e nem a precariedade da saude lhe permitiria os esforços de uma dessas exhaustivas campanhas partidarias.

Priva-se, assim, repetidamente, a representação alagoana da sua maior gloria; á oligarchia, que na Provincia fincara com avides os seus tentaculos, bastavam as mediocridades da terra.

O Barão de Cotegipe, num gesto nobre, manifesta o desejo de auxiliá-lo no pleito, mas o autor do *Valle do Amazonas* agradece ao estadista bahiano essa prova

(166) V. Joaquim Nabuco — *Um Estadista do Imperio* —
pags. 179 — T. II — 2.^a edição.

de delicadeza, dando-lhe as razões, por que não se faz candidato: “Tem-me o nosso amigo, Sr. A. Wagner, transmittido as benevolas expressões das suas cartas, que tanto me penhoram e lisongeam. A proposito da ultima, devo confessar que não teria acanhamento algum em solicitar o concurso de V. Ex., tão honroso para mim, sempre que delle carecesse: não sou, porém, candidato nas proximas eleições. Opinei pela abstenção, unica attitude que reputo digna para o partido liberal, diante da immutavel resolução do imperador de governar por si e com gente sua. Bem sei que a abstenção encerra graves consequencias, mas nem della nem destas somos os culpados, sinão aquelle cuja obstinação condemna os espiritos independentes á opposição da inercia. Comquanto parte dos liberaes commettessem novamente o erro de tentar a sorte nalguns districtos, o partido em geral abandonou as urnas na grande maioria delles. Acompanho os que se abstêm, tanto mais que por agora as *uvas ainda estão verdes em Alagôas*” (167).

(167) A carta de Tavares Bastos a Cotegipe, datada de 29 de Julho de 1872, é longa e trata de outros assumptos ainda. Aqui so transcrevem sómente os trechos que interessam ao caso eleitoral. (Do archivo de Cotegipe, em poder de Wanderley Pinho). A. Wagner a que se refere a carta era o negociante hungaro Alexandre Wagner, homem intelligente e culto, grande proprietario de terras em Copacabana, muito amigo de Tavares Bastos, e a quem este deveu em parte o exito das *Cartas do Solitario*, pelas facilidades proporcionadas á sua primeira edição.

Silveira Martins, por sua vez, ao organizar-se a chapa de deputados pelo Rio Grande do Sul, impugnando a candidatura do Barão de Mauá, lembrou, entre outros grandes nomes liberaes, o do publicista alagoano (168).

Tavares Bastos teve sempre um accentuado carinho pela Provincia natal. E, como seu representante, curou-lhe attentamente dos interesses. Varios projectos figuram nos *Annaes*, em que pleiteia medidas uteis: obras do porto de Jaraguá, navegação das lagôas, vias de communição para o interior, etc., etc. Sómente por ella, affirma ao pae, acceitaria ser deputado.

E a confiança na altivez da velha terra levava-o a dizer da tribuna da Camara, respondendo a Martim Francisco, ao romper com o ministerio Zacarias: "...esta cadeira que occupo pertence-me; porque a devo, tenho disto desvanecimento, ao modo como tenho

(168) "Tratando-se da eleição geral, o General Osorio escreveu ao orador uma carta perguntando quaes seriam os candidatos liberaes no 2.^o districto. O orador indicou estes nomes: Silveira Martins, Dr. Thimoteo Pereira da Rosa, Dr. Henrique d'Avilla. O Sr. Dr. Thimoteo declinou dessa honra, occultamente, contra os pedidos do orador; e foi então que o General Osorio convidou o Sr. Barão de Mauá, escolha que o orador não approvou, opinando que, se não havia homens habilitados do partido na provincia, melhor seria que fossem eleitos o Sr. Martinho Campos, José Bonifacio, Christiano Ottoni, Tavares Bastos e Affonso Celso, liberaes distinctos que vantajosamente propugnariam os interesses do partido". (Discurso de Silveira Martins — *Annaes* do Senado de 16 de Julho de 1883).

aqui desempenhado o meu papel. Ah senhores! eu presumo que a minha provincia não seria docil aos acenos de um ministro que o acaso atirou ás alturas do poder!”

Proscrito agora, não se lhe diminuiu o affecto pelo rincão distante, que o esquecia ingratamente. A politica é feita dessas iniquidades. “La politique, es-creve Paul Valéry, vit de choses injustes”.

* * *

A paisagem politica não deixava de ser interessante: de um lado, os conservadores desentendidos, de outro, os liberaes não harmonizados e, no meio de tudo isso, o surto republicano a se animar.

A orientação dos correligionarios, dia a dia, desagradava a Tavares Bastos e, se já era pequena a confiança no regimen, o sonho de vel-o conduzido em altas direcções, por effeitos de uma propaganda superior, tornava-se menor.

O *Club da Reforma* e o *Centro Liberal* não deveriam immobilizar-se, como órgãos, apenas, nominaes do partido; deveriam ser nucleos activos de irradiação de idéas, capazes de renovarem a sensibilidade do paiz, predispondo-o a largas transformações politicas. Esse o seu pensamento. E a republica principiava a inquietalo, como uma imagem ainda imprecisa no crepusculo das ultimas esperanças.

Se para ella marchasse, o certo é que não marcharia arrastado por enthusiasmos fugazes e despeitos de occasião...

Foi nesse estado d'alma, em divergencia com os correligionarios, que dirige a celebre *Carta* ao Conselheiro Saraiva, carta que publicou em volume, subordinado ao titulo — *A Situação e o Partido Liberal* (169).

Focalisa as questões do momento, procurando descobrir as causas dos males nacionaes, para suggerir meios reparadores. Essa carta é em resposta a uma de Saraiva, que não se encontra infelizmente no archivo do publicista.

Tavares Bastos fôra sempre partidario da eleição directa: nas suas virtudes esperava encontrar recursos que assegurassem melhor a pratica do regimen representativo, não se atendo, porém, a unilateralidade da mediã. Altea-se-lhe a visão num exame de conjuncto. Diz elle: “Por melhor que seja uma reforma eleitoral, o poder saberá auferir das actuaes instituições a necessaria preponderancia sobre o animo dos eleitos, em compensação da força que perder sobre as urnas. Um senado escolhido pelo Imperador, vitalicio e quasi composto de conselheiros d’Estado e altos funcionarios ou de aspirantes, um poder judicial dependente do executivo, uma centralização policial, administrativa e po-

(169) A *Carta* foi escripta a 23 de Dezembro de 1871 e publicada em Março de 1872.

litica que lhe assegura a obediencia da nação bastam, com o auxilio das corporações militar e religiosa, para consolidar a supremacia do executivo, isto é, a dominação do soberano.

“Gozava a França, sob Luiz Felipe, de liberdade eleitoral que poderíamos invejar, comquanto o censo fosse loucamente restricto: acaso realizou a França, sob esse regimen honesto, o ideal do systema representativo, acaso pode evitar as syrtes do governo pessoal? Queixavam-se os liberaes do censo elevado, attribuindo-lhe o mallogro das esperanças de Julho; veio o suffragio universal de Napoleão III, e este reinado foi o modelo da mystificação. A organização administrativa, politica, militar e religiosa da França permittira ao imperador, não só exagerar a influencia que seu antecessor tambem exercera nas assembléas francezas, mas dirigir as escolhas do povo e esmagar os mais illustres nomes com applauso da sua plebe rural.

“De sorte que a mudança de processo eleitoral, sem duvida util e até indispensavel para garantir a liberdade do voto, é insufficiente para fundar o systema representativo, que depende essencialmente do regimen politico, administrativo, militar, religioso e economico de cada paiz. Com absurdas praticas eleitoraes e alto censo, os inglezes tiveram parlamentos independentes, que ficaram classicos na historia do governo constitucional. Com o suffragio universal teve a França Napoleão, e tem a Prussia Bismarck”.

As reformas não poderiam ser de superficie, de méros expedientes; teriam que ser organicas, visando até os fundamentos do regimen. Os republicanos não iam mais longe.

Chama a atenção para certos problemas imperiosos, a cuja solução liga o progresso economico e moral do paiz: “Os principios que professamos, a duas classes pertencem. Emancipar o trabalho, fomentar a riqueza publica, consagrar a liberdade de opiniões e crenças, e promover o melhoramento moral do povo, são o objecto da primeira; da segunda, restituir á nação o direito de governar-se, estabelecendo solidamente o systema parlamentar.

“Que prazer sincero e calmo depara aos homens publicos a investigação dos problemas sociaes! Em outras circumstancias, por mim o digo, não duvidara preferir ás incandescentes questões da alta politica a suave tarefa de apregoar as soluções das tres necessidades capitaes do Brasil: instrucção, emancipação, viação.

“A aceleração do movimento emancipador e as medidas complementares que demandá a transformação do trabalho; a liberdade religiosa e suas consequencias de direito civil e politico, supprimidas as exclusões provenientes de culto diverso da religião do Estado; o desenvolvimento do ensino publico de todos os grãos e a liberdade do particular, ampliado o primeiro ao adulto analfabeto para combatermos o elemento barbaro que entre nós acampa e o que, diariamente acarretado pela im-

migração, se apodera das industrias e apodrece no culto do bezerro de oiro, espalhando na sociedade os miasmas do materialismo brutal; eis assumptos sociaes dignos por certo da solicidade de um grande partido”.

A causa matriz, a fonte das perturbações e vicios existentes, elle a vae descobrir na Corôa, no poder pessoal, cuja acção, favorecida pelos factores que estuda, importaria no sacrificio do proprio regimen.

Referindo-se á approvação recente da *Lei do Ventre Livre*, faz estas observações: “Já a experimentavamos desde muito essa calamidade do governo pessoal; mas não attingira ainda o gráo de franqueza e audacia da ultima campanha legislativa. Subitamente a fé emancipadora illuminou a legião revel que, poucos mezes antes, ardendo em santo zelo pelo direito de propriedade do homem sobre o homem, queimava em effigie os negrophilos e propagandistas da abolição. Ao mesmo tempo, annunciava, propunha e effectuava reformas politicas, essencialmente liberaes, um ministerio conservador. Ora, o paiz conhece quem operou o milagre, que o deixou attonito, estupefacto.

“Essc grande acontecimento da emancipação, grande, fecundo, glorioso, nós o preparamos, mas realizou-o a corôa. Desde então a sua activa interferencia no governo do Estado é cousa que até encarecem os orgãos officiaes: deleitam-se em demonstrar-nos a constitucionalidade d’isso. E outróra, o proprio facto, patente á luz

meridiana, o denegavam pertinazmente. Cançado do papel inoffensivo de monarcha constitucional, o imperador quer ser o seu proprio ministro, e ninguem lhe dispute o direito de reinar, governar e administrar, essa nobre ambição de principe illustrado e patriótico, clamam os doutrinarios do cesarismo.

“A que depravação do senso commum temos gradualmente descido! Sob uma constituição, cujo merito até hoje se julgava ser a intenção de fundar na America o systema monarchico representativo, isto é, governo emanado do parlamento e responsavel perante o parlamento, ainda cumpre reivindicar as boas doutrinas e espancar os atrevidos sophismas do imperialismo, essa forma moderna do antigo absolutismo!

“Como o poder absoluto, ainda exercido por um Marco Aurelio, o governo pessoal do soberano é o mais poderoso agente da decadencia de um povo. Adormecendo, ou sopitando as vocações politicas, impedindo a reproducção de homens de estado, nivelando ou degradando todos os cidadãos diante do throno, expõe as nações aos perigos da acephalia quando a morte arrebatava o principe omnipotente.

“No transe de crises temerosas, pode um genio investido dessa dictadura pacifica, usurpada ou outorgada, salvar uma nação corrompida. Mas si, á sombra dos habitos contrahidos durante os dias nefastos, perpetua-se a dictadura, não succumbe o principe que a exercera, sem legar ao mundo, como o sol do estio — triste re-

cordação dos seus esplendores — o servilismo sob o nome prudencia, a inepcia e a pusilanimidade simulando sabedoria e calculo, a baixeza como titulo da ambição, o gozo material como unico objectivo da vida, o esmorecimento das mais nobres consciencias, a esterilidade dos mais vigorosos talentos, a prostração dos mais robustos caracteres, a indiferença do povo pela causa publica, e a sua incapacidade para reger-se por si mesmo”.

A carta é toda ella assim nesse rythmo inflammado e nervoso.

* * *

A saude sempre fragil, uma saude da qual podia dizer, como Tocqueville — “*ma santé serait la maladie de beaucoup d'autres*” — vae se tornando progressivamente má. A recrudescencia dos velhos padecimentos do figado e do baço parece agora compromettel-a em definitivo. A' procura de melhoras, faz em Março de 72 uma estação de aguas em Caxambú, e escreve ahi o prefacio para a publicação em volume da carta referida.

Além dos desgostos politicos e da doença, tem ainda para affligil-o uns tantos abortecimentos de ordem particular: os haveres de que dispunha são envolvidos no desastre commercial de um seu parente. Limitados os recursos, vê-se na contingencia de alterar os habitos de vida social e de conforto.

Já não se acha mais installado na bella chacara de S. Clemente (170), por onde passaram ás quinta-feiraã as mais brilhantes figuras da sociedade de então.

Muda-se para o largo do Rocio, indo depois residir em Santa Thereza, na outróra *rua dos Felizes*. O acaso, que passa por ter as suas ironias, fel-o dessa vez visinho de Zacarias de Góes...

A casa de Tavares Bastos era uma casa modesta e muito pequenina, contrastando com o solar do antigo presidente do Conselho que, ao referir-se na intimidade á habitação do *correligionario*, lhê chamava "o estorjo de Tavares Bastos".

A essa visinhança encontra-se tambem uma allusão de parte do publicista alagoano, em carta datada de 29 de Dezembro de 1871, dirigida ao Barão de Cotegipe: "Transmitte-me o Sr. Alexandre Wagner as lembranças com que V. Ex. honrou-me: a visinhança do nosso *amigo* de Santa Thereza não tem-me prejudicado a saúde, e até me renovou a veia politica: já inspirou-me algumas paginas, especie de testamento com que me *suicido*, as quaes espero ter a honra de enviar brevemente a V. Ex." (171).

O *testamento* de que fala não foi propriamente o testamento. Visava na occasião a carta ao Saraiva, que

(170) Trata-se da antiga Chacara do Rêgo, onde veiu depois installar-se a Casa de Saúde Abilio, hoje demolida.

(171) Do Arch. de Cotegipe, em poder de Wanderley Pinho.

acabara de escrever. O testamento, se assim se pode chamar, é a *Reforma Eleitoral*, escripta e publicada em 1873. A imprensa recebe com louvores esse ultimo trabalho (172). Joaquim Nabuco, joven, recém-formado em direito, fazendo ainda as primeiras armas, consagra-lhe um longo artigo (173); mas o artigo não agradou ao publicista.

Num dos seus cadernos, lê-se esta observação: “O da *Reforma* foi impertinente! E’ do filho do Nabuco”. Pela simples nota julgar-se-á que a critica do futuro autor do *Abolicionismo* fôra demasiado severa e cheia de restricções. Nada disto. O artigo, ao contrario, é feito em termos elogiosos; mas acontece que o joven Nabuco se permittiu a autoridade de advertir que nem todas aquellas idéas, esposadas ou expostas por Tavares Bastos, poderiam ser tomadas como idéas do partido.

Os liberaes, depois do arranco impressionante do manifesto do *Centro*, parecia que se esforçavam por attenuar os impetos da campanha, desejosos naturalmente de não se distanciareem muito dos calculos da Corôa...

(172) Na *Provincia* de Pernambuco appareceu um artigo muito elogioso, mas sem assignatura. Tavares Bastos ficou surprehendido ao saber por Buarque de Macedo, que o autor fôra o professor de direito do Recife — Dr. José Antonio Figueiredo — seu inimigo pessoal. Quando ambos deputados, tiveram violento incidente, por occasião de se discutir o projecto de liberdade de cabotagem, em 1866.

(173) V. *A Reforma* de 2 de Agosto de 1873.

Eis alguns trechos da apreciação de Nabuco: “O Sr. Tavares Bastos acaba de publicar, precedidos de uma incisiva *Introdução*, dois projectos de lei, um intitulado *Reforma Eleitoral e Parlamentar*, outro *Constituição da Magistratura*. O opusculo do publicista liberal mais de uma vez confirma o juizo do partido todo sobre o Sr. Tavares Bastos. Sem ter tido ainda occasião de passar pela difficil prova do governo, prova essencial para reconhecer-se o verdadeiro valor politico dos homens de talento, o Sr. Tavares Bastos conquistou pelos estudos a que se tem entregue e pela approximação em que está da pura doutrina democratica uma posição invejavel, que é para elle um excellente ponto de partida: nella cerca-o a sympathia da mocidade liberal, de que elle é um dos mais persuasivos e intelligentes interpretes. Não queremos julgar aqui o valor das differentes idéas dos dois projectos de lei do Sr. Tavares Bastos. Discutil-os-hiamos uma por uma si não fosse nossa firme intenção afastar de nosso caminho todas as questões em que hoje se divide a opinião liberal, para unicamente nos occuparmos d’aquellas em que estamos unidos e que formam o compromisso do partido de 1868.

“Demais o Sr. Tavares Bastos, seguindo os progressos da sciencia, acompanhando as transformações que soffre o ideal do governo mais culto do seculo, está condemnado a preceder sempre as aspirações do seu tempo e accrescentar muitas vezes alguma bella utopia ás grandes realidades que nos apresenta; disso sabe bem elle, que não se priva de um dos maiores prazeres do homem

de estado — o de pensar abstrahindo ás vezes do tempo, do logar e de outras condições especiaes que matam qualquer concepção larga e de futuro. Não se pense porém que dizemos do Sr. Tavares Bastos que elle é utopista; a applicação que o publico liberal deu até hoje ao seu talento livra-o dessa accusação, ou, segundo outros, priva-o desse titulo; o Sr. Tavares Bastos tem-se empregado assiduamente em estudar o que ha de mais positivo, a lei dos differentes povos e as condições especiaes do nosso; essa direcção excellente ainda mesmo dada a um espirito de si applicado não protege sempre o homem de estudo contra a attracção dos pensadores mais fortes e systematicos, em cujos livros elle aprende a sciencia. A outros, e talvez nesta mesma folha, cabe julgar do merecimento do opusculo e do trabalho que teve o autor em dar a forma de artigos e paragraphos ás suas opiniões, forma que sem duvida não é a mais dogmatica e absoluta, mas que tem a vantagem de apresentar a idéa em toda a sua pureza e valendo por si mesma.

“Quanto a nós que falamos neste logar pelo partido, não podendo cobrir com a responsabilidade d'elle as opiniões individuaes do Sr. Tavares Bastos, nem querendo fazer entre ellas uma escolha, devemos limitar-nos a julgar o novo opusculo sob o ponto de vista de compromisso liberal e na medida em que elle serve a esse compromisso.

“O valor principal do minucioso livro que diante de nós é que elle agita ainda uma vez e fortemente a questão da eleição directa. O Sr. Tavares Bastos de-

ve ter consciencia de que serviu efficazmente a essa grande causa que no momento actual pede talvez uma dedicação exclusiva, e é com effusão que elle sauda em sonho o primeiro parlamento livremente eleito neste paiz e “reunido sob as benções da nação emancipada”. A reforma eleitoral na verdade é a primeira das reformas, e é com prazer que registramos mais um esforço em prol della por quem estava habilitado para fazel-o”.

Commentando ainda esse artigo e pondo-o em confronto com o que lhe dedicara o orgão republicano, diz em nota: “Nossas divergencias — Para bem patentear as duas correntes em que se separam os liberaes, basta comparar os juizos que de meu folheto — *Reforma Eleitoral* — deram a *Reforma* e a *Republica*”.

Os liberaes achavam que o correligionario ia avançando demais, emquanto que os republicanos se impacientavam com aquelle alheimento.

Escreve a *Republica*: Todos os orgãos da imprensa desta Capital já manifestaram a sua opinião sobre o livro do Sr. Tavares Bastos. A idéa e a forma, a pessoa e os predicados do autor, tudo mereceu as mais lixeiras referencias. E’ raro este phenomeno, e por isso mesmo excita a reflexão.

“Si nos fosse licito dizel-o, nós diriamos que com relação á idéa republicana o Sr. Tavares Bastos pode ser assignalado como o nosso mais consideravel inimigo! Tanto mais consideravel quanto que é elle, de todos os homens publicos deste paiz que militam ainda nas filei-

ras dos partidos monarchicos, o que mais proximo está de nós.

“Por seu grande talento, por seu amor ao estudo e ao trabalho, por essa especial tendencia do seu espirito, sempre inclinado ás questões praticas do governo, o Sr. Tavares Bastos é o mais apto e quasi que dizemos o mais competente dos nossos modernos estadistas para affronter as mais arrojadas reformas e para transformar a face administrativa do nosso paiz Tendo-se elevado já a uma grande altura e havendo assignalado a sua marcha ascendente por verdadeiros marcos luminosos, o Sr. Tavares Bastos é o mais comprehensivo e o mais logico dentre todos os pretensos reformadores liberaes que ha muitos annos nada mais fazem do que occupar-se com um verdadeiro jogo de palavras e de promessas, palavras que o vento leva e promessas de que o velho tempo sempre se esquece!

“Comtudo, e este é para nós o principal merito do Sr. Tavares Bastos, si alguns monumentos liberaes e sinceramente reformadores existem na nossa moderna legislação, a elle os deve o paiz a elle que, atravez do riso complacente de uns, da inveja de outros, da descrença de alguns, da opposição de muitos e da indifferença de quasi todos, fez-se o paladino ousado de varias nobres idéas, pugnando com ardor e perseverança: Pela descentralização administrativa; pela livre navegação dos rios; pela cabotagem franca; pelo desenvolvimento das nossas relações commerciaes com os povos americanos; pela aquisição do telegrapho electrico; pela expansão

da liberdade commercial, pelo estabelecimento de um vasto systema de viação ferrea; pela liberdade de cultos; pelas franquezas aos immigrants; pela reforma eleitoral sobre a base do suffragio directo; pela organização da magistratura no pé de independencia e de prestigio que lhe são indispensaveis; pela reforma do nosso parlamento, sobre a base da temporarydade do cargo de senador e sobre a base da representação proporcional á população existente no Imperio; finalmente, pela democratização de todas as nossas formulas governamentaes, unico meio pelo qual julga possível o joven estadista o consorcio entre a monarchia e a nação brasileira” (174).

A preocupação desse consorcio foi constante nos esforços do pensador alagoano, mas os correligionarios não o comprehendem, d’ahi as reservas, mantendo-o á distancia, receosos das suas audacias. O episodio que se segue, passado com Souza Franco, é expressivo: o velho estadista, ante a perspectiva da crise que daria por terra com o Gabinete Itaborahy, acalenta a esperança de vir a ser o preferido pela Corôa e procura a Tavares Bastos, para encarecer-lhe a collaboração, mantendo com elle este dialogo que o autor da *Provincia* fixou, sem esquecer o commentario: “Chamado ao Ministerio, um daquelles com quem conto, é você: prepare-se. — Respon-

(174) V. *A Republica* de 7 de Agosto de 1873.

di: este engajamento, além de lisongeiro, é feito de modo que não me daria meio de escusa; mas é preciso que V. Ex. saiba que ando doente e incapaz de actividade. — Não, disse elle: apesar de que você ás vezes adianta-se muito, não o podemos d'ispensar. Vê-se bem que elle tambem me reputa *visionario*. Eu o sou, sem duvida!”

* * *

A celebre formula do manifesto do Centro — *Reforma ou Revolução* — não era para elle, apenas, uma formula de sonoridade ameaçadora. Emprestava-lhe sentido real. Das pontas do dilemma, ha muito, se decidira pela primeira, e toda a sua actividade se orientara sempre naquella direcção. Quando pleiteava certas medidas ousadas, fazia-o, antevendo as exigencias do futuro.

A revolução não o tentaria. Espirito affeito á ordem, com a vocação de construir, comprehendia como o pensador francez, que “uma revolução faz em dois dias a obra de cem annos e perde em dois annos a obra de cinco seculos”.

A *Reforma Eleitoral* tem um valor bem significativo. Se se considerar que esse ultimo trabalho de Tavares Bastos foi escripto e meditado entre os lampejos fugazes da saude, quando já era grande o seu abatimento physico, fica-se admirando ainda mais o tenaz devotamento pela causa publica. Nem as atribulações intimas, nem as ingratições politicas, nem a molestia; nada disso lhe diminuiu o animo combativo e o anseio cons-

structor, que só lhe fugiriam com o derradeiro sopro de vida.

Além da eleição directa que foi motivo de permanentes campanhas, estuda o systema proporcional, ressaltando-lhe as excellencias. Esse systema, criação de Androea e de Hare, o primeiro da Dinamarca, o segundo da Inglaterra, e que esteve tão em voga ultimamente entre nós, como novidade, já naquella época se discutia (175).

Na introduccão que se compõe de umas setenta paginas, claras e precisas, Tavares Bastos, sem se perder em superfluidades eruditas, no dedalo artificial das doutrinas, de que fala Sainte-Beuve, aborda de frente o problema, encarando-o sob o aspecto nacional.

Do projecto em questão, a parte mais interessante é talvez a que se encontra ainda inédita, e que elle reservara para uma segunda edição não realizada infelizmente. Nella institue uma nova especie de deputados, a que chamou *representantes profissionaes*, delegados que seriam das diversas corporações. Havia-os do Commercio; das Faculdades; das associações scientificas, dos institutos agricolas; da magistratura; do Conselho Superior Militar e do Conselho Naval; do functionalismo, etc., etc,

(175) Francisco Belizario, em 1872, no livro — *O Systema Eleitoral no Brasil*, delle se occupa tambem, ao tratar do projecto de Mendes de Almeida, combatendo-o,

Estabelece os processos de votação e de apuração; determina o numero de representantes de cada grupo, e os requisitos de elegibilidade (176).

Alberto Torres — que ignorava em absoluto o plano de Tavares Bastos — quarenta annos após, idearia um projecto analogo, na sua obra — *Organização Nacional*.

Razão teve Vicente Licinio Cardoso, quando approximou os dois pensadores brasileiros (177).

(176) O esboço encontra-se na parte do Arch. de Tavares Bastos, em poder de Cassiano Tavares Bastos, que a elle já alludira, em artigo, no *Jornal do Commercio* de 18 de Maio de 1923.

(177) Vide — *A' Margem da Historia do Brasil* — Rio, 1933 — e *Pensamentos Americanos* — 1937,

CAPITULO XV

ULTIMOS TEMPOS

A SEGUNDA VIAGEM A' EUROPA — A MORTE — O ENTERRO

Os males se aggravam e urge um tratamento mais serio: Tavares Bastos se decide á nova viagem.

Dos seus haveres que se comprometteram no desastre commercial, já referido, conseguiu, após porfiado esforço, salvar uma bôa parte. Reparada assim a situação financeira, segue com a familia para a Europa, no dia 23 de Abril de 1874. Segue muito abatido e tanto desanimado. Ao Conselheiro Nabuco de Araujo escreve de bordo: “Parto cheio de apprehensões quanto ao meu estado de saude, nem espero poder regressar este anno”.

Preoccupado sempre com a causa publica, dirige na mesma occasião algumas palavras a Cotegipe, em que lhe recommenda com interesse a eleição directa, como

presentindo que o estadista bahiano seria em breve governo (178).

Aporta á Bahia a 26, onde revê caros e velhos affectos, e ao pae informa ter passado “um excellente dia com o Saraiva e os amigos”.

Chegando a Londres a 14 de Maio, demora-se ahi uma semana para consultar um especialista. Vae a Paris e ouve outras notabilidades medicas. Os doutores acham-lhe o figado engorgitado e uma inflammação no baço, aconselhando fugir dos climas quentes e humidos.

Passa na Saboya, em St. Gervais, um mez, e prepara-se para uma estação em Carlsbad.

Com o pensamento sempre no Brasil, acompanha os factos da politica, informando-se de tudo, mantendo com os amigos e pessôas da familia activa correspondencia, em que as criticas que faz aos acontecimentos desenrolados á distancia são ás vezes das mais precisas.

Carlsbad deixa-o um pouco animado, vê-se por estas linhas: “A vida, que aqui vivi, é a mais apropriada possivel; ha muitos annos não gozo de um mez de repouso e tranquillidade tão completos. E que bellos ares! que deliciosos passeios matinaes! Petropolis tem mais grandeza; mas Carlsbad é um primor de conforto, de variedade e de alegria. E’ campo, inteiramente campo,

(178) A carta de Tavares Bastos, escripta de bordo do *Boyne* ao Barão de Cotegipe, encontra-se no archivo deste, em poder de Wanderley Pinho.

mas tudo tão bem tratado como se fôra uma grande cidade. Não voltarei só por amor das aguas, mas ainda pelo encanto do lugar” (179).

Da Bohemia parte para Vienna, encontrando-se ahi com Varnhagen, e em carta ao Conselheiro Saraiva elogia o diplomata e o mestre da nossa historia.

Em Novembro, com a saude melhorada, installa-se em Paris, onde leva uma vida de verdadeiro estudante: aperfeiçoa-se nas linguas que conhece, como o francez e o inglez, estudando ao mesmo passo o allemão. Os seus cadernos intimos, correspondentes a esse periodo, estão cheios de horarios de aulas, de listas de obras que deve adquirir, de indicações de estabelecimentos escolares que deve visitar. Orienta a educação da mulher e inicia a da filha pequena, com a mesma ordem e disciplina.

O problema da instrucção publica, como se sabe, foi dos que mais cuidou, nos livros, na imprensa e no Parlamento.

Ao pae envia as primeiras impressões, ao fazer a sua peregrinação pelos institutos parisienses: “Estamos aproveitando a oportunidade, tendo começado nossas lições de linguas e piano, com excellentes mestres. Continuando o exame ou visita de estabelecimentos publicos e particulares de instrucção, que comeci em

(179) Carta dirigida ao pae, em poder de Cassiano Tavares Bastos,

Vienna, aqui estou vendo praticamente como se ensina *bem e depressa* na Europa, graças aos mais aperfeiçoados methodos e á aptidão dos mestres e mestras. Principiei a visita de Paris pelos asylos de crianças de 3 a 6 annos, e espero chegar aos Lyceus do Estado, si o inverno não me expellir para a Italia. São verdadeiros passeios, na companhia de dois homens illustrados, um dos quaes eu aqui conhecera da outra vez, e que me tem ajudado com uma bondade acima de todo o reconhecimento. Hei de tirar dessas visitas uma vantagem real para o nosso paiz, cuja triste sorte merece que não seja só lamentada, mas melhorada por quem puêr e nas forças de cada um. Esse trabalho não me fatiga, posto que ás vezes tome o dia inteiro, como hontem, e distrahe-me, impedindo que me encerre no gabinete”, etc., etc.

Apesar de muito sensível aos rigores do frio, consegue atravessar todo o inverno em Paris. As melhoras experimentadas não são em todo caso animadoras. Projecta uma nova estação em Carlsbad para o anno seguinte.

“Outro inverno (escreve ao pae em Fevereiro de 1875) só o passaria na Italia, no Egypto ou em Portugal, na Italia principalmente, mas ahi mesmo, o inverno é sempre uma estação de luto para filhos dos tropicos. Valha-nos a primavera, que tudo compensa: durante os mezes de Abril a Setembro a Europa é um paraizo. Em todo o caso, não regressarei daqui sinão em Novembro, si de Carlsbad sahir curado desta vez. Se não,

veremos: tentarei um inverno inteiro no Cairo, clima excepcionalmente secco e mui recommendado para doenças do genero da minha.

“Não me preocupa a necessidade da presença durante as eleições de Novembro proximo. Além de certa indifferença philosophica, descanso, não nos amigos, mas em *um amigo*, cujo concurso *positivo* permittiu-me entrar no parlamento em 1861 e fez-me reeleger em 63 e 67. Se o Sinimbú me houvesse desamparado (bastava a sua indifferença) os Je. Angelos de Alagôas me deixariam á porta, sob o pretexto de que eu não era um *verdadeiro* liberal”, etc.

Sinimbú mostra-se sempre digno da confiança que inspira ao amigo ausente, confirmam-no estas palavras: “Podendo ser que essas coisas tenham de apressar alguma mudança, o que eu tenho para dizer-lhe é que, si os nossos amigos subirem ao poder, para sua eleição não é mister precipitar sua volta. Effectue sua segunda cura em Carlsbad, e venha bom. E’ o que todos desejamos”.

A 20 de Abril completa Tavares Bastos os seus 36 annos de idade e nesse dia, numa longa carta ao pae, em que allude áquella data, passada longe d'elle, commenta as informações politicas ultimamente recebidas, e tem sobre os factos e os homens estes severos conceitos: “Vejo bem *que vamos na mesma*. E antes isso que um ministerio *pseudo* liberal! Como quer que seja, a reforma eleitoral permite aos liberaes reentra-

rem no parlamento em grande numero. Neste caso, e si elles tiverem bastante firmeza, podem, com o auxilio dos conservadores puros, estorvar a marcha do imperialismo, forçando o imperador a uma dissolução, cujo exito ha de ser decisivo para a questão parlamentar, e quem sabe si para a dynastia. Assim, e uma vez que os liberaes não podem nem devem recorrer a meios revolucionarios, é nas proximas eleições que lhes incumbe concentrar todos os esforços. Do imperador não ha nada absolutamente que esperar, sinão a sua abdição, aliás consequencia natural da presença de uma maioria *liberal-dissidente* na Camara dos Deputados. A abdição é infallivel, e, nessas condições (como resultado do voto nacional), fará época em nossa historia. O imperador podia e devia tel-o evitado; mas não soube haver-se: a tarefa de rei constitucional não era para a sua intelligencia e para o seu estreito coração. Melhor, muito melhor fôra conserval-o, do que experimentar o Principe ou correr os azares da república: mas — impossivel! Sei que a culpa não é d'elle sómente, é tambem de ambos os partidos, de todos nós sem excepção, que, uns por ingenuidade, outros por baixaza, o elevamos ás nuvens e tudo lhe cedemos sem reserva alguma. Chegou ao supremo dominio porque quiz, e porque lh'o consentimos, — e até muita vez o applaudimos, quando, por exemplo, era sobre um adversario do momento que pesava a omnipotencia imperial. Os culpados somos *elle e nós*, mas os prejudicados somos nós sómente; nós, o paiz, que, por termo

de um longo reinado, tem a instabilidade, a lentidão, o desanimo. A cumplicidade do paiz será para o imperador uma attenuante perante a historia, mas de nada lhe serve como remedio ou solução para a crise do seu reinado. Que elle desça do throno tranquillamente, e sem derramar-se mais sangue que o que fôr preciso para comprimir mais uma vez as eleições! *Sic fata fuerunt*", etc.

* * *

De Paris, parte Tavares Bastos para a Allemanha, em começos de Julho, permanecendo alguns dias em Leipzig, afim de visitar ahi as escolas, a conselho de Sinimbú, seguindo depois para Carlsbad, onde fará a sua segunda estação.

Concluido o tratamento, parece mais animado, apesar do organismo ainda fraco.

A época das eleições aproxima-se, mas a volta á actividade politica não o preoccupa muito, e a 9 de Setembro de 1875 escreve ao pae: "Politicamente, hade prejudicar-me a ausencia, mas creia V. Mcê. que não o sentirei muito. Não se afflija, pois, com a impossibilidade de minha reeleição: por emquanto, a politica activa só teria tormentos para mim, e, posto que quasi curado, a inercia forçada destes ultimos annos tornou-me um pouco indolente. Demais, muito tenho que ler e meditar para de novo entrar com vantagem no parlamento".

Depois de varias excursões pela Suissa e pelo sul da França, escolhe dessa vez Nice, para a sua temporada de inverno. Continua ahi os mesmos habitos de vida intellectual, os seus progressos no estudo do allemão o empolgam cada dia mais, deixando-lhe ainda tempo para repassar o seu latim, com um illustrado abbade, com quem se liga affectuosamente, numa reciproca admiração, apesar das profundas divergencias de idéas entre ambos.

No dia 26 de Novembro, data anniversaria da filha (180) faz com a familia um passeio mais demorado e, aos primeiros arrepios do anoitecer, sente-se incomodado. Recolhe-se e uma semana depois, a 3 de Dezembro, victima de uma pneumonia, morre.

A noticia chega ao Brasil com a vibração das grandes desgraças.

A imprensa de todo o paiz consagra-lhe á memoria os elogios mais commovidos (181).

A *Reforma publica*: “Acaba de perder o Partido Liberal um dos mais gloriosos e laureados representantes de suas largas aspirações democraticas!

“O que foi aquelle talento brilhante e creador, aquella palavra arrojada e cheia de inspiração, dil-o-ão

(180) Tavares Bastos teve uma unica filha, Elisa, que é a Senhora Ubaldo Tavares Bastos, residente na Capital Federal.

(181) *A Reforma* e o *Globo* levaram quasi um mez transcrevendo artigos e notas dos jornaes do interior sobre a morte de Tavares Bastos.

os annaes parlamentares do seu tempo e a longa serie de escriptos que lhe conquistaram nome immorredouro nos fastos nacionaes.

“Não principalmente á sua illustre familia, mas a esta patria desventurada que tanto podia e devia esperar daquelle engenho superior, cumpre-me hoje dar os mais amargurados pezames!

“A morte não colheu um soldado do exercito liberal em campanha, esmagou-lhe uma legião!”

Escreve o *Globo*: “Sem distincção de partidos lamentam todos os homens politicos a perda de uma alta intelligencia, consagrada aos estudos serios, e de que o paiz esperava excellentes fructos.

“Na flôr da idade deixa Tavares Bastos uma reputação sufficiente para fazer a gloria de um homem de Estado: no movimento progressivo das idéas e dos factos que se têm produzido no nosso paiz desde 1860, nenhum outro homem politico, mais do que Tavares Bastos, exerceu tão decisiva influencia.

“A abertura do Amazonas, a liberdade de cabotagem, a descentralização administrativa, a reforma eleitoral, os telegraphos, a navegação directa entre o Brasil e os Estados Unidos, foram principios por elle lançados na circulação, e muitos delles triumphantes hoje na legislação do paiz: Não ousamos garantir que na gratidão nacional seja perpetua a lembrança do homem illustre, que a morte nos acaba de roubar, mas será impossivel arrancar da consciencia nacional, e das nos-

as proprias leis o cunho altamente patriótico e liberal que a sua poderosa individualidade imprimiu no movimento político da nossa patria”.

O *Diario da Bahia*, de cuja direcção na época fazia parte Ruy Barbosa, diz: “Que brasileiro ha ahí, por menos instruido que seja das cousas de sua terra, que não conhecesse o nome do profundo pensador Tavares Bastos!

“Deante de seus trabalhos numerosos e eruditos, afigurava-se ao paiz um ancião — e tinha apenas 35 annos de idade!

“Tavares Bastos á semelhança do imperador romano que julgava perdido o dia em que não havia feito um beneficio, tinha tambem por nullo o dia em que, sob a forma de um pensamento util e proveitoso, não houvesse servido á terra natal com um pensamento seu.

“Espirito pratico, investigador paciente, extremamente estudioso, examinou com criterio todos os problemas, todas as necessidades, todos os males, que nestes ultimos tempos tem agitado a sociedade brasileira. No jornal, no livro, na tribuna parlamentar, estudou todas as nossas questões e teve para todas ellas uma palavra, um voto”.

• • •

O corpo de Tavares Bastos chega ao Rio no anno seguinte, a 30 de Abril de 1876, a bordo do navio fran-

cez, *Henri IV*. Nesse dia enchem-se os jornaes de artigos e de notas sobre a personalidade do morto e sobre os projectos das homenagens que lhe serão prestadas.

Ferreira de Menezes dedica-lhe o seu folhetim — *A Semana* — do *Jornal do Commercio*, repassado de entusiasmo e de ternura: “Ahi está a chegar o cadaver de Tavares Bastos, o porta-estandarte das idéas democraticas do seu tempo! Vem esfriada a cabeça que nunca descansou de pensar e de calcular o futuro do seu paiz! Vem parado aquelle coração que a cada bater marcava um pensamento de amor por sua terra!

“Vamos contemplal-o morto, fechados para sempre os olhos, inerte e indifferente aos raios deste sol americano que lhe accendera idéas e calcionou-o, pulverizando-lhe a existencia.

“Quem ha de agora reconhecer naquelle cadaver o batalhador que subia, com o denodo dos tempos revolucionarios, as escadas da tribuna e de lá affrontava os adversarios e corria com a mão febril as cortinas do presente e indicava ao longe, num scenario cheio de luz, os destinos e o futuro desta patria!

“Quem ha de reconhecer-te, ó Murat das batalhas campaes do parlamento, as tuas cargas de cavallaria contra o quadrado dos adversarios!

“Que écos podem restituir-nos a tua palavra de commando, fina, vibrante, que tantas vezes acordou do seu ocio os cerebros brasileiros e que emmudeceu ai! e para sempre, sem dar-nos o ultimo verbo?

“Porque foi que a morte, implacavel e perversa, escolheu um orador como tu e um pensador da tua grandeza, quando tão poucos possuímos?”

“Porque te sellou o labio inspirado e tumido de verdades?”

“Porque logo te escolheu o ceifador, ó cedro soberbo, altaneiro e incommensuravel?”

“Os pensadores desaparecem, mas não morrem; a tribuna fica muita vez vazia, mas os grandes oradores que a occuparam deixam-na assombrada com os seus vultos. O éco leva e devora o som, mas a palavra, embora morta, permanece e perpetua-se, e ainda agita quanta intelligencia a fôr encontrar sepultada nas folhas dos livros, ou nas catacumbas dos annaes parlamentares.

“Tal acontecerá com Aureliano Candido Tavares Bastos. Não ha nos fastos politicos desta nacionalidade mais brilhante biographia.

“Em ter produzido rapido e muito, como que adivinhava que curta marcara-lhe Deus a vida.

“Desde que penetrou no parlamento foi um dominador, e era então quasi uma criança e para bem dizer ainda imberbe; na frente só esperanças, o que é quasi um descredito para quem pisa o portico dessas casas da ambição e do calculo.

“A sua pequena estatura, que constituia para bem dizer um defeito para a tribuna, serviu-lhe desde logo para provocar as attentões,

“Esta attenção veio primeiro molhada num sorriso, mas logo fixou-se silenciosa. Estava ganha a sua primeira batalha, a que muitos jamais logram: a de ser ouvido.

“Trazia da Academia de S. Paulo estudos fortes e como espada invencivel uma dialectica cerrada e de um gume implacavel. Tudo conspirava para fazer delle um homem a parte dentre os seus collegas: da mocidade não conhecera as lutas, as incoherencias e as fantasias e pois tudo que havia dentro em si de possante concentrou-se no estudo. Todos, quasi todos principiam gaguejando nas assembléas: elle falou claro e corrente, desde a primeira vez.

“Querendo logo ser original atirou-se de preferencia aos estudos seccos, como os chamam, á economia politica, ás cifras, ás coisas praticas, o que foi romper com os instinctos e com as predilecções da natureza brasileira.

“Era moço, porém, demais, e as vistas eram tão elevadas que o deram logo como um poeta de coisas praticas, como um sonhador positivo, escondendo em fantasiosos programmas a ambição de uma pasta de secretario d’Estado!

“Mais de uma vez, quando o não podiam vencer, e eram os mais fortes, atiravam-lhe o dardo de que era o despeito de ainda não ter sido ministro o que lhe abria os labios em invectivas com o que elle chamava

a politica pequenina! E no entanto é essa hoje a sua grande gloria, a de não ter sido ministro, quando nenhum o tem sido com mais direito, do que o delle para essa elevação.

“Não importa! Ha ministros sem pasta e que nunca descem do poder, pois que sempre estão senão a dirigir a opinião, a influir ao menos nas idéas do seu tempo. Tal foi Tavares Bastos: ao futuro está reservado formar o seu gabinete ministerial, e se a sua vida na Camara foi quasi sempre a de um chefe sem soldados, nem por isso deixavam de estes estar á sombra, á espera do clarim que os ha de chamar ao combate, o que é o mesmo que dizer á victoria, pois que serão invenciveis.

“Não é simples rethorica esta minha phrase, mal cabida que seria ante um cadaver e tão augusto como este, é sim um pobre medo de dizer que só o futuro saberá corresponder á grandeza de Tavares Bastos, que com certeza se adiantou sobre o seu tempo e vio mais longe e seguro do que todos os seus contemporaneos.

“Dialectico e logico sempre eloquente sem esforço, porque era simples; sem digressões porque queria concluir; natural nos exordios e da mais acabada arte nas perorações; alliando um discorrer facil á apostrophe vehemente, irrespondivel quando perguntava e crivava de mil settas e interrogações os bancos dos ministros; elevando sempre a discussão, e dando-lhe solemnidade, intransigente nos principios e permittindo-se só uma

poesia, a do patriotismo, tal é o orador que vivendo num tempo de eloquentes e discutidores, como Nabuco, Zacarias, Octaviano, Torres Homem, Paranhos e José Bonifacio hombraou com todos e mais de uma vez e a todos venceu. Como escriptor, foi maior ainda, e são os seus escriptos mais que os seus discursos que hão de apresental-o ás gerações futuras.

“Nenhum dos contemporaneos lavrou mais fundo a terra, nem mais sementeira lançou sobre ella do que esse homem que se fez respeitar como um estadista numa idade em que os mais felizes e os mais aquinhoados logram, quando muito, o titulo de esperanças.

“Quando as gerações por virem folhearem os livros de Tavares Bastos hão de entre louros esculpir no pantheon das nossas grandezas este distico, abaixo do seu monumento: eis um dos fundadores da nossa nacionalidade americana”.

No dia 2 de Maio, realiza-se o enterro. O corpo sahe da capella do Arsenal de Marinha, onde ficara exposto, para o cemiterio de São João Baptista.

Homem do futuro, a mocidade cerca-lhe os despojos, emprestando áquella solemnidade funebre o caracter de verdadeira apotheose. O *Jornal do Commercio*, *A Reforma*, a *Gazeta de Noticias*, o *Globo*, etc., descrevem com detalhes a cerimonia imponente do cortejo partindo do Arsenal de Marinha ás 4 horas da tarde, a pé até o cemiterio.

Entre os presentes vêem-se Sinimbú, Octaviano, Andrade Figueira, Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva;

o ministro da Marinha, Pereira Franco; o ministro da Agricultura, Thomaz Coelho; Lopes de Leão, Paranguá, Affonso Celso, pae; Teixeira da Rocha, Alexandre Wagner, etc., etc.

Tomam parte no acompanhamento os jornaes, representados pelas suas redacções; a Associação Commercial; os Ensaios Academicos; os Ensaios Litterarios; o Instituto Pharmaceutico; a Tribuna Pharmaceutica; o Atheneu Academico; a Escola Polytechnica, levando em crepe o estandarte; a Escola de Medicina; o Club Polytechnico; o Retiro Litterario Portuguez; a Liga Operaria; o Collegio Victorio; o Gremio Litterario dos Externato e Internato Aquino; o Grande Oriente Unido, etc., etc.

Muitas casas içam a bandeira nacional á meia haste em demonstração de pezar, assim como os Consulados estrangeiros e os navios surtos no porto. Ao passar o cortejo em frente á estação central da Companhia *Botanical Garden Rail Road* formam diante do estabelecimento numerosos empregados e por tres vezes a bandeira americana é arreada em cumprimento ao prestito.

Só á noite, trazido pela multidão, chega o feretro ao cemiterio. Ahi fala em primeiro lugar, o Conselheiro Teixeira da Rocha — depois Barão de Maceió — em nome da Provincia das Alagôas e da cidade natal de Tavares Bastos; seguindo-se-lhe Affonso Celso, o futuro Visconde de Ouro Preto, em nome dos amigos. Francisco Octaviano tenta falar, mas uma forte emoção

não lh'o permite; publicando os jornaes no dia seguinte algumas palavras por elle escriptas em homenagem ao companheiro extinto. Muitos outros oradores, representantes de varias associações, fazem-se ouvir.

Pelo *Jornal do Commercio*, Ferreira de Menezes no folhetim seguinte traça ainda estes commentarios: "Os que não tiveram a tristonha dita de estar no cemiterio de São João Baptista, no momento em que á beira da sepultura depuzeram o corpo do illustre estadista, não podem figurar o que teve de solemne este sombrio espectaculo...

"O apparecimento de homens como Tavares Bastos garante-nos a nossa grandeza no futuro, porque de contrario não seriam os semeadores e precursores!

"Eram taes os pensamentos que nos agitavam o cerebro naquelle momento e naquelle chão de tristeza, e encostados á grade de um tumulo percorriamos com os olhos tođas aquellas moradas e distinguíamos duas, avultando mais que todas: a de Honorio Hermeto Carneiro Leão, Marquez de Paraná, e a de Manoel Antonio Alvares de Azevedo. E diziamos: quantas idades não avançaria esta nacionalidade dirigida pela vontade daquelle homem collaborada pela intelligencia d'este novo morto?!

"E que ha mais a exigir da capacidade de uma raça que produz num mesmo quarto de seculo um poeta como aquelle e um pensador como este?"

Nenhum homem publico teve existencia mais curta; basta lembrar que Tavares Bastos encerrou praticamente a carreira politica aos 29 annos, idade com que Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco se iniciariam no Parlamento; e morreu pouco mais de um lustro depois!

“Teria sido, escreveu o Barão de Rio Branco, dos mais notaveis estadistas da nossa terra, se não houvesse succumbido no vigor da mocidade. Algumas das idéas que advogou na tribuna ou nas *Cartas do Solitario*, nas *Reflexões sobre a Immigração* e em outros escriptos, foram realizadas ainda em sua vida”.

Elle foi mais do que uma esperanza: foi uma ardente affirmação, em que pese á prematuridade da morte. E nas palpitações da sua obra e nos exemplos da sua vida, obra e vida que se confundiram aos serviços da patria, encontrarão estímulo e enthusiasmo todos aquelles que desejarem trabalhar pela grandeza do Brasil.

UNIVERSIDADE DO BRASIL
BIBLIOTECA

FIM

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes", á rua Xavier de Toledo, 72 - São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Dezembro de 1938.



H. C. Evans Boston



Conselheiro José Tavares Bastos, pae de Tavares Bastos



D. Rosa Candida Tavares Bastos, mãe de Tavares Bastos



João Lins Vieira Cansação de Sinimbu.



Tavares Bastos, no anno da formatura (1858).



Conselheiro José Antonio Saraiva.



Charge do "Bazar Volante", de 2 de out. de 1864, representando Saraiva com Tavares Bastos, de volta da Missão do Prata.

VIII



Tavares Bastos e o Amazonas

10 de Maio de 1917

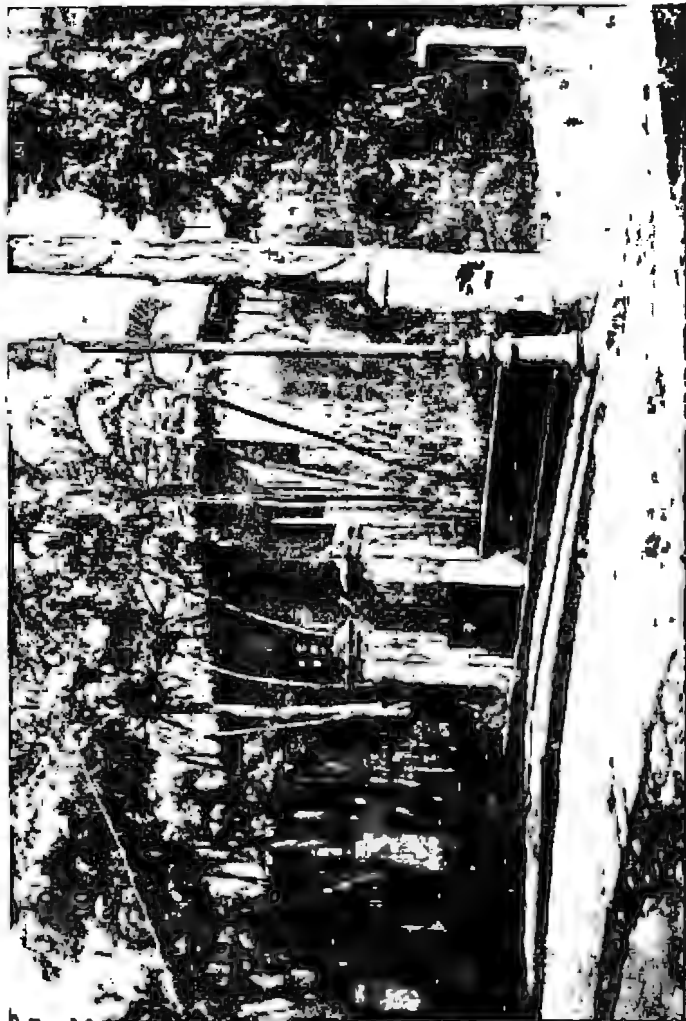
Senhor Conselheiro

Com a maior satisfação recebi a sua carta de 2 de maio, a qual me deu a conhecer o seu estado de saúde e a sua situação financeira. É muito bom saber que a sua saúde está melhorando e que a sua situação financeira está se tornando mais tranquila. Espero que a sua recuperação continue a avançar e que a sua situação financeira se torne cada vez mais estável. Não hesite em me avisar sempre que tiver novidades. Estou sempre à disposição para ajudar o que estiver ao meu alcance.

Com os melhores cumprimentos,

Tavares Bastos

X





As Republicas ribeirinhas do Amazonas prestam homenagem a quem soube ser além de bom brasileiro, distincto Americano. (Da "Revista Illustrada", de 14 de Janeiro de 1866).